

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Tese

**Transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em
inglês-LE por falantes de português-LM**

Renan Castro Ferreira

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

F384t Ferreira, Renan Castro

Transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE por falantes de português-LM / Renan Castro Ferreira ; Isabella Mozzillo, orientadora. — Pelotas, 2023.

261 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Transferência conceitual. 2. Inglês como língua estrangeira. 3. Lexicalização de movimento. 4. Bilinguismo. 5. Cognição bilíngue. I. Mozzillo, Isabella, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Renan Castro Ferreira

**Transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em
inglês-LE por falantes de português-LM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Isabella Mozzillo

Pelotas, 2023

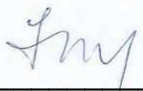
Renan Castro Ferreira

“Transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE por falantes de português-LM”

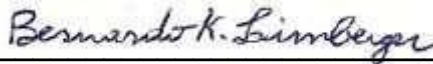
Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 17 de agosto de 2023.

Banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Isabella Mozzillo
Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. Bernardo Kolling Limberger
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas

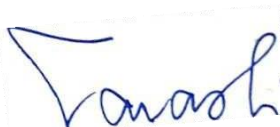


Documento assinado digitalmente
HERONIDES MAURILIO DE MELO MOURA
Data: 21/08/2023 10:19:25-0300
CPF: ***.870.274-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Heronides Maurilio de Melo Moura
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Mailce Borges Mota
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Aparecida de Araújo Oliveira
Membro da Banca
Universidade Federal de Viçosa

**Dedico este trabalho
à minha esposa Ekaterina.**

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof.a. Isabella Mozzillo, pela confiança, atenção e parceria ao longo destes oito anos de orientação no Mestrado e no Doutorado. Agradeço por me ensinar Línguas em Contato e me inspirar tanto a cada conversa.

À minha esposa, Ekaterina, por estar sempre ao meu lado e por compartilhar comigo o fascínio pelas línguas. Спасибо, милая. Я тебя люблю.

À minha mãe, Sandra, pelo amor e dedicação incondicionais, e a meu pai Cleber (*in memoriam*), por sempre valorizar o conhecimento e me apoiar em tudo.

Ao meu irmão, Diego, pelo apoio na criação do material para o experimento principal desta pesquisa.

Às Prof.as Mailce Borges Motta e Aparecida de Araújo Oliveira e aos Profs. Bernardo Kolling Limberger e Heronides Maurílio de Melo Moura por aceitarem avaliar este trabalho e por todos os comentários, perguntas e sugestões.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Letras da UFPEL, em especial à Prof.a Carmen Matzenauer e ao Prof. Vilson Leffa.

E a todos os meus amigos que me acompanharam e apoiaram ao longo desses intensos anos de Doutorado.

*“But what if language is not so much a garment
as a prepared road or groove?”
(SAPIR, 1921)*

Resumo

FERREIRA, Renan Castro. **Transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE por falantes de português-LM**. Orientadora: Isabella Mozzillo. 2023. 261 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Esta pesquisa investigou a influência translinguística conceitual (JARVIS, 1998; PAVLENKO, 2009) na lexicalização de eventos de movimento (TALMY, 2000) na produção oral em inglês de bilíngues brasileiros falantes de português como língua materna e inglês como língua estrangeira. Trata-se de um estudo transversal de abordagem mista – qualitativa e quantitativa, e de caráter exploratório, explicativo e quase-experimental. A coleta de dados incluiu quatro tarefas: descrição oral em inglês de cliques de vídeo, descrição oral em português de cliques de vídeo, teste de nivelamento em inglês, e tarefa de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês. A amostra foi formada por 105 participantes adultos em três grupos: um grupo-controle com 30 falantes nativos de português que não sabiam inglês, um grupo-controle com 30 falantes nativos de inglês que não sabiam português e de um grupo-alvo com 45 bilíngues dessas línguas, subdivididos de acordo com o nível de proficiência. Os resultados mostraram que os participantes bilíngues sofreram influência translinguística conceitual da sua língua materna ao descreverem eventos de movimento na língua estrangeira. Isso foi constatado através de diferenças entre os grupo-alvo e os grupo-controle de inglês em relação ao uso dos padrões de lexicalização típicos dessa língua e a lexicalização de MODO de movimento. Além disso, a comparação entre bilíngues com diferentes níveis de proficiência mostrou diferenças entre eles nos padrões de lexicalização de movimento em inglês, que refletem uma reestruturação da representação mental do domínio conceitual MOVIMENTO. Os resultados também apontaram a ocorrência de um padrão híbrido de lexicalização na produção em inglês de participantes do grupo-alvo, evidenciando uma conceitualização fundamentalmente bilíngue. Esta pesquisa traz importantes contribuições e inovações para o estudo da influência translinguística, pois é uma das primeiras sobre a transferência conceitual português-inglês no mundo. Também é inovadora por abordar a saliência perceptual de MODO de movimento em português brasileiro sob uma perspectiva experimental. A metodologia utilizada demonstrou eficiência e pode servir de modelo para futuros estudos sobre a lexicalização de movimento, particularmente em contextos com falantes de línguas de tipologias diferentes. O estudo amplia o conhecimento sobre influência translinguística conceitual em eventos de movimento – fenômeno importante da interlíngua e que ainda precisa ser considerado nas teorias e abordagens de ensino de LE, e fornece bases para futuras pesquisas em outros domínios conceituais e línguas.

Palavras-chave: Transferência conceitual. Inglês como língua estrangeira. Lexicalização de movimento. Bilinguismo. Cognição bilíngue.

Abstract

FERREIRA, Renan Castro. **Conceptual transfer in motion event lexicalization in FL-English by speakers of L1-Portuguese**. Advisor: Isabella Mozzillo. 2023. 261 p. Thesis (Doctor's Degree in Linguistics) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This study investigated conceptual cross-linguistic influence (JARVIS, 1998; PAVLENKO, 2009) on motion event lexicalization (TALMY, 2000) in the speech of Brazilian bilinguals that have Portuguese as their mother tongue and English as a foreign language. This cross-sectional study combines qualitative and quantitative methods and has an exploratory, explanatory, and quasi-experimental nature. Data collection included four tasks: English oral descriptions of video clips, Portuguese oral descriptions of video clips, a placement test in English, and production and recognition of motion verbs in English. The sample included 105 adult participants in three groups: a control group of 30 native Portuguese speakers who did not know English, a control group of 30 native English speakers who did not know Portuguese and a target group of 45 bilinguals of these languages, subdivided according to their level of proficiency in English. The results show that the bilinguals suffered conceptual cross-linguistic influence of their mother tongue when describing motion events in their foreign language. This was verified by comparing the target and control groups in how they used lexicalization patterns typical of English and how they expressed manner of motion. Furthermore, the comparison between bilinguals with different levels of proficiency showed differences between them in the motion lexicalization patterns in English, which reflect a restructuring of the mental representations of the conceptual domain MOTION. The results also pointed to the occurrence of a hybrid lexicalization pattern in the production in English by participants of the target group, evincing conceptualizations that are fundamentally bilingual. This research brings important contributions and innovations to the study of cross-linguistic influence, as it is one of the first on Portuguese-English conceptual transfer. It is also innovative for approaching the perceptual salience of manner of motion in Brazilian Portuguese from an experimental perspective. The method used showed to be efficient and can serve as a model for future studies on motion lexicalization, particularly in contexts with speakers of languages of different typologies. This study provides new insights into how language affects the way bilinguals describe motion, particularly into the cross-linguistic influence in the conceptual level – a phenomenon that needs to be further investigated in the context of foreign language teaching –, and it can lead to future research on other conceptual domains and languages.

Keywords: Conceptual transfer. English as foreign language. Motion lexicalization. Bilingualism. Bilingual cognition.

Lista de Figuras

Figura 1	Surgimento e uso dos termos “interferência”, “transferência” e “influência translinguística” nos últimos 60 anos e nas publicações mais notáveis sobre o fenômeno	29
Figura 2	O Modelo Hierárquico Revisado (KROLL e STEWARD, 1994)	38
Figura 3	O Modelo de Característica Conceitual Distribuída (DE GROOT, 1993)	39
Figura 4	As duas cores russas para o inglês <i>blue</i> (WINAWER <i>et al.</i> , 2007)	41
Figura 5	O Modelo Hierárquico Modificado (PAVLENKO, 2009)	42
Figura 6	Exemplo de lexicalização dos subcomponentes de TRAJETÓRIA sob a perspectiva de Talmy (2000b)	58
Figura 7	Capturas de três dos vídeos criados para a tarefa de descrição	79
Figura 8	Captura de tela de um dos itens da tarefa de descrição de vídeos na sua versão para <i>smartphones</i>	80
Figura 9	Captura de telas das tarefas de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês na plataforma <i>Phonic</i>	87
Figura 10	Fluxograma da coleta de dados do grupo-alvo (bilíngues).....	88
Figura 11	Captura de tela com os dados brutos baixados da plataforma <i>Phonic</i>	92
Figura 12	Captura de tela com visão geral da aba de visualização e codificação no programa MAXQDA	93
Figura 13	Distribuição das ocorrências dos padrões de lexicalização pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra do grupo-controle de falantes de inglês-LM.....	101
Figura 14	Distribuição das ocorrências de lexicalização do coevento MODO em inglês-LM em cada um dos 15 contextos da tarefa de descrição de vídeos.....	104

Figura 15	Distribuição dos participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM por país de origem e pelo tipo de verbo utilizado na descrição dos contextos T1, T10 e T13 da tarefa de descrição de vídeos.....	106
Figura 16	Distribuição dos participantes bilíngues e monolíngues do grupo-controle de falantes de inglês-LM por tipo de verbo utilizado na descrição dos contextos T1, T10 e T13 da tarefa de descrição de vídeos.....	107
Figura 17	Placa com instruções em uma faixa de pedestres na cidade de Vancouver, Canadá.....	108
Figura 18	Distribuição das ocorrências dos padrões de lexicalização pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra do grupo-controle de falantes de português-LM.....	110
Figura 19	Distribuição das ocorrências de lexicalização de MODO pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra do grupo-controle de falantes de português-LM.....	115
Figura 20	Distribuição das ocorrências dos padrões de lexicalização pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra de português-LM do grupo-alvo.....	120
Figura 21	Léxico de verbos de movimento dos participantes de nível básico em inglês do grupo-alvo, nas três tarefas da pesquisa.....	125
Figura 22	Léxico de verbos de movimento dos participantes de nível intermediário em inglês do grupo-alvo, nas três tarefas da pesquisa.....	127
Figura 23	Léxico de verbos de movimento dos participantes de nível avançado em inglês do grupo-alvo, nas três tarefas da pesquisa.....	128
Figura 24	Médias das ocorrências do padrão de lexicalização de língua-S na tarefa de descrição de vídeo em inglês para cada subgrupo bilíngue e para o grupo-controle.....	131
Figura 25	Médias das ocorrências do padrão de lexicalização de língua-V na tarefa de descrição de vídeo em inglês para cada subgrupo bilíngue e para o grupo-controle.....	133
Figura 26	Distribuição das ocorrências de lexicalização de MODO pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos em inglês-LE, na amostra do grupo-alvo.....	138

Lista de Tabelas

Tabela 1	Características dos vídeos do instrumento principal de coleta de dados – tarefa de descrição	78
Tabela 2	Verbos utilizados pelos falantes nativos de inglês na tarefa de descrição de vídeo, sua frequência no <i>corpus</i> e sua classificação no Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas	85
Tabela 3	Resultados dos testes Shapiro-Wilk de normalidade das amostras para as variáveis verbos de modo, verbos de trajetória, satélites de trajetória, verbos genéricos, adjuntos de modo, padrão de língua-S e padrão de língua-V.....	97
Tabela 4	Relação das análises estatísticas inferenciais utilizadas na pesquisa.....	98
Tabela 5	Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-controle de falantes de inglês-LM na tarefa de descrição de vídeo	100
Tabela 6	Ocorrências de lexicalização do coevento MODO em inglês-LM em cada nível de saliência perceptual de MODO da tarefa de descrição de vídeos	104
Tabela 7	Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-controle de falantes de português-LM na tarefa de descrição de vídeo	109
Tabela 8	Ocorrências de lexicalização do coevento MODO em português-LM em cada nível de saliência perceptual de MODO na tarefa de descrição de vídeos	115
Tabela 9	Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em português-LM	118
Tabela 10	Estatística descritiva e resultados dos testes de Mann-Whitney de comparação entre os grupos-alvo e controle no uso dos padrões de lexicalização de movimento em português-LM	120
Tabela 11	Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em inglês-LE.....	123
Tabela 12	Ocorrência dos padrões de lexicalização encontrados nas respostas do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em inglês-LE	129

Tabela 13	Estatística descritiva da ocorrência do padrão de língua-S em cada subgrupo de proficiência em inglês-LE e no grupo-controle de falantes de inglês-LM.....	130
Tabela 14	Estatística descritiva da ocorrência do padrão de língua-S em cada subgrupo de proficiência em inglês-LE e no grupo-controle de falantes de inglês-LM.....	131
Tabela 15	Estatística descritiva da ocorrência do padrão híbrido em cada subgrupo de proficiência em inglês-LE.....	134
Tabela 16	Ocorrências de lexicalização do coevento MODO em português-LM em cada nível de saliência perceptual de MODO na tarefa de descrição de vídeos.....	137
Tabela 17	Estatística descritiva da lexicalização do coevento MODO em inglês na tarefa de descrição de vídeos para o grupo-alvo e o grupo-controle e resultados dos testes de Mann-Whitney de comparação entre os subgrupos de proficiência e o grupo-controle.....	140

Lista de Abreviaturas

L1	Primeira Língua ou Língua Materna
L2	Segunda Língua
LA	Língua-Alvo
LE	Língua Estrangeira
LFS	Língua com <i>frame</i> nos satélites
LFV	Língua com <i>frame</i> nos verbos
LM	Língua Materna
RL	Relativismo Linguístico

Sumário

1 Introdução.....	17
1.1 Tema.....	20
1.2 Justificativa	20
1.3 Perguntas de Pesquisa.....	22
1.4 Objetivos.....	23
1.4.1 Geral.....	23
1.4.2 Específicos	23
1.5 Hipóteses.....	23
2 Revisão de literatura.....	26
2.1 Interferência, transferência linguística e influência translinguística	26
2.2 Hipótese Sapir-Whorf e/ou Relativismo Linguístico	29
2.3 Transferência Conceitual: a virada bilíngue na pesquisa sobre o Relativismo Linguístico.....	37
2.4 A lexicalização de movimento.....	44
2.4.1 Verbos e Satélites, Trajetória e Modo: a tipologia de Talmy.....	45
2.4.2 Saliência dos elementos semânticos no Evento de Movimento.....	50
2.4.3 A lexicalização de movimento em português	55
2.4.4 Aprendizagem de LE/L2 e a lexicalização de movimento	62
2.4.5 Fatores que afetam o desempenho bilíngue no domínio de movimento..	65
3 Metodologia	68
3.1 O design e as etapas da pesquisa.....	69
3.2 Os participantes e o método de amostragem	71
3.2.1 O tamanho das amostras.....	72
3.2.2 O grupo-controle de falantes nativos de inglês	72
3.2.3 O grupo-controle de falantes nativos de português	74
3.2.4 O grupo-alvo de bilíngues português-LM/inglês-LE	75
3.3 Os instrumentos de coleta de dados	76
3.3.1 Instrumento principal: tarefa de descrição de vídeo.....	76
3.3.1 Instrumentos auxiliares de coleta de dados	81
3.3.1.1 Instrumento auxiliar 1: perguntas de histórico linguístico.....	81
3.3.1.2 Instrumento auxiliar 2: teste de nivelamento em inglês	83

3.3.1.3 Instrumento auxiliar 3: tarefas de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês	86
3.4 O procedimento de coleta de dados	87
3.5 Processamento dos dados e métodos de análise	90
3.5.1 O pacote de software MAXQDA	90
3.5.2 A codificação dos dados na plataforma MAXQDA	94
3.5.3 Métodos estatísticos	95
4 Resultados e discussão.....	99
4.1 Lexicalização de eventos de movimento em inglês-LM	99
4.1.1 Saliência perceptual de MODO e a lexicalização desse coevento no grupo-controle de inglês-LM.....	102
4.2 Lexicalização de eventos de movimento em português-LM	108
4.2.1 Saliência perceptual de MODO e a lexicalização desse coevento no grupo-controle de português-LM	114
4.3 Lexicalização de eventos de movimento: o grupo-alvo de bilíngues em português-LM/inglês-LE.....	117
4.3.1 Lexicalização de eventos de movimento em português pelos bilíngues português-LM/inglês-LE	118
4.3.2 Lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE.....	123
4.3.2.1 Os elementos semânticos usados em inglês-LE	123
4.3.2.2 O léxico de verbos de movimento dos bilíngues português-LM/inglês-LE	124
4.3.2.3 Os padrões de lexicalização dos bilíngues português-LM/inglês-LE ..	129
4.3.3 Saliência perceptual de MODO e a lexicalização desse coevento no grupo-alvo em português-LM e inglês-LE	137
4.3.3.1 Como os bilíngues lexicalizaram MODO em português-LM.....	138
4.3.3.2 Como os bilíngues lexicalizaram MODO em inglês-LE	140
5. Conclusão	143
5.1 Pergunta de pesquisa 1	144
5.2 Pergunta de pesquisa 2	146
5.3 Pergunta de pesquisa 3	147
5.4 Questões teóricas e as contribuições e limitações da pesquisa: o Relativismo Linguístico, o Modelo Hierárquico Modificado e a tipologia de Talmy	148
5.5 Questões metodológicas e as contribuições e limitações da pesquisa.....	150

5.6 Considerações finais.....	151
Referências	153
Apêndices	162
Apêndice A – Capturas de tela do instrumento de coleta de dados principal e do instrumento auxiliar 1 na plataforma Phonic versão <i>mobile</i>	163
Apêndice B – Capturas de tela do instrumento de coleta de dados auxiliar 3 na plataforma Phonic versão <i>mobile</i>	165
Apêndice C – Síntese das informações sobre os participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM coletadas com o instrumento auxiliar 1.....	166
Apêndice D – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM na tarefa de descrição de vídeo.....	167
Apêndice E – Síntese das informações sobre os participantes do grupo-controle de falantes de português-LM coletadas com o instrumento auxiliar 1.	182
Apêndice F – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-controle de falantes de português-LM na tarefa de descrição de vídeo.	183
Apêndice G – Síntese das informações sobre os participantes do grupo-alvo coletadas com o instrumento auxiliar 1.....	198
Apêndice H – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em português-LM.....	200
Apêndice I – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em inglês-LE.....	230
Apêndice J – Versões em português e inglês do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	260

1 Introdução

Aprender uma nova língua implica, necessariamente, pôr em contato conhecimentos linguísticos prévios, isto é, a(s) língua(s) maternas(s) (LM) da pessoa e outras línguas que ela possa ter aprendido, e a língua-alvo (LA). Nesse processo, acontecem influências entre os sistemas linguísticos na mente do aprendiz, que facilitarão a aquisição de certos elementos da LA e dificultarão a de outros (ODLIN, 2003). Essas influências são afetadas por fatores como, por exemplo, a idade de aquisição e o nível de proficiência, mas principalmente pelas similaridades e diferenças translinguísticas, ou pela percepção que o aprendiz tem delas (RINGBOM, 2007).

Entretanto, há influências que não operam no nível linguístico, mas no conceitual. Isso acontece porque as categorias gramaticais e lexicais de uma língua influenciam a forma como seus falantes categorizam e expressam a sua experiência no mundo (PAVLENKO, 2009). Por exemplo, para dizer que vai ao supermercado, um falante de russo precisa considerar se ele se refere a uma ação planejada ou decidida no momento da fala, se irá apenas ao supermercado e voltará (e se essa ida será breve), se o destino é perto, se o supermercado é uma parada num percurso maior (e se essa parada será breve); e para cada uma dessas situações, se o movimento será a pé ou de carro (por conta da distância). A língua russa tem um verbo diferente para cada uma dessas situações¹, e obriga o seu falante a tomar decisões a respeito do

¹ "**Vou** ao supermercado": "**Я иду** в супермаркет" [ja ɪ'du f supɪr'markt], com o verbo **иду** [ɪ'du] se a ida foi planejada ou estiver em curso, mas **еду** [ɪ'jedu] se isso não puder ser a pé por ser muito longe; **схожу** [sxə'zu] se o foco for na ação inteira de ir, comprar e voltar, mas **съезжу** [sjez'ʊ] se isso não puder ser a pé; **выйду** [vɨ'du] se a ida for breve pois o lugar é muito próximo; **зайду** [zɛj'du] se o supermercado for uma parada na ida para outro lugar, mas **заеду** [zɛ'jedu] se isso não puder ser a pé; **сбегаю** [zbɛgəju] se a ida e volta for correndo, sem demora; e **забегу** [zəbɪ'gu] se o supermercado for uma parada breve numa ida rápida a outro lugar. Ressaltamos que essas são formas da 1ª pessoa

conceito “*ir*” para poder expressá-lo, enquanto em português só é preciso dizer “vou ao supermercado”, deixando quaisquer especificidades a respeito da ação à escolha do falante, que poderá ou não adicionar complementos como “ali no supermercado”, “de carro” ou “rapidinho”.

No exemplo acima, temos uma diferença translinguística entre russo e português na categorização conceitual de “*ir*” e na sua representação linguística, que trará implicações para a aquisição² de uma dessas línguas pelo falante nativo da outra. O aprendiz de russo como segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE)³ que é falante de português-LM pode vir a supergeneralizar um dos verbos da LA e transferir de sua LM a preferência por adjuntos adverbiais (os quais, a propósito, também existem em russo).

Nos últimos anos, diversos estudos têm sido realizados para explorar diferenças conceituais entre as línguas e como elas afetam a forma de pensar dos seus falantes. À luz de novos métodos e abordagens de pesquisa de várias áreas, tais como a Psicologia Experimental, a Antropologia e a Linguística Cognitiva, as populares e criticadas questões levantadas pelo Relativismo Linguístico (RL) (ou Hipótese Sapir-Whorf) – a ideia de que as línguas podem influenciar a percepção que seus falantes têm da realidade – estão sendo revisitadas e investigadas. Da área da Ciência Cognitiva, Lera Boroditsky é provavelmente um dos principais nomes responsáveis pela volta dessas questões ao *mainstream* da ciência. Há mais de 20 anos, a pesquisadora russo-americana tem realizado e publicado estudos cujos dados dão cada vez mais suporte à teoria do RL, como evidências de que falantes monolíngues de chinês e inglês concebem o tempo de formas diferentes (BORODITSKY, 2001) e de que a memória de testemunho ocular de falantes

do singular de verbos distintos, e não de um mesmo verbo. Além disso, esses exemplos são generalizações de uma situação hipotética – a escolha do verbo depende da percepção e atitude do falante, e há mais conceitos possíveis para cada verbo e mais verbos “*ir*” não contemplados aqui. Para uma visão mais detalhada sobre os verbos de movimento em russo, ver Timberlake (2004).

² Neste trabalho, utilizamos os termos aquisição e aprendizagem como sinônimos, a exemplo de Gass e Selinker (2008) e Ellis (2015), para nos referirmos de forma geral à aprendizagem de uma língua após a(s) língua(s) materna(s), incluindo tanto os processos mais inconscientes ou intuitivos quanto os mais conscientes e baseados em instrução explícita, conforme postula Krashen (1982) em sua dicotomia *aquisição x aprendizagem*.

³ Utilizamos uma distinção entre segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE) que é comum na literatura sobre ensino e aprendizagem de línguas (RICHARDS; SCHMIDT, 2002, CRYSTAL, 2003): L2 é uma língua aprendida após a(s) LM, por instrução ou naturalmente, mas sempre em país ou região onde essa língua é a dominante. LE é uma língua aprendida após a(s) LM, em ambiente formal de aprendizagem e em país ou região onde a língua dominante é/são a(s) LM do aprendiz. Quando nos referirmos à aprendizagem de novas línguas após as LM em sentido geral, sem contexto específico, utilizaremos a sigla L2/LE.

monolíngues de inglês e espanhol é afetada pelas línguas que eles falam (FAUSEY; BORODITSKY, 2011).

Na área de estudos sobre o Bilinguismo, pesquisas sobre a cognição bilíngue – *i.e.* as habilidades e processos mentais envolvidos no uso de duas ou mais línguas (KROLL; BIALYSTOK, 2013; PAVLENKO, 2014; DE GROOT, 2015) – e sua relação com o RL, isto é, os modos como os bilíngues⁴ lidam com disparidades conceituais das línguas que eles falam, tiveram grandes avanços nos últimos anos. Já se sabe, por exemplo, que bilíngues podem transferir representações linguísticas de conceitos entre as línguas que sabem (ATHANASOPOULOS; AVELEDO, 2013) e que atentam para diferentes detalhes da sua memória ao produzirem narrativas autobiográficas em línguas diferentes (WANG; SHAO; LI, 2010). Achados como os dos estudos recém mencionados e de pesquisas com aprendizes de L2/LE têm levado a área a repensar a cognição bilíngue e a propor novos modelos de representação mental do léxico bilíngue, como o Modelo Hierárquico Modificado (PAVLENKO, 2009), que será explorado na presente pesquisa. Esse modelo difere dos anteriores pois contempla dois novos elementos: (I) o fenômeno da transferência conceitual – quando o conteúdo conceitual exclusivo de uma das línguas do bilíngue é atribuído a elementos da outra língua; e (II) a reestruturação conceitual – a ideia de que aprender outra língua requer não apenas que o aprendiz estabeleça conexões entre o novo conteúdo linguístico e conceitos já existentes na sua mente, mas que também reorganize suas conceitualizações para dar conta de categorizações conceituais da nova língua que não existam na(s) língua(s) que ele já sabe.

Ao trazermos as considerações acima para o contexto brasileiro de ensino e aprendizagem de inglês como LE, nos perguntamos em que aspectos as representações conceituais dessa língua podem ser diferentes das do português brasileiro e que obstáculos elas podem impor ao aprendiz. Na presente pesquisa, exploramos as diferenças translinguísticas entre as duas línguas na categorização conceitual e na lexicalização de eventos de movimento (TALMY, 1985; 1991; 2000a; 2000b)⁵ e investigaremos como se dá a reestruturação da representação mental

⁴ Utilizamos os termos “bilíngue” e “bilinguismo” como definidos por Weinreich (1953), Mackey (1968), Romaine (1995) e Grosjean (2008), e adotados pelas principais referências teóricas deste trabalho (JARVIS; PAVLENKO, 2010; PAVLENKO, 2014): bilíngue é alguém que usa duas ou mais línguas.

⁵ Leonard Talmy apresentou a primeira versão de sua tipologia em 1985, e o trabalho foi aprofundado ao longo dos anos até culminar com os dois volumes da obra *Toward a Cognitive Semantics* (TALMY, 2000a; 2000b). Como estes últimos trabalhos abarcam tudo o que foi postulado pelo autor nas publicações anteriores, quando nos referirmos à tipologia como um todo, utilizaremos ambos os

desse domínio conceitual por bilíngues português-LM/inglês-LE. Buscamos, dessa forma, contribuir para as áreas de Aquisição de L2/LE, Bilinguismo e Relativismo Linguístico.

1.1 Tema

Efeitos da influência translinguística conceitual (JARVIS, 1998; PAVLENKO, 2009) no domínio conceitual MOVIMENTO, mais especificamente nos padrões lexicalização dos conceitos de MODO e TRAJETÓRIA em eventos de movimento (TALMY, 2000b). Tais efeitos são investigados através da análise da produção oral em língua inglesa por bilíngues português-LM/inglês-LE.

1.2 Justificativa

O ensino de inglês como L2/LE parece ignorar o Relativismo Linguístico. Para as metodologias e abordagens de ensino em voga nos dias de hoje, ensinar L2/LE é fazer o aprendiz adquirir as formas e funções da língua para poder expressar as ideias que ele já tem em sua LM, tendo sempre o falante nativo monolíngue da LA como o modelo ideal. Para isso, prima-se pela inibição do uso das LM, para evitar interferências e para que o aprendiz logo passe a “pensar na LA” (FERREIRA, 2018). Investe-se tempo em atividades em que ele deve se distanciar dos modos de se expressar das suas LM e deve adquirir os da LA. Não há espaço para comparações translinguísticas nem para conscientização das diferenças nas representações conceituais das línguas. Como consequência, o que vemos com frequência é, por exemplo, um aprendiz brasileiro de inglês se sair muito bem num exercício em que deva analisar as diferenças entre o *Simple Past* e o *Present Perfect* e preencher lacunas em frases, mas durante uma tarefa mais livre, de conversação, evitar sistematicamente o *Present Perfect*, supergeneralizando o uso do *Simple Past*. Ou seja, ele será capaz de explicar as diferenças de uso dos dois tempos verbais e utilizá-

volumes do último trabalho como referência, indicando-o apenas como Talmy (2000). Quando for necessário, indicaremos a publicação específica.

los em contextos controlados, quando há mais tempo para reflexão, mas, por não ter sido levado a reestruturar sua representação conceitual de tempo para incluir o conceito da LA, terá mais dificuldade de utilizar o *Present Perfect* em situações autênticas de comunicação, onde há pouco ou nenhum tempo para reflexão metalinguística.

Outra diferença conceitual entre português e inglês, e que é o foco desta Tese, está nos padrões lexicalização de movimento. Essas línguas são tipologicamente diferentes nesse aspecto: o inglês é uma língua com *frame* nos satélites (*satellite-framed*, ou língua-S), enquanto o português é uma língua com *frame* nos verbos (*verb-framed*, ou língua-V). Segundo Talmy (2000), línguas-S têm verbos que tipicamente expressam MODO de movimento, enquanto TRAJETÓRIA é indicada por satélites do verbo (no caso do inglês, advérbios e preposições). Por sua vez, as línguas-V focam-se em TRAJETÓRIA, expressa no verbo principal, e indicam MODO através da adição opcional de outro verbo ou adjunto (e há também fatores perceptuais que levam os falantes de línguas-V a quererem ou não expressar a modo do movimento).

O bilíngue não é a soma de dois monolíngues (GROSJEAN, 1994). A L2/LE do aprendiz não será a L2/LE “inatingível” (a falada pelo falante nativo), mas um sistema diferente dela e das LM, formado por transferências entre as línguas em contato na mente do aprendiz (SELINKER, 1972). Da mesma forma, os diferentes conceitos e padrões de categorização também entrarão em contato e darão forma a conceitualizações próprias do bilíngue, isto é, do usuário e/ou aprendiz de uma L2 ou LE. Numa abordagem de ensino de LE que tenha apenas a LE como modelo e objetivo, e na qual as LM não sejam levadas em consideração, o aprendiz terá poucas chances de desenvolver e reestruturar seu repertório conceitual. Jarvis e Pavlenko (2010) afirmam que essa reestruturação só ocorre de forma natural “através da interação extensiva numa variedade de contextos com membros da comunidade da língua-alvo”⁶ (p. 152)⁷. Para que a internalização de novas representações semânticas e conceituais seja facilitada num ambiente formal de aprendizagem, os autores postulam que é preciso que os professores atuantes e em formação tenham um bom conhecimento sobre os fenômenos de influência translinguística, que as LM não sejam vistas como inimigas e que as atividades de aula não se limitem a discussões e

⁶ No original: “through extensive interaction in a variety of contexts with members of the target language community”.

⁷ Todas as traduções de citações originalmente escritas em inglês são de nossa responsabilidade.

práticas de formas e funções da LA, mas que também incluam tarefas de organização e categorização nas quais os aprendizes possam comparar e contrastar os modos em que cada uma das línguas em contato na sua mente “pensam” determinado conceito (JARVIS; PAVLENKO, 2010, p. 217-218).

Antes, porém, que seja possível propor novas práticas e abordagens de ensino de inglês-LE para falantes de português-LM que contemplem as diferenças translinguísticas no domínio conceitual MOVIMENTO, faz-se necessário estabelecer quais representações conceituais não são equivalentes entre as duas línguas e compreender como o aprendiz lida com tais diferenças translinguísticas. Através da investigação dos efeitos da influência translinguística conceitual na aprendizagem de inglês-LE por falantes de português-LM, a presente pesquisa traz dados inéditos sobre a cognição bilíngue português-inglês, que ajudarão a fortalecer construtos teóricos acerca da realidade da influência das línguas no pensamento e poderão servir de base para que estudos futuros repensem o ensino de língua estrangeira sob uma perspectiva verdadeiramente bilíngue. Dessa forma, este trabalho contribui com os conhecimentos científicos sobre o Relativismo Linguístico, o Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, o Contato de Línguas e a Cognição Bilíngue.

1.3 Perguntas de Pesquisa

- Bilíngues brasileiros falantes de português-LM/inglês-LE sofrem influência translinguística conceitual da sua LM ao descreverem eventos de movimento na LE?
- A partir da comparação entre bilíngues com diferentes níveis de proficiência, é possível afirmar que há diferenças entre seus padrões de lexicalização de movimento em inglês-LE? Se sim, essas diferenças refletem um padrão de reestruturação do léxico bilíngue ou são aleatórias e/ou individuais?
- Os participantes bilíngues da pesquisa lexicalizam eventos de movimento nessas línguas da mesma forma que o fazem os falantes nativos de cada língua (que não falam a outra), ou demonstram conceitualizações próprias do bilíngue?

1.4 Objetivos

1.4.1 Geral

O objetivo geral deste trabalho é investigar a transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento em inglês por bilíngues brasileiros falantes de português-LM e inglês-LE.

1.4.2 Específicos

- a. Identificar, na produção oral em inglês de bilíngues português-LM/inglês-LE, o uso de padrões de lexicalização de movimento e elementos semânticos que possa ser atribuído a uma influência translinguística conceitual.
- b. Comparar a produção em inglês-LE de bilíngues em diferentes níveis de proficiência nessa língua e determinar se há diferenças nos padrões de lexicalização de eventos de movimento e, se houver, se elas podem ser relacionadas ao nível de proficiência, refletindo, assim, uma reestruturação da representação conceitual bilíngue.
- c. Comparar os padrões de lexicalização de eventos de movimento em português e inglês de bilíngues com os de falantes nativos de cada uma dessas línguas (que não falem a outra) e identificar padrões que demonstrem uma conceitualização de eventos de movimento que seja própria dos bilíngues.

1.5 Hipóteses

A presente pesquisa parte da premissa de que existem diferenças nos modos em que o domínio MOVIMENTO é conceitualizado e lexicalizado em português brasileiro e inglês. Essas diferenças serão investigadas a partir de três hipóteses, apresentadas a seguir.

HIPÓTESE 1: As diferenças na representação conceitual de movimento em inglês e português levarão o bilíngue português-LM/inglês-LE a sofrer influência translinguística conceitual, que poderá dificultar a expressão de eventos de movimento em inglês na forma esperada nessa língua-alvo.

Em inglês, eventos de movimento são tipicamente expressos com construções do tipo “verbo + partícula”, também conhecidas como *phrasal verbs*⁸ (ex.: *He ran into the store*), onde o verbo informa o conceito de MODO, *i.e.* a maneira como o movimento é realizado (ex.: *run, walk, jump* etc.) e a partícula informa TRAJETÓRIA, *i.e.* a direção do deslocamento daquele que se move em relação a um elemento de referência (ex.: *into, out of, off, around, etc.*). Em português, os mesmos eventos são normalmente descritos com dois verbos (ex.: *Ele entrou correndo na loja*): o primeiro, principal, informa TRAJETÓRIA; o segundo, no gerúndio, informa MODO. Essa diferença decorre do fato de que essas duas línguas pertencem a tipologias diferentes, como já explicamos brevemente na seção 1.2 e exploraremos em detalhes na seção 2.4. Segundo Talmy (2000), falantes de línguas-S como inglês dedicam o mesmo nível de atenção ao MODO e à TRAJETÓRIA, pois ambos os conceitos são lexicalizados por elementos obrigatórios na oração. Já falantes de línguas-V como o português, por lexicalizarem MODO em elementos opcionais como adjuntos (e, por isso, frequentemente omitirem esse conceito), tendem a prestar mais atenção à TRAJETÓRIA. Para o bilíngue português-LM/inglês-LE, essa diferença translinguística conceitual pode levá-lo a transferir para a sua produção em uma das línguas o modo de pensar movimento da outra, resultando, por exemplo, em enunciados em LE estruturalmente mais próximos da LM do que da LE-alvo (ex.: *He entered the store running* ao invés de *He ran into the store*).

⁸ Na minha pesquisa de mestrado (FERREIRA, 2018), mostrei que não há consenso na literatura sobre o que caracteriza *phrasal verb*. Algumas fontes consideram *phrasal verbs* apenas as construções do tipo “verbo + partícula” cujos significados diferem daqueles do verbo utilizado sozinho (ex.: *put* = colocar; *put up with* = tolerar/aturar). Outras fontes consideram *phrasal verbs* também as construções em que a partícula faz parte da regência do verbo sem alterar o seu significado (ex.: *depend on* = depender de). Além disso, quando o *phrasal verb* possui significado distinto, ele pode ser mais transparente, quando é possível derivar seu significado a partir dos seus constituintes, ou mais opaco, quando isso não é possível. Na presente tese, as construções analisadas são todas transparentes, pois são compostas por verbos de modo e partículas de trajetória (que mais tarde chamaremos de satélites) explicitamente ligados a eventos de movimento do mundo real, através dos estímulos em vídeo utilizados na tarefa apresentada no Capítulo 3.

HIPÓTESE 2: A representação mental e linguística de eventos de movimento dos bilíngues português-inglês (neste trabalho, adultos falantes de português-LM que falam inglês-LE) se reestrutura com a experiência linguística. Quanto maior o nível de proficiência linguística na LE, mais próximo de um desempenho-alvo na descrição de movimento.

Essa hipótese busca aproximar a teoria da Interlíngua de Selinker (1972) com os estudos sobre a Cognição Bilíngue e a reestruturação conceitual do léxico bilíngue (PAVLENKO, 2009; 2014). Selinker descreve a transferência como fenômeno inerente ao desenvolvimento da interlíngua, mas as investigações sobre esse processo por muito tempo se detiveram apenas aos níveis linguísticos – transferências fonológicas, ortográficas, lexicais, morfológicas, sintáticas e discursivas (ODLIN, 1989). Com as pesquisas sobre a transferência conceitual (JARVIS; PAVLENKO, 2010), argumentam os cientistas que ela seria evidência de uma reestruturação das representações conceituais na mente bilíngue que reflete (ou talvez origine) a reestruturação linguística que é típica do desenvolvimento interlinguístico.

HIPÓTESE 3: Os bilíngues português-inglês demonstrarão padrões de conceitualização e lexicalização de eventos de movimento em inglês e em português distintos daqueles de falantes monolíngues dessas línguas.

Como as duas línguas apresentam padrões distintos de lexicalização de eventos de movimento, o aprendiz demonstrará transferências conceituais devido à reestruturação das suas conceitualizações, conforme suposto na hipótese 1. Entretanto, como bilíngue, o falante de LE não terá nem uma única representação conceitual para ambas as línguas, nem compartimentos separados para os conceitos de cada uma, mas uma mente bilíngue na qual coexistirão não apenas conceitos equivalentes e conceitos (parcialmente) compartilhados entre as línguas, mas também conceitos que são específicos de cada língua (PAVLENKO, 2009). Consequentemente, o aprendiz poderá demonstrar produções que não correspondam às de falantes monolíngues e que se originarão de uma representação mental fundamentalmente bilíngue.

2 Revisão de literatura

2.1 Interferência, transferência linguística e influência translinguística

A transferência conceitual – o fenômeno objeto desta pesquisa – é, de certa forma, um dos últimos desdobramentos das pesquisas sobre a transferência. Faz-se, então, necessário que dediquemos uma parte deste trabalho para entendermos melhor o contexto em que o conceito se desenvolveu.

De forma mais geral, a transferência pode ser definida como a influência do conhecimento prévio de uma língua sobre o conhecimento ou uso de outra (ODLIN, 1989; JARVIS; PAVLENKO, 2010). As diferentes maneiras de chamar o fenômeno – interferência, transferência ou influência translinguística – refletem a abordagem teórica e o momento epistemológico da pesquisa sobre aprendizagem de LE/L2 em que se abordou a questão.

Embora a maior parte das descobertas sobre a transferência tenha ocorrido a partir dos anos 1970 com o estabelecimento da área de estudos que hoje conhecemos como Aquisição de Segunda Língua, o interesse sobre o assunto existe há muito mais tempo. Scott Jarvis e Aneta Pavlenko, em seu livro *Crosslinguistic Influence in Language and Cognition* (2010), uma verdadeira antologia sobre a pesquisa da transferência, traçam um histórico sobre o tema e mencionam estudos como o de Janse (2002), no qual esse autor argumenta que o termo “bárbaros” (em grego, βάρβαροι) era usado pelos gregos antigos não apenas para se referirem aos que não falavam grego, mas também aos estrangeiros que falavam “grego ruim” ou, usando a

terminologia de hoje, estrangeiros que apresentavam, na sua produção de grego-L2, influência translinguística do seu conhecimento linguístico prévio, provavelmente o de suas LM.

Mesmo mais recentemente, durante a primeira metade do século XX, o fenômeno da transferência ainda era visto sob uma perspectiva negativa. Nesse período, em que noções behavioristas sobre a aprendizagem estavam em voga, linguistas e psicólogos chamavam o fenômeno em questão de *interferência* e argumentavam que ela seria um obstáculo para o raciocínio e que a transferência na pronúncia, por exemplo, seria causada pela “preguiça, indolência, inércia, evasão, negligência, (...) ou quaisquer outros belos sinônimos inventados para ‘economia de esforço’ ou ‘seguir a linha de menor resistência’”⁹ (JESPERSEN, 1922, p. 263).

A obra *Languages in Contact*, de Uriel Weinreich (1953), é tida como a que, de certa forma, inicia a pesquisa acadêmica sobre transferência. Nesse estudo sobre o contato linguístico, o autor apresenta em detalhes vários tipos de transferência (a qual ele chama de *interference* – interferência) e discute métodos para sua identificação e quantificação, assim como sua relação com outros aspectos do bilinguismo. Um dos pontos importantes desse seu trabalho é o conceito de identificações interlinguais. Como explica Odlin (1994),

o que Weinreich (1953) chama de uma “identificação interlingual” ocorre sempre que um indivíduo julga que estruturas (no sentido mais amplo do termo) de duas línguas são idênticas ou pelo menos semelhantes. Tais julgamentos podem ser conscientes ou inconscientes, acurados ou inacurados, e podem ser feitos tanto por bilíngues totalmente competentes quanto por aprendizes ainda nos estágios iniciais de aquisição de uma nova língua.¹⁰ (ODLIN, 1994, p. 29)

Selinker (1972) se baseou na ideia de identificações interlinguais de Weinreich para desenvolver o conceito de Interlíngua, e o trabalho desses dois pesquisadores influenciou Kellerman (1977) no desenvolvimento do conceito de psicotipologia (a percepção do aprendiz sobre as semelhanças e diferenças entre as línguas). A partir daí, a influência do conhecimento interlinguístico na compreensão e produção do

⁹ No original: “laziness, indolence, inertia, shirking, sloth, [...] or whatever other beautiful synonyms have been invented for ‘economy of effort’ or ‘following the line of least resistance’”.

¹⁰ No original: “[...] what Weinreich (1953) termed as an “interlingual identification” occurs anytime an individual judges structures (in the widest sense of the term) in two languages to be identical or at least similar. Such judgements may be conscious or unconscious, they may be accurate or inaccurate, and they may be made either by fully competent bilinguals or by learners still in the earlier stages of acquiring a new language.”

aprendiz de L2 passou a ser chamada de *transferência* (em inglês, *transfer*), pois os estudos começaram a evidenciar que ela poderia levar não apenas a erros, mas também ao uso convencional da L2/LE, às vezes até facilitando ou acelerando sua aquisição (SCHACHTER; RUTHERFORD, 1979). Descobriram também que as similaridades e diferenças entre a língua-fonte e a língua-receptora com frequência não se manifestam em erros, mas em subprodução ou superprodução de estruturas da língua-receptora (RINGBOM, 1978), ou ainda na preferência por certas estruturas ao invés de outras, como no caso do estudo de Sjöholm (1995) sobre a aprendizagem dos *phrasal verbs* do inglês por falantes nativos de sueco e finlandês. Esse estudo mostrou que em situações em que há opção entre verbos simples e *phrasal verbs*, os falantes de sueco-LM têm uma tendência a utilizar mais *phrasal verbs* do que os falantes de finlandês-LM, simplesmente porque sua LM, além de ser bem mais próxima do inglês do que o finlandês, também tem construções do tipo *phrasal verb*. Ou seja, os falantes de sueco transferem o seu conhecimento linguístico prévio, facilitando a aquisição e uso de estruturas do inglês-L2.

Ainda na década de 1980, Kellerman e Sharwood-Smith (1986) propuseram o termo *influência translinguística* (em português, às vezes também *influência interlinguística*, embora o primeiro seja etimologicamente mais próximo do original inglês, *crosslinguistic influence*), por entenderem que nem sempre havia transferência de conhecimentos de um sistema linguístico para outro, mas que a mera presença de similaridades ou diferenças entre duas ou mais línguas poderia facilitar ou dificultar a compreensão ou a produção em uma delas, isto é, o conhecimento linguístico prévio *influenciaria* a aprendizagem de L2.

Apesar de o termo *influência translinguística* ter se tornado popular nas pesquisas sobre o fenômeno (cf. CENOZ; HUFSEIN; JESSNER, 2001; ARABSKI, 2006; JARVIS; PAVLENKO, 2010), ele não substituiu o termo *transferência*; hoje em dia, os dois são utilizados como sinônimos. Além disso, o termo *interferência* também continua a ser utilizado, particularmente em pesquisas que se concentram na investigação das transferências negativas, isto é, das influências translinguísticas que dificultam a compreensão ou produção em L2 (cf. AMRAOUI, 2019; TIMKO, 2023).

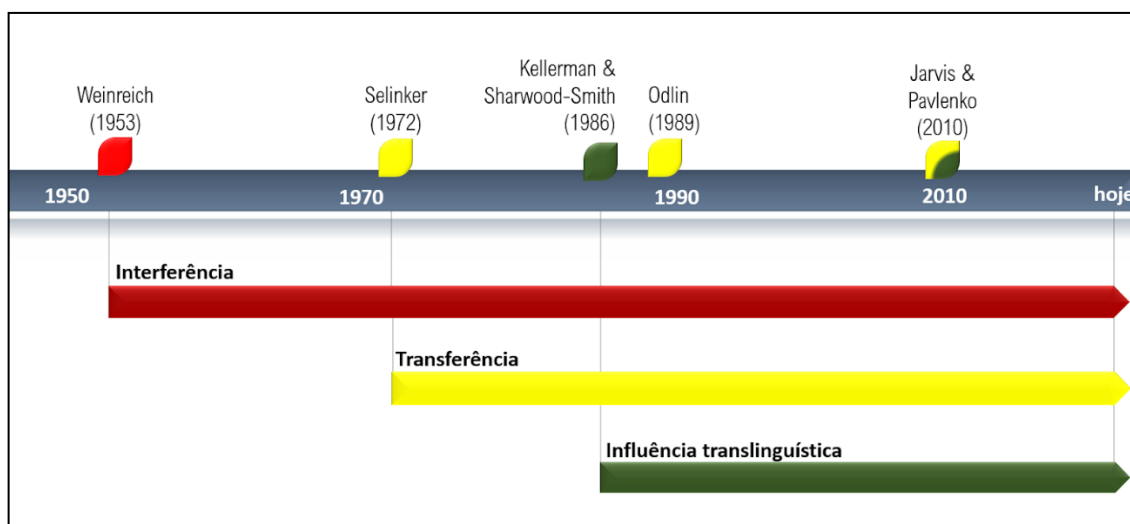


Figura 1 – Surgimento e uso dos termos “interferência”, “transferência” e “influência translinguística” nos últimos 70 anos.

Fonte: autoria própria.

A Figura 1 resume e ilustra o que foi exposto até aqui sobre o surgimento e uso dos três termos ao longo das últimas décadas e nas principais publicações sobre o fenômeno em questão. Vê-se que um novo termo foi proposto a cada 20 anos aproximadamente, e que todos continuaram a ser utilizados. Porém, *transferência* ainda é o termo mais utilizado. Em uma pesquisa simples no Portal de Periódicos da CAPES (<https://www.periodicos.capes.gov.br>), utilizando como critérios de busca apenas artigos da área de Linguística publicados em inglês nos últimos 10 anos (2013-2023), constatamos que 402 artigos traziam no título o termo “*transfer*”, contra 207 títulos com “*interference*” e 111 com “*crosslinguistic influence*”. Na presente pesquisa, evitamos o termo *interferência*, concordando assim com Selinker (1972) e Odlin (1989), e utilizamos os termos *transferência* e *influência translinguística* como sinônimos, assim como o fazem Jarvis e Pavlenko (2010) e Pavlenko (2014).

2.2 Hipótese Sapir-Whorf e/ou Relativismo Linguístico

Desde meados do século XX, a ideia de que a língua que falamos afeta a forma como pensamos e fazemos sentido da nossa experiência no mundo vem sendo estudada, defendida e criticada sob o nome de Hipótese Sapir-Whorf. Isso porque as ideias contidas nessa hipótese têm origem no trabalho de Edward Sapir (SAPIR, 1921)

e, principalmente, no de seu aluno Benjamin Lee Whorf (WHORF, 1956). Entretanto, como veremos a seguir, o nome que a identifica é posterior a esses pesquisadores e, segundo Pavlenko (2014), a Hipótese como a conhecemos e estudamos hoje tem pouco a ver com as proposições originais de Sapir e Whorf.

Pesquisas e revisões bibliográficas e historiográficas sobre o Relativismo Linguístico – como também é conhecida a Hipótese Sapir-Whorf, embora haja a opinião de que se tratem de temáticas diferentes –, apontam que os primeiros argumentos cientificamente formulados sobre as relações entre língua e pensamento estão no trabalho do diplomata, filósofo e filólogo prussiano Wilhelm von Humboldt (PAVLENKO, 2014), que via as línguas como sistemas que codificam visões de mundo únicas: “cada língua desenha um círculo ao redor do povo ao qual ela adere”¹¹ (HUMBOLDT, 1836 *apud* PAVLENKO, 2014, p. 2). As ideias de Humboldt influenciaram a pesquisa de Franz Boas, que se dedicou a investigar as diferentes categorias linguísticas que parecem afetar a nossa cognição. Para Boas, nós concebemos e pensamos nossa experiência sob o efeito de conceitos que são ordenados pela nossa língua, e o fazemos sem ter consciência de tal efeito:

As categorias da língua nos obrigam a ver o mundo organizado em certos grupos conceituais definidos que, por conta da nossa falta de conhecimento dos processos linguísticos, são tomados como categorias objetivas, e que, portanto, se impõem sobre a forma dos nossos pensamentos.¹² (BOAS, 1920, p. 289)

Edward Sapir, aluno de Boas na Columbia University, levou essas ideias mais longe e defendeu que as categorias linguísticas dominam a nossa cognição “por causa do controle tirânico que a forma linguística tem sobre a nossa orientação no mundo”¹³ (SAPIR, 1931, p. 28). Um outro trecho de uma publicação sua é até hoje considerado um manifesto do determinismo linguístico:

¹¹ No original: “each language draws a circle around the people to whom it adheres.”

¹² No original: “The categories of language compel us to see the world arranged in certain definite conceptual groups which, on account of our lack of knowledge of linguistic processes, are taken as objective categories, and which, therefore, impose themselves upon the form of our thoughts.”

¹³ No original: “because of the tyrannical hold that linguistic form has upon our orientation in the world”.

Não há duas línguas que sejam suficientemente semelhantes a ponto de que se considere que representem a mesma realidade social. Os mundos nos quais diferentes sociedades vivem são mundos distintos, não meramente o mesmo mundo com diferentes rótulos fixados em si.¹⁴ (SAPIR, 1929, p. 162)

Benjamin Lee Whorf, que fora aluno de Sapir na Yale University, e que também se interessava pela questão do alcance e efeito das categorias linguísticas na cognição, estudou, assim como Sapir, línguas que à época eram consideradas “exóticas”, como a língua indígena norte-americana hopi, e as línguas inuítes de povos esquimós. Suas observações e análises sobre a natureza das representações conceituais de tais línguas, em especial o argumento de que a língua hopi não teria um conceito de tempo, pelo menos não na forma de algo que possa ser dividido e subdividido, são polêmicas até hoje. Talvez a mais citada dessas considerações seja o trecho em que Whorf parece afirmar que a nossa cognição é necessariamente controlada pelas categorias disponíveis na língua que falamos:

Nós dissecamos a natureza ao longo de linhas estabelecidas pelas nossas línguas nativas. As categorias e tipos que isolamos do mundo dos fenômenos nós não encontramos lá porque eles olham cada observador no rosto; pelo contrário, o mundo é apresentado em um fluxo caleidoscópico de impressões que tem de ser organizado pelas nossas mentes, e isso significa, em grande medida, pelos sistemas linguísticos em nossas mentes. [...] nenhum indivíduo é livre para descrever a natureza com imparcialidade absoluta, mas é restrito a certos modos de interpretação mesmo quando ele se considera mais livre.¹⁵ (WHORF, 1956, p. 213-214)

Na década 1950, mais de 20 anos depois da morte de Sapir e mais de 10 após a morte de Whorf, os psicólogos Roger Brown e Eric Lenneberg, dentre outros pesquisadores, buscaram revisar as ideias de Sapir e Whorf e traduzi-las em hipóteses testáveis cientificamente. Daí surgiu o que hoje conhecemos como a Hipótese Sapir-Whorf. O que se estabeleceu foi uma dicotomia em forma de duas versões da hipótese, uma “forte” e outra “fraca” (BROWN; LENNEBERG, 1954).

¹⁴ No original: “No two languages are ever sufficiently similar to be considered as representing the same social reality. The worlds in which different societies live are distinct worlds, not merely the same world with different labels attached.”

¹⁵ No original: “We dissect nature along lines laid down by our native languages. The categories and types that we isolate from the world of phenomena we do not find there because they stare every observer in the face; on the contrary, the world is presented in a kaleidoscopic flux of impressions which has to be organized by our minds – and this means largely by the linguistic systems in our minds. [...] no individual is free to describe nature with absolute impartiality, but is constrained by certain modes of interpretation even when he thinks himself most free.”

A versão “forte”, conhecida como Determinismo Linguístico, afirma que “categorias variáveis da língua basicamente controlam as categorias da cognição geral”¹⁶ (PEDERSON, 2007, p. 1012). Ou seja, a língua que falamos determina a forma como pensamos. Por seus argumentos, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf são comumente associados a essa visão determinista e até um tanto radical da relação entre língua e pensamento, embora alguns autores atribuam a Whorf uma leitura equivocada de Sapir e a proposição de uma hipótese mais radical¹⁷.

Para Pavlenko (2014), a associação comum feita na Academia entre Whorf e Determinismo Linguístico deve-se a uma complexa interação de fatores, dentre eles a total substituição das ideias e dos textos originais pela chamada Hipótese Sapir-Whorf, como postulada por Brown e Lenneberg, a reprodução de leituras superficiais e distorcidas de citações de Whorf fora de contexto, e o peso de vozes influentes como Steven Pinker, que chegou a afirmar que as ideias de Whorf são “um exemplo do que se pode chamar de um absurdo convencional”¹⁸ (PINKER, 1994, p. 54).

O fato é que o chamado Determinismo Linguístico acabou caindo em descrédito na comunidade científica. Ainda que haja diferenças conceituais entre culturas por causa de suas línguas, isso não significa que as diferenças sejam tão grandes a ponto de a compreensão mútua ser impossível. Além disso, o fato de uma língua não ter uma determinada palavra não significa que seus falantes não consigam compreender certo conceito (CRYSTAL, 2010, p. 15).

A versão “fraca” da hipótese, também chamada Relativismo Linguístico, postula que “as categorias linguísticas podem influenciar as categorias do pensamento, mas não são fundamentalmente restritivas” (PEDERSON, 2007, p. 1012-1013). Essa versão é uma interpretação mais branda do argumento whorfiano, defendida por pesquisas realizadas a partir dos anos 1980 (LAKOFF, 1987; LUCY, 1992; SLOBIN, 1996). Segundo Jarvis e Pavlenko (2010, p. 16), esses estudos mostram que os críticos do Relativismo Linguístico simplificaram demais e interpretaram mal as afirmações originais de Sapir e Whorf sobre como a língua influencia o pensamento, presumindo erradamente que eles acreditavam que a língua determina estritamente o pensamento.

¹⁶ No original: “variable categories of language essentially control the available categories of general cognition.”

¹⁷ Para análises e reflexões mais aprofundadas das ideias de Sapir e Whorf, ver Gonçalves (2020) e Danesi (2021).

¹⁸ No original: “an example of what can be called a conventional absurdity”.

O Relativismo Linguístico (*i.e.*, a versão “fraca” ou branda da Hipótese Sapir-Whorf) engloba duas noções principais: (1) as línguas diferem *significativamente* uma das outras; (2) as línguas podem *influenciar sistematicamente* a forma como seus falantes pensam (SWOYER, 2011; WOLFF; HOLMES, 2010). Para Swoyer, a primeira noção é incontestável, pois

[...] ainda que todas as línguas humanas compartilhem numerosos universais linguísticos abstratos, frequentemente há grandes diferenças em suas estruturas sintáticas e seus léxicos, como qualquer um que tenha aprendido uma segunda língua pode atestar.¹⁹ (SWOYER, 2011, p. 25).

Já a segunda afirmação, para o autor, ainda que um tanto quanto controversa, é plausível, mas para que seja testável, é preciso que a pesquisa sobre o Relativismo Linguístico se concentre em questões mais específicas, tais como: “1. *Quais aspectos* da língua influenciam *quais aspectos* do pensamento de uma forma sistemática? 2. De que *forma* essa influência se manifesta? 3. Quão *forte* é a influência?”²⁰ (SWOYER, 2011, p. 25, grifos do autor).

Nos últimos anos, houve um renascimento do interesse na influência das línguas na cognição, com várias pesquisas que têm lançado mão de novos métodos e abordagens de investigação para desenvolver novas perspectivas sobre a relação entre língua e pensamento e indo para além da dicotomia de versões fortes ou fracas. Jarvis e Pavlenko (2010) listam oito domínios em que já existem pesquisas com conclusões importantes: objetos, emoções, pessoa, gênero, número, tempo, espaço e movimento. A título de exemplificação, mencionamos, a seguir, um estudo para cada um desses domínios:

- a. *Objetos*: Malt *et al.* (1999) e Malt, Sloman e Gennari (2003) utilizaram tarefas de nomeação de imagens de frascos diversos e de julgamento de similaridade e tipicidade e mostraram que os 16 objetos chamados *bottle* (garrafa) em inglês são separados em 7 categorias linguísticas em espanhol. Isso significa que falantes de inglês-LM que sejam aprendizes de espanhol precisam formar novas categorias conceituais com propriedades específicas que não são

¹⁹ No original: “even if all human languages share numerous abstract linguistic universals, there are often large differences in their syntactic structures and their lexicons, as anyone who has learned a second language can attest”.

²⁰ No original: “1. Which aspects of language influence which aspects of thought in a systematic way? 2. What form does this influence take? 3. How strong is the influence?”.

contempladas por sua LM, por exemplo, a distinção entre as garrafas para líquidos e as para sólidos.

- b. *Emoções*: Pavlenko (2002) mostrou que, ainda que o inglês e o russo expressem emoções tanto com verbos quanto com adjetivos, essas línguas diferem quanto a qual tipo de estrutura tem dominância. Em um experimento no qual monolíngues de cada língua relataram suas impressões sobre um mesmo curta-metragem, os falantes de inglês descreveram emoções usando mais adjetivos (e, portanto, percebendo-as como estados), enquanto os falantes de russo usaram mais verbos para se referirem às mesmas emoções (considerando-as, portanto, processos).
- c. *Pessoa*: A forma como cada língua categoriza gramatical e lexicalmente o conceito de “pessoa” pode variar substancialmente. Por exemplo, o francês, o russo e o alemão codificam a relação (de hierarquia, diferença de idade, status social, grau de intimidade, etc.) entre o falante e seu interlocutor através da forma pronominal empregada (em alemão, *du* ou *Sie*). Para aprender a selecionar pronomes adequadamente em alemão, um aprendiz falante nativo de uma língua que não faz essa distinção terá de fazer muito mais do que simplesmente memorizar pronomes: ele terá que adquirir novas formas de conceber seus interlocutores (BARRON, 2006).
- d. *Gênero*: Boroditsky, Schmidt e Phillips (2003) mostraram que falantes de línguas que marcam gênero gramaticalmente são influenciados em suas percepções sobre substantivos inanimados pelo gênero gramaticalmente atribuído a eles. Em um dos experimentos, no qual bilíngues espanhol-inglês e alemão-inglês descreveram em inglês alguns objetos, ao se referirem a uma chave²¹, um nome feminino em espanhol (*la llave*) e masculino em alemão (*der Schlüssel*), os falantes de espanhol-LM utilizaram adjetivos como *little*, *lovely*, *shiny*, enquanto os falantes de alemão-LM descreveram o objeto com adjetivos como *hard*, *heavy* e *metal*.
- e. *Número*: Em um estudo em que falantes de inglês (que marca número morfossintaticamente) e de iucateco (que não faz essa marcação) descreveram figuras com animais, substâncias e objetos, Lucy (1992) demonstrou que os dois grupos podem diferir no seu grau de atenção ao número de objetos por

²¹ *Key* em inglês, uma língua que não marca gênero dos nomes gramaticalmente.

causa da diferença no domínio conceitual NÚMERO entre suas línguas. Efeitos desse tipo também foram observados em bilíngues, como no estudo de Cook *et al.* (2006) sobre diferenças translinguísticas em substantivos contáveis e incontáveis. Numa tarefa de categorização, bilíngues japonês-LM/inglês-LE agruparam objetos e substâncias de acordo com o material, e não a forma, ou seja, como fazem falantes monolíngues de japonês, e ao contrário do que fazem os monolíngues de inglês.

- f. *Tempo*: O inglês tende a representar duração temporal sobre uma distância linear (*a long time*) enquanto o espanhol concebe o tempo como quantidade (*mucho tiempo*). Essa diferença afeta a cognição não-verbal: falantes dessas línguas diferem significativamente em tarefas de estimação de tempo (CASASANTO *et al.*, 2004).
- g. *Espaço*: Relações espaciais que em inglês são codificadas linguisticamente com a preposição *on*, requerem três preposições em holandês: *op*, *aan* e *om* (BOWERMAN, 1996). Essa diferença representa uma dificuldade à parte para aprendizes de holandês-L2 falantes de inglês-LM, que terão que formar três novas categorias em sua interlíngua para dar conta das diferentes conceitualizações de espaço do holandês que não existem em sua LM.
- h. *Movimento*: Berman e Slobin (1994) demonstraram que narrativas sobre um livro de figuras obtidas de falantes de línguas-S como o inglês (que, para descrever eventos de movimento, lexicaliza MODO no verbo e TRAJETÓRIA em satélites – ex.: *they ran into the house*) contêm mais detalhes sobre padrões motores, velocidade e qualidade dos movimentos do que as narrativas feitas por falantes de línguas-V, como o espanhol (que lexicaliza TRAJETÓRIA no verbo e, opcionalmente, MODO em outro verbo, no gerúndio – ex.: *entraron corriendo a la casa*)²².

Grande parte das pesquisas sobre o Relativismo Linguístico no século XX se concentraram na investigação das categorias gramaticais e conceituais de falantes monolíngues de línguas distantes. Entre os anos 1950 e 1990, por causa do advento da agenda gerativista de Chomsky, o Relativismo Linguístico acabou sendo

²² O domínio conceitual MOVIMENTO, foco de análise da presente tese, é mais detalhadamente revisado na seção 2.4, onde também abordamos a versão do RL por Dan Slobin, conhecida como *Thinking for Speaking* (Pensar para Falar).

marginalizado e esquecido na Academia. A popularização e influência da teoria de que haveria uma única gramática universal subjacente a todas as línguas fez com que os cientistas se afastassem do relativismo, que passou a ser “associado com irresponsabilidade acadêmica, raciocínio confuso, falta de rigor e até mesmo imoralidade”²³ (LAKOFF, 1987, p. 304). Entretanto, as pesquisas citadas nesta seção demonstram um ressurgimento do interesse acadêmico RL nos últimos 30 anos. Além disso, ao invés do tradicional viés monolíngue, a pesquisa sobre a influência das línguas sobre o pensamento passou a ter um enfoque bilíngue, o que, para Pavlenko (2014), é a chave para compreendermos a questão.

As pesquisas atuais sobre o RL têm se distanciado da dicotomia *determinismo* vs. *relativismo*. Ao invés de adotarem uma perspectiva generalizada e demasiadamente simplificada como a de que a língua influencia o pensamento – afinal, o que é língua e o que pensamento nessa afirmação? –, os cientistas passaram a investigar aspectos específicos das línguas (ex.: categorizações semânticas, gramaticais e padrões de lexicalização) que poderiam influenciar aspectos específicos do pensamento (ex.: atenção, memória e conceitualizações). Há pesquisas que se concentram no efeito das línguas na categorização de objetos, como o estudo de Malt, Sloman e Gennari (2003) sobre os recipientes, e de conceitos abstratos, como o de Casasanto *et al.* (2004) sobre estimação de tempo. Outras pesquisas têm como foco a atenção dos falantes a elementos conceituais específicos de um evento, como a investigação de Berman e Slobin (1994) sobre a lexicalização de movimento.

Nessa leva de novas pesquisas sobre o RL, de pesquisadores que Pavlenko (2014) chama de neo-whorfianos, merece destaque o trabalho de Dan Slobin. É dele uma das propostas de teoria e metodologia experimental neo-whorfiana mais importantes até o momento, o chamado *Thinking for Speaking* (SLOBIN, 1991; 1996; 2003). De acordo com essa hipótese, certas construções gramaticais de uma dada língua podem fazer com que seus falantes atentem para aspectos específicos de um evento, ao se expressarem linguisticamente sobre ele. O autor depois estendeu a sua teoria (SLOBIN, 2003) para abarcar não apenas a produção oral, como sugere o nome da hipótese, mas todas formas de uso da língua, tanto de produção quanto de recepção (embora o nome não tenha mudado). De certa forma, a nossa pesquisa se alinha à teoria proposta por Slobin, pois pressupõe que padrões de lexicalização de

²³ No original: “...identified with scholarly irresponsibility, fuzzy thinking, lack of rigor, and even immorality.”

movimento que são diferentes em duas línguas podem influenciar a percepção dos falantes nativos de uma quando eles se expressam sobre movimento na outra. No entanto, o nosso objeto de análise principal é a transferência conceitual, e não é o nosso objetivo validar ou não o *Thinking For Speaking* como teoria. Mesmo assim, como a pesquisa de Slobin sobre essa hipótese se concentra justamente no domínio conceitual MOVIMENTO, retornaremos ao autor no final na seção 2.4.2, quando abordarmos a sua *hipótese da saliência de modo* (SLOBIN, 2006).

Na próxima seção, revisaremos alguns dos modelos de representação conceitual bilíngue mais relevantes para o nosso estudo, assim como o fenômeno da transferência conceitual.

2.3 Transferência Conceitual: a virada bilíngue na pesquisa sobre o Relativismo Linguístico

A pesquisa sobre transferência, como vimos na seção 2.1 deste trabalho, tipicamente trata de analisar e descrever como a compreensão ou produção em uma língua que se está aprendendo podem ser influenciados pelos conhecimentos prévios que se tem de outra(s) língua(s). Ou seja, busca-se explicar tal influência em termos de “semelhanças e diferenças entre as propriedades estruturais da língua-fonte e da língua-receptora”²⁴ (JARVIS; PAVLENKO, 2010, p. 112). Na seção 2.2, mostramos que as pesquisas mais recentes sobre o Relativismo Linguístico têm evidenciado diferenças entre as línguas também no nível da organização de domínios conceituais. No entanto, a maioria dos estudos, como os mencionados naquela seção, estabelecem essas dessemelhanças através da comparação entre falantes monolíngues de cada língua. Aqui cabe uma pergunta: o que o Relativismo Linguístico teria a ver com a aprendizagem de L2? Ou, mais especificamente, poderiam essas diferenças translinguísticas conceituais também afetar o desempenho do aprendiz de L2 na língua que ele está aprendendo?

Desde o início da pesquisa em bilinguismo, com o trabalho de Weinreich (1953), tem-se buscado explicar como se dá a conexão entre as diferentes formas de uma

²⁴ No original: “similarities and differences between the structural properties of the source and recipient languages.”

língua e suas representações conceituais na mente do bilíngue. Diversas hipóteses foram propostas e, a partir delas, vários modelos²⁵ de representação mental do léxico foram desenvolvidos.

Os primeiros modelos partiam do pressuposto de que a representação conceitual seria compartilhada entre as línguas, ainda que houvesse várias representações formais para um dado conceito. Desse modo, as palavras *cat* e *gato* teriam exatamente o mesmo significado, isto é, estariam ligadas a um mesmo conceito – o de “animal doméstico que mia”. O Modelo Hierárquico Revisado (KROLL; STEWARD, 1994) é provavelmente o mais famoso a representar tal hipótese (Fig. 2). Segundo esse modelo, existem conexões entre as formas da L1 e da L2 e entre elas e representações conceituais compartilhadas. Entretanto, a conexão entre L2 e L1 é mais forte do que a conexão entre L2 e os conceitos, e a conexão entre a L1 e os conceitos é a mais forte de todas. Assim, o aprendiz de L2 acessaria a maioria dos conceitos em L2 através da L1 (transferência linguística), e a aprendizagem de L2 sem a interferência da L1 dependeria do fortalecimento da conexão direta das formas dessa língua com as representações conceituais, as quais ele já teria, pois seriam as mesmas da L1.

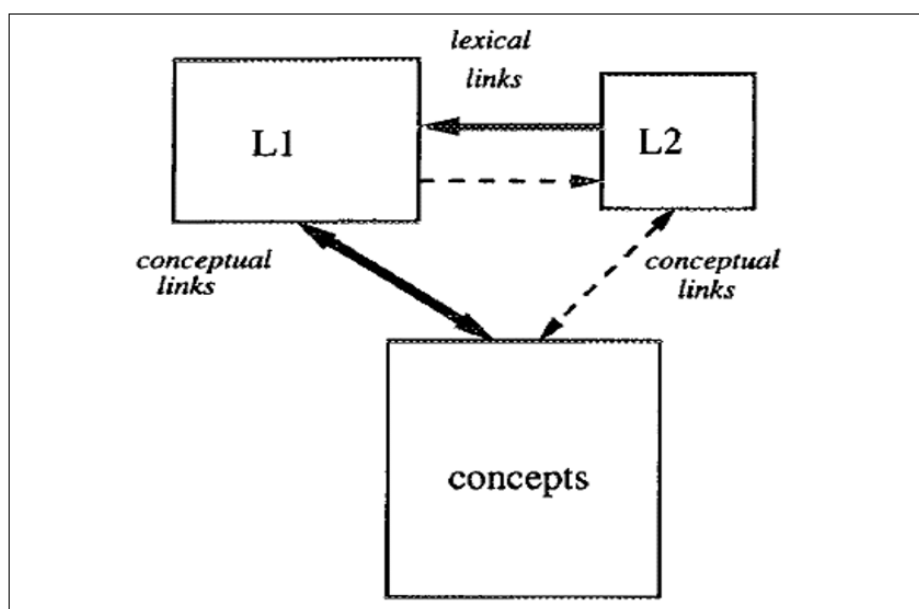


Figura 2 – O Modelo Hierárquico Revisado.
Fonte: Kroll e Steward, 1994, p.158.

²⁵ No presente trabalho, nos concentramos no Modelo Hierárquico Modificado, o primeiro a incluir a transferência conceitual, e em outros dois que o precederam mais diretamente. Para uma revisão mais abrangente dos diversos modelos e teorias de representação conceitual, ver De Groot (2013) e Dóczy (2019).

O Modelo Hierárquico Revisado não explica o caso de pares de palavras que não compartilham todos os significados, isto é, onde não há total equivalência conceitual entre as palavras (ex.: ambas as palavras *cat* e *gato* significam “animal doméstico que mia”, mas apenas a palavra *gato* também quer dizer “alguém que é fisicamente atraente” ou “prolongamento ilegal de um ponto de fornecimento de energia elétrica”). Para tentar dar conta dos significados específicos que muitas palavras têm em determinada língua, mas não em outra, foram propostos modelos como o da Característica Conceitual Distribuída (DE GROOT, 1993), que não vê os conceitos como unidades estanques na memória, mas como representações “distribuídas”, em que cada conceito é, na verdade, um conjunto de atributos conceituais mais elementares. De acordo com esse modelo (Fig. 3), entre duas línguas há pares de palavras que compartilham mais características conceituais e outros que compartilham menos. No exemplo dado na figura, o espanhol *padre* e o inglês *father* têm em comum todas as características conceituais, enquanto *consejo* e *advice* mantêm apenas algumas. De fato, além do sentido de “opinião, sugestão”, que é compartilhado por ambas as palavras, apenas *consejo* é usada para se referir a uma reunião ou grupo deliberativo (ex.: *Consejo de Ministros*, que em inglês é *Council of Ministers*). Por outro lado, apenas *advice* pode ser usada para se referir a um documento sobre acertos legais ou financeiros (ex.: *advice of dispatch*, que em espanhol é *aviso de despacho*).

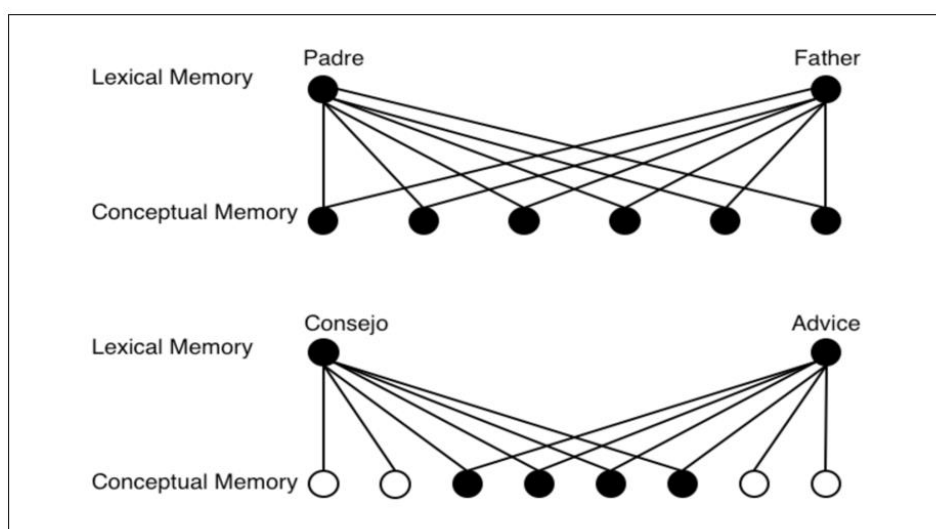


Figura 3 – Modelo de Característica Conceitual Distribuída.
Fonte: adaptado de De Groot, 1993, p. 36.

Os estudos mais atuais sobre o Relativismo Linguístico têm indicado que há conceitos que existem em certas línguas, mas não em outras. Por exemplo, ao comparar narrativas de monolíngues de russo e inglês, Pavlenko (2003) concluiu que a língua russa não só não possui equivalentes para a palavra inglesa *privacy* (privacidade), como também não tem o próprio conceito de privacidade. A virada bilíngue que mencionamos no título da presente seção diz respeito ao fato de as investigações estarem deixando de ser sobre a análise do desempenho do falante nativo monolíngue da língua A em comparação com a do falante nativo monolíngue da língua B para se dedicarem a analisar como bilíngues falantes das línguas A e B categorizam e expressam a sua experiência no mundo quando certos conceitos das suas línguas não são equivalentes. No mesmo estudo mencionado acima, Pavlenko observou que, ao relatarem em russo uma cena de vídeo que mostrava uma situação que poderia ser potencialmente percebida como invasão de privacidade, bilíngues russo-LM/inglês-L2 residentes nos Estados Unidos se utilizaram de *code-switching* e empréstimos lexicais para expressar o conceito em questão, enquanto bilíngues russo-LM/inglês-LE que nunca estiveram num país anglófono jamais comentaram sobre a proximidade espacial entre os personagens do vídeo, nem mesmo ao mais tarde relatarem a cena em inglês. A autora concluiu que o contato mais intenso e prolongado com a língua e a cultura anglófona fez com que os bilíngues residentes nos EUA adquirissem o conceito de privacidade da língua inglesa. O segundo grupo de bilíngues, com menos contato com a LE e nenhuma experiência real com a sua cultura, não tiveram a oportunidade ou a necessidade de adquirir o conceito.

Outros estudos com bilíngues e/ou aprendizes de L2/LE mostraram que quando há uma equivalência parcial entre os conceitos das línguas em contato na sua mente, os bilíngues frequentemente desenvolvem sua própria representação conceitual, que diverge daquela de monolíngues de cada língua. Podemos citar o exemplo da equivalência parcial entre inglês e russo em certos itens do domínio das cores. Em inglês, a categoria *blue* inclui o que em russo são duas categorias: голубой [gəɫʊ'boj] (*goluboy* - azul claro, aproximadamente) e синий ['siɲiɪ] (*siniy* - azul escuro, aproximadamente) (Fig. 4) (ANDREWS, 1994; WINAWER *et al.*, 2007).

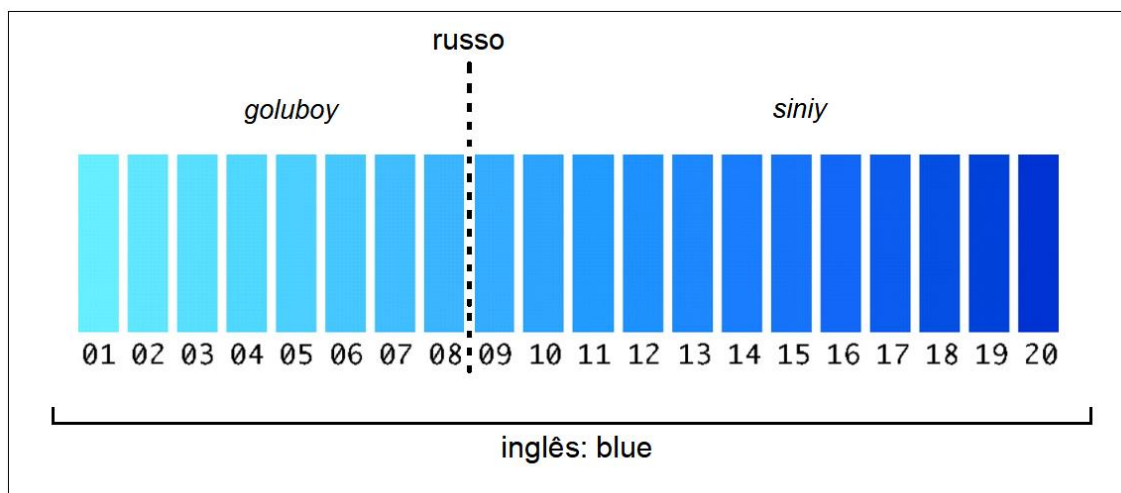


Figura 4 – As duas cores russas para o inglês *blue*.

Fonte: adaptado de Winawer *et al.*, 2007, p. 7781.

Andrews (1994) mostrou que bilíngues russo-LM/inglês-L2 que moravam nos Estados Unidos e tinham inglês como língua dominante estavam perdendo a distinção entre *sinii* e *goluboy*, passando a utilizar, ao falarem russo, a palavra *goluboy* em contextos em que se esperaria que usassem *sinii*. Essa influência dos atributos ou representações conceituais de uma língua sobre a compreensão ou uso de palavras ou estruturas equivalente noutra língua (que nessa outra língua está ligada a um conceito parcial ou totalmente distinto) é o que os pesquisadores chamam de *transferência conceitual*.

Baseando-se nos achados de estudos com bilíngues como os recém citados, Pavlenko (2009) propôs um novo modelo de representação do léxico bilíngue, o Modelo Hierárquico Modificado (Fig. 5), para representar três aspectos não contemplados em modelos anteriores: (1) a existência não apenas de conceitos equivalentes e conceitos (parcialmente) compartilhados entre as línguas, mas também de conceitos que são específicos de uma das línguas; (2) o fenômeno da transferência conceitual, em que certo conteúdo conceitual exclusivo de uma língua é atribuído a uma palavra de outra língua; e (3) a ideia de aprendizagem de LE como reestruturação conceitual, ou seja, um processo gradual no qual o aprendiz vai reformulando suas categorizações conceituais de forma que elas cheguem o mais próximo possível da representação conceitual do falante nativo da língua-alvo – talvez uma versão “cognitivo-conceitual” e whorfiana da teoria da Interlíngua de Selinker (1972).

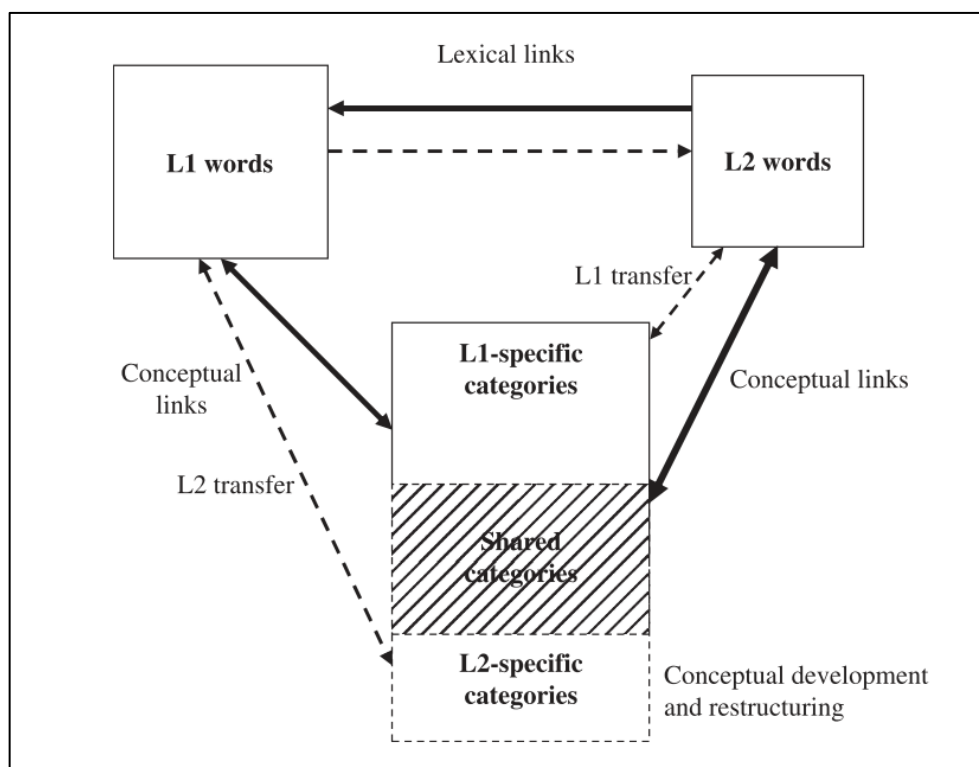


Figura 5 – O Modelo Hierárquico Modificado.

Fonte: Pavlenko, 2009, p.147.

O Modelo Hierárquico Modificado foi claramente desenvolvido sobre o *design* do Modelo Hierárquico Revisado, mas difere dele principalmente pela sua seção inferior, que ilustra a estrutura da representação conceitual na mente bilíngue. Para Pavlenko (2009), há três tipos de relação de equivalência conceitual bilíngue.

No primeiro, a *equivalência conceitual*, elementos lexicais ou gramaticais de duas línguas compartilham a mesma representação conceitual. O efeito dessa equivalência na aprendizagem de L2 é a facilitação da transferência positiva – o aprendiz precisará estabelecer conexões entre palavras da L2 e conceitos já existentes. Em um estudo com narrativas obtidas a partir de um curta-metragem, Pavlenko (2002) descobriu que, ao descreverem um personagem sentindo medo, falantes de russo-LM preferiram verbos reflexivos como испугаться [ɪspʊˈgats̺ə] (assustar-se) e бояться [bɐˈjats̺ə] (sentir medo). Por outro lado, falantes de inglês-LM no mesmo contexto preferiram adjetivos ou participios como *afraid*, *frightened* ou *terrified*. Embora essas escolhas sejam diferentes em estrutura, elas representam o mesmo domínio conceitual MEDO. Num segundo momento, o estudo analisou as escolhas lexicais em L2 de bilíngues inglês-LM/russo-L2 e russo-LM/inglês-L2 e concluiu que os padrões eram os mesmos dos falantes nativos dessas línguas,

indicando uma equivalência conceitual que permitiu que os falantes de L2 incorporassem os novos padrões de descrição de emoções.

No segundo tipo, a *equivalência parcial*, há uma sobreposição dos limites da representação conceitual de certo elemento em cada língua, e apenas parte dela é compartilhada. Neste tipo de relação, ocorre o que Pavlenko chama de aninhamento (*nesting*), isto é, quando uma categoria de uma língua é dividida em duas em outra língua, ou quando uma categoria de uma língua absorve (parcial ou integralmente) duas ou mais categorias de outra língua. Neste caso, a sobreposição parcial (transferência positiva) facilita a aprendizagem, mas também pode dificultá-la quando o aprendiz presume equivalência completa onde não há (transferência negativa). Este é o caso da diferença translinguística conceitual entre o inglês *blue* e os equivalentes em russo e como bilíngues dessas línguas lidaram com isso no estudo de Andrews (1994) citado anteriormente nesta seção. Aqui, para ter sucesso na aprendizagem de determinado item lexical ou gramatical, o aprendiz precisará reestruturar suas representações conceituais.

No terceiro tipo de relação, o de *não-equivalência*, uma categoria conceitual de uma língua não tem correspondente direto na outra língua. Isso dificulta a aprendizagem, pois o aprendiz terá que criar novas categorias, mas também a facilita através da ausência de representações conflitantes. É o que foi observado no estudo de Pavlenko (2003) sobre a falta de equivalência conceitual entre inglês e russo naquilo que em inglês é descrito como *privacy*.

Ao incluir em seu modelo esses três tipos de relações de equivalência conceitual, Pavlenko não só consegue explicar como se dá o desenvolvimento da interlíngua no nível dos conceitos, como também elucida os achados de vários estudos sobre a influência translinguística, como os mencionados nas seções anteriores, corroborando o pressuposto de que as línguas que falamos podem, em alguma medida, influenciar a forma como categorizamos e fazemos sentido da nossa experiência no mundo. Embora não seja um objetivo da presente tese testar o Modelo Hierárquico Modificado, o tomamos como construto teórico que pode ajudar a explicar a transferência conceitual nos padrões de lexicalização de movimento produzidos pelos nossos participantes.

Na próxima seção, revisaremos a tipologia dos padrões de lexicalização de movimento proposta por Talmy (2000), abordaremos a questão da saliência de certos elementos conceituais, mostraremos como essa tipologia se aplica às línguas inglesa

e portuguesa e o que se pode esperar quando falantes de línguas de uma tipologia aprendem línguas de outra.

2.4 A lexicalização de movimento

Na introdução do presente trabalho, apresentamos um exemplo de como falantes de russo e de português poderão diferir um do outro ao comunicar uma futura ida ao supermercado. Para poder expressar tal ideia, o falante de russo terá de optar entre 13 verbos diferentes, o que implicará determinar (ou pelo menos supor) como será tal ida: a pé ou de carro; caminhando ou correndo; com o supermercado como destino final, principal ou apenas uma parada no trajeto para outro lugar etc. O falante de português, por sua vez, não precisará mais do que o verbo *ir*, mas, se quiser, poderá também adicionar complementos tais como *rapidinho*, *correndo*, *ali no* etc.

Imaginemos outra situação comum: um homem atravessa uma rua; quando ele o faz, está correndo. É provável que, ao descrever essa cena, um falante monolíngue de português diga “o homem atravessou a rua correndo”. Um falante monolíngue de inglês, por outro lado, provavelmente dirá “*the man ran across the street*”. Ainda que descrevam fundamentalmente o mesmo evento de movimento, os enunciados dessas línguas diferem significativamente na sua forma. Em português, o verbo principal expressa a trajetória (atravessou) e o modo do movimento é expresso por um gerúndio (correndo), que pode até ser omitido da sentença sem torná-la agramatical. Em inglês, além de nem modo nem trajetória poderem ser omitidos, é o verbo principal que expressa o modo (*ran* – correu), enquanto a trajetória é expressa pela preposição *across* (através).

Investigando diferenças como as citadas acima, Talmy (1985, 1991, 2000a, 2000b) propôs uma tipologia das línguas do mundo de acordo com a forma como elas lexicalizam eventos de movimento. Não é a única proposta de formalização da tipologia de movimento, mas é uma das mais importantes e amplamente utilizadas. Nesta seção, apresentaremos os principais pontos dessa tipologia e discutiremos a sua aplicação às línguas em questão na presente pesquisa.

2.4.1 Verbos e Satélites, Trajetória e Modo: a tipologia de Talmy

A Semântica Cognitiva de Leonard Talmy postula que há uma relação estrita e interdependente entre componentes semânticos e sintáticos nas línguas, de forma que a lexicalização de conceitos e categorias conceituais se dá através de construções gramaticais (sintáticas) que fornecem “uma estrutura conceitual, ou [...] uma estrutura esquelética ou armação²⁶ para o material conceitual que é especificado lexicalmente”²⁷ (TALMY, 2000a, p. 21). Trata-se de uma teoria bastante robusta, e os tipos de eventos de movimento discutidos na presente pesquisa são apenas um dos objetos de análise possíveis.

Talmy publicou uma primeira versão da sua tipologia há mais de 30 anos (TALMY, 1985), como desdobramento da sua pesquisa de doutorado (TALMY, 1972), que comparou os padrões de lexicalização da língua indígena norte-americana atsugewi com os do inglês. Nos anos seguintes, o autor ampliou suas análises para outras línguas e a versão mais recente da sua teoria foi publicada pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) em dois volumes: *Toward a Cognitive Semantics, volumes I and II* (TALMY, 2000a; 2000b). A tipologia considerada na presente revisão bibliográfica diz respeito a essa versão mais recente da teoria, e mais especificamente à parte dedicada à descrição dos padrões de lexicalização de movimento.

Talmy define lexicalização como “a associação direta de certos componentes semânticos com um morfema em particular”²⁸ (TALMY, 2000b, p. 23). O autor investigou dois tipos específicos de elementos gramaticais, a saber, a raiz verbal (um elemento de classe aberta) e o satélite (um elemento de classe fechada) e observou que ambos podem veicular os mesmos componentes semânticos. Como veremos a seguir, o conceito de movimento possui vários componentes, cada um dos quais podendo ser lexicalizado, ou expresso, tanto pela raiz verbal quanto por satélites. Satélites são elementos que estão “em relação de irmandade com a raiz verbal”²⁹

²⁶ Aqui, traduzimos o original *scaffolding* propositalmente como “armação” ao invés de “andaime”, pois Talmy não se refere ao termo *scaffolding* como utilizado pelas teorias socioconstrutivistas de aprendizagem, e que é comumente traduzido como “andaime”. Na verdade, Talmy só usa essa palavra uma vez em seu trabalho, exatamente nessa passagem.

²⁷ No original: “a conceptual framework, or [...] a skeletal structure or scaffolding for the conceptual material that is lexically specified.”

²⁸ No original: “the direct association of certain semantic components with a particular morpheme.”

²⁹ No original: “in a sister relation to the verb root.”

(TALMY, 1991, p. 486) e que alteram seu conteúdo semântico. Para Talmy, é justamente por estarem relacionados ao verbo, e não a um sintagma nominal, que os satélites se diferenciam das preposições. O autor explica:

...um satélite está em construção com o verbo, enquanto uma preposição está em construção com um objeto nominal. Consistente com este fato, quando um Fundo nominal é omitido – como geralmente pode ser quando seu referente é conhecido ou inferível – a preposição que teria aparecido com esse nominal também é omitida, enquanto o satélite permanece. Considere, por exemplo, a frase *He was sitting in his room and then suddenly ran out (of it)*. Se *it* for omitido, a preposição *of* que está em construção com ele também deve ser omitida. Mas o satélite *out*, que está em construção com o verbo *ran*, permanece no lugar³⁰ (TALMY, 2000a, p. 107).

Em inglês, são satélites, por exemplo, as partículas que acompanham os verbos nas construções chamadas *phrasal verbs* (ex.: *go out*, *climb up*, *swim across*). Em outras línguas, entretanto, podem ocorrer como prefixos verbais inseparáveis, como no russo, afixos separáveis ou não, como no alemão, e complementos verbais, como no chinês. Cada língua tem uma ou mais formas preferidas ou padrões para lexicalizar os componentes semânticos, e são esses padrões de lexicalização que formam a tipologia talmyiana.

Talmy (2000b) formalizou sua hipótese tipológica através da análise daquilo que chamou de evento de movimento, uma situação na qual determinado objeto se movimenta em relação a outro, ou permanece estacionário. Para o autor, o Evento de Movimento básico é formado por quatro componentes:

- a. FIGURA (*Figure*): um objeto que se move ou pode se mover;
- b. FUNDO (*Ground*): um objeto de referência estacionário, em relação ao qual observa-se a trajetória ou a localização da FIGURA;
- c. TRAJETÓRIA (*Path*): o caminho que a FIGURA segue ou a posição que ocupa em relação ao Fundo;
- d. MOVIMENTO (*Motion*): a presença de movimento ou localização estacionária da FIGURA.

Talmy ressalta que o componente MOVIMENTO refere-se especificamente ao que chama de movimento de translação, isto é, a situação em que a localização de um

³⁰ No original: "...a satellite is in construction with the verb, while a preposition is in construction with an object nominal. Consistent with this fact, when a Ground nominal is omitted – as it generally may be when its referent is known or inferable – the preposition that would have appeared with that nominal is also omitted, while the satellite remains. Consider, for example, the sentence *He was sitting in his room and then suddenly ran out (of it)*. If the *it* is omitted, the preposition *of* that is in construction with it must also be omitted. But the satellite *out*, which is in construction with the verb *ran*, stays in place."

objeto muda em relação a outro objeto durante um dado período (TALMY, 2000b, p. 26). Ou seja, não se incluem aí outros tipos considerados como movimentos autocontidos, tais como oscilação, rotação, dilatação etc.

Além dos quatro componentes básicos descritos acima, o Evento de Movimento pode estar associado a um Coevento, que é um componente semântico adicional relacionado ao movimento realizado pela FIGURA e que mais frequentemente expressa a noção de MODO³¹, isto é, a forma como o movimento é realizado.

Antes de nos voltarmos aos padrões de lexicalização que formam a tipologia proposta por Talmy, há alguns detalhes sobre o componente conceitual TRAJETÓRIA que merecem atenção. Esse é um elemento central da conceitualização de movimento, pois é através dele que percebemos o movimento translacional da FIGURA em relação ao FUNDO. Para o autor, o componente semântico TRAJETÓRIA é mais complexo que os demais componentes internos do Evento de Movimento, pois é formado por três subcomponentes estruturais distintos (TALMY, 2000b, p. 53):

1. *Vetor*, que inclui os sentidos de chegada, partida e atravessamento da FIGURA em relação ao FUNDO;
2. *Conformação*, um componente que Talmy define como um complexo geométrico que relaciona o movimento da FIGURA ao FUNDO de forma mais precisa (por exemplo, o FUNDO como um recinto – que se pode adentrar, ou uma superfície – sobre a qual se pode deslocar); e
3. *Dêitico*, a noção de deslocamento “em direção a” ou “para longe de”, como nos verbos *ir* e *vir*.

Esses subcomponentes serão retomados nas seções seguintes, quando apresentarmos e discutirmos a lexicalização de movimento em inglês e português.

A tipologia talmyiana analisa a forma como o componente MOVIMENTO é lexicalizado e associado ou não aos outros componentes, inclusive ao Coevento, mas é da posição do componente TRAJETÓRIA na gramática das línguas que emergirão os dois principais padrões de lexicalização propostos.

Tipicamente, é o verbo (mais especificamente a raiz verbal) o elemento gramatical que carrega a noção de MOVIMENTO, e ele pode ainda conter mais um

³¹ Talmy (2000a, 2000b) oferece uma análise exaustiva dos vários componentes de significado que podem ser expressos no Coevento, incluindo, além de MODO, noções como CAUSA, PRECURSÃO, CONCOMITÂNCIA e SUBSEQUÊNCIA. Como os padrões de lexicalização contemplados na presente pesquisa incluem apenas o Coevento mais comum, MODO, decidimos não incluir uma descrição dos demais nesta revisão bibliográfica.

componente, mais frequentemente TRAJETÓRIA ou COEVENTO. Quando um verbo associa MOVIMENTO+TRAJETÓRIA, temos o chamado verbo de trajetória (em inglês, *path verb*), como *entrar*, *sair* e *atravessar* em português e *enter*, *exit* e *cross* em inglês. Quando o verbo combina MOVIMENTO+COEVENTO, no caso das estruturas analisadas nesta pesquisa, temos um verbo de modo (*manner verb*), como *correr*, *rolar* e *pular* em português e *run*, *roll* e *jump* em inglês. É importante notar que, como COEVENTO não é componente interno do Evento de Movimento básico, um enunciado que expresse um evento de movimento com um verbo de modo precisará, necessariamente, ter um elemento gramatical adicional que expresse TRAJETÓRIA, pois este é um componente central e obrigatório do Evento de Movimento. Talmy defende que nesse caso TRAJETÓRIA é lexicalizada através de satélites dos verbos, que em inglês equivalem às partículas que junto com o verbo formam os *phrasal verbs* e que tradicionalmente são classificadas como preposições³²:

(1) Ex.: *He swam across the river.*

No exemplo (1) acima, o verbo *swim* expressa MOVIMENTO+MODO e o satélite *across* expressa TRAJETÓRIA. Sem o satélite, a frase se torna agramatical: **he swam the river.*

Por outro lado, um enunciado que expresse movimento com um verbo de trajetória não precisa de elementos que expressem o coevento MODO, pois o enunciado já contempla todos os componentes internos do Evento de Movimento:

(2) Ex.: *Ele atravessou o rio.*

(3) Ex.: *Ele atravessou o rio nadando.*

(4) Ex.: *Ele atravessou o rio a nado.*

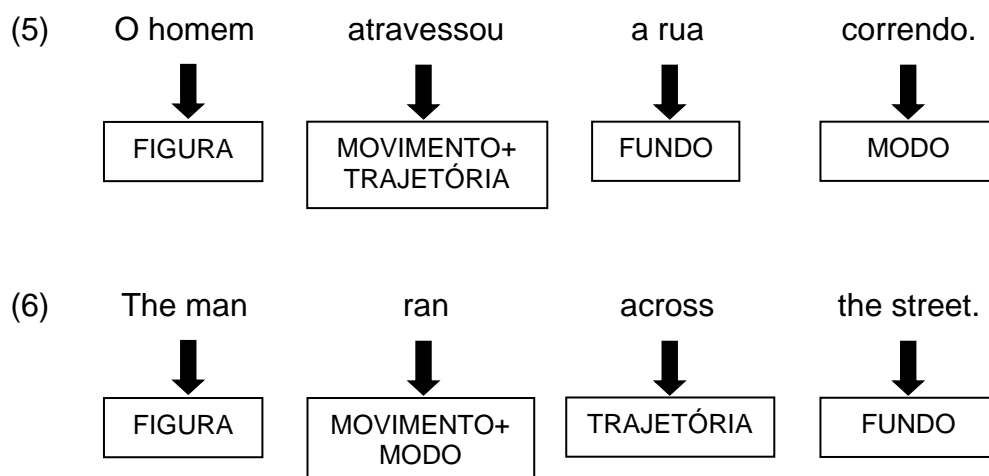
No exemplo (2), o verbo *atravessar* combina MOVIMENTO+TRAJETÓRIA, e em relação a lexicalização do Evento de Movimento, o enunciado já está completo. A depender do contexto, o falante pode querer ou precisar expressar o Coevento, como no exemplo (3), com um verbo adicional no gerúndio, ou como o exemplo (4), com um adjunto adverbial.

Em suas análises, Talmy notou que, embora as línguas frequentemente apresentem tanto verbos de trajetória quanto de modo, cada língua prefere um deles, formando dois grupos principais de línguas conforme o seu padrão mais típico de

³² Talmy rejeita que elementos como *across* sejam preposições, pois estão muito mais ligadas ao verbo do que ao objeto (como explicamos no início desta seção), sendo inclusive possível não incluir objeto nenhum e ainda assim manter a gramaticalidade do enunciado: *he swam across*.

lexicalização de movimento: línguas com *frame* no verbo (LFV, ou línguas-V), que associam MOVIMENTO e TRAJETÓRIA, mapeando-os sobre o verbo principal, línguas com *frame*³³ no satélite (LFS, ou línguas-S), em que MOVIMENTO e MODO são associados e mapeados sobre o verbo, enquanto a TRAJETÓRIA é expressa por satélites. Entre as línguas com o padrão LFV estariam, de acordo com o autor, as línguas românicas, semíticas, o japonês e o tâmil. Já ao tipo LFS incluiria a maioria das línguas indo-europeias (exceto as românicas), as línguas fino-úgricas e o chinês.

Tomando novamente o exemplo citado no início desta seção, temos, abaixo, a classificação de cada constituinte da frase para uma língua-V em (5) e uma língua-S em (6):



Embora Talmy não tenha analisado o português especificamente, ele o classifica, juntamente com as demais línguas românicas, como uma língua-V. No exemplo (5), vemos que os elementos MOVIMENTO e TRAJETÓRIA fundem-se no verbo principal, enquanto o coevento MODO vem expresso num adjunto em forma de gerúndio. Já no exemplo (6), do inglês, temos a fusão de MOVIMENTO e MODO no verbo e a TRAJETÓRIA é expressa na partícula *across*, um satélite do verbo *run*³⁴. Essa tipologia não significa que línguas-V não tenham construções sintáticas com verbos

³³ Talmy (2000b, p. 218) explica que o esquema central (*core schema*) do evento de movimento é o componente TRAJETÓRIA (em inglês, *PATH*), e que as línguas que expressam esse componente no verbo possuem o que chama de *framing verbs*, isto é, verbos que “emolduram” o esquema central. Daí o termo “línguas com *frame* no verbo”. O mesmo vale para as línguas com *frame* no satélite, que tipicamente expressam TRAJETÓRIA através de satélites.

³⁴ Este elemento não é opcional, como no coevento MODO no exemplo (5), mas poderia ser substituído por outras partículas, tais como *along*, *around*, *onto*, alterando a TRAJETÓRIA em relação ao FUNDO.

do tipo MOVIMENTO+MODO com satélites expressando TRAJETÓRIA (por exemplo, em português é possível dizer “ele correu para fora de casa”), nem que línguas-S não tenham verbos do tipo MOVIMENTO+TRAJETÓRIA (por exemplo, em inglês é possível dizer “*he exited the house*”). No entanto, nessas línguas, tais estruturas são marcadas, sendo utilizadas para comunicar sentidos mais específicos ou em contextos menos coloquiais³⁵. Talmy ressalta também que, no caso do inglês, verbos de trajetória como *enter*, *exit*, *circle* e *return* são “em grande parte empréstimos das línguas românicas, onde eles são o tipo característico” (TALMY, 1991, p. 489).

2.4.2 Saliência dos elementos semânticos no Evento de Movimento

Como vimos na seção anterior, enquanto as línguas-S tipicamente expressam MODO e TRAJETÓRIA de movimento, as línguas-V, que também possuem formas de expressá-los, frequentemente omitem o componente MODO. Para explicar por que isso acontece, Talmy propõe uma ideia de saliência, em que, dependendo do tipo de representação linguística de um determinado componente semântico, ele “emerge para o primeiro plano da atenção ou, ao contrário, forma o segundo plano semântico onde atrai pouca atenção direta”³⁶ (TALMY, 2000b, p. 128).

Talmy apresenta seu conceito de saliência através de quatro princípios. O primeiro diz que os componentes semânticos lexicalizados no verbo principal e nos satélites estarão em segundo plano (*backgrounded*), e que os componentes expressos de qualquer outra forma estarão no primeiro plano de atenção (*foregrounded*). O segundo princípio é que os componentes em segundo plano são expressos mais prontamente, ou seja, os falantes os expressam com mais frequência do que quando eles estão em primeiro plano.

Para ilustrar esses dois primeiros princípios, Talmy oferece os seguintes exemplos do inglês reproduzidos em (7):

³⁵ No caso do português, poderíamos supor que existe diferença de sentido entre “ele saiu de casa correndo” e “ele correu para fora de casa”. Já em inglês, o verbo de trajetória *exit* é mais formal e menos frequente do que seus sinônimos formados por verbo de modo e satélite.

³⁶ No original: “emerges into the foreground of attention or, on the contrary, forms part of the semantic background where it attracts little direct attention.”

- (7) a. I went by plane to Hawaii last month.
- b. I flew to Hawaii last month.
- c. I went to Hawaii last month.

(TALMY, 2000b, p. 128, ex. (136))

As frases (7a) e (7b) são equivalentes na quantidade e tipo de informação que transmitem, mas diferem na forma como a lexicalizam: na frase (7a), o uso de uma aeronave como transporte é expresso através de um adjunto adverbial e está, portanto, em primeiro plano; na frase (7b), essa é uma informação inerente ao verbo principal e, portanto, de segundo plano. De acordo com o segundo princípio, o componente MODO (nos exemplos em questão, o uso de meio de transporte aéreo) é provavelmente expresso mais prontamente quando em segundo plano, como no verbo principal de (7b), do que quando lexicalizado em um constituinte de primeiro plano, como o adjunto adverbial de (7a). Note-se que, por estar em um constituinte de primeiro plano, *by plane* é informação extra – o enunciado se manteria gramatical mesmo sem ele, como em (7c).

O terceiro princípio refere-se ao custo cognitivo³⁷ da lexicalização em primeiro ou segundo plano. Conforme explica Talmy,

(o)nde um conceito estiver em segundo plano e, portanto, for prontamente expresso, seu conteúdo informacional pode ser incluído em uma frase com custo cognitivo aparentemente baixo – especificamente, sem muito esforço adicional do falante ou atenção do ouvinte³⁸ (TALMY, 2000b, p. 129).

De volta aos exemplos em (7), a frase (7b), além de expressar o mesmo conceito de movimento translacional da frase (7c), também expressa no mesmo constituinte de segundo plano o fato de o movimento ser realizado por meio de transporte aéreo. Para Talmy, “esse conceito adicional está incluído, por assim dizer, ‘de graça’, pois “(7b)” pode aparentemente ser dita tão prontamente (...) quanto a sentença menos informativa em “(7c)”³⁹ (TALMY, 2000b, p.129).

³⁷ Talmy não chega a explicitar o que entende por custo cognitivo, mas o seu argumento dá a entender que usa o termo como ele é comumente compreendido no contexto da Psicolinguística: o quanto de esforço de processamento é necessário para compreensão ou produção linguística (ANDERSON, 1983; LEVELT, 1989; HARLEY, 2013). Talmy também não menciona a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1986), embora pareça haver alguma relação com ela aqui.

³⁸ No original: “Where a concept is background and thus is readily expressed, its informational content can be included in a sentence with apparently low cognitive cost – specifically, without much speaker effort or hear attention.”

³⁹ No original: “this additional concept is included, as it were, “for free”, in that (b) can apparently be said as readily (...) as the less informative sentence in (c).”

O quarto e último princípio decorre do terceiro, pois afirma que uma língua pode acondicionar mais informações numa mesma frase quando puder lexicalizá-las em constituintes de segundo plano do que outra língua que não permita a expressão de tais informações dessa forma. Talmy exemplifica esse princípio contrastando o inglês e o espanhol nas frases dos exemplos (8) e (9).

(8) The man ran back down into the cellar.

- (9) a. El hombre corrió al sótano.
 b. El hombre volvió al sótano corriendo.
 c. El hombre bajó al sótano corriendo.
 d. El hombre entró al sótano corriendo.

(TALMY, 2000b, p. 128, ex. (137) e (138))

Por ser uma língua-S, o inglês lexicaliza tanto MODO quanto TRAJETÓRIA através de elementos de segundo plano, e sua capacidade de incluir até três satélites em um mesmo enunciado possibilita ao falante expressar prontamente e a um baixo custo cognitivo vários detalhes do movimento de ida ao porão. O verbo de modo informa que o homem realizou o movimento correndo, e os satélites indicam particularidades do percurso, a saber, que o movimento foi de retorno a um ponto inicial prévio (*back*), que começou em um ponto do espaço acima do FUNDO (*down*), que esse FUNDO (o porão) constituía um recinto e que o movimento se originou fora dele (*into*). Por outro lado, línguas-V como o espanhol e o português tipicamente lexicalizam TRAJETÓRIA através de um elemento de segundo plano, o verbo principal. Isso faz com que apenas um dos componentes em (8) possa ser expresso em segundo plano; todas as outras informações sobre o movimento estarão em componentes de primeiro plano, como gerúndios e sintagmas preposicionais. Pelo quarto princípio proposto por Talmy, informações em primeiro plano não são prontamente incluídas e, na verdade, tentar incluir numa mesma frase em espanhol todos os componentes expressos na frase inglesa em (8) resultaria em um enunciado pouco natural, senão agramatical⁴⁰.

⁴⁰ Em português, também seria possível dizer “o homem correu de volta para dentro do porão”, um enunciado com padrão de lexicalização muito próximo ao do inglês, embora ainda falte um dos componentes de TRAJETÓRIA. Talmy não explorou essa possibilidade provavelmente porque a lexicalização de MODO no verbo principal não é o padrão típico das línguas-V e, portanto, é muito menos comum do que expressar TRAJETÓRIA no verbo e MODO em elementos de primeiro plano.

A ideia da saliência proposta por Talmy mostra que a diferença nos padrões de lexicalização entre línguas-S e línguas-V não se resume apenas a quais componentes conceituais são lexicalizados em quais classes gramaticais. Se assim o fosse, uma língua-V e uma língua-S sempre expressariam a mesma quantidade de informação em eventos de movimento, diferindo apenas no fato de uma preferir expressar MODO no verbo principal e a outra preferir TRAJETÓRIA. Ao demonstrar que há elementos cognitivamente menos custosos e mais prontamente expressos do que outros, Talmy explica por que línguas-S conseguem expressar (e normalmente expressam) mais informações sobre um mesmo evento de movimento do que as línguas-V.

Slobin (1991; 1996; 2004; 2006) também explorou a questão da saliência de componentes conceituais na lexicalização de movimento, como parte da sua abordagem *Thinking for Speaking*, mas sob uma perspectiva um pouco diferente. Para esse autor, existe um *continuum* de níveis de saliência de MODO que abrange tanto as línguas-V quanto as línguas-S. Independentemente do seu padrão de lexicalização, as línguas diferem na quantidade de informação sobre MODO que é tipicamente lexicalizada:

Em línguas de alta saliência de modo, os falantes fornecem informações sobre modo regularmente e com facilidade ao descreverem eventos de movimento, enquanto em línguas de baixa saliência de modo a informação sobre modo é fornecida apenas quando modo é colocado em primeiro plano por algum motivo⁴¹ (SLOBIN, 2004, p. 250).

A alta saliência de MODO se deve, de acordo com Slobin (2004; 2006), ao fato de que línguas com alta saliência parecem ter um léxico maior e mais diverso em termos de verbos de modo e porque elas reservam um *slot* de segundo plano para o conceito, fazendo com que ele se torne mais facilmente acessível. Apesar de concordar com a proposta de Talmy sobre os elementos de primeiro e segundo plano, Slobin diz que ela não explica “por que as línguas-V fazem relativamente menos uso de verbos de modo em construções onde eles são permitidos como verbos principais”⁴² (SLOBIN, 2004, p. 27), isto é, por que construções como “correu para dentro” são menos comuns do que as do tipo “entrou (correndo)” mesmo quando a língua as permite e apesar de elas serem cognitivamente menos custosas. Slobin sugere que “o uso da língua-V gera um estilo retórico habitual no qual MODO não é

⁴¹ No original: “In High-manner-salient languages, speakers regularly and easily provide information about manner when describing motion events, whereas in Low-manner-salient languages manner information is only provided when manner is foregrounded for some reason.”

⁴² No original: “why V-languages make relatively less use of manner verbs in constructions where they are allowed as main verbs.”

altamente saliente”⁴³ (SLOBIN, 2004, p. 27). Em outras palavras, o uso contínuo de uma língua que tem léxico menos expressivo para verbos de modo e que precisa de elementos de primeiro plano para expressar MODO predispõe seus falantes a prestarem menos atenção a esse conceito.

Tanto os princípios propostos por Talmy (2000) sobre a saliência dos elementos semânticos, quanto a hipótese de Slobin (2004; 2006) de que há um gradiente de saliência especificamente no conceito de MODO, explicam por que línguas-V tendem a expressar o conceito com menos frequência do que as línguas-S. No entanto, o que nenhum dos autores aborda são os fatores que farão com que falantes de línguas-V *queiram* pagar um preço cognitivo maior para expressar MODO. Na presente pesquisa, supomos que isso tenha relação com a percepção do falante sobre o quão natural é a forma como o movimento é realizado. Se o movimento de uma determinada FIGURA em relação ao FUNDO for percebido como típico ou comum pelo falante, ele tenderá a omitir MODO, não incluindo constituintes de primeiro plano em seu enunciado. Seria o caso do primeiro exemplo deste capítulo (o homem atravessou a rua), em que tal travessia, tendo sido realizada caminhando, é percebida como comum e, portanto, MODO não precisa ser explicitado na frase. Se, por outro lado, o homem realizar a travessia engatinhando, o conceito MODO estará mais marcado na percepção do falante, levando-o a utilizar um elemento de primeiro plano para expressá-la.

Na verdade, se for realmente a percepção do falante sobre uma relativa tipicidade do movimento que o influencie a lexicalizar MODO, esse efeito provavelmente também será observado em falantes de línguas-S como o inglês, que também às vezes omitem MODO, como no exemplo (7c) acima, ainda que menos frequentemente do que os falantes de línguas-V.

Apesar de não ser objetivo deste trabalho testar a hipótese da percepção da tipicidade de MODO e sua influência na lexicalização do conceito, pois ela só surgiu após a nossa reflexão sobre a literatura revisada até aqui e durante a escolha e planejamento do nosso experimento, a consideramos um fator potencialmente importante para a análise dos padrões de lexicalização em inglês e português de monolíngues e bilíngues dessas línguas. Por isso, levamos essa questão em consideração na criação dos estímulos para a tarefa de descrição de vídeo, que

⁴³ No original: “V-language use engenders a habitual rhetorical style in which manner is not highly salient.”

descrevemos em detalhes no capítulo 3, e a abordamos na análise e discussão dos dados como um ponto complementar de investigação.

Na próxima seção, discutimos como a tipologia de Talmy (2000) se aplica ao português, ainda que de um ponto de vista teórico, pois não havia, até a realização da presente pesquisa, descrições sobre a lexicalização de eventos de movimento em português com base em dados de uso da língua em situação experimental com estímulos dinâmicos (*i.e.* vídeos). Também abordamos, na mesma seção, os argumentos do estudo de Meirelles (2019), que refuta a classificação do português como língua-V, e mostramos, à luz de pontos mais avançados da teoria talmyiana, como a tese de Meirelles não se sustenta.

2.4.3 A lexicalização de movimento em português

Embora Talmy tenha analisado, dentre as línguas românicas, o espanhol e o francês, sua pesquisa não traz dados do português. Para o autor, os padrões de lexicalização de movimento são compartilhados pelas línguas de um mesmo grupo, ou seja, o inglês e as demais línguas germânicas são todas línguas-S e o espanhol, o francês e as outras línguas românicas são todas línguas-V. Nos últimos anos, no entanto, alguns trabalhos buscaram descrever a lexicalização de movimento do português⁴⁴, utilizando tanto a tipologia talmyiana quanto as de outros autores, como Jakendoff (1990). O trabalho de Meirelles (2019), uma das publicações mais recentes, questiona a proposta de Talmy e defende que o português apresenta estruturas que o impedem de ser classificado como língua-V. Para a autora, haveria uma diferença entre trajetória e direção que não é contemplada em Talmy (1985, 2000a, 2000b) e que pode ser demonstrada nos verbos de movimento do português. Além disso, essa língua possuiria construções tanto de línguas-V quanto de línguas-S, o que, para Meirelles, põe em xeque o que diz Talmy sobre as línguas românicas serem línguas-V.

Nesta seção, questionamos algumas das afirmações de Meirelles (2019), apontando equívocos não apenas na sua leitura da teoria de Talmy (1985, 2000a,

⁴⁴ Cf. Corrêa e Cançado (2006), Amaral (2011), Santos-Filho (2016a, 2016b), Meirelles e Cançado (2017) e Meirelles (2019).

2000b), mas também na sua análise de alguns enunciados em português e outras línguas. Defendemos que as características descritas por Talmy e exemplificadas com dados do espanhol para identificar línguas-V também se aplicam ao português. Mais adiante, no capítulo 4, apresentamos nossos próprios dados do português, coletados de falantes nativos através de tarefas de descrição oral de estímulos dinâmicos, dados esses que compõem um dos grupos-controle desta pesquisa.

Como vimos na seção 2.4.1, nas línguas-V, como as românicas, o verbo principal carrega os conceitos de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA, enquanto o coevento MODO, quando presente, é expresso em adjuntos. Já nas línguas-S, como as germânicas, o verbo transmite os conceitos de MOVIMENTO e MODO, e TRAJETÓRIA é expressa em satélites. Meirelles (2019) se opõe à tipologia de Talmy, afirmando que o português não pode ser considerado uma língua-V, pois também lexicaliza trajetória através de satélites – padrão típico das línguas-S – mesmo quando os verbos expressam direção. A seguir, apontamos inadequações em alguns dos argumentos da autora e questionamos outros, mostrando que eles não são fortes o suficiente para desbancar a classificação tipológica talmyiana.

Segundo Meirelles, um dos argumentos contra Talmy é que “línguas emolduradas nos verbos frequentemente exibem comportamento de línguas emolduradas nos satélites e vice-versa” (MEIRELLES, 2019, p. 1103). Esse argumento não se sustenta, pois os padrões de lexicalização de movimento descritos por Talmy não estão em distribuição complementar. Ou seja, línguas-S não são as que sempre apenas lexicalizam MODO no verbo e TRAJETÓRIA no satélite, nem línguas-V são as que apenas lexicalizam TRAJETÓRIA no verbo. Para Talmy, o que classifica uma língua como S ou V é o seu padrão de lexicalização *típico* ou mais comum no uso coloquial dessa língua.

A ocorrência de um padrão de lexicalização das línguas-S em uma língua-V (ou o contrário) poderia ser explicado diacronicamente. Segundo Talmy, houve uma mudança tipológica do latim (língua-S) para as línguas românicas modernas (línguas-V). Em latim, o verbo de movimento tipicamente expressa MODO, e satélites na forma de prefixos expressam TRAJETÓRIA. Em seus processos de constituição até sua versão atual, as línguas românicas

desenvolveram um novo sistema de verbos que expressam Trajetória, em vez de restabelecer o sistema de satélites de Trajetória [...] [e] formaram seu conjunto de verbos de Trajetória à sua própria maneira, cunhando diversos novos verbos ou alterando a semântica de verbos herdados, de modo a

preencherem o esquema direcional básico do novo sistema de verbos de Trajetória.⁴⁵ (TALMY, 2000b, p. 118)

Para mostrar como o português não se caracteriza como língua-V, Meirelles (2019) postula que existe uma diferença entre *trajetória* e *direção*. Segundo a autora, em português, o que a literatura chama de “verbos de trajetória” (ex.: entrar, sair, subir, descer *etc.*) são verbos que expressam em sua raiz a direção (*i.e.*, para dentro, para fora, para cima, para baixo *etc.*) e toma, como um de seus argumentos, “um sintagma que representa um dos pontos (o começo ou o fim) da trajetória percorrida pela figura” (MEIRELLES, 2019, p. 1108), como no exemplo abaixo:

(10) O menino entrou na sala.

(MEIRELLES, 2019, p. 1108)

Para Meirelles, em (10), o verbo *entrar* expressa a direção do movimento (para dentro) e tem como objeto o sintagma preposicionado “na sala”, que expressa trajetória. Embora não o faça explicitamente, a autora parece definir *trajetória* como um componente expresso através de um sintagma que contém uma preposição com sentido semelhante ao do verbo (que Talmy chama de Trajetória, mas Meirelles chama de direção) e um nome que expressa o ponto final (ou inicial) do caminho percorrido.⁴⁶

Uma leitura mais atenta do trabalho Talmy esclarece essa questão. Para o pesquisador, embora TRAJETÓRIA “[seja] tratada como um constituinte único, ela é melhor entendida como contendo vários componentes estruturalmente distintos”⁴⁷ (TALMY, 2000b, p. 53). Esses componentes são os mesmos já descritos na seção 2.4.1: Vetor, que indica chegada, partida e atravessamento, Conformação, que define melhor a relação entre FIGURA e FUNDO, e Dêitico, que indica deslocamento “em direção a” ou “para longe de”. Línguas-V podem combinar no verbo os componentes Movimento, Vector e Conformação e, ainda, relacionar o FUNDO ao movimento com uma preposição que expressa novamente o Vetor. Talmy dá o exemplo do espanhol

⁴⁵ No original: “developed a new system of Path-conflating verbs, rather than re-establishing the Path satellite system [...] formed its set of Path verbs in its own way by variously coining new verbs of shifting the semantics of inherited verbs so as to fill out the basic directional grid of the new Path verb system.”

⁴⁶ Segundo a tipologia de Talmy, no exemplo (10), “a sala” equivaleria ao componente FUNDO, o ponto de referência em relação ao qual a FIGURA se desloca.

⁴⁷ No original: “treated as a simplex constituent, it is better understood as comprising several structurally distinct components”

salir de, em que “o verbo significa ‘MOVER-SE A PARTIR DE um ponto que fica no interior (de um recinto)’, enquanto a preposição representa simplesmente o Vetor ‘A PARTIR DE’”⁴⁸ (TALMY, 2000b, p. 56, grifos do autor). Voltando para o exemplo (10), o que ocorre em “entrar na sala” não é que o verbo e a preposição expressem coisas diferentes, como defende Meirelles, mas exatamente o mesmo que o exemplo em espanhol explicado por Talmy: o verbo *entrar* lexicaliza MOVIMENTO e os componentes de TRAJETÓRIA Vetor e Conformação, enquanto a preposição *em* expressa o Vetor “até um ponto” (Fig. 6).

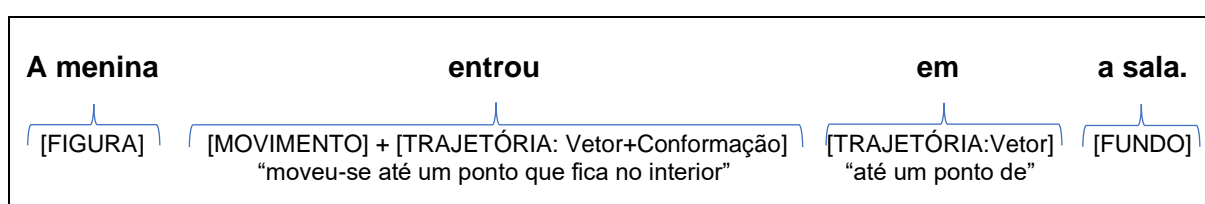


Figura 6. Exemplo de lexicalização dos subcomponentes de TRAJETÓRIA sob a perspectiva de Talmy (2000b).

Em sua discussão sobre as características das línguas-V na tipologia talmyiana, Meirelles traz seus próprios exemplos do português e exemplos do espanhol que Talmy dá para mostrar que as duas línguas não funcionam da mesma forma, como seria esperado se fossem do mesmo tipo. De acordo com a tipologia de Talmy, as línguas-V lexicalizam o componente MODO através de orações subordinadas formadas por verbos no gerúndio. Isso ocorre tanto em espanhol quanto em português, como podemos ver nos exemplos (11) e (12).

(11) espanhol

Entró **corriendo/volando/nadando** a la cueva.

(TALMY, 1985, *apud* MEIRELLES, 2019, p. 1110, ex. (9), grifo da autora)

(12) português

a. O menino entrou em casa **saltitando**.

b. O menino entrou **saltitando** em casa.

(MEIRELLES, 2019, p. 1100, ex. (11b) e (11c), grifo da autora).

⁴⁸ No original: “the verb means ‘MOVE FROM a point of the inside (of an enclosure)’, while the preposition simply represents the Vector ‘FROM’”.

Meirelles afirma que, “[d]e acordo com Talmy (1985), em espanhol, essa oração subordinada deve vir logo após o verbo principal, mas em PB ela pode vir adjacente ao verbo principal” (MEIRELLES, 2019, p. 1111), e exemplifica com as frases (12a) e (12b). No entanto, no trabalho mais recente de Talmy (TALMY, 2000b), que Meirelles também utiliza como referência, o autor não apenas menciona a possibilidade de a oração subordinada com gerúndio vir imediatamente após o verbo ou ao final da frase em espanhol, como também dá os exemplos mostrados em (13a) e (13b). Ou seja, português e espanhol podem ter exatamente os mesmos padrões de lexicalização de MODO.

(13) espanhol

- a. La botella salió de la cueva **flotando**.
- b. La botella salió **flotando** de la cueva.

(TALMY, 2000b, p. 224, ex. (4a) e (4b), grifo nosso.)

Outro ponto da tipologia talmyiana que é questionado por Meirelles é o conceito de satélite. Como explicamos no início desta seção, Talmy distingue satélites de preposições pelos elementos aos quais essas duas categorias se relacionam; enquanto os satélites estão atrelados ao verbo, as preposições se conectam a um objeto, formando um sintagma preposicionado. Meirelles se apoia nos exemplos dados por Beavers, Levin e Tham (2010), e reproduzidos abaixo, para argumentar que a definição de satélite proposta por Talmy não se sustenta.

(14)

- a. I ran out of the house.
- b. It was out of the house that I ran, not into the house.
- c. *It was out that I ran of the house, not into the house.

(BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010, p. 338 *apud* MEIRELLES, 2019, p. 1113)

Na tipologia de Talmy, *out* em (14a) seria um satélite do verbo *ran*, enquanto *of* seria a preposição do sintagma *of the house*. Para Beavers, Levin e Tham (2010), ao transformarmos a frase em questão para um formato do tipo *cleft sentence*⁴⁹ (14b),

⁴⁹ Em português, às vezes chamado “sentença clivada”.

fica evidente que *out of the house* forma um único sintagma preposicionado; ao separarmos *out* de *of the house*, a frase se torna agramatical (14c).

Novamente, uma leitura mais aprofundada da tipologia de Talmy esclarece a questão e invalida o argumento de Meirelles (2019) e, por conseguinte, o de Beavers Levin e Tham (2010). Primeiramente, esses autores não atentaram para o que Talmy chamou de propriedades posicionais (TALMY, 2000b, p. 107), que se resumem a três regras de posicionamento dos satélites livres⁵⁰:

1. O satélite precede a preposição, se houver uma (como nos exemplos (14a) e (14b) acima);
2. O satélite pode tanto ir antes ou depois de um sintagma nominal que não tiver preposição (ex.: *I dragged away the trash.* / *I dragged the trash away*), mas tende a ir depois do sintagma nominal se essa posição o colocar diretamente antes de outra preposição (ex.: *I dragged the trash away from the house*);
3. O satélite deve ir depois de um sintagma nominal pronominal se este não tiver preposição (ex.: *I dragged it away from the house*).

Ou seja, pela primeira regra, a frase do exemplo (14c) de Beavers, Levin e Tham (2010) é agramatical não porque *out of the house* é um único sintagma preposicionado, mas porque a presença da preposição *of* no sintagma *of the house* obriga o satélite *out* a se posicionar imediatamente antes dela. Entretanto, há ainda mais um detalhe discutido por Talmy e que diz respeito a expressões como *out of*. Existem algumas formas que se comportam de maneira híbrida e formam “uma nova (e talvez rara) categoria gramatical – uma versão coalescida de um satélite mais uma preposição”⁵¹ (TALMY, 2000b p. 108), que o autor chama de satélite-preposição ou *satprep*. Além de *out of*, outros exemplos do inglês incluiriam *through* (ex.: *The sword ran through him*) e *up* (ex.: *There was a stairway to the second floor. I went up it*).

Por último, um outro argumento posto por Meirelles (2019) como evidência contra a classificação do português como língua-V é o fato de essa língua possuir mais verbos de movimento que lexicalizam MODO do que verbos que lexicalizam TRAJETÓRIA (de acordo com a autora, 22 e 17 verbos, respectivamente). Aqui, valem

⁵⁰ Satélites podem ser afixos presos, como os prefixos verbais do russo, ou livres, como as partículas dos *phrasal verbs* ingleses (TALMY, 2000b, p. 102).

⁵¹ No original: “...a new (and perhaps rare) grammatical category – a coalesced version of a satellite plus a preposition...”.

três considerações. Em primeiro lugar, esses 39 verbos mencionados pela autora foram reunidos sem menção ao método de coleta em um breve trabalho de conclusão de curso (AMARAL, 2010), e ainda que fossem representativos da proporção entre os verbos de trajetória e de modo, a diferença não pareceria muito expressiva. Em segundo lugar, o componente TRAJETÓRIA do evento de movimento é muito menos produtivo do que o coevento MODO – quer dizer, há menos formas diferentes de expressar TRAJETÓRIA, que são condicionadas pela percepção espacial de deslocamento da FIGURA em direção ao FUNDO, do que formas de expressar MODO, que no caso de línguas como o português e o inglês, podem ser praticamente qualquer verbo que expresse movimento autocontido (ex.: dançar, rolar, correr, pular, saltitar, sacudir, tremer, voar etc.). Finalmente, o número de verbos de trajetória ou modo não é critério para a classificação de uma língua V ou S. O fator determinante é a forma mais típica de expressar movimento, isto é, o seu padrão de lexicalização de eventos de movimento, como foi discutido até aqui.

Como a presente tese investiga como bilíngues português-LM/inglês-LE expressam eventos de movimento em inglês, partimos do pressuposto de que essas duas línguas possuem padrões diferentes de lexicalização. Entretanto, Talmy (1985, 1991, 2000a, 2000b) não analisou dados do português, e o trabalho de Meirelles (2019) não apresentou argumentos fortes o suficiente para refutar a classificação de Talmy. A tipologia talmyana ainda é a mais completa e a que parece explicar melhor as diferenças entre os padrões de lexicalização de línguas como inglês e português, motivo pelo qual a utilizamos como principal arcabouço teórico para analisar os dados da presente pesquisa. A fim de preencher a lacuna representada pela falta de estudos que apliquem a tipologia de Talmy a dados de uso do português, decidimos realizar coletas de dados com falantes de português que não falam línguas-S, a fim de compor um grupo-controle que nos permitirá comparar de forma mais detalhada e controlada os padrões de lexicalização em português-LM, inglês-LM e o de bilíngues de português-LM/inglês-LE. Os detalhes dos procedimentos adotados são descritos no Capítulo 3.

Na próxima seção, abordaremos alguns estudos sobre a lexicalização de movimento e aprendizagem de LE/L2, particularmente nos contextos em que falantes nativos de línguas-V aprendem línguas-S.

2.4.4 Aprendizagem de LE/L2 e a lexicalização de movimento

A lexicalização de movimento em bilíngues é um tema de pesquisa relativamente recente. Até os anos 1990, os trabalhos se concentravam em comparar grupos de monolíngues de duas ou mais línguas. Como discutimos na seção 2.3, as últimas décadas têm testemunhado uma virada bilíngue nos estudos sobre a interface língua-cognição, com várias pesquisas investigando como o uso de mais de uma língua afeta processos cognitivos como percepção, atenção e memória, e como a mente de aprendizes de LE/L2 reorganiza suas categorias conceituais e gramaticais para dar conta de discrepâncias nas formas como as línguas recortam e expressam a experiência dos falantes no mundo.

Pavlenko (2014) é a principal obra de referência sobre a cognição bilíngue. Neste livro, Aneta Pavlenko sistematiza o conhecimento acumulado sobre o tema e dedica um dos capítulos a uma revisão bibliográfica da pesquisa sobre o conceito de movimento. Nele são discutidas as principais abordagens teóricas à questão – sendo a de Leonard Talmy a mais proeminente –, são revisados os achados de diversos estudos nos mais diversos contextos de bilinguismo, e um olhar é dado à influência translinguística na aprendizagem de línguas de uma tipologia por falantes nativos de línguas de outra tipologia, ponto este que abordaremos nesta seção.

No que tange à aprendizagem de uma língua-S por falantes de uma língua-V, Pavlenko organizou sua revisão de acordo com os principais efeitos ou fenômenos encontrados nos estudos: transferência conceitual da LM, internalização de novas categorias conceituais, influência translinguística bidirecional e convergência conceitual.

A tipologia talmyiana prevê que uma transição de línguas-V para línguas-S é mais desafiadora do que o contrário, pois os aprendizes precisam adquirir o hábito de prestar atenção ao MODO do movimento e lexicalizá-lo com formas linguísticas e em situações onde suas LM não exigiriam. E é isso que se tem observado nos estudos, como Cadierno (2010), que mostrou que os participantes que eram aprendizes de dinamarquês-L2 e falantes de espanhol-LM favoreceram construções com verbos que não lexicalizaram MODO em uma tarefa de descrição de figuras, enquanto falantes nativos de dinamarquês usaram principalmente verbos de modo com satélites de trajetória. Os aprendizes de L2 desse estudo também diferiram dos falantes nativos

de dinamarquês em tarefas de produção de vocabulário, gerando significativamente menos verbos de modo, e em tarefas de reconhecimento de vocabulário, onde reconheceram significativamente menos verbos de movimento. Em outro estudo, Filipovič (2011) descobriu que, em uma tarefa de reconhecimento com cliques de vídeo, mesmo bilíngues precoces espanhol-inglês demonstram menos sensibilidade ao componente MODO do que os monolíngues de inglês. Como MODO é um constituinte de primeiro plano nas línguas-V e de segundo plano nas línguas-S, torna-se cognitivamente mais custoso para aprendizes como os dos estudos mencionados conseguirem performar na língua-alvo usando o padrão de lexicalização próprio dela. A tendência é ignorar o componente MODO ou expressá-lo com formas transferidas da LM.

No entanto, Pavlenko (2014, p. 143) observa que a internalização de novas categorizações conceituais de movimento por aprendizes de L2 não é impossível. Daller, Treffers-Daller e Furman (2011) descobriram que bilíngues turco-alemão na Alemanha aprenderam a ignorar uma restrição na lexicalização de eventos em turco-LM e, ao usarem alemão-L2 em uma tarefa de narrativa, não diferiram de falantes alemão-LM no uso de verbos de modo. Lemmens e Perrez (2010) analisaram textos de aprendizes de holandês-L2 falantes de francês-LM e, através de uma análise quantitativa das ocorrências de verbos e de uma análise qualitativa de erros, concluíram que esses aprendizes estariam começando a internalizar as principais diferenças conceituais entre francês e holandês em alguns tipos de verbos de movimento.

Outro efeito observado na aprendizagem de línguas-S por falantes de línguas-V é a influência bidirecional, isto é, quando os falantes exibem não só influência de categorias conceituais das LM na L2/LE, como também sua performance nas LM é influenciada pela L2/LE. Em sua análise de descrições de eventos de movimento de bilíngues espanhol-inglês, Hohenstein, Eisenberg e Naigles (2006) observaram que os seus participantes usaram significativamente mais verbos de modo em espanhol-LM do que os monolíngues de espanhol (ou seja, influência da L2 na LM) e mais verbos de trajetória em inglês-L2 do que falantes de inglês monolíngues de inglês (isto é, influência da LM na L2).

A convergência conceitual se dá quando o bilíngue exhibe, em uma ou todas as suas línguas, padrões de categorização conceitual que não são os esperados nem nas LM nem na L2, constituindo-se, portanto, em padrões próprios dos sujeitos

bilíngues (PAVLENKO, 2014). Em sua pesquisa sobre a lexicalização de movimento por bilíngues japonês-LM/inglês-LE, Brown e Gullberg (2010) descobriram que os bilíngues diferiam tanto dos monolíngues de japonês quanto dos de inglês na quantidade de expressões de TRAJETÓRIA por sintagma verbal, na forma de lexicalizar esse componente conceitual e no ponto de vista tomado nos gestos utilizados durante suas narrativas.

Quando iniciamos a presente pesquisa de doutoramento, em 2018, não havia nas principais plataformas de publicações acadêmicas nenhum trabalho sobre a lexicalização de movimento por bilíngues português-LM/inglês-LE. Desde então, um primeiro trabalho surgiu na forma de dissertação de mestrado. Mengali (2021) partiu do pressuposto de que português e inglês de fato possuem tipologias diferentes no domínio conceitual MOVIMENTO, como postula Talmy, e realizou um estudo em formato quase experimental intervencionista em que dois grupos de aprendizes de inglês-LE realizaram atividades e testes ao longo de 10 horas-aula. Um dos grupos recebeu instrução explícita sobre as diferenças conceituais entre LM e LE na expressão de eventos de movimento e *feedback* sobre seu desempenho nas atividades didáticas propostas. O outro grupo realizou as mesmas atividades, mas sem receber qualquer instrução ou *feedback* sobre a diferença entre as línguas no domínio conceitual em questão. Através da codificação e quantificação dos verbos utilizados pelos participantes, o estudo concluiu que o grupo que recebeu instrução explícita sobre o padrão de lexicalização de movimento do inglês performou nessa LE de forma mais próxima à de falantes nativos.

Embora o estudo de Mengali (2021) seja inovador por ser o primeiro a testar a aprendizagem de padrões de lexicalização de movimento do inglês por falantes de português, ele possui pelo menos duas limitações importantes que poderiam desafiar a generalizabilidade e até a validade dos resultados obtidos. Em primeiro lugar, os estímulos utilizados nas tarefas eram figuras⁵², ou seja, estímulos estáticos, em que o movimento pode apenas ser inferido. Em segundo lugar, os participantes do estudo possuíam nível básico (CEFR⁵³ A2) em inglês, e isso significa que provavelmente não tivessem em seu léxico ou não conseguissem ativar em sua produção oral as partículas de trajetória e verbos de modo do inglês. Dos onze verbos de modo

⁵² Retiradas de Cadierno (2010).

⁵³ Quadro Comum Europeu de Referência para as línguas, em inglês CEFR – Common European Framework of Reference (COUNCIL FOR CULTURAL COOPERATION, 2009).

esperados (*run, fly, crawl, dive, dash, flip, tumble, creep, leap, sneak, jump*), apenas três são de nível A2 ou inferior⁵⁴ e a maioria (*crawl, dash, flip, tumble, creep, leap, sneak*) são nível C1 e C2. Além do mais, a intervenção através de instrução explícita contemplou os mesmos onze verbos que seriam necessários nos testes. Poderíamos supor, então, que o desempenho melhor dos aprendizes que receberam instrução se limite ao léxico estudado, tomado como expressões formulaicas, e não como padrão de lexicalização que abrange outros verbos. Em outras palavras, o design do estudo do Mengali criou um viés sobre os resultados do processo de aprendizagem, pois a instrução explícita tinha apenas os verbos que eles precisariam para os testes. Os aprendizes não mostraram ter adquirido o padrão de lexicalização, mas apenas que aprenderam a usar os verbos específicos que lhes foram ensinados. Para constatar a aprendizagem do padrão da língua-S, seria necessário averiguar a extensão do léxico pertinente dos aprendizes nessa língua e testar o seu uso em tarefas que incluíssem verbos que eles soubessem, mas que não tivessem sido utilizados na instrução explícita.

2.4.5 Fatores que afetam o desempenho bilíngue no domínio de movimento

De acordo com Pavlenko (2014, p. 22; 155), pelo menos cinco fatores podem afetar a forma como os bilíngues lidarão com as diferenças translinguísticas conceituais das suas línguas no domínio “movimento”. São eles:

- idade de aquisição (*i.e.*, com que idade a pessoa começou a aprender a L2);
- contexto de aquisição (por exemplo, se a pessoa aprendeu a língua em contexto natural, formal ou misto);
- tempo de exposição (*i.e.*, o tempo em que a pessoa viveu em contexto de imersão na L2);
- nível de proficiência na LE/L2 (*i.e.*, o seu nível interlinguístico geral na L2, geralmente classificado de acordo com o CEFR);

⁵⁴ Cf. <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/wordlists/oxford3000-5000>. Acesso em: 15 setembro 2023.

- a dominância linguística (*i.e.* “o nível geral de ativação linguística que cria a impressão de fluência e facilidade de ativação do léxico e processamento sintático”⁵⁵ (PAVLENKO, 2014, p.23), e que pode variar de acordo com os domínios de uso de cada língua, como proposto por Grosjean (1997)).

Quanto aos fatores idade de aquisição, contexto de aquisição e tempo de exposição, a literatura mostra que bilíngues precoces são mais propensos a exibir influência da L2 na LM, como observado no estudo de Hohenstein, Eisenberg e Naigles (2006) sobre lexicalização de eventos de movimento, em que bilíngues precoces apresentaram influência translinguística lexical da L2 para a LM, mas nenhum outro tipo de influência no domínio analisado, enquanto bilíngues tardios apresentaram influência bidirecional tanto no nível lexical quanto no gramatical. Como os estudos geralmente analisam falantes que migraram quando crianças para um país onde a L2 é a língua dominante e a LM é pouco ou não usada, os fatores dominância linguística e contexto de aquisição também estão relacionados.

Ainda sobre o contexto de aquisição, os estudos revisados por Pavlenko (2014) sobre a lexicalização de movimento em línguas aprendidas após as LM são todos em contexto L2, onde o falante está imerso numa sociedade que fala a LA. A presente pesquisa investigou um outro contexto de aquisição: os bilíngues-alvo da pesquisa são brasileiros falantes nativos e dominantes em português e que aprenderam inglês como LE (ou seja, tardiamente e em ambiente formal) no Brasil. Nesse contexto, a menor exposição à LE e o fato de a LM ser dominante são fatores que provavelmente impedem ou diminuem substancialmente as chances de transferência LE→LM. E esses mesmos fatores farão com que os bilíngues se apoiem mais em sua LM na aprendizagem e uso da LE, levando à transferência LM→LE, como mostramos em nossa investigação sobre o uso de *phrasal verbs* em inglês por bilíngues português-LM/inglês-LE (FERREIRA, 2018), que demonstrou que o português tem construções do tipo *phrasal verb* e que os bilíngues percebem a similaridade translinguística entre suas línguas e a usam para facilitar a compreensão (transferência positiva), mas também passam a presumir outras similaridades que não existem, levando à transferência negativa ou evitação de construções da LE alvo.

De acordo com Jarvis e Pavlenko (2010), a relação entre proficiência em L2 e transferência LM→L2 é complexa, e a literatura apresenta resultados variados, com a

⁵⁵ No original: “Overall level of language activation that creates the impression of fluency and ease of lexical retrieval and syntactic processing”.

transferência aumentando, diminuindo, permanecendo igual ou instável conforme aumenta a proficiência em L2. Além disso, outros fatores, como a similaridade translinguística, também podem influenciar essa relação. Os autores também destacam a confusão em torno da questão da proficiência, por causa das diferenças nos métodos de avaliação, das variações nos níveis de proficiência estudados e as diferentes áreas de aquisição e uso da língua que são examinadas.

Em relação à lexicalização do movimento, Pavlenko (2014) cita dois estudos. Em um deles, de Vermeulen e Kellerman (1998), verificou-se que o nível de proficiência influenciou a expressão de causalidade por falantes de holandês-L1 em inglês-L2. No outro, Gor *et al.* (2009) documentaram uma correlação positiva entre nível de proficiência e a precisão no julgamento de verbos de movimento em russo-L2.

Na nossa pesquisa, os participantes aprenderam inglês quando adolescentes ou adultos em contextos formais no Brasil. Todos residiam no Brasil, onde a sua LM português é a língua dominante. Seus níveis de proficiência foram avaliados através de um mesmo teste de nivelamento, agrupando-os em três níveis: básico (A2), intermediário (B1-B2) e avançado (C1-C2). A falta de estudos anteriores em condições semelhantes acrescenta um viés exploratório à nossa pesquisa.

Será que um contexto de LE, onde a exposição à língua é muito menor, também possibilita a reestruturação das representações conceituais na mente bilíngue e a consequente internalização de novas categorias conceituais? Essa é uma questão ainda não respondida e que nossa pesquisa investiga através da análise das produções de bilíngues português-LM/inglês-LE com diferentes níveis de fluência.

3 Metodologia

Existem diversas formas de pesquisar categorização linguística e padrões de lexicalização. Pode-se utilizar um paradigma metodológico de palavras fora de contexto, como em experimentos de *priming*, ou um paradigma de palavras em contexto, com o uso, por exemplo, de narrativas ou descrições. As tarefas podem ser orais ou escritas, incluir testes impressos ou em computador, gravações de áudio ou vídeo e ter ou não distratores.

No caso de pesquisas sobre eventos de movimento e sua categorização conceitual e lexicalização, os estímulos para as tarefas podem ser estáticos (ex.: fotos e figuras) ou dinâmicos (ex.: vídeos e animações). Esses últimos podem ser cenas isoladas criadas especialmente para o estudo ou trechos tirados de produções cinematográficas ou desenhos animados. As tarefas podem ser de narrativa (quando o participante (re)conta uma história a partir do estímulo), de descrição (quando o participante é levado a prestar atenção ao evento de movimento mostrado no estímulo e descrevê-lo) ou de julgamento (quando, a partir da sua percepção do estímulo, o participante faz escolhas dentre opções dadas pelo pesquisador).

Existem, também, diversas variáveis que podem ter que ser consideradas, tais como idade e nível de escolaridade, locais de origem e de residência e, no caso de estudos sobre a cognição bilíngue e a aprendizagem de línguas, fatores como nível de proficiência, tempo e contexto de exposição, idade de chegada e saída (no caso de sujeitos imersos no ambiente onde sua LA é usada), conhecimentos de outras línguas etc. Esses dados auxiliares ajudam a delimitar as amostras e a compreendermos os resultados.

Cada decisão metodológica permitirá tipos específicos de análise ao mesmo tempo que imporá restrições ou limitações ao estudo. Neste capítulo, descrevemos o *design* da presente pesquisa, os participantes e o processo de coleta e análise de dados. A metodologia apresentada aqui foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas através do Parecer Consubstanciado nº. 5.825.360 (CAAE 66007422.0.0000.5317).

3.1 O design e as etapas da pesquisa

A presente pesquisa investigou como bilíngues português-LM/inglês-LE lexicalizam eventos de movimento e de que forma se assemelham ou diferem dos falantes monolíngues de cada língua. Trata-se de um estudo de natureza dedutiva, pois partimos de teorias já estabelecidas sobre padrões de lexicalização de movimento (TALMY, 2000), aprendizagem de segunda língua (SELINKER, 1972) e influência translinguística conceitual (JARVIS e PAVLENKO, 2010) e, a partir delas, propomos hipóteses sobre o conceito MOVIMENTO na mente bilíngue português-LM/inglês-LE e buscamos testá-las com dados inéditos.

Para dar conta dos objetivos estabelecidos na seção 1.4.2, julgamos necessário adotar uma abordagem mista (qualitativa-quantitativa). A primeira hipótese, sobre a ocorrência ou não de influência translinguística LM→LE no domínio conceitual escolhido, exigiu primeiramente uma investigação mais qualitativa, de identificação dos tipos de construções utilizados pelos bilíngues nas tarefas, e depois a quantificação as ocorrências dos vários padrões encontrados e testes estatísticos de comparação entre os bilíngues e os grupos-controle. Já a segunda hipótese, sobre a relação entre nível de proficiência e o desempenho dos bilíngues ao descreverem movimento em sua LE, demandou comparações estatísticas entre grupos e subgrupos e entre os contextos utilizados no experimento, ainda que também tenha sido necessário discutir aspectos mais qualitativos relacionados à natureza dos eventos mostrados nos estímulos e a forma como os participantes reagiram a eles. A terceira hipótese, sobre os bilíngues exibirem padrões de lexicalização diferentes dos monolíngues de cada uma de suas línguas, requereu uma investigação qualitativa da forma como cada grupo usa, omite ou combina diferentes elementos ao expressarem

movimento, complementada pelos resultados dos testes feitos para as outras hipóteses.

Quanto ao método de análise dos dados, esta pesquisa pode ser classificada como exploratória e explicativa. Exploratória porque buscamos compreender a lexicalização de movimento em bilíngues português-LM/inglês-LE, além de explorar esse domínio conceitual também no português de monolíngues – ambos os grupos pouco estudados até o momento. Explicativa porque, ao analisar a produção dos bilíngues e compará-la com as dos grupos-controle, procuramos explicar como a influência translinguística conceitual atua facilitando ou dificultando o processo de reestruturação da representação conceitual de movimento e o consequente desenvolvimento da interlíngua em direção a uma produção mais próxima da LE alvo.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa quasi-experimental, pois utilizamos uma tarefa de descrição oral de vídeos com estímulos feitos sob medida e uma amostra de participantes selecionada por conveniência, e transversal, porque apesar de investigarmos transferência conceitual em vários níveis de proficiência, o fizemos através de amostras de participantes de níveis diferentes, e não por acompanhamento dos mesmos participantes em seu processo de aprendizagem ao longo de vários níveis. Os dados foram coletados através de uma plataforma online de pesquisa e os procedimentos são descritos em mais detalhes na seção 3.3.

A fase de coleta e análise dos dados foi dividida em três etapas. Na primeira, foram coletados os dados dos dois grupos-controle: o de falantes nativos de português que não falam inglês e o de falantes nativos de inglês que não falam português. Essa etapa incluiu perguntas de histórico linguístico e uma tarefa de descrição de clipes de vídeo, descrita em detalhes na seção 3.3.1.

Na segunda etapa, a coleta principal, os participantes do grupo-alvo (os bilíngues) responderam a perguntas de histórico linguístico e realizaram quatro tarefas: (1) descrição oral em inglês de clipes de vídeo; (2) descrição oral em português de clipes de vídeo; (3) teste de nivelamento em inglês; e (4) tarefa de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês.

Na terceira etapa, de análise, todos os dados obtidos nas foram processados. Para isso, utilizamos um pacote de software para transcrição e análise qualitativa e quantitativa de dados linguísticos, apresentado da seção 3.5.

Na próxima seção, caracterizamos os participantes da pesquisa e descrevemos o método de amostragem.

3.2 Os participantes e o método de amostragem

Como a presente pesquisa teve como foco de investigação a transferência conceitual na lexicalização de eventos de movimento por bilíngues não equilibrados, mais especificamente, pessoas falantes de português-LM que aprenderam ou aprendem inglês como LE no Brasil, foi necessário obter dados também de falantes nativos de cada uma dessas que línguas e que não falassem a outra. Portanto, os participantes do estudo compuseram três grupos: um grupo-controle de falantes nativos de português não fluentes em línguas-S, um grupo-controle de falantes nativos de inglês não fluentes em línguas-V, e um grupo-alvo formado por bilíngues português-LM/inglês-LE.

Considerando os objetivos estabelecidos, os participantes do grupo-alvo (os bilíngues) deveriam ser adultos, brasileiros, residentes no Brasil, falantes nativos apenas de português e que houvessem estudado ou estivessem estudando inglês como LE no Brasil. Como as tarefas em língua inglesa seriam de descrição oral com verbos de movimento e partículas de trajetória, era necessário que os participantes tivessem domínio do léxico relacionado e de tempos verbais no presente e no passado. Por isso, foram incluídos sujeitos com nível CEFR A2 ou superior, que foi estimado através das respostas às perguntas de histórico linguístico e do teste de nivelamento⁵⁶.

Os participantes do grupo-controle de inglês deveriam ser adultos, falantes nativos, residentes em país anglófono, monolíngues ou não fluentes de português ou outras línguas-V. Por sua vez, os participantes do grupo controle de português deveriam ser brasileiros adultos, monolíngues ou sem conhecimentos relevantes de inglês ou outras línguas-S e residentes no Brasil.

Nas seções a seguir, discutimos nossas decisões a respeito do tamanho das amostras e apresentamos o método de recrutamento.

⁵⁶ Na seção 3.4.2 explicamos em mais detalhes a escolha do nível CEFR A2 como o nível mínimo de fluência para a inclusão dos participantes na análise de dados.

3.2.1 O tamanho das amostras

Não existe na literatura sobre eventos de movimento um padrão em relação ao tamanho da amostra, que varia bastante de acordo com o *design* do estudo e as limitações em termos de disponibilidade de potenciais participantes. Dentre as referências utilizadas para a presente pesquisa, o número total de participantes variou de um mínimo de 32, divididos em dois grupos (GULLBERG, 2011) a um máximo de 148, divididos em cinco grupos (FINKBEINER *et al.*, 2002). Em relação ao número de participantes por subgrupo, o grupo-controle de falantes monolíngues de inglês no estudo de Vermeulen e Kellerman (1998) possuía apenas sete participantes (o estudo ao todo possuía 53 participantes), enquanto o estudo de Finkbeiner *et al.* 2002 contou com 67 participantes apenas no grupo de falantes monolíngues de inglês.

No projeto de pesquisa que originou esta tese, a intenção era coletar dados do maior número possível de pessoas e depois triar a amostra e formar subgrupos tendo como modelo um dos estudos anteriores revisados (HOHENSTEIN; EISENBERG; NAIGLES, 2006). Como a pandemia de COVID-19 impôs uma pausa no projeto e depois restringiu as possibilidades e o tempo para a coleta de dados, resolvemos estipular um número mínimo de 30 participantes em cada um dos três grupos (o grupo-controle de falantes nativos de inglês, o grupo-controle de falantes nativos de português não falantes de inglês e o grupo-alvo, de bilíngues português-LM/inglês-LE). Na verdade, teria sido ideal se o grupo-alvo tivesse 90 participantes, 30 em cada subgrupo – com inglês básico, intermediário e avançado), mas a restrição de tempo mencionada acima nos impediu de alcançar esse número. Nossa amostra totalizou 105 participantes: 30 falantes nativos de inglês, 30 falantes nativos de português não fluentes em inglês e 45 bilíngues português-LM/inglês-LE (9 de nível básico, 21 de nível intermediário e 15 de nível avançado).

3.2.2 O grupo-controle de falantes nativos de inglês

Os participantes nativos de língua inglesa foram recrutados através da rede social Facebook. O contato foi feito de forma individual por mensagem de texto na

função Messenger, e as pessoas foram escolhidas em listas de membros de grupos internacionais de discussão relacionados a ciência, universidades e formação acadêmica. O único critério adotado nesta fase inicial de recrutamento foi o de priorizar pessoas que indicassem em seus perfis a sua origem ou local de residência. Isso foi feito para agilizar o contato com participantes que se encaixassem nos requisitos necessários.

Apesar de mais difícil e demorada, a opção por contatar potenciais participantes um a um rendeu melhores resultados de resposta para todos os grupos de participantes. Antes de adotar essa estratégia, duas tentativas de convite público à participação foram feitas nas *timelines* de dois grupos na mesma rede social, mas apesar dos vários acessos contabilizados ao *link* da tarefa, apenas cinco pessoas a completaram, mesmo após duas semanas. Por outro lado, o contato por mensagem privada tornou as abordagens mais individualizadas, fazendo com que as pessoas respondessem ao contato com mais atenção.

Ao longo de seis meses, 386 pessoas de países anglófonos foram contatadas. A cada novo participante computado pelo aplicativo utilizado para a coleta, era feita uma primeira triagem, excluindo da amostra as respostas incompletas (tanto por desistência quanto por problemas técnicos que impediram a gravação das respostas em áudio) e respostas de participantes que se autodeclarassem fluentes em alguma língua-V, ou que não fossem residentes em locais onde o inglês é língua dominante. A coleta continuou até que o número de 30 participantes aptos para o grupo-controle fosse atingido. Das mais de trezentas abordagens, 43 responderam positivamente ao convite de participar da pesquisa e acessaram o *link* fornecido, e 13 deles não foram incluídos no grupo-controle por um ou mais dos motivos mencionados acima.

Os 30 participantes deste grupo-controle tinham apenas o inglês como língua materna, eram oriundos de países anglófonos e residentes nos mesmos países ou em outros países anglófonos. Quanto à sua origem, os participantes eram de seis países diferentes: 16 deles dos Estados Unidos, 6 do Reino Unido, 3 da Nova Zelândia, 2 da Austrália, 2 do Canadá e 1 de Trindade e Tobago. Quanto ao conhecimento e uso de outras línguas, 17 dos 30 participantes foram considerados monolíngues, por não se declararem capazes de se comunicar em outra língua além do inglês. Os outros 13 afirmaram ter conhecimentos básicos em várias línguas, incluindo alemão, chinês, francês, espanhol e galês. Apenas um dos participantes declarou ser fluente em outra língua, alemão, o que não interferiria nos dados da pesquisa, pois se trata de uma

língua-S como o inglês. O Apêndice C contém as informações coletadas com o instrumento auxiliar 1 para cada participante deste grupo.

3.2.3 O grupo-controle de falantes nativos de português

A formação do grupo-controle de falantes nativos de português e a coleta de dados aconteceu simultaneamente à do grupo-controle de falantes nativos de inglês. Embora os dados dos dois grupos-controle sirvam para comparações gerais entre si e entre eles e os dados dos bilíngues, o grupo-controle de português também fornece dados sobre o uso de padrões de lexicalização de movimento obtidos a partir de análise de um uso relativamente natural e espontâneo da língua e, ao mesmo tempo, bastante controlado em termos de estímulo, algo que ainda não havia sido feito em nenhuma pesquisa anterior sobre o português. Ou seja, enquanto os dados de inglês-LM serviram para confirmar o que já se sabe e está amplamente publicado sobre esta língua, os de português-LM são inéditos, pois o que se afirmou até a presente pesquisa sobre a tipologia de movimento dessa língua se baseia em conclusões indiretas, pressupondo que o português se comporta como outras línguas românicas que já foram analisadas mais de perto.

Um total de 223 brasileiros foram contatados individualmente, selecionados aleatoriamente em grupos de discussão acadêmica na rede social Facebook. Aceitaram participar 63 dos contatados, mas oito deles não chegaram a acessar o *link* para a tarefa de vídeo. Das respostas registradas, 25 foram excluídas por estarem incompletas ou por serem de participantes que se declararam capazes de se comunicarem em inglês ou serem falantes nativos de uma língua-S além do português.

Quanto ao histórico linguístico, todos os participantes tinham apenas o português como LM, e 17 deles foram considerados monolíngues, por não se declararem capazes de se comunicar em outra língua além do português. Os outros 13 afirmaram ter conhecimentos de espanhol, francês e libras. Três dos 30 estavam estudando inglês há menos de um ano, dois deles numa segunda tentativa. Outros 16 participantes disseram ter feito cursos de inglês no passado, mas não atingiram

fluência suficiente para se comunicarem. O Apêndice E contém as informações coletadas com o instrumento auxiliar 1 para cada participante deste grupo.

3.2.4 O grupo-alvo de bilíngues português-LM/inglês-LE

O recrutamento dos participantes bilíngues também se deu através do Facebook, mas além de uma seleção aleatória em grupos de discussão acadêmica, também foram abordadas pessoas indicadas pelos participantes do grupo-controle de falantes nativos de português, estudantes do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas e pessoas indicadas por eles. Um total de 70 pessoas foram contatadas, das quais 51 aceitaram participar da pesquisa. Após a triagem para excluir respostas incompletas, a amostra resultante tinha 45 participantes, divididos em três subgrupos de acordo com o nível de proficiência em inglês:

- Nível básico: 9 participantes (um deles com formação em Letras);
- Nível intermediário: 21 participantes (8 deles com formação em Letras);
- Nível avançado: 15 participantes (5 deles com formação em Letras).

O nível de proficiência foi estimado através do instrumento auxiliar 2 (teste de nivelamento de inglês), descrito na seção 3.4.2. Além desse nivelamento, também obtivemos autodeclarações de nível através de questões do instrumento auxiliar 3 (perguntas de histórico linguístico, descritas na seção 3.4.1), em que os participantes indicaram em uma escala de 1 a 10 seu nível nas quatro habilidades linguísticas básicas (escuta, fala, leitura e escrita). Isso foi feito para que pudéssemos fazer uma estimativa mais acurada do nível de proficiência dos participantes. Se o nível obtido no teste de nivelamento fosse muito diferente do que tivesse sido declarado nas perguntas do instrumento auxiliar 3, ou muito aquém da produção oral coletada na tarefa de descrição de vídeo, o participante seria excluído da amostra.

Todos os participantes do grupo-alvo tinham apenas português como língua materna. Vinte e dois deles declaram ter conhecimentos básicos de outra língua (espanhol, italiano, francês ou Libras), mas nenhum dos participantes se sentia capaz de se comunicar em outra LE além do inglês. O Apêndice G contém as informações coletadas com o instrumento auxiliar 1 para cada participante deste grupo.

3.3 Os instrumentos de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados deste estudo incluíram um instrumento principal e três auxiliares. O instrumento principal foi o experimento que nos permitiu investigar os padrões de lexicalização de eventos de movimento dos grupos-controle e grupo-alvo. Como mencionado anteriormente, o experimento utilizado foi uma tarefa de descrição oral de clipes de vídeo. Escolhemos uma tarefa de descrição oral ao invés de escrita, pois ela possibilitaria uma coleta de dados mais próximos de um uso natural da língua, já que nela há menos espaço para a reflexão metalinguística do que em tarefas escritas. Os instrumentos auxiliares foram utilizados para coletar informações que facilitassem a caracterização dos participantes e as comparações que seriam feitas na análise dos dados do instrumento principal. Eram instrumentos auxiliares as perguntas de histórico linguístico, o teste de nivelamento em inglês e a tarefa de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês. A seguir, descrevemos em detalhes cada um dos instrumentos.

3.3.1 Instrumento principal: tarefa de descrição de vídeo

As pesquisas sobre categorização e lexicalização de movimento têm lançado mão de vários tipos de estímulos e tarefas. Muitos estudos utilizaram tarefas de narrativa livre baseada em imagens estáticas, tendo como estímulo as ilustrações do livro *Frog, where are you?* (MAYER, 1969). Trata-se de uma história contada apenas através de ilustrações, em que um menino e seu cachorro saem à procura do seu sapo de estimação, que fugiu enquanto dormiam. Esse livro tem sido utilizado em pesquisas sobre a lexicalização de eventos de movimento desde a década de 1990 (VERMEULEN; KELLERMAN, 1998; CADIerno, 2004; HASKO, 2010; PAVLENKO; VOLYNSKY, 2012). O fato de haver diversos estudos sobre várias línguas com o mesmo estímulo constitui uma vantagem pois facilita a comparação dos dados. Entretanto, alguns autores apontam algumas desvantagens do uso do livro de Mayer (1969) para o estudo de movimento, por exemplo, a possível ambiguidade de uma sequência de imagens estáticas das quais o movimento só pode ser inferido

(SELIMIS; KATIS, 2010) e as dificuldades em utilizar um livro infantil com participantes adultos (BERTHELE, 2008).

Outros estudos preferiram o uso de estímulos dinâmicos, ou seja, vídeos e animações, as quais podem ser retiradas de conteúdos disponíveis, tais como filmes, desenhos animados e seriados, ou filmados especialmente para a pesquisa. Por exemplo, Finkbeiner *et al.* (2002) utilizaram animações 3D especialmente criadas para o seu estudo, enquanto os estudos de Brown e Gullberg (2008, 2010 e 2011) utilizaram como estímulo trechos do desenho animado Canary Row (FRELENG, 1950), com os conhecidos personagens Piu-Piu e Frajola. Berthele (2012) utilizou clipes filmados especialmente para a sua tarefa de descrição de vídeo.

A tarefa de descrição da presente pesquisa foi elaborada com estímulos dinâmicos. Diferentemente de uma tarefa de narrativa, que contém uma sequência de figuras ou um vídeo mais longo que contam uma história, este instrumento teve como estímulos vídeos curtos e não relacionados, nos quais uma pessoa realiza várias ações que incluem movimento (ex.: entrar num elevador caminhando, descer um barranco rolando, atravessar uma rua correndo etc.). Este tipo de estímulo também é comum em estudos sobre movimento (HOHENSTEIN, EISENBERG e NAIGLES, 2006; GULLBERG, 2011; BERTHELE, 2012) e tem como vantagens os fatos de que o foco do vídeo é o evento de movimento e de que as imagens incluem pessoas reais (e não ilustrações) desempenhando ações possíveis em ambientes análogos aos contextos dos participantes e, portanto, familiares a eles.

Para a nossa tarefa de descrição, nos baseamos nos *scripts* dos vídeos de um estudo com falantes de inglês e espanhol (ex.: HOHENSTEIN, EISENBERG e NAIGLES, 2006). Esta escolha se justifica pelo fato de que não há estudos com experimentos em vídeo sobre a lexicalização de eventos de movimento em português e porque o espanhol e o português possuem praticamente os mesmos padrões de lexicalização neste domínio conceitual. No entanto, a presente pesquisa não é uma replicação do estudo mencionado, pois os vídeos utilizados foram filmados especialmente para o nosso instrumento⁵⁷. Além disso, o referido estudo possuía

⁵⁷ Ainda durante a fase de delimitação da metodologia da presente pesquisa, entramos em contato com a autora principal, Jill Hohenstein, para tentar obter os vídeos utilizados em seu estudo. A autora retornou o contato explicando que não possuía mais os vídeos, pois haviam sido gravados em VHS, mas se mostrou bastante solícita ao dar sugestões sobre pontos a considerar na criação de estímulos deste tipo, tais como o ângulo da filmagem, um cenário estático que funcione como referência (FUNDO) para a FIGURA que se move, a possível vantagem de se utilizar um filtro de tons de cinza para não desviar a atenção do informante para aspectos irrelevantes como cores etc.

como foco de análise a transferência gramatical e lexical entre espanhol-LM e inglês-L2, não a influência translinguística no nível conceitual, que é o que nos propomos a investigar na presente tese.

A tarefa de descrição de vídeo da presente pesquisa continha 15 clipes de vídeo com cerca de cinco segundos de duração cada. Os vídeos mostram a FIGURA (um homem) em três lugares ou situações diferentes, realizando uma mesma trajetória de movimento de três formas distintas para cada situação, uma comum ou típica para o contexto, uma menos comum, mas ainda viável, e outra bastante incomum para o contexto criado. Dessa forma, os vídeos expuseram os participantes a eventos de movimento em que o componente conceitual MODO aparece em diferentes níveis de saliência. A Tabela 1 apresenta o *script* de cada um dos vídeos. Os conceitos TRAJETÓRIA e MODO, mostrados em colunas separadas na tabela, são realizados simultaneamente pela FIGURA, caracterizando o evento de movimento.

Tabela 1. Características dos vídeos do instrumento principal de coleta de dados – tarefa de descrição.

Vídeo	FIGURA	FUNDO	TRAJETÓRIA	MODO
T1	um homem	rua	atravessar	caminhar (<i>comum</i>)
T2				correr (<i>menos comum</i>)
T3				saltitar/pular (<i>incomum</i>)
T4	um homem	colina	subir	caminhar (<i>comum</i>)
T5				correr (<i>menos comum</i>)
T6				engatinhar (<i>incomum</i>)
T7	um homem	colina	descer	caminhar (<i>comum</i>)
T8				correr (<i>menos comum</i>)
T9				rolar (<i>incomum</i>)
T10	um homem	elevador	entrar	caminhar (<i>comum</i>)
T11				correr (<i>menos comum</i>)
T12				pular (<i>incomum</i>)

continua

Vídeo	FIGURA	FUNDO	TRAJETÓRIA	MODO
T13	um homem	elevador	sair	caminhar (<i>comum</i>)
T14				correr (<i>menos comum</i>)
T15				pular (<i>incomum</i>)

Os vídeos foram filmados em alta resolução com uma câmera Canon PowerShot SX50 HS. Para diminuir a possibilidade de os participantes se distraírem dos eventos de momento mostrados, os vídeos foram gravados sem som, em preto e branco e com a câmera em posição estacionária. Os ângulos de filmagem foram escolhidos de forma a reproduzirem a perspectiva de um observador que estivesse nos mesmos locais onde acontecem os eventos, e o único elemento em movimento nos vídeos é o homem. Na Figura 7, vemos quadros de uma das tríades de vídeos⁵⁸.



Figura 7. Capturas de três dos vídeos criados para a tarefa de descrição.

Para a coleta de dados, o experimento foi adaptado na forma de um aplicativo para computadores e *smartphones*. Para isso, utilizamos a plataforma *Phonic*⁵⁹, um serviço pago de criação de formulários e pesquisas interativos e remotos que permite a inclusão de vídeos e a captação de respostas em áudio. Na Figura 8, apresentamos uma captura de tela do aplicativo criado para a tarefa de descrição de vídeo em inglês na sua versão para *smartphones*⁶⁰.

⁵⁸ Os vídeos estão hospedados em *playlist* privada e podem ser acessados pelo link <https://youtube.com/playlist?list=PLv-dWfZoyjRBjkwYLiN0Tq54KrRoyJZMW>.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.phonic.ai/>. Acesso em: 6 jun 2021.

⁶⁰ No Apêndice A, apresentamos capturas de todas as partes do formulário nas versões para o grupo controle de inglês e de português.

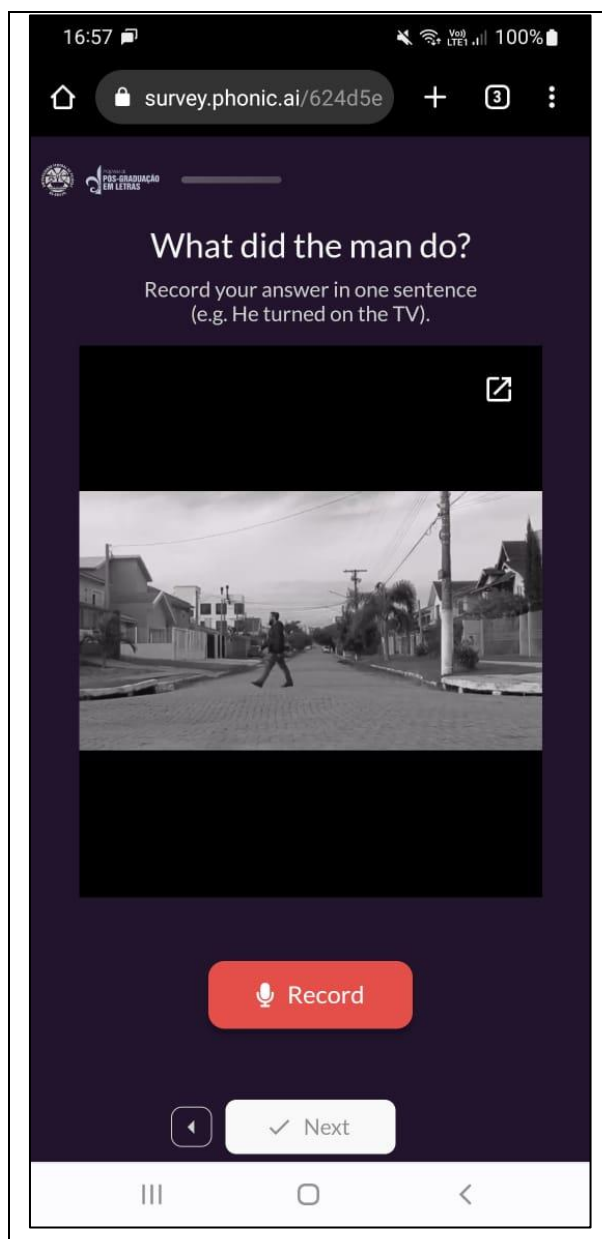


Figura 8. Captura de tela de um dos itens da tarefa de descrição oral de vídeos na sua versão para *smartphones*.

O formulário online criado na plataforma *Phonic* incluiu também o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice J), as instruções da tarefa e o instrumento auxiliar 1 (perguntas sobre histórico linguístico).

Foram criadas quatro versões diferentes do mesmo formulário, uma para cada grupo-controle (em inglês e em português, e com as perguntas do instrumento auxiliar pertinentes para esses grupos) e duas para o grupo-alvo (também em português e em inglês, e com as perguntas auxiliares para esse grupo). Os participantes do grupo-

alvo (bilíngues) fizeram a tarefa de descrição duas vezes, uma em LM e outra em LE, com um espaço de, pelo menos, uma semana entre as coletas.

Para minimizar possíveis efeitos de interferência da tarefa sobre as respostas dos participantes, o experimento foi programado de forma que os vídeos fossem mostrados em ordem aleatória, mas sempre primeiro o vídeo de MODO comum dentre os vídeos de uma mesma tríade. Dessa forma, cada participante seria exposto primeiro ao evento de movimento mais natural em cada contexto, mas também a uma ordem de vídeos diferente dos demais participantes.

3.3.1 Instrumentos auxiliares de coleta de dados

3.3.1.1 Instrumento auxiliar 1: perguntas de histórico linguístico

Este instrumento foi composto por perguntas abertas e fechadas, que foram integradas à tarefa de descrição de vídeo e apareciam imediatamente antes dela na plataforma *Phonic*. Os dados coletados a partir desse instrumento possibilitaram a seleção e agrupamento dos participantes.

Para o grupo-controle de falantes nativos de inglês, as perguntas ou campos incluídos no formulário foram:

1. Country of origin
2. Country of residence
3. Do you have any other native languages besides English?
 - a. What is your other native language or languages? How do you use each of your native languages in your daily life?
4. Can you communicate in any other language?
 - a. In what other language(s) can you communicate? How do you use it/them in your daily life?

As questões 1 e 2 foram incluídas para que fosse possível selecionar pessoas oriundas de e residentes em países onde inglês é a língua dominante. As perguntas dos itens 3 e 4 serviram para priorizarmos falantes monolíngues nativos de inglês e,

se necessário para completar o número pretendido de participantes, incluirmos apenas falantes nativos de inglês cujas outras línguas também fossem línguas-S.

Para o grupo-controle de falantes nativos de português, as perguntas foram:

1. Você está fazendo a presente pesquisa porque é falante nativo(a) de português. Além de português, você tem outra(s) língua(s) materna(s)?
 - a. Além de português, que outra(s) língua(s) você considera como língua(s) materna(s) sua(s)?
2. Você usa ou já usou outras línguas na família?
 - a. Qual/quais? Em que situações?
3. Você consegue se comunicar em alguma outra língua além do português?
 - a. Em qual/quais?
4. Você está fazendo curso/aulas particulares de inglês?
 - a. Há quanto tempo?
5. Você já fez curso/aulas particulares de inglês no passado?
 - a. Por quanto tempo estudou? Há quanto tempo concluiu/deixou o curso?

As perguntas dos itens 1 e 2 foram incluídas para selecionarmos participantes que fossem falantes nativos apenas de português e para excluir participantes que usassem línguas de herança dos grupos germânico e eslavo (ex.: pomerano e polonês) na família. As perguntas dos itens 3, 4 e 5 serviram para priorizar participantes que não estivessem estudando há mais de 12 meses ou não tivessem tido aulas dessa língua por mais de dois anos no passado.

Para o grupo-alvo, de participantes bilíngues português-LM/inglês-LE, as perguntas incluídas foram:

1. Você está fazendo a presente pesquisa porque é falante nativo(a) de português. Além de português, você tem outra(s) língua(s) materna(s)?
 - a. Além de português, que outra(s) língua(s) você considera como língua(s) materna(s) sua(s)?
2. Você usa ou já usou outras línguas na família?
 - a. Qual/quais? Em que situações?
3. Você consegue se comunicar em alguma outra língua além do português e inglês?
 - a. Em qual/quais?
4. Marque a opção que se aplica a você:
 - a. Sou/fui estudante de Letras.

- b. Não tenho formação em Letras.
- 5. Em uma escala de 1 a 10 (1 = iniciante; 10 = avançado), selecione o seu nível de proficiência em inglês na produção oral.
- 6. Em uma escala de 1 a 10 (1 = iniciante; 10 = avançado), selecione o seu nível de proficiência em inglês na produção escrita.

As perguntas dos itens 1 e 2 são as mesmas aplicadas ao grupo-controle de falantes nativos de português. O item 3 nos permitiu selecionar participantes que só possuísem o inglês como língua-S. O item 4 foi incluído para nos possibilitar análises comparativas suplementares, em que podemos averiguar se a formação em Letras teria influência na consciência linguística e conceitual dos participantes quanto às construções e padrões de lexicalização do inglês. As perguntas dos itens 5 e 6 foram serão relacionadas aos resultados do teste de nivelamento para melhor estimar o nível interlinguístico de cada um dos participantes.

Uma variável comumente analisada em estudos sobre aprendizagem de LE é o tempo de instrução. Na presente pesquisa, decidimos não incluir este dado pois os participantes não pertenciam a um mesmo grupo específico, por exemplo, de estudantes de uma mesma escola ou programa. Isso significa que os participantes do grupo-controle aprenderam inglês em lugares diferentes, com metodologias e cargas horárias variadas, o que tornaria difícil utilizar o tempo de instrução como variável nas análises. Também não constam no instrumento auxiliar 1 perguntas sobre o contexto de aprendizagem e uso do inglês, pois essas informações foram coletadas no contato informal inicial feito com cada potencial participante. Todos os participantes selecionados aprenderam inglês como LE no Brasil. Informações sobre os contextos de uso da LE pelos participantes estão na tabela do Apêndice G.

3.3.1.2 Instrumento auxiliar 2: teste de nivelamento em inglês

Para que fosse possível classificar e agrupar participantes com níveis de proficiência equivalentes, os participantes do grupo-alvo foram submetidos a um nivelamento. Para isso escolhemos um teste rápido de nivelamento disponibilizado pela Cambridge English para auxiliar pessoas a escolherem o exame de proficiência

adequado para o seu nível⁶¹. A versão que utilizamos é a “General English”, composta por cinco partes, cada uma com cinco questões de múltipla escolha. As questões são principalmente sobre o uso de gramática e vocabulário em contexto (na terminologia usada pela Cambridge, “*Use of English*”), e o próprio site corrige o teste e fornece como resultado uma estimativa do nível de fluência em inglês em termos de qual exame a pessoa estaria apta a fazer. Por exemplo, 15 acertos em questões específicas trariam como resultado a seguinte mensagem: “*Your score means you might be ready to prepare for one of our qualifications called A2 Key or B1 Preliminary.*” Ou seja, o teste estima que, com esse resultado, a pessoa estaria entre os níveis A2 e B1 do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas, CEFR em inglês (Council for Cultural Co-operation, 2009)⁶².

Para determinar o nível mínimo de fluência em inglês dos participantes para a sua inclusão no grupo-alvo, o *corpus* composto pelas respostas do grupo-controle de falantes nativos de inglês foi analisado através da ferramenta *Text Inspector*, na plataforma EnglishProfile⁶³, da Cambridge. Trata-se de um programa que analisa e determina o nível CEFR de palavras ou textos nela inseridos. A ferramenta permite ainda que seja selecionada a acepção específica de cada palavra, o que torna o resultado ainda mais preciso, visto que uma mesma palavra pode ter significados em níveis CEFR diferentes. Os 19 verbos diferentes utilizados pelos falantes nativos de inglês na tarefa de descrição de vídeo abrangeram os seis níveis do Quadro Comum Europeu, mas a maioria deles, tanto em tipo como em número de ocorrências, são verbos de nível básico (A1-A2), como mostrado na Tabela 2.

⁶¹ Disponível em: <https://www.cambridgeenglish.org/test-your-english/>. Acesso em: 10 fev 2019.

⁶² O Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR, na sigla em inglês) é um padrão internacionalmente reconhecido para descrever e avaliar o nível de proficiência em línguas estrangeiras. Desenvolvido pelo Conselho da Europa (<https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages/home>), o CEFR define seis níveis de habilidade linguística, desde o básico até o avançado, divididos em três grupos: A1-A2 (básico), B1-B2 (independente) e C1-C2 (proficiente). Cada nível é descrito detalhadamente por meio de descritores chamados *can-do statements*, que indicam as habilidades linguísticas esperadas para cada nível. O CEFR serve de referencial comum para a aprendizagem, ensino, avaliação e certificação em línguas, e é utilizado por universidades, escolas de idiomas, editoras de livros didáticos e dicionários e exames internacionais de proficiência.

⁶³ Disponível em: <https://languageresearch.cambridge.org/wordlists/text-inspector>. Acesso em 15 ago 2020.

Tabela 2. Verbos utilizados pelos falantes nativos de inglês na tarefa de descrição de vídeo, sua frequência nas respostas à tarefa e sua classificação no Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas.

NÍVEL CEFR	VERBOS	Tipos (n. de verbos diferentes)	Tokens (n. de ocorrências)
A1-A2	come, climb, cross, enter, get, go, hurry, jump, run, walk	10 (52,7%)	240 (65,5%)
B1-B2	crawl, exit, jog, roll, rush, skip	6 (31,5%)	82 (22,3%)
C1-C2	hike, hop, leap	2 (15,8%)	45 (12,2%)
TOTAL		19 (100%)	367 (100%)

Quanto aos satélites de movimento, das seis partículas utilizadas pelos falantes nativos de inglês (*across, down, in, into, out, up*), duas são de nível A1 (*into, down*) e quatro são de nível A2 (*across, in, out, up*). Como em inglês é o satélite que expressa o componente conceitual TRAJETÓRIA, e como os satélites são uma classe gramatical fechada, era necessário que os bilíngues português-LM/inglês-LE estivessem familiarizados com todos os satélites de movimento utilizados pelo grupo-controle para que pudessem expressar o evento de movimento na forma alvo. A mesma condição não era necessária para os verbos, pois os falantes que não conhecessem os verbos C1-C2 *hop* ou *leap* ainda poderiam expressar este MODO com o verbo A1-A2 *jump*, e se não soubessem o verbo C1-C2 *hike*, poderiam usar o verbo A1-A2 *walk*. Ou poderiam generalizar esses movimentos utilizando verbos “dummy” como *get* ou *go*⁶⁴. Levando em consideração todos os pontos abordados nesta seção, decidimos incluir no grupo-alvo (bilíngues português-LM/inglês-LE) somente participantes que tivessem resultado A2 ou superior no teste de nivelamento.

⁶⁴ Talmy (2000b, p. 284) explica que, como as línguas-S expressam no verbo principal o coevento MODO (que é um componente auxiliar e, portanto, não obrigatório), essas línguas possuem um mecanismo para manter o seu padrão sintático sem precisar preencher semanticamente o espaço reservado ao coevento, quando este não é relevante. No caso do inglês, trata-se de um conjunto de verbos genéricos (generic/dummy verbs) como *go, put, do* e *make*, que carregam um conteúdo semântico relativamente neutro e deixam que o satélite expresse o conteúdo semântico relevante para o contexto.

3.3.1.3 Instrumento auxiliar 3: tarefas de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês

Este instrumento se baseia em tarefas semelhantes aplicadas por Cadierno (2010) com o objetivo de “determinar a abrangência das opções lexicais que os participantes possuem com respeito aos verbos de movimento” (CADIerno, 2010, p. 12)⁶⁵. Na presente pesquisa, utilizamos esse procedimento com os participantes do grupo-alvo para averiguar o seu conhecimento de verbos de movimento em inglês.

Na primeira tarefa, de produção, os sujeitos foram instruídos a listarem oralmente todos os verbos de movimento do inglês que conseguissem lembrar em um minuto. Na segunda tarefa, de reconhecimento, os sujeitos foram expostos a uma lista de verbos de movimento do inglês e deveriam marcar apenas os verbos cujos significados eles realmente estivessem familiarizados e que fossem capazes de utilizar em contexto. Esse instrumento nos permitiu investigar possíveis relações entre as escolhas lexicais dos participantes na tarefa de descrição de vídeos e sua (não) familiaridade com as opções lexicais de verbos de movimentos da LE-alvo.

O estudo de Cadierno foi com falantes de dinamarquês, e a lista da tarefa de reconhecimento possuía 84 verbos de movimento de um *corpus*, sem considerar sua frequência ou os contextos de uso. Na nossa versão, os verbos de movimento que compuseram a lista da tarefa foram os mesmos empregados pelo grupo-controle de falantes nativos de inglês na tarefa de descrição de vídeos da presente pesquisa. Portanto, os verbos apresentados tinham estrita relação com os contextos apresentados nos vídeos e permitiu que tarefa não se tornasse longa e cansativa.

Também utilizamos a plataforma *Phonic* para montar este instrumento. Além das vantagens já mencionadas para os outros instrumentos de coleta, a utilização da mesma plataforma facilitaria o processo para os participantes, pois já estariam familiarizados com o procedimento. Na Figura 9, apresentamos capturas de duas das telas do instrumento, uma da tarefa de produção de vocabulário e a outra da tarefa de reconhecimento⁶⁶.

⁶⁵ No original: “...determine the range of lexical options that the participants possess(ed) with respect to motion verbs...”

⁶⁶ No Apêndice B, apresentamos capturas de todas as partes do instrumento.

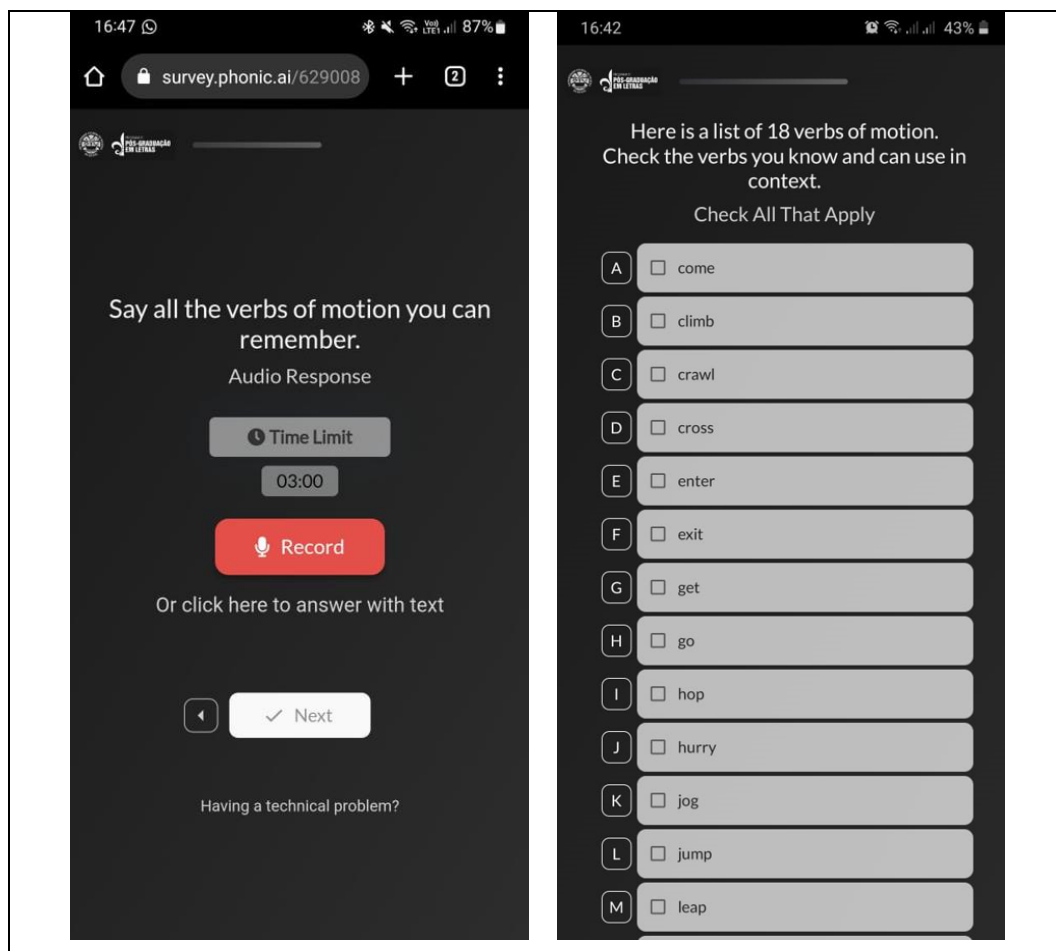


Figura 9. Captura de telas das tarefas de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês na plataforma *Phonic*.

Na próxima seção, retomamos os procedimentos de coleta de dados e ilustramos como se deu esta fase da pesquisa.

3.4 O procedimento de coleta de dados

Apesar de já termos descrito em detalhes cada instrumento da presente pesquisa e como eles foram utilizados, julgamos importante explicar melhor como se deu a coleta como um todo e em que momento foi aplicado cada instrumento. O fluxograma apresentado na Figura 10 exemplifica o procedimento como aplicado para o grupo-alvo. Os grupos-controle, por sua vez, tiveram um procedimento mais simples, em encontro único, pois não foram submetidos os instrumentos auxiliares 2 e 3 e apenas uma tarefa de descrição de vídeos.

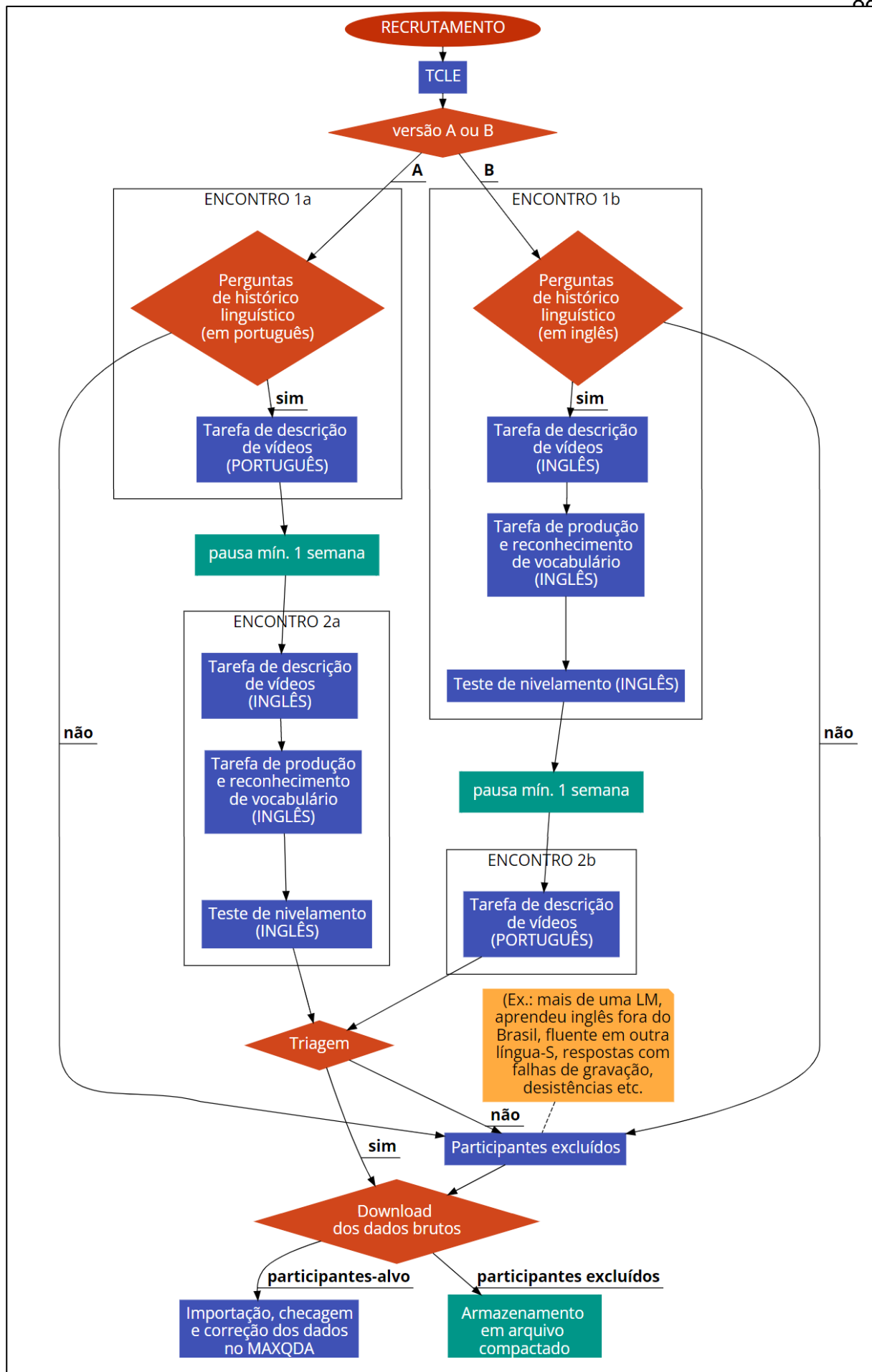


Figura 10. Fluxograma da coleta de dados do grupo-alvo (bilíngues).

Como explicado anteriormente, o recrutamento da maioria dos participantes se deu através de contato individual na rede social Facebook. Para isso, acessamos grupos de discussão de universidades brasileiras e de conteúdos acadêmicos. Isso foi feito para que fosse mais fácil encontrar pessoas com características gerais semelhantes aos participantes contatados diretamente na Universidade Federal de Pelotas (*i.e.*, adultos universitários ou com ensino superior completo). Ao acessar grupos de discussão nessa rede social, é possível ver a lista de membros e, a partir dela, mandar mensagens através de seus perfis na rede. Cada usuário escolhe quais informações pessoais ficam à mostra e se seus perfis podem ser acessados por qualquer um ou apenas por aqueles que tenham tido aceitas as solicitações de amizade. Por isso, foram contatados os membros de grupos de discussão cujos perfis permitissem o contato de “não-amigos” via função Messenger e que fornecessem informações sobre origem ou cidade de residência.

Àqueles que responderam o primeiro contato, explicamos brevemente a pesquisa e que dados seriam coletados, usando como referência o Termo de Consentimento (Apêndice J). Se as pessoas demonstrassem interesse, era enviado o TCLE para ciência e marcado o primeiro encontro via Google Meet. O grupo bilíngue teve dois encontros: um com foco na tarefa de descrição de vídeos em inglês e o outro com foco na tarefa em português. Para que tivéssemos o maior nível possível de ativação da LE nas tarefas que a incluíam, o encontro da tarefa em inglês foi realizado inteiramente nessa língua, desde a saudação e conversa inicial até o término da ligação. O outro encontro teria a tarefa em português e seria inteiramente nessa língua.

Como podemos ver na Figura 10, os participantes passaram por uma das duas versões da coleta de dados. Na versão A, o encontro em português antecedia o em inglês. Na versão B, primeiro era realizado o encontro em inglês e depois o em português. Esse procedimento foi adotado para evitar um possível viés da ordem dos experimentos. Como o mesmo objetivo, foi incluída uma pausa mínima de uma semana entre os encontros.

Durante cada encontro, o participante recebia o link para plataforma *Phonic* e, para poder acessar as tarefas, precisava ler e aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Ainda no primeiro contato no Facebook, era especificado que buscávamos pessoas que tivessem apenas o português como LM. Mesmo assim, incluímos questões sobre isso entre as perguntas de histórico linguístico como

estratégia *firewall* – caso os participantes fornecessem respostas que os identificassem como fora das características procuradas (ex.: informar que tinham mais de uma LM ou que usavam uma língua de herança na família), a plataforma separaria suas respostas para um grupo de participantes a serem excluídos da análise.

Após o segundo encontro, as respostas eram revisadas e eram separadas as que estivessem incompletas ou com falhas na gravação de áudio. Isso aconteceu poucas vezes, quase sempre por incompatibilidade entre o *smartphone* utilizado e o aplicativo *online* de pesquisa.

O passo seguinte era o *download* dos arquivos, feito a cada dez participantes. Os dados dos que seriam incluídos para análise eram então importados para a plataforma MAXQDA. Os demais eram enviados a uma pasta armazenada protegida por senha no computador pessoal do pesquisador.

Antes da coleta de dados ser iniciada, versões parciais do instrumento principal (tarefa de descrição de vídeo) foram aplicadas na forma de testes pilotos informais através da plataforma GoogleForms. Para isso, um único convite com *link* para o teste foi postado temporariamente na seção de perguntas da plataforma ResearchGate e no grupo “Cognition” no Facebook. Essa etapa incluiu cinco participantes, e o retorno obtido deles nos possibilitou ajustar as instruções da tarefa e nos motivou a procurar alternativas que a tornassem mais simples e intuitiva, o que nos levou até a plataforma *Phonic*. Não houve mudanças nos estímulos utilizados.

Na próxima seção, explicamos como os dados dos participantes, o programa utilizado e os métodos de análise.

3.5 Processamento dos dados e métodos de análise

3.5.1 O pacote de software MAXQDA

Todos os dados coletados na presente pesquisa, tanto com o instrumento principal (tarefa de descrição de vídeo) quanto os auxiliares (perguntas de histórico linguístico, teste de nivelamento e tarefas de produção e reconhecimento de

vocabulário) foram sendo reunidos e processados com a plataforma MAXQDA⁶⁷, um pacote de *software* desenvolvido para análise qualitativa de dados que também permite métodos mistos de pesquisa, com análises estatísticas. O programa foi lançado em 1989 e em sua 15ª e mais atual versão (2022) inclui dezenas de funções que permitem a transcrição de dados em áudio, vídeo ou escritos, a construção de categorias de análise, a codificação de segmentos de texto e diversas operações estatísticas para comparação de dados. Ele conta também com uma expressiva comunidade oficial⁶⁸ de utilizadores individuais e institucionais, que compartilha experiências e estratégias de uso, além de fornecer treinamentos periódicos.

A ferramenta principal e mais útil do programa MAXQDA é seu sistema de codificação, em que trechos do texto são selecionados e recebem uma etiqueta virtual, que os identificam como elementos pertencentes a uma determinada categoria, e que podem ser quantificados e selecionados para várias análises junto com outras variáveis. A seguir, explicamos resumidamente o procedimento adotado para a nossa pesquisa.

Os dados brutos da plataforma *Phonic* foram baixados num arquivo de tabelas em formato .exs. As tabelas continham transcrições automáticas das respostas em áudio das tarefas de descrição de vídeo e as respostas dos demais instrumentos, cada linha contendo um participante, conforme mostrado na Figura 11. Esse arquivo foi então importado para a plataforma MAXQDA. No momento em que o arquivo é selecionado para importação, é possível determinar quais colunas serão consideradas dados de análise e quais serão consideradas variáveis. O programa transforma cada participante em um arquivo de texto separado e permite agrupamento dos arquivos em conjuntos correspondentes aos grupos de participantes da pesquisa (grupos-controle e grupo-alvo).

⁶⁷ Cf. <https://www.maxqda.com/>. Acesso em: 10 fev 2019.

⁶⁸ Cf. <https://www.maxqda.com/research-network>. Acesso em: 10 fev 2019.

	C	D	E	F	G	
1	Place of origin	Place of residence	Monolingual	T1	T4	T7
2	United States	United States	Yes	He crossed the street.	He walked up the hill.	He walked down
3	United States	United States	Yes	The man walked across the str	The man walked up the hill.	The man walked
4	United Kingdom	Australia	No	The man crossed the road.	The man walked up the hill.	The man walked
5	United States	United States	No	He walked across the street.	He walked uphill through the f	He walked downr
6	United Kingdom	United States	No	He walked across the street.	He hiked up a hill.	He walked downr
7	England	England	Yes	The man walked across the ro	The man walked up the hill.	The man walked
8	United States	United States	Yes	The man walked across the str	He walked up a hill in the fore	You walk downh
9	United States	United States	Yes	The man walked across the str	The man walked uphill throug	The man slowly
10						

Figura 11. Captura de tela com os dados brutos baixados da plataforma *Phonic*.

Com os dados brutos importados, procedemos à checagem e correção de eventuais erros na transcrição automática das respostas em áudio e passamos à identificação e quantificação dos padrões de lexicalização. Para isso, utilizamos o sistema de codificação do programa para criar as categorias pertinentes, dentre elas, *path verbs*, *manner verbs*, *path satellites*, *manner adjuncts*, *path adjuncts*, *dummy verbs*, além de indicadores de saliência do componente modo. Na Figura 12, vemos uma captura de tela em que é mostrada parte da transcrição da resposta à tarefa de descrição de vídeo por um dos participantes do grupo-controle de falantes nativos de inglês. Estão selecionados para visualização dois dos códigos, verbos de modo e satélites de trajetória, que já haviam sido identificados pelo pesquisador.

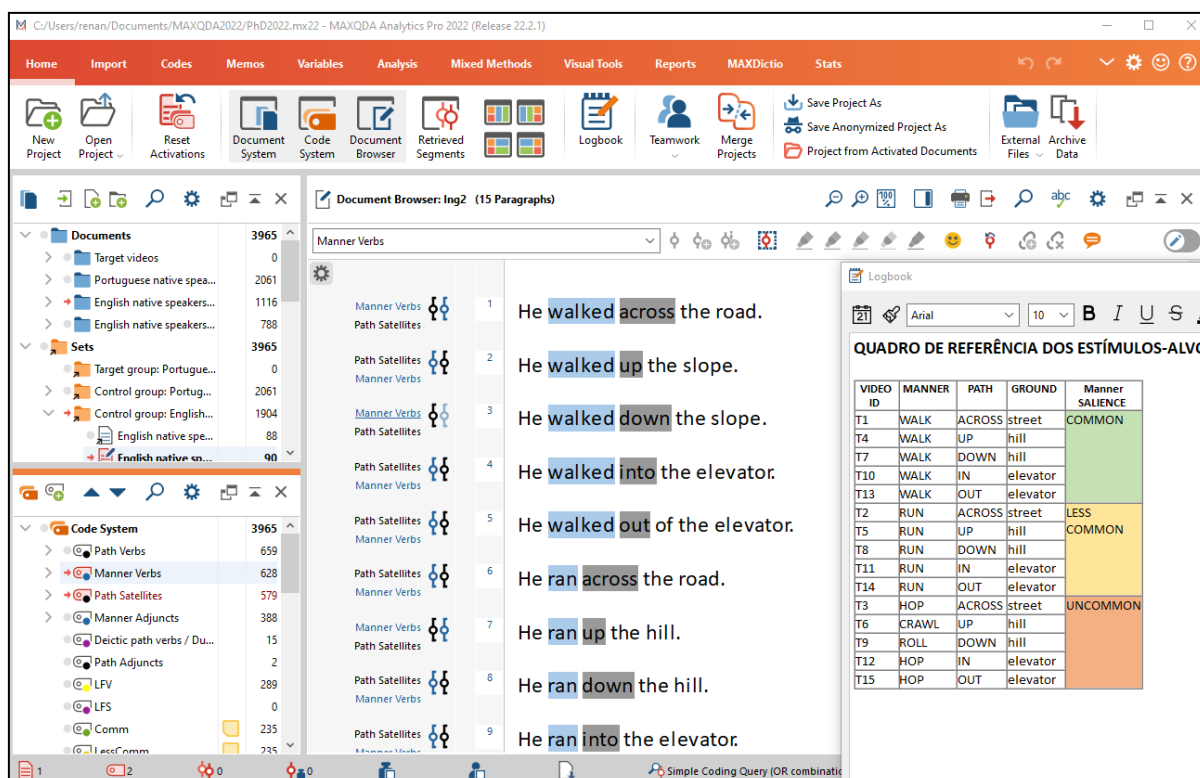


Figura 12. Captura de tela com visão geral da aba de visualização e codificação no programa MAXQDA.

Após todos os elementos e padrões serem codificados para todos os participantes, foi possível selecionar grupos de participantes (ex.: intra- e intergrupos), de elementos (ex.: satélites, e tipos de verbos ou adjuntos) ou de variáveis (ex.: bilíngues de determinado nível de fluência na LE) e fazer comparações qualitativas, além de enviar os dados para a aba *Stats* do programa para rodar análises estatísticas. O programa conta ainda com uma área específica para organizar resultados e conclusões parciais de acordo com as perguntas de pesquisa, facilitando assim as análises finais e elaboração de conclusões.

Tanto a ferramenta de coleta de dados *Phonic* como o pacote de análise de dados MAXQDA são ferramentas pagas e as licenças foram adquiridas com recursos próprios do pesquisador.

3.5.2 A codificação dos dados na plataforma MAXQDA

Como explicado na seção anterior, a principal utilidade do software MAXQDA é a função de codificação, em que segmentos de texto recebem marcadores que os identificam como pertencentes a determinadas categorias. Isso confere maior rigor ao método, prevenindo erros e possibilitando diversos tipos de análise com mais facilidade.

Na plataforma, cada tarefa de um participante fica em um documento de texto específico e cada documento tem um conjunto de características (chamadas “variáveis”) atreladas a ele e escolhidas pelo pesquisador. Para este estudo, foram criadas as seguintes variáveis: Amostra (para agrupamento e diferenciação entre os grupos controle e alvo), Informante (um código para identificar dados de um mesmo participante), Proficiência em inglês (para agrupar os participantes do grupo-alvo nos três subgrupos de análise – A2, B1-B2 ou C1) e Letras (variável booleana para identificar participantes que tivessem formação em Letras).

Para as respostas das tarefas de descrição de vídeo, cada frase recebeu um código que identificava a qual dos 15 vídeos ela se referia e outro código para indicar se o vídeo continha estímulo com MODO de movimento comum, menos comum e incomum. Cada frase de cada participante foi então analisada individualmente e foram usados marcadores para os elementos relevantes para a pesquisa, a saber, verbos de trajetória, verbos de modo, adjuntos de modo, satélites de trajetória, e verbos genéricos (*dummy*). Depois, foram identificados os padrões de lexicalização de cada frase: padrão de língua-S, padrão de língua-V ou padrão híbrido. Além disso, foi criado um marcador para as frases que não descreviam o tipo de evento de movimento analisado (ex.: *He is crawling*: descreve o movimento autocontido da FIGURA, mas não há informação de TRAJETÓRIA e, portanto, não se trata de descrição de um evento de movimento translacional, foco da pesquisa).

Para as tarefas de produção e reconhecimento de vocabulário, cada verbo recebeu um marcador indicando seu nível CEFR (A1-A2, B1-B2 ou C1-C2), determinado através da ferramenta *Text Inspector*⁶⁹.

⁶⁹ Disponível em <https://languageresearch.cambridge.org/wordlists/text-inspector>

Após a codificação de todos os dados, foi possível utilizar as diversas ferramentas de análise do MAXQDA para visualizar relações qualitativas entre contextos de uso, participantes e padrões de lexicalização, além de realizar buscas e seleções de grupos de dados específicos para as análises estatísticas, cujos procedimentos são apresentados na próxima seção.

3.5.3 Métodos estatísticos

Como explicado na seção 3.1, a presente pesquisa teve uma abordagem mista, buscando explicar a transferência conceitual no domínio MOVIMENTO através da descrição dos padrões de lexicalização de eventos de movimento por grupos de falantes de inglês-LM, português-LM e bilíngues português-LM/inglês-LE e da comparação qualitativa e quantitativa entre esses grupos e entre contextos de uso. Nas seções anteriores, explicamos como foi feita a identificação de elementos semânticos e padrões de lexicalização nos dados coletados e como isso possibilitou uma análise mais completa. Ainda que fosse possível notar diferenças nas formas como cada grupo expressou movimento nos diferentes contextos mostrados nos vídeos, julgamos necessário complementar essa análise com testes estatísticos.

Para a seleção dos testes inferenciais que foram aplicados nesta pesquisa, buscamos referências nos estudos sobre lexicalização de movimento, transferência conceitual e aquisição de segunda língua que presentes em nossa revisão de literatura, particularmente naqueles que tivessem dados com características semelhantes aos nossos no que tange à natureza e ao tamanho das amostras. Além disso, utilizamos manuais de metodologia de pesquisa tais como *Methods in Cognitive Linguistics* (GONZALEZ-MARQUEZ *et al.*, 2007), *A Guide to Doing Statistics in Second Language Acquisition Using SPSS* (LARSON-HALL, 2010), *Research Methods in Second Language Acquisition* (MACKEY; GASS, 2012), *Quantitative Research in Linguistics* (RASINGER, 2013).

Como explicado na seção 3.2, a amostra foi composta por conveniência e formada por três grupos: um grupo-controle de 30 falantes de inglês-LM que não falavam português, um grupo-controle de 30 falantes de português-LM que não falavam inglês, e um grupo-alvo de 45 bilíngues português-LM/inglês-LE, divididos em

três subgrupos: 9 falantes básicos, 21 intermediários e 15 avançados. O instrumento principal de coleta de dados era uma tarefa de descrição de vídeo na qual os participantes deveriam descrever oralmente o que viam em 15 vídeos. Esses estímulos foram filmados em tríades onde uma mesma pessoa realiza movimento numa mesma TRAJETÓRIA, mas em três contextos de saliência de MODO: comum, menos comum e incomum. Os grupos-controles realizaram a tarefa em suas respectivas LM. Os bilíngues a fizeram duas vezes, uma em LM e outra em LE.

Foram determinadas as seguintes variáveis de análise:

- Variáveis quantitativas:
 - Elementos semânticos:
 - Verbos de modo;
 - Verbos de trajetória;
 - Satélites de trajetória;
 - Verbos genéricos;
 - Adjuntos de modo;
 - Lexicalização do coevento MODO (verbos e adjuntos de modo);
 - Padrões de lexicalização:
 - Padrão de língua-S (verbo de modo + satélite de trajetória);
 - Padrão de língua-V (verbo de trajetória + adjunto opcional de modo);
 - Padrões híbridos de lexicalização;
- Variáveis categóricas:
 - Grupo (grupo-alvo de bilíngues, grupo-controle de falantes de português-LM e grupo-controle de falantes de inglês-LM);
 - Nível de proficiência em inglês-LE (básico, intermediário ou avançado);
 - Formação em Letras (ter feito/estar fazendo ou não graduação em Letras);
 - Contexto de saliência perceptual de modo (comum, menos comum ou incomum).

Para determinar quais testes estatísticos seriam utilizados, avaliamos o pressuposto de normalidade da distribuição dos dados para as seguintes variáveis: “padrão de língua-S”, “padrão de língua-V”, “verbos de modo”, “satélites de trajetória”, “verbos de trajetória”, “adjuntos de modo” e “verbos genéricos”. Para isso, utilizamos

testes de Shapiro-Wilk, conduzidos no programa MAXQDA. Os resultados dos testes, mostrados na Tabela 3, revelaram que a distribuição dos dados da maioria das variáveis desviou-se significativamente da normalidade.

Tabela 3. Resultados dos testes Shapiro-Wilk de normalidade das amostras para as variáveis verbos de modo, verbos de trajetória, satélites de trajetória, verbos genéricos, adjuntos de modo, padrão de língua-S e padrão de língua-V.

Variáveis	Grupo-controle: inglês-LM	Grupo controle: português-LM	Grupo-alvo: bilíngues português- inglês	
			Português-LM	Inglês-LE
Padrão língua-S	W = 0.79754 p < 0,0001	W = 0.64412 p < 0,0001	W = 0.8256 p < 0,0001	W = 0.92843 p = 0,00826
Padrão língua-V	W = 0.80891 p < 0,0001	W = 0.65452 p < 0,0001	W = 0.89163 p = 0,0005253	W = 0.94097 p = 0,02335
Verbos de modo	W = 0.87914 p = 0,002693	W = 0.64168 p < 0,0001	W = 0.84278 p < 0,0001	W = 0.95467 p = 0,07644
Satélites de trajetória	W = 0.92036 p = 0,0274	W = 0.62437 p < 0,0001	W = 0.83306 p < 0,0001	W = 0.92872 p = 0,008454
Verbos de trajetória	W = 0.83216 p = 0,0002682	W = 0.65452 p < 0,0001	W = 0.85801 p < 0,0001	W = 0.94821 p = 0,04345
Adjuntos de modo	W = 0.58732 p < 0,0001	W = 0.71809 p < 0,0001	W = 0.90859 p = 0,001773	W = 0.84624 p < 0,0001
Verbos genéricos (dummy)	W = 0.62103 p < 0,0001	-	-	W = 0.8587 p < 0,0001

Apenas a variável “verbos de modo” na tarefa em inglês-LE do grupo-alvo foi considerada como tendo distribuição normal ($p = 0,07644$). Todas as demais variáveis tiveram valores de $p < 0,05$ e, portanto, não seguiram uma distribuição normal. Com esses resultados, concluímos que as exigências para testes paramétricos foram violadas e, portanto, consideramos os não paramétricos mais adequados para análise dos dados. Considerando os resultados acima, assim como o tamanho pequeno das amostras e os tipos de comparações pretendidas, selecionamos os testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis, também utilizados em estudos semelhantes sobre lexicalização de movimento⁷⁰. A Tabela 4 apresenta um resumo das análises realizadas, as variáveis consideradas e os testes utilizados, além de justificativas para a sua escolha.

⁷⁰ Cf. Hohenstein, Eisenberg e Naigles (2006); Pavlenko e Volysky (2012).

Tabela 4. Relação das análises estatísticas inferenciais utilizadas na pesquisa.

ANÁLISES	VARIÁVEIS	TESTES ESCOLHIDOS E JUSTIFICATIVAS
Comparar os bilíngues português-LM/inglês-LE com os grupos controles de falantes de português-LM e de inglês-LM quanto ao uso dos padrões de lexicalização de movimento.	<p>Dependente: médias⁷¹ de ocorrências dos padrões de lexicalização (língua-V, língua-S e híbrido) na tarefa de descrição de vídeo em inglês.</p> <p>Independente: grupo (bilíngues português-LM/inglês-LE e falantes de inglês-LM).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teste de Mann-Whitney (Comparação entre dois conjuntos de amostras independentes com dados sem distribuição normal.)
Comparar bilíngues de diferentes níveis de proficiência em inglês-LE quanto ao uso dos padrões de lexicalização de movimento.	<p>Dependente: médias de ocorrências dos padrões de lexicalização (língua-V, língua-S e híbrido) na tarefa de descrição de vídeo.</p> <p>Independente: nível de proficiência em inglês-LE dos participantes do grupo-alvo (básico, intermediário, avançado).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teste de Kruskal-Wallis (Comparação entre três conjuntos de amostras independentes de tamanhos diferentes e sem distribuição normal). • Teste de Mann-Whitney (Comparações <i>post-hoc</i> entre dois conjuntos de amostras independentes sem distribuição normal.)
Comparar a lexicalização do evento MODO entre cada contexto de saliência perceptual de modo em cada grupo de amostras e entre cada grupo (bilíngues português-LM/inglês-LE, falantes de inglês-LM e falantes de português-LM).	<p>Dependente: médias de ocorrências do coevento MODO na tarefa de descrição de vídeo.</p> <p>Independente: contexto de saliência perceptual de modo (comum, menos comum ou incomum).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Teste de Kruskal-Wallis (Comparação entre três conjuntos de amostras independentes de tamanhos diferentes e sem distribuição normal). • Teste de Mann-Whitney (Comparações <i>post-hoc</i> entre dois conjuntos de amostras independentes sem distribuição normal.)

⁷¹ Todas as médias utilizadas são os números médios de ocorrências dos elementos e padrões nas frases dos grupos ou subgrupos de participantes considerados em cada teste.

4 Resultados e discussão

Neste capítulo, apresentamos os resultados da coleta de dados dos três grupos de participantes. Primeiro, analisamos a lexicalização de movimento em inglês e português a partir dos dados obtidos com as tarefas de descrição de vídeos os grupos-controle de falantes de inglês-LM e de português-LM. Depois, apresentamos os resultados do grupo-alvo de bilíngues português-LM/inglês-LE, comparando-os com os dos grupos-controle.

4.1 Lexicalização de eventos de movimento pelos falantes nativos de inglês

Conforme previsto na metodologia deste estudo, a investigação da lexicalização de movimento em inglês-LM foi feita a partir da análise das respostas à tarefa de descrição de vídeos com uma amostra de 30 participantes, todos falantes nativos apenas de inglês, dominantes nessa língua e não fluentes em línguas-V. Os participantes dessa amostra compuseram o grupo-controle de inglês-LM, cujos dados foram comparados com os do grupo-alvo, de bilíngues português-LM/inglês-LE.

Na tarefa de descrição de vídeo, os participantes deveriam dizer o que o homem fez, produzindo uma frase falada para cada vídeo. Com uma amostra de 30 participantes, isso resultou em 450 frases, 150 para cada grupo de vídeos com diferentes níveis de saliência do componente MODO (comum, menos comum e incomum). No programa MAXQDA, cada constituinte de interesse em cada frase foi

codificado e, com isso, automaticamente quantificado. Como seria esperado para uma língua-S como o inglês, houve um número bastante expressivo de verbos de modo e satélites de trajetória e muito menos ocorrências de outros tipos de constituintes, como mostrado na Tabela 5.

Tabela 5. Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-controle de falantes de inglês-LM (30 participantes) na tarefa de descrição de vídeo.

Elementos semânticos	N	Média	Desvio padrão
Verbos de trajetória	34	1,13	1,204
Verbos de modo	405	13,50	1,204
Satélites de trajetória	422	14,07	1,504
Adjuntos de modo	23	0,77	1,453
Verbos genéricos (<i>dummy v.</i>)	17	0,57	1,023

Ao analisarmos a forma como esses elementos foram combinados e utilizados para descrever os eventos de movimento mostrados nos vídeos, concluimos que o padrão de lexicalização dominante entre os participantes desse grupo foi o de línguas-S, encontrado em 93% das frases da amostra (419 das 450 frases), como as dos exemplos (1), (2) e (3).⁷²

(1) He walked across the road. (*Ing2, T1*)⁷³
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(2) He ran down the hill. (*Ing9, T8*)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(3) The man jumped into the elevator. (*Ing27, T12*)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

Nas outras 31 frases, o padrão de línguas-V foi encontrado em 30 delas⁷⁴. A Figura 13 mostra a distribuição das ocorrências de cada padrão de lexicalização para

⁷² Os participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM são identificados com as letras *Ing* e um número (*Ing1, Ing2, Ing3...*); os participantes do grupo-controle de português são identificados com as letras *Pt* e um número (*Pt1, Pt2, Pt3...*); e os vídeos/contextos são identificados pela letra *T* e um número (*T1, T2, T3...*).

⁷³ O Apêndice D contém a transcrição completa das respostas de todos os participantes deste grupo para cada um dos 15 vídeos.

⁷⁴ A frase restante foi excluída da análise por apresentar um período composto, com um verbo substantivado de modo na primeira oração e um verbo de trajetória na outra: *He made a weird hop as he exited the elevator* (*Ing1, T15*).

cada vídeo (T1, T2 etc.) nas respostas deste grupo-controle. As ocorrências do padrão de língua-V se concentraram nos contextos T1, T10 e T13, como os exemplos (4), (5) e (6). Esses são os contextos em que os vídeos mostram um homem atravessando uma rua, entrando ou saindo de um elevador com MODO comum (caminhando). Os contextos T10 e T13 também foram aqueles nos quais os falantes de inglês-LM mais utilizaram o recurso dos verbos genéricos como forma de excluir o coevento MODO, mas manter o padrão de língua-S (14 das 17 ocorrências de verbos genéricos), como nos exemplos (7) e (8).

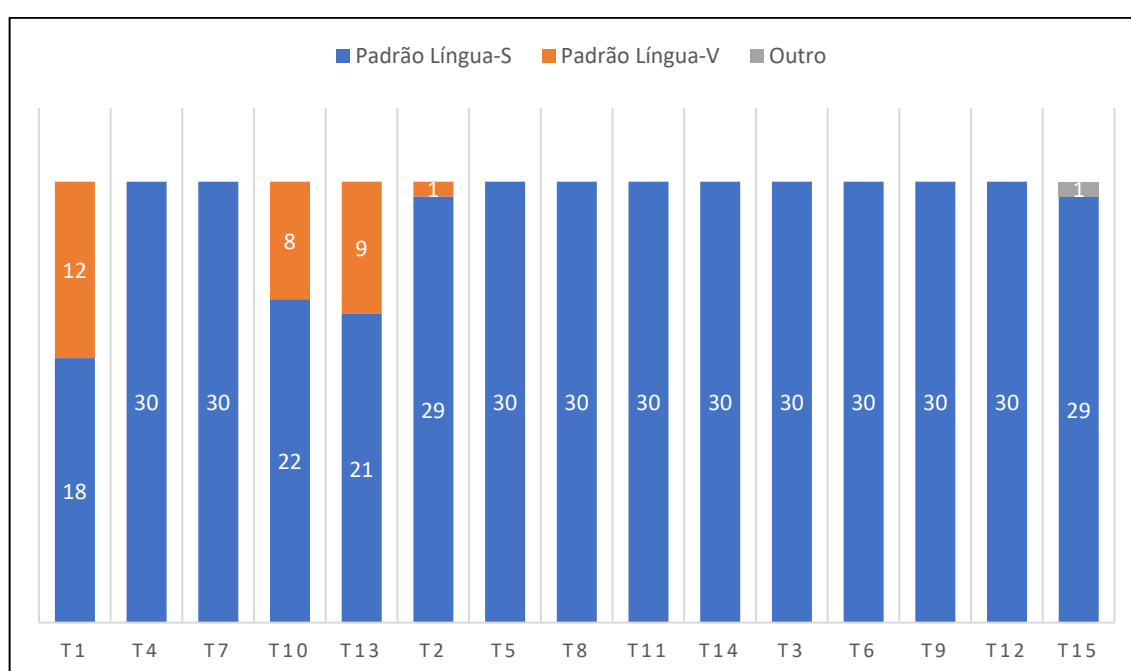


Figura 13. Distribuição das ocorrências totais dos padrões de lexicalização pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra do grupo-controle de falantes de inglês-LM.

- (4) He crossed the street. (*Ing3, T1*)
[V. TRAJ.]
- (5) The man entered the elevator. (*Ing8, T10*)
[V. TRAJ.]
- (6) He exited the lift. (*Ing6, T13*)
[V. TRAJ.]
- (7) He got into an elevator. (*Ing13, T10*)
[DUMMY V.] [SAT. TRAJ.]

- (8) He got out of the elevator. (Ing17, T13)
 [DUMMY V.] [SAT. TRAJ.]

Esses resultados podem indicar que, para esses contextos específicos, quando o movimento é feito de maneira percebida como comum, o componente MODO deixa de ser relevante. Como o inglês tipicamente lexicaliza MODO no verbo principal, a única forma de manter o padrão de lexicalização típico da língua é substituir o verbo de modo por um verbo genérico. Outra saída é utilizar outro padrão de lexicalização (neste caso, o padrão de línguas-V), utilizando um verbo de trajetória, também historicamente herdado de uma língua-V. A escolha por *enter/exit the elevator* e *cross the street* poderia também ser explicada pela possibilidade de que essas colocações já sejam de uso comum ou formulaicas nessa língua, quando o movimento é realizado de maneira típica.

Apesar das várias ocorrências de verbos de trajetória, o padrão de lexicalização de línguas-V só foi observado em 7% das frases, utilizado por pouco mais da metade dos participantes (18 dos 30) e em apenas quatro dos 15 contextos. Ou seja, é razoável concluir que a lexicalização de eventos de movimento em inglês-LM deste grupo-controle condiz com o que prevê a tipologia de Talmy e o que é encontrada na literatura sobre a lexicalização de movimento nesta língua.

Na próxima seção, analisamos como o coevento MODO foi lexicalizado pelos falantes de inglês-LM para os diferentes níveis de saliência de MODO mostrados nos estímulos e discutimos as possíveis causas da diferença encontrada nos dados em três dos contextos de MODO comum.

4.1.1 Saliência perceptual de MODO e a lexicalização desse coevento no grupo-controle de inglês-LM

Como descrito na Metodologia desta pesquisa, a tarefa de descrição de vídeos continha estímulos em que o coevento MODO era apresentado em três níveis de saliência: comum, menos comum e incomum. Isso foi feito para investigar se a percepção de tipicidade do modo de movimento influenciaria os falantes a lexicalizarem ou não o conceito. Em inglês, o coevento MODO é normalmente

lexicalizado no verbo principal, um elemento de segundo plano e, portanto, de baixo custo cognitivo para ativação. Apesar disso, os resultados da seção anterior mostraram um uso mais frequente de verbos de trajetória em contextos de maior tipicidade (ou menor saliência perceptual) do conceito de MODO. Nesta seção, nos voltamos para a lexicalização do coevento não apenas em verbos de modo, mas também através de adjuntos, para compreendermos melhor se há influência da percepção do conceito nos estímulos e como isso se reflete na lexicalização de MODO em inglês.

Quanto à lexicalização do coevento MODO através de adjuntos, apenas oito dos 30 participantes (Ing1, 8, 10, 11, 13, 15, 23, 24) utilizaram esse recurso. Em 19 das 23 ocorrências, MODO já estava expresso no verbo principal, e o adjunto foi utilizado para reforçar a ideia do verbo, como no exemplo (10), ou para complementá-lo, como em (11). Nas outras quatro ocorrências, um adjunto de modo foi utilizado junto com um verbo de trajetória, como em (12), formando o padrão de língua-V.

(10) He quickly ran out of the elevator. (*Ing15, T14*)
 [ADJUNTO MODO] [V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(11) He crawled on hands and knees up the hill. (*Ing10, T13*)
 [V. MODO] [ADJUNTO MODO] [SAT. TRAJ.]

(12) He crossed the street with a very peculiar gait. (*Ing13, T2*)
 [V. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

A Tabela 6 traz as somas das ocorrências e as médias da lexicalização de MODO (verbos e adjuntos de modo) na amostra do grupo-controle de inglês-LM nos três níveis de saliência perceptual do coevento. Esses dados parecem indicar que quando o movimento é percebido como típico, os falantes lexicalizam menos o coevento MODO.

Tabela 6. Ocorrências de lexicalização do coevento MODO em inglês-LM em cada nível de saliência perceptual de MODO da tarefa de descrição de vídeos.

Lexicalização de MODO de movimento	N	Média	Desvio padrão
Contextos de MODO comum (T1, T4, T7, T10, T13)	112	3,73	1,263
Contextos de MODO menos comum (T2, T5, T8, T11, T14)	155	5,17	0,637
Contextos de MODO incomum (T3, T6, T9, T12, T15)	161	5,37	0,948
Em todos os 15 contextos	428	14,27	1,672

No entanto, ao observarmos a distribuição dessas ocorrências por cada contexto do experimento, mostrada na Figura 14, notamos que a menor lexicalização de modo se deu apenas nos contextos T1 (atravessar rua caminhando), T10 e T13 (entrar e sair do elevador caminhando). Como descrevemos na seção anterior, esses foram os contextos que concentraram as ocorrências do padrão de línguas-V (verbos de trajetória com ou sem adjuntos de modo) e do padrão de línguas-S com verbos genéricos, que exclui MODO da descrição. Nos outros dois contextos de MODO comum, T4 e T7, que mostram o movimento de subir e descer uma colina caminhando, a lexicalização de MODO foi a mesma observada nos contextos de MODO menos comum e incomum.

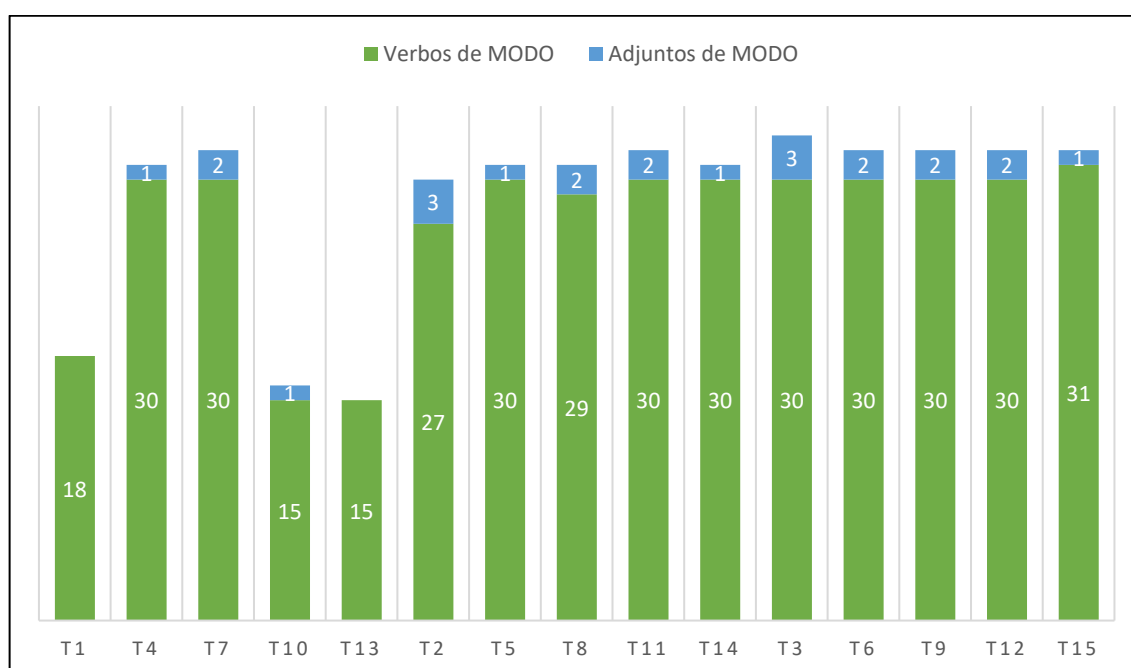


Figura 14. Distribuição das ocorrências de lexicalização do coevento MODO em inglês-LM em cada um dos 15 contextos da tarefa de descrição de vídeos.

Na seção anterior, sugerimos que poderia haver algo relacionado à tipicidade daqueles eventos de movimento específicos, isto é, por serem eventos culturalmente comuns, poderia haver um uso formulaico dos verbos *enter* e *exit* para falar de entrar/sair de elevadores e do verbo *cross* para falar de atravessar ruas. Nessa hipótese, a omissão de MODO não seria devido à percepção do evento como comum ou típico, mas porque existiriam construções específicas para esses eventos. Para averiguar isso, poderíamos analisar *corpora* da língua, comparando as frequências de uso dos verbos em vários contextos de entrada, saída e atravessamento. Esse exame, obviamente, sairia do escopo e dos objetivos da presente pesquisa. Além do mais, como explicado anteriormente, as diferenças no padrão de lexicalização e no uso de adjuntos nos contextos T1, T10 e T13 praticamente dividiram o grupo-controle em dois grupos de tamanhos parecidos. Poderia haver aí possíveis efeitos de outras variáveis relacionadas aos participantes, particularmente, seu país de origem e seu status como monolíngues ou bilíngues.

Como os 30 participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM eram oriundos de seis países diferentes, talvez a preferência por verbos de modo ou de trajetória nos contextos pudesse refletir as variantes de inglês faladas pelos participantes. No entanto, este não parece ser o caso, como mostra a Figura 15. A variação entre o uso de verbos de modo e a omissão de MODO através de verbos de trajetória ou verbos genéricos parece distribuída equilibradamente pela amostra. Aqui, duas ressalvas são necessárias. Primeiro, metade dos participantes são estadunidenses, o que torna difícil tirar conclusões sobre os dados dos participantes dos outros países. Segundo, mesmo entre os participantes de um mesmo país, como os dos Estados Unidos, ainda poderia haver diferenças regionais de uso de certas expressões ou estruturas para falar dos eventos de movimento em questão.

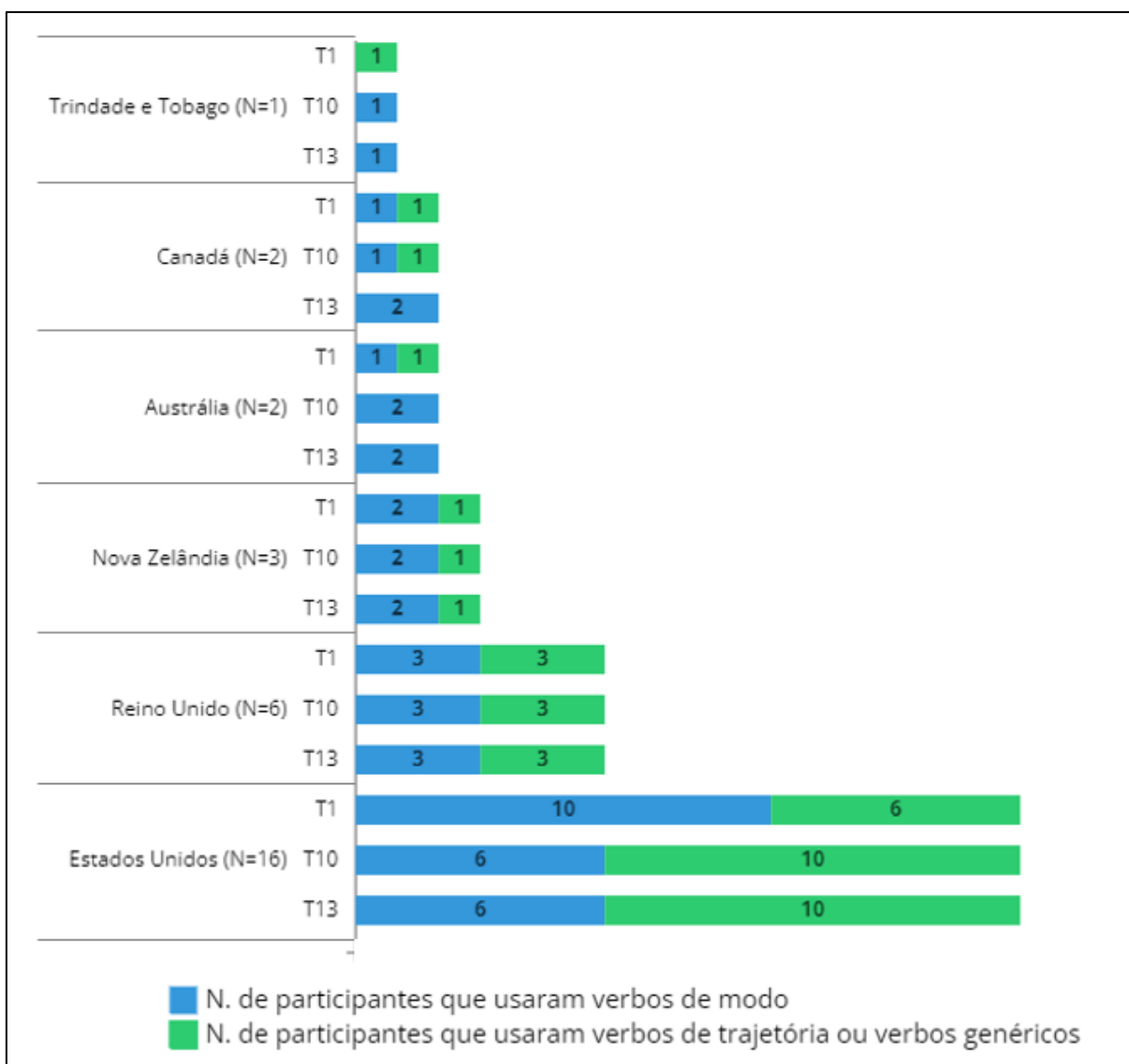


Figura 15. Distribuição dos participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM por país de origem e pelo tipo de verbo utilizado na descrição dos contextos T1, T10 e T13 da tarefa de descrição de vídeos.

Outra possível explicação para a diferença na preferência por lexicalizar MODO ou não nesses contextos poderia ser uma possível influência translinguística de uma LE para a LM. No grupo-controle de falantes de inglês-LM, 17 participantes eram monolíngues, 12 tinham conhecimentos básicos de outras línguas e um era fluente também em alemão. Estes 13 bilíngues eram de quatro países: seis dos Estados Unidos, quatro do Reino Unido, dois da Austrália e um do Canadá. Por terem todos os bilíngues desse grupo-controle menos um apenas nível básico em outras línguas e por serem falantes dominantes em inglês, poderíamos considerar improvável uma influência LE→LM forte o suficiente a ponto de afetar o padrão de lexicalização de movimento de eventos específicos narrados em LM. Mesmo assim, analisamos a distribuição dos usos de verbos de modo, de trajetória e genéricos nos contextos T1,

T10 e T13 entre os monolíngues e bilíngues dessa amostra, mostrada na Figura 16. A distribuição da preferência por verbos de modo, trajetória ou genéricos entre os monolíngues e bilíngues do grupo-controle de falantes de inglês-LM parece equilibrada, indicando que, neste caso, o fato de saberem outra língua não parece ter influência na escolha do padrão de lexicalização em LM.

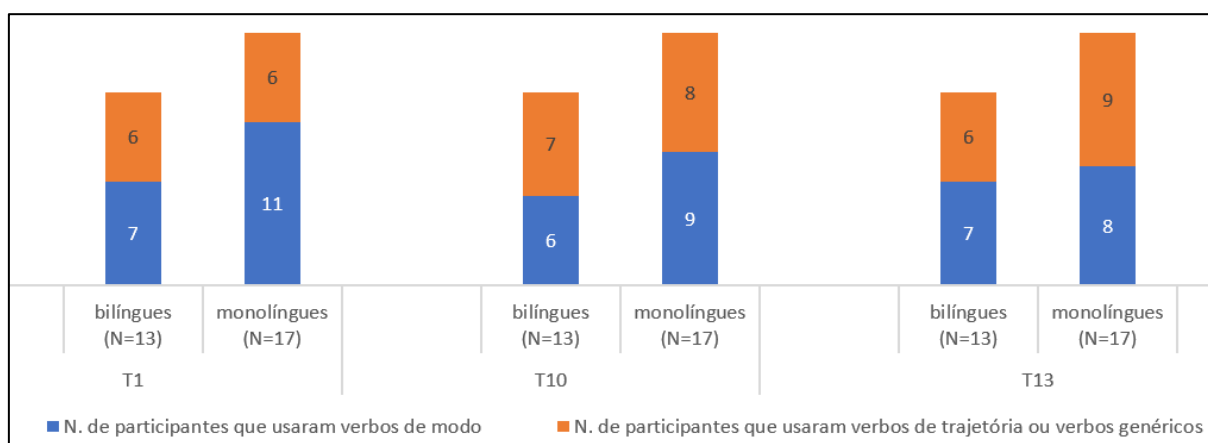


Figura 16. Distribuição dos participantes bilíngues e monolíngues do grupo-controle de falantes de inglês-LM por tipo de verbo utilizado na descrição dos contextos T1, T10 e T13 da tarefa de descrição de vídeos.

Obviamente, esta análise é superficial e seria necessário um número maior de participantes e um controle maior sobre outras variáveis para que pudéssemos generalizar os resultados. No entanto, com os dados que temos à disposição nesta amostra, é possível supor que a saliência perceptual de MODO não afeta a lexicalização desse conceito em inglês-LM. Mesmo sendo expostos a estímulos que mostram uma mesma trajetória sendo realizada de maneiras comum, menos comum e incomum, os falantes mantiveram a preferência por lexicalizar MODO, inclusive não demonstrando diferença entre descrições de eventos de MODO menos comum e incomum. Quanto aos eventos tidos como típicos, ou de MODO comum, uma diferença foi encontrada em cerca de metade dos participantes, que preferiram não lexicalizar MODO em três contextos específicos: T1 (atravessar a rua caminhando), T10 (entrar caminhando no elevador) e T13 (sair caminhando do elevador). Nossa suposição é a de que esses eventos específicos são comuns o suficiente a ponto de terem expressões consolidadas ou formulaicas (*cross the street, enter the elevator, exit the elevator*), talvez influenciadas pela linguagem formal ou escrita que frequentemente aparece nesses contextos, como no exemplo da Figura 17.



Figura 17. Placa com instruções em uma faixa de pedestres na cidade de Vancouver, Canadá.

Fonte: < <https://www.theglobeandmail.com/drive/culture/article-what-is-proper-procedure-when-the-crosswalk-countdown-starts/> >

Acesso em: 5 abr. 2023.

Na próxima seção, apresentamos a análise da lexicalização de eventos de movimento pelos participantes do grupo-controle de falantes de português-LM e abordamos novamente a questão da saliência perceptual de modo, que em português tem um efeito bastante pronunciado e que pode ser fonte de influência translinguística quando falantes dessa língua aprendem inglês.

4.2 Lexicalização de eventos de movimento em português-LM

Seguindo a metodologia da pesquisa, a coleta de dados do grupo-controle de falantes de português-LM foi análoga à do grupo-controle de falantes de inglês-LM. Os 30 participantes, todos brasileiros, falantes nativos apenas de português, dominantes nessa língua e não fluentes em línguas-S, realizaram a mesma tarefa de descrição de vídeos, descrevendo em LM o que viram nos 15 cliques. Nesta seção, descrevemos os resultados encontrados, e na subseção que segue, abordamos a questão da saliência perceptual de MODO.

As respostas à tarefa de descrição de vídeo em português-LM mostraram um padrão oposto ao das respostas do grupo-controle de falantes de inglês-LM. O alto número de ocorrências de verbos de trajetória e adjuntos de modo em comparação com o de verbos de modo e satélites de trajetória, mostrado na Tabela 7, condiz com o que se esperaria observar em uma língua-V.

Tabela 7. Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-controle de falantes de português-LM (30 participantes) na tarefa de descrição de vídeo.⁷⁵

Elementos semânticos	N	Média	Desvio padrão
Verbos de trajetória	392	13,07	2,015
Verbos de modo	51	1,70	1,828
Satélites de trajetória	48	1,60	1,837
Adjuntos de modo	242	8,07	1,914

O padrão de lexicalização de TRAJETÓRIA no verbo principal com ou sem lexicalização de coevento foi observado em 87% (N=392) das frases da amostra, como as dos exemplos (1), (2) e (3).⁷⁶

(1) Ele subiu a colina. (Pt2, T4)
[V. TRAJ.]

(2) Ele entrou no elevador correndo. (Pt7, T11)
[V. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

(3) Ele desceu a colina rolando. (Pt24, T11)
[V. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

Dentre as frases com o padrão de língua-V, alguns usos coloquiais impuseram um certo desafio à classificação, como no exemplo (4), em que o falante utilizou o verbo *embretar-se* com o sentido possivelmente regional de *adentrar*, equivalente ao uso mais abrangente, mas também coloquial, de *enfiar-se*.

(4) Este homem se embretou no mato. (Pt5, T4)
[V. TRAJ.]

⁷⁵ Para o número de ocorrências dos elementos semânticos para cada um dos 30 participantes da amostra, vide Apêndice H.

⁷⁶ O Apêndice G contém a transcrição completa das respostas de todos os participantes deste grupo para cada um dos 15 vídeos.

Das 10 frases restantes, cinco foram classificadas como eventos de movimento não-translacional, como no exemplo (8), em que TRAJETÓRIA não é lexicalizada e, portanto, a frase descreve o movimento autocontido da FIGURA. As outras cinco frases apresentaram um padrão incomum em que um verbo de modo foi acompanhado por um adjunto de trajetória na forma de gerúndio, como no exemplo (9).

(8) Este homem está rastejando. (Pt5, T8)
[V. MODO]

(9) Ele correu subindo a colina. (Pt5, T20)
[V. MODO] [ADJUNTO TRAJ.]

Ainda sobre as frases que apresentaram o padrão de lexicalização de língua-S, uma observação a respeito da codificação dos dados deve ser feita. Seis dos participantes deste grupo-controle combinaram um verbo principal de modo com a construção “para + verbo de trajetória”, como nos exemplos (10) e (11). Em um primeiro olhar, poderíamos excluir a possibilidade de classificá-las como eventos de movimento, já que nessas frases as construções *para entrar* e *para sair* parecem indicar propósito ou intenção, além de formalmente não se constituírem como satélites, que de acordo com Talmy (2000) é uma classe gramatical fechada. No entanto, decidimos considerar essas ocorrências como padrão de língua-S por entendermos que a construção “para + verbo de trajetória” desempenha, nas ocorrências da nossa amostra, uma função correspondente à de satélites como *para dentro/fora/cima/baixo*, conforme explicamos a seguir.

(10) Ele correu para entrar no elevador. (Pt4, T11)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(11) Ele pulou para sair no elevador. (Pt15, T15)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

Construções como *para entrar no elevador* são tradicionalmente descritas como orações subordinadas adverbiais finais reduzidas de infinitivo. Ou seja, por esta classificação, a frase do exemplo (11) seria uma redução de “ele pulou *a fim de que/para que* saísse do elevador”, que dá uma ideia clara de finalidade. Mas alguns autores defendem que as gramáticas tradicionais não contemplam ou explicam usos

de “para + infinitivo” que não expressam finalidade ou objetivo⁷⁷. É o que argumenta Neves (2000) sobre casos em que a construção em questão está relacionada a um núcleo nominal e é, portanto, descrita como oração completiva nominal, sem uma ideia específica de finalidade, objetivo ou intenção. Menezes (2018) identifica vários usos da construção “para + infinitivo” diferentes da ideia prototípica de finalidade. Nenhum dos casos analisados por essas autoras inclui dois verbos de movimento – um como verbo principal e outro em oração subordinada introduzida pela preposição *para*, como nas ocorrências da nossa amostra, e não encontramos nenhum estudo abordando a construção “para + infinitivo” (ou expressões equivalentes em inglês ou espanhol) na lexicalização eventos de movimento.

Em sua tipologia dos eventos de movimento, Talmy (2000) não fala da possibilidade de orações subordinadas que expressam finalidade lexicalizarem TRAJETÓRIA em eventos de movimento ou se constituírem como satélites. Entretanto, embora o autor afirme que os tipos mais facilmente classificáveis de satélites sejam elementos como as partículas verbais do inglês e os prefixos verbais do russo, ele admite que “existe certa indeterminação quanto exatamente quais tipos de constituintes encontrados em construção com uma raiz verbal merecem a designação de satélite” (TALMY, 2000b, p. 102)⁷⁸. Sobre a possibilidade de outros tipos de constituintes atuarem como satélites, Cadierno e Ruiz (2006) observaram, em seu estudo sobre a lexicalização de movimento em espanhol, um processo semelhante à gramaticalização, que os autores chamaram de *satelização*, em que elementos originalmente classificados como adjuntos adverbiais e sintagmas preposicionados eram usados, em certos contextos, como satélites de trajetória.

É justamente um processo de satelização da construção “para + verbo de trajetória” que pensamos estar ocorrendo em enunciados como os dos exemplos (10) e (11) da nossa amostra. O que observamos é algo que seria originalmente classificado como oração subordinada adverbial com o sentido de finalidade, mas que, por influência do contexto situacional⁷⁹ e um potencial uso coloquial da língua,

⁷⁷ Para uma análise de como livros de gramática, materiais didáticos e pesquisas acadêmicas descrevem essa construção, ver Sartin (2008).

⁷⁸ No original: There is some indeterminacy as to exactly which kinds of constituents found in construction with a verb root merit satellite designation.

⁷⁹ No vídeo do contexto T12, por exemplo, há uma representação inequívoca de movimento translacional com TRAJETÓRIA para dentro de um elevador, realizado pela FIGURA através de coevento MODO “pular”. Isto é, as ações de pular e entrar acontecem simultaneamente, e o falante só as descreve após o vídeo terminar. As mesmas condições também se aplicaram aos demais contextos.

4.2.1 Saliência perceptual de MODO e a lexicalização desse coevento no grupo-controle de português-LM

Na seção 2.4.2 da revisão de literatura, abordamos a ideia de saliência dos componentes semânticos postulada por Talmy (2000) e a hipótese de Slobin (2004; 2006) de um *continuum* de saliência de MODO, e argumentamos que, embora ambas as propostas mostrem por que as línguas-V tendem a lexicalizar MODO com menos frequência do que as línguas-S, não explicam o que leva falantes de línguas-V a quererem expressar MODO, apesar de sua tipologia não exigir e, ainda por cima, demandar um custo cognitivo mais alto para lexicalizar esse conceito. Supomos que isso poderia estar relacionado com a percepção do falante sobre a tipicidade do movimento realizado, isto é, se um evento de movimento for percebido como típico ou comum pelo falante, ele tenderá a omitir MODO, e se for percebido como incomum, o conceito estará mais marcado na percepção do falante, levando-o a expressá-lo. Como português e inglês são de tipologias de movimento distintas, o possível efeito da saliência perceptual de MODO poderia se constituir em fonte de transferência conceitual. Antes de testar isso com o grupo-alvo de bilíngues, decidimos explorar melhor a questão com os grupos-controle. Para isso, incluímos, na tarefa de descrição de vídeos, estímulos com o coevento MODO em três níveis de saliência perceptual: comum, menos comum e incomum.

Na seção anterior, mostramos que o padrão de língua-S – que inclui verbos principais de modo – só ocorreu nos contextos de MODO menos comum e incomum. Na Tabela 8, temos as somas e médias das ocorrências da lexicalização de MODO como um todo (verbos principais e adjuntos) na amostra do grupo-controle de português-LM nos três níveis de saliência perceptual de MODO, e a Figura 19 apresenta as ocorrências do conceito para cada contexto, evidenciando uma distribuição equilibrada entre os dois contextos de MODO atípico.

Tabela 8. Ocorrências de lexicalização do coevento MODO em português-LM em cada nível de saliência perceptual de MODO na tarefa de descrição de vídeos.

Saliência perceptual de MODO	N	Média	Desvio padrão
Contextos de MODO comum (T1, T4, T7, T10, T13)	0	-	-
Contextos de MODO menos comum (T2, T5, T8, T11, T14)	148	4,93	0,249
Contextos de MODO incomum (T3, T6, T9, T12, T15)	143	4,77	0,559
Em todos os 15 contextos	291	9,70	0,640

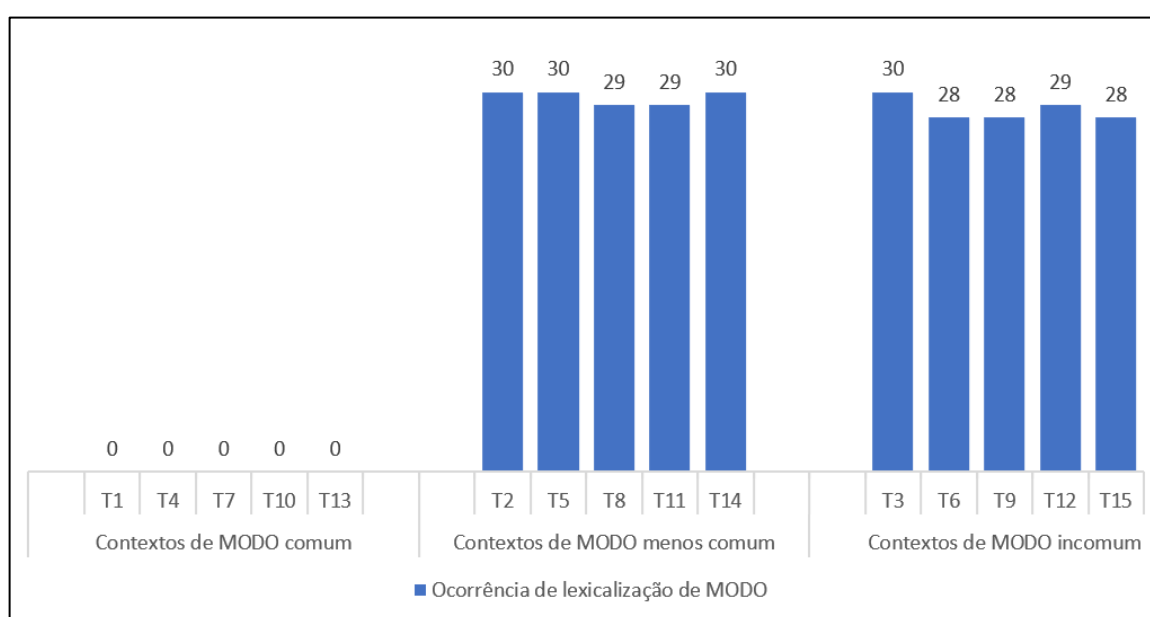


Figura 19. Distribuição das ocorrências de lexicalização de MODO pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra do grupo-controle de falantes de português-LM.

Esses dados nos permitem uma constatação muito interessante: MODO não foi lexicalizado por nenhum dos 30 participantes em nenhuma das situações em que o movimento era realizado de forma comum ou típica. Ou seja, quando não há uma saliência de MODO de movimento na percepção dos falantes em um dado contexto, o coevento, que para ser expresso em português precisaria ser lexicalizado através de constituintes de primeiro plano (e, portanto, mais custosos cognitivamente), fica de fora da estrutura linguística, interessando apenas o evento básico de movimento, cujo constituinte central é o componente TRAJETÓRIA.

Outra constatação importante é que todos os 30 participantes desse grupo-controle expressaram o coevento em todos os contextos de MODO menos comum e incomum, a não ser quando não descreveram um evento de movimento como previsto

ou utilizaram um outro padrão que não o de línguas-V ou S. Isso explica por que, na Figura 19, alguns dos contextos menos comuns e incomuns têm menos de 30 ocorrências – as faltantes foram excluídas da análise por não se encaixarem nos critérios estabelecidos.

Os dados dos grupos-controle de inglês e português-LM mostraram uma diferença importante entre essas línguas na lexicalização de MODO de movimento, que condiz com o que postulam Talmy (2000) e Slobin (2004; 2006) sobre a questão. As línguas-S tendem a lexicalizar MODO com mais frequência do que as línguas-V. De acordo com Talmy, isso acontece porque as línguas-S costumam expressar o coevento através do verbo principal, que é um componente de segundo plano (*backgrounded*) e cognitivamente menos custoso para ativação. Slobin defende que as línguas-S teriam um léxico mais expressivo de verbos de modo do que as línguas-V, que acabam precisando expressar MODO através de elementos de primeiro plano. Os dados do grupo-controle de inglês-LM, descritos na seção 4.1.1, demonstram essa característica. O conceito MODO foi expresso em todos os contextos, embora metade dos participantes daquele grupo tenha preferido não lexicalizá-lo em dois contextos específicos, provavelmente por uma questão de uso formulaico da língua nas situações mostradas nos estímulos.

O que a literatura não explica, e que os dados de português-LM aqui apresentados parecem indicar é que, em cada contexto de uso da língua – neste caso, em cada evento de movimento –, o falante terá expectativas culturalmente construídas sobre como o movimento é tipicamente realizado. Se ele perceber o movimento como típico, o expressará com o padrão típico de línguas-V sem incluir o coevento. Por outro lado, se MODO for saliente na percepção do falante (por não corresponder ao que ele esperava encontrar no evento), o conceito será expresso, geralmente através de um adjunto, seguindo o padrão de língua-V.

Como não foram observadas diferenças importantes na lexicalização de MODO entre os contextos menos comuns (que incluíam MODO de movimento viável, mas menos típico) e incomuns (que tinham MODO de movimento totalmente atípico), sugerimos que não parece haver um *continuum* de saliência perceptual de modo. Pelo menos na amostra de português-LM, a relação é binária: ou o movimento é percebido como típico, ou não.

Um ponto que permanece sem resposta é os fatores que influenciam os falantes de português-LM a utilizarem o padrão de língua-S (verbo de modo + satélite

de trajetória). Na amostra do grupo-controle de português-LM, esse padrão ocorreu em todos os contextos de MODO menos comum e incomum, mas foi particularmente prevalente nos contextos T12 e T15 (pular pra dentro/fora do elevador). Investigar o motivo da ocorrência mais alta do padrão nesses vídeos específicos extrapolaria o escopo da presente pesquisa, mas supomos que possa ser algo equivalente ao observado no uso dos verbos *enter/exit/cross* pelos falantes de inglês-LM: *pular para dentro/fora* seria mais comum no uso corrente da língua do que *entrar/sair* pulando.

As análises e conclusões sobre a lexicalização de MODO em português e inglês apresentadas nas seções 4.1 e 4.2 dizem respeito exclusivamente às amostras da presente pesquisa e necessitariam um estudo mais robusto para serem generalizáveis. Todavia, os dados apresentados aqui fornecem informações importantes e, no caso do português, inéditas, sobre a expressão de eventos de movimento, e evidenciam uma questão interessante e ainda pouco explorada – o efeito da saliência perceptual de MODO. Para a presente pesquisa, essas informações foram especialmente úteis porque revelaram diferenças translinguísticas que podem explicar a transferência conceitual na produção oral em inglês-LE e servir como referência para investigar a reestruturação das representações do conceito de movimento na mente bilíngue. Na próxima seção, analisaremos os dados do grupo-alvo da pesquisa – os bilíngues português-LM/inglês-LE, comparando-os com os dos grupos-controle.

4.3 Lexicalização de eventos de movimento: o grupo-alvo de bilíngues em português-LM/inglês-LE

O grupo-alvo foi composto por 45 bilíngues português-LM/inglês-LE, brasileiros e adultos, 14 deles com alguma formação em Letras. Todos tinham apenas o português como LM e falavam inglês como LE em três níveis: 9 participantes em nível básico, 21 em nível intermediário e 15 em nível avançado. Conforme previsto na metodologia desta pesquisa (cf. Figura 10), os participantes do grupo-alvo fizeram a tarefa de descrição de vídeos em cada uma das suas línguas. Além disso, fizeram uma tarefa de produção e reconhecimento de verbos de movimento em inglês. A análise e discussão dos resultados desse grupo está organizada da seguinte maneira:

primeiro, na seção 4.3.1, apresentamos os dados de lexicalização de movimento em LM dos bilíngues e os comparamos com os do grupo-controle de falantes de português-LM, que eram monolíngues ou não falavam línguas-S. Depois, na seção 4.3.2, abordamos a lexicalização dos bilíngues em inglês-LE, os verbos de movimento utilizados por eles e como esses dados se comparam com os do grupo-controle de falantes de inglês-LM, monolíngues ou sem fluência em línguas-V. Por último, na seção 4.3.3, analisamos a lexicalização de MODO pelos bilíngues em cada língua e a comparamos com dados equivalentes dos grupos-controle.

4.3.1 Lexicalização de eventos de movimento em português pelos bilíngues português-LM/inglês-LE

As 675 frases produzidas pelos 45 bilíngues na tarefa de descrição de vídeo em português-LM tiveram muito mais ocorrências de verbos de trajetória e adjuntos de modo do que verbos de modo e satélites de trajetória, como mostrado na Tabela 9. Esses dados correspondem ao que esperaríamos observar em uma língua-V e que foi observado também na amostra do grupo-controle⁸¹.

Tabela 9. Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-alvo (45 participantes) na tarefa de descrição de vídeo em português-LM.

Elementos semânticos	N	Média	Desvio padrão
Verbos de trajetória	576	12,80	2,135
Verbos de modo	92	2,04	2,033
Satélites de trajetória	96	2,13	2,007
Adjuntos de modo	360	8,00	2,033
Verbos genéricos (<i>dummy v.</i>)	1	0,02	0,147

Esses elementos foram combinados de várias maneiras para formar os padrões de lexicalização de língua-V (verbo de trajetória com ou sem adjunto de modo) ou língua-S (verbo de modo com satélite de trajetória). Nesta amostra, o padrão prevalente foi o de língua-V, observado em 85,7% (N=578) das frases, como nos

⁸¹ Cf. Tabela 7 na seção 4.2.

exemplos (1) e (2)⁸² e utilizado por todos os participantes. O padrão de língua-S foi constatado em 13,8% das frases (N=93), como as dos exemplos (3) e (4) e usado por 30 dos 45 participantes do grupo-alvo. As quatro frases restantes da amostra foram excluídas da análise, pois descreviam movimentos não translacionais, como no exemplo (5), em que o falante não lexicalizou a TRAJETÓRIA mostrada no vídeo (para baixo/descer).

(1) Ele atravessou a rua. (B30, T1)
[V. TRAJ.]

(2) O homem subiu o morro engatinhando. (B8, T6)
[V. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

(3) Ele correu trilha abaixo. (B2, T8)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(4) O homem pulou para dentro do elevador. (B14, T12)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(5) Ele está correndo na floresta. (B40, T8)
[V. MODO]

Para comparar os grupos-alvo e controle quanto ao uso dos padrões de lexicalização em LM, realizamos testes de Mann-Whitney, cujos resultados estão dispostos na Tabela 10. Não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nem no uso do padrão de lexicalização de língua-V ($p = 0,6835894$) nem no do padrão de língua-S ($p = 0,4048713$). Ou seja, em sua LM, os bilíngues não parecem ter sido influenciados pela LE no uso dos padrões de lexicalização.

⁸² O Apêndice H contém a transcrição completa das respostas de todos os participantes deste grupo para cada um dos 15 vídeos.

Tabela 10. Estatística descritiva e resultados dos testes de Mann-Whitney de comparação entre os grupos-alvo e controle no uso dos padrões de lexicalização de movimento em português-LM.

	1º quartil	Mediana	3º quartil	U	p
Padrão de língua-V					
Grupo-alvo (N=45)	12,00	13,00	15,00	369	0,6835894
Grupo-controle (N=30)	13,00	13,00	14,00		
Padrão de língua-S					
Grupo-alvo (N=45)	0,00	2,00	2,00	602	0.4048713
Grupo-controle (N=30)	0,00	2,00	3,00		

De fato, a distribuição dos padrões de lexicalização do grupo-alvo por cada contexto da tarefa de descrição de vídeo, mostrada na Figura 20, é bastante semelhante à observada no grupo controle (Figura 18). Em ambos os grupos, a maioria das ocorrências do padrão de língua-S foram nos contextos T12 e T15.

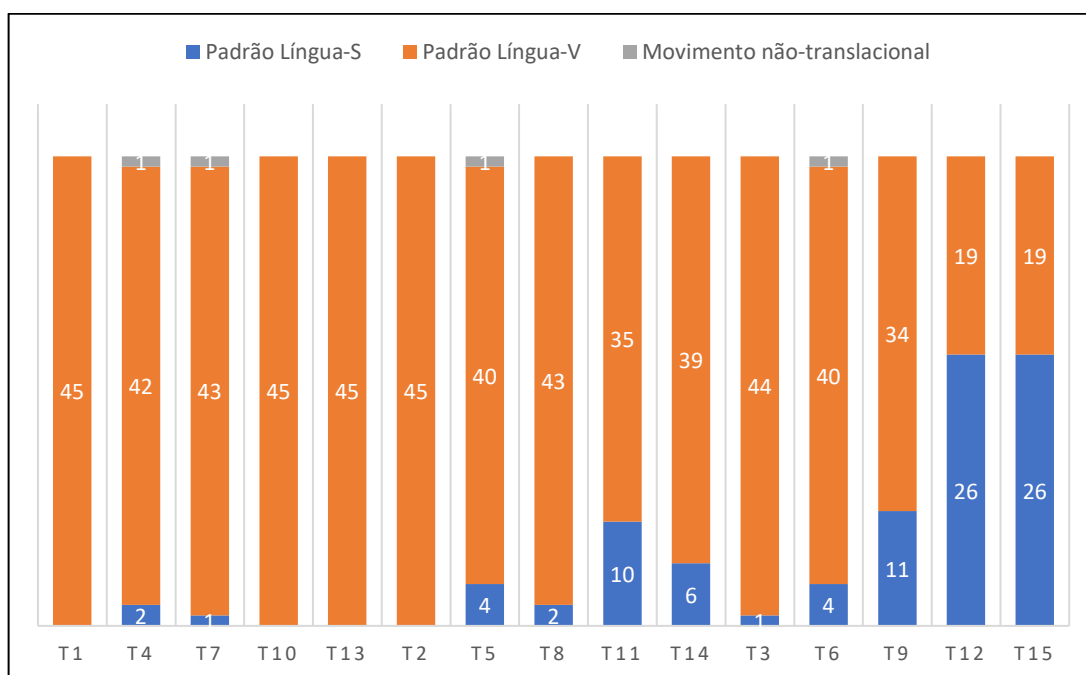


Figura 20. Distribuição das ocorrências dos padrões de lexicalização pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos, na amostra de português-LM do grupo-alvo.

Ainda sobre as frases com padrão de língua-S, observamos que, assim como os participantes do grupo-controle, os bilíngues também utilizaram construções satelizadas (ex.: *para entrar* e *para sair*), como no exemplo (6), e verbos de modo nominalizados, como no exemplo (7).

(6) Ele pulou para sair do elevador. (B10, T15)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(7) Ele deu um pulo para dentro do elevador. (B5, T12)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

Entretanto, apesar de a análise quantitativa não ter mostrado diferenças significativas entre os grupos, algumas diferenças qualitativas foram notadas. Uma delas foram as três ocorrências do padrão de língua-S nos contextos T4 e T7, mostradas nas frases (8) a (10). Esses vídeos exibiam movimento típico, de MODO comum, e como visto na seção 4.2, nenhum participante do grupo-controle de português-LM lexicalizou coevento nesse grupo de contextos.

(8) Ele caminhou ladeira acima. (B15, T4)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(9) Ele caminhou ladeira abaixo. (B15, T7)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(10) O homem está indo para dentro de uma floresta. (B37, T4)
[DUMMY V.] [SAT. TRAJ.]

Os participantes que produziram essas frases tinham ambos nível de proficiência intermediário em inglês, não possuíam formação em Letras e usavam inglês principalmente para consumir conteúdo. Como nenhuma dessas variáveis poderia explicar o padrão encontrado nos exemplos acima, já que eram características compartilhadas pela grande maioria dos participantes do grupo-alvo, é possível que essas ocorrências tenham sido aleatórias ou tendências individuais, já que os participantes B15 e B37 foram os bilíngues que mais utilizaram o padrão de língua-S em português-LM (B15: em nove dos 15 contextos; B37: em sete). Outra possibilidade seria uma influência da metodologia – por exemplo, o tempo entre as tarefas de descrição em LM e LE ou a ordem em que as tarefas foram feitas. Embora essas não

sejam variáveis incluídas na análise, os arquivos com os dados brutos da coleta de dados possuíam marcadores de data e horário. O tempo entre as tarefas foi de 7 dias para B15 (como a maioria dos participantes) e 13 dias para B37. Quanto à ordem das tarefas, B15 fez primeiro a tarefa em LM e B37 começou pela tarefa em LE. Portanto, pelo menos com base nessas informações, não é possível afirmar que essas características da metodologia tenham influenciado esses participantes. Além disso, se a tarefa em uma das línguas tivesse influenciado as respostas na outra, esperaríamos o mesmo padrão de lexicalização em frases equivalentes nas duas línguas. Embora esse pareça ter sido o caso do participante B15, que usou os mesmos padrões em ambas as línguas em 12 dos 15 contextos, B37 só teve sete contextos com o mesmo padrão nas duas tarefas.

Outra diferença qualitativa encontrada entre a produção em LM dos bilíngues e a do grupo-controle foi que houve lexicalização de MODO em todos os contextos de modo comum, ainda que em poucas ocorrências. O grupo-controle não lexicalizou esse coevento em nenhum dos contextos de MODO comum. Na seção 4.3.3 discutimos essa questão em mais detalhes.

Diferenças mais robustas e frequentes na LM dos bilíngues poderiam indicar influência translinguística reversa (de outra língua para a LM), mas esse tipo de transferência é mais propenso a ocorrer quando os falantes estão em imersão na língua não materna, quando o tempo de exposição é longo ou quando eles aprendem a língua em contexto natural (COOK, 2003; JARVIS; PAVLENKO, 2010). Vários outros fatores influenciam o fenômeno, mas as características do grupo-alvo da nossa pesquisa (ser residentes em local onde inglês não é falado no dia a dia e ter aprendido essa LE em contextos formais de aprendizagem) desfavorecem a influência da LE na LM. Apesar de algumas diferenças qualitativas na LM dos participantes do grupo-alvo, podemos afirmar que a lexicalização de eventos de movimento deles foi praticamente igual à dos participantes do grupo-controle. O mesmo não é possível dizer em relação à produção em LE, como é exposto na próxima seção.

4.3.2 Lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE pelos bilíngues

Esta seção traz os dados mais importantes para a tese – os de uso de LE pelos bilíngues português-LM/inglês-LE. Apresentamos aqui os elementos semânticos e padrões de lexicalização utilizados pelo grupo-alvo para expressar movimento em inglês, o léxico de verbos de movimento envolvido, a influência do nível de proficiência e como isso tudo se compara com os dados do grupo-controle de inglês-LM.

4.3.2.1 Os elementos semânticos usados em inglês-LE

Como foi feito em relação às outras amostras, começamos apresentando as ocorrências dos elementos semânticos utilizados na tarefa de descrição de vídeo. Na Tabela 11, vemos que os bilíngues utilizaram mais verbos de modo e satélites de trajetória que os demais elementos, como esperado em uma língua-S. Entretanto, a média de verbos de modo (7,68) foi bem menor do que a verificada no grupo-controle (13,50)⁸³ e a média de verbos de trajetória foi maior (3,62 para o grupo-alvo e 1,13 para grupo-controle, o que poderia ser considerado um indicativo de influência translinguística.

Tabela 11. Ocorrência dos elementos semânticos analisados nas respostas do grupo-alvo (45 participantes) na tarefa de descrição de vídeo em inglês-LE.

Elementos semânticos	N	Média	Desvio padrão
Verbos de trajetória	163	3,62	2,322
Verbos de modo	359	7,98	4,266
Satélites de trajetória	447	9,93	3,708
Adjuntos de modo	119	2,64	2,814
Verbos genéricos (<i>dummy v.</i>)	104	2,31	2,365

Nota-se também valores de desvio padrão mais acentuados em relação às médias para verbos e adjuntos de modo, indicando uma maior dispersão dos dados em torno da média. Na seção 4.3.2.3, quando abordarmos os padrões de

⁸³ Cf. Tabela 5, seção 4.1.

lexicalização, veremos que a variável nível de proficiência teve influência importante na maneira como o grupo-alvo expressou movimento.

4.3.2.2 O léxico de verbos de movimento dos bilíngues português-LM/inglês-LE

Antes de passarmos para a análise dos padrões de lexicalização, é oportuno apresentarmos dados qualitativos referentes ao léxico de verbos de movimento dos bilíngues. Conforme descrito na seção 3.4.3 da Metodologia, os participantes do grupo-alvo realizaram, além da tarefa de descrição de vídeo, uma tarefa de produção e outra de reconhecimento de verbos. Na primeira, eles deveriam listar oralmente todos os verbos de movimento em inglês que lembrassem em um minuto. Na segunda, tinham que indicar quais verbos de uma lista eles conheciam. Essa lista correspondia aos verbos utilizados pelo grupo-controle de falantes de inglês-LM na tarefa de descrição de vídeo. O software MaxQDA possui um componente chamado MaxDictio, que permite criar listas de itens lexicais específicos a serem analisados e, a partir disso, comparar o léxico da amostra em várias condições. Após mapearmos todos os verbos de movimento das amostras, utilizamos as ferramentas *Dictionary-based analysis*, *Word frequencies* e *Visual Tools* do MaxQDA para criar representações visuais no formato de *wordcloud* do léxico de verbos de movimento dos bilíngues, para cada subgrupo de proficiência em inglês.

O resultado dessa análise é mostrado nas Figuras 21, 22 e 23. Em cada figura, a área à esquerda contém os verbos utilizados pelos bilíngues ao descreverem os vídeos da tarefa de descrição – o tamanho de cada verbo na imagem está relacionado com o número de participantes que o utilizou nessa tarefa. Junto da nuvem de verbos são informadas as proporções de verbos diferentes (tipos, não *tokens*) de nível básico (CEFR A1-A2), intermediário (CEFR B1-B2) e avançado (CEFR C1-C2) para o léxico de cada tarefa e a média de verbos diferentes por participante. À direita da nuvem, há duas listas, uma com os verbos listados pelos participantes na tarefa de produção e outra com os verbos da tarefa de reconhecimento. Ambas as listas estão ordenadas por frequência na amostra e o número de participantes que utilizaram cada verbo é informado entre parênteses.

No subgrupo de falantes de nível básico de inglês (Figura 21), os verbos utilizados por mais participantes na tarefa de descrição de vídeo foram bem semelhantes aos dos outros subgrupos de proficiência (Figuras 22 e 23). Mas uma diferença interessante foi o verbo *go*, que foi usado por todos os falantes básicos, mas por poucos falantes dos outros dois subgrupos. Por ser um verbo genérico (*dummy verb*), *go* pode substituir praticamente qualquer verbo de movimento, e isso foi utilizado pelos falantes básicos como estratégia para expressar eventos para os quais não sabiam verbos. A média de ocorrências desse tipo de verbo para os falantes básicos foi de 4,22, bem maior que as médias para os intermediários e avançados, 1,19 e 1,93, respectivamente.

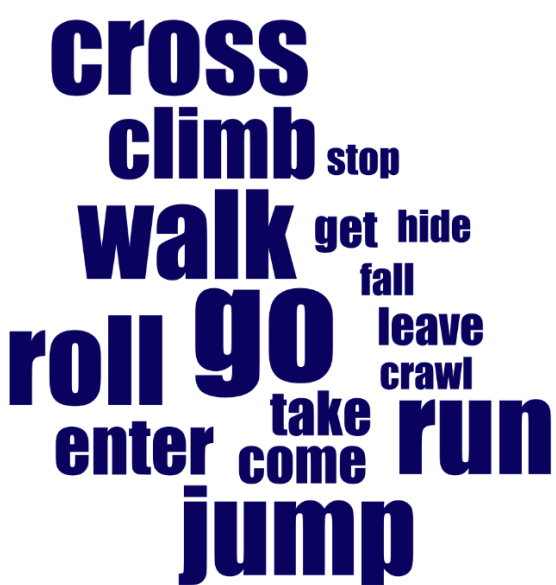
Bilíngues com nível básico de inglês (N=9)														
<p>TAREFA DE DESCRIÇÃO DE VÍDEO:</p>  <p>Média de verbos por participante: 6,6 (DP=1,7)</p> <table> <tr> <td>A1-A2:</td><td>B1-B2:</td><td>C1-C2:</td></tr> <tr> <td>75%</td><td>25%</td><td>-</td></tr> </table>		A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:	75%	25%	-	<p>TAREFA DE PRODUÇÃO DE VERBOS DE MOVIMENTO:</p> <p>walk (9); jump, run (8); swim (4); ride, roll (3); climb, drive, go, take (2); cycle, dance, dive, fall, get, jog, sit (1)</p> <p>Média de verbos por participante: 5,7 (DP=1,1)</p> <table> <tr> <td>A1-A2:</td><td>B1-B2:</td><td>C1-C2:</td></tr> <tr> <td>76%</td><td>24%</td><td>-</td></tr> </table>	A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:	76%	24%	-
A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:												
75%	25%	-												
A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:												
76%	24%	-												
		<p>TAREFA DE RECONHECIMENTO DE VERBOS DE MOVIMENTO:</p> <p>come, cross, enter, get, go, jump, run, walk (9); climb, exit, roll (8); rush, skip (7); crawl, hop, hurry, jog (4); leap (3); hike (0)</p> <p>Média de verbos por participante: 14,3 (DP=3,0)</p> <table> <tr> <td>A1-A2:</td><td>B1-B2:</td><td>C1-C2:</td></tr> <tr> <td>56%</td><td>33%</td><td>11%</td></tr> </table>	A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:	56%	33%	11%						
A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:												
56%	33%	11%												

Figura 21. Léxico de verbos de movimento dos participantes de nível básico em inglês do grupo-alvo, nas três tarefas da pesquisa.

Outra diferença no léxico da tarefa de descrição de vídeo foi no uso dos verbos *climb*, usado por grande parte dos falantes de nível básico, mas pouco pelos falantes de nível intermediário, e *crawl*, com efeito contrário – pouco usado dentre os falantes

básicos, mas por muitos dos falantes dos outros subgrupos. O verbo *climb* pode lexicalizar TRAJETÓRIA (*para cima*) ou MODO (= escalar com dificuldade, usando pés e mãos). Os falantes básicos de inglês usaram *climb* como verbo de trajetória para vários contextos de TRAJETÓRIA “para cima”, enquanto os intermediários e avançados usaram mais o satélite equivalente (*up*) junto com outros verbos de modo. Os usos específicos são explicados mais adiante.

Na tarefa de produção de verbos, os falantes básicos listaram bem menos verbos de movimento do que os outros dois subgrupos, e na tarefa de reconhecimento, tanto o verbo mencionado pelo menor número de participantes (*leap*) quanto o verbo não citado por nenhum (*hike*) eram de nível avançado (C1-C2).

O subgrupo de falantes de nível intermediário (Figura 22) de inglês foi o que usou o maior número de verbos diferentes na tarefa de descrição de vídeos (22 verbos, contra 16 dos falantes básicos, 14 dos falantes avançados). As médias de verbos diferentes por falante nessa foi de 8,1 para os falantes intermediários, 6,6 para os básicos e 7,8 para os avançados. Os verbos usados por mais participantes intermediários foram basicamente os mesmos observados no subgrupo avançado (*crawl, cross, jump, roll, run, walk*) (Figura 23), com exceção do verbo *enter*, que foi mais frequente entre os intermediários do que entre os avançados.

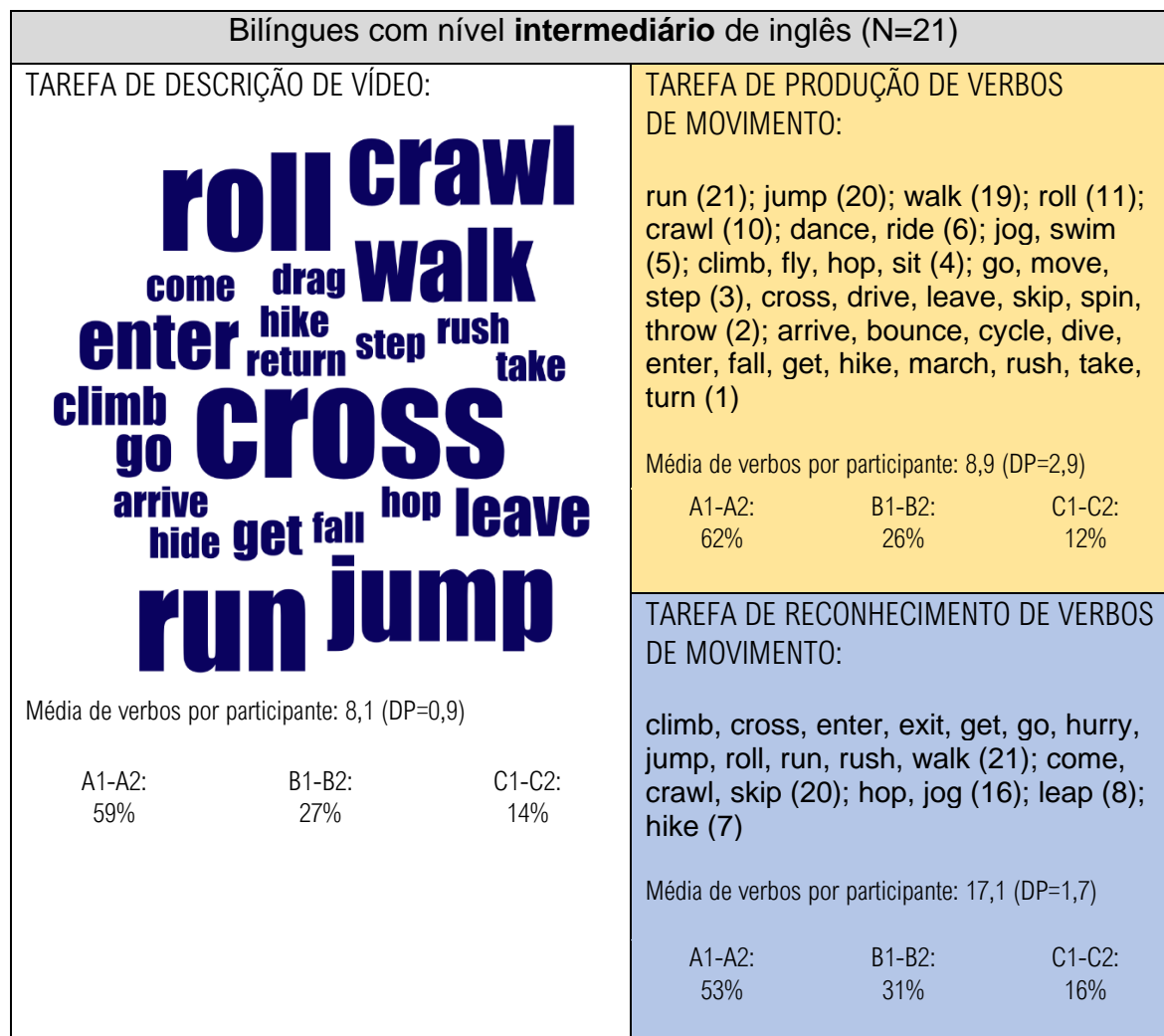


Figura 22. Léxico de verbos de movimento dos participantes de nível intermediário em inglês do grupo-alvo, nas três tarefas da pesquisa.

Na tarefa de produção de verbos de movimento, os subgrupos de níveis intermediário e avançado performaram de maneira semelhante quanto à quantidade de verbos diferentes listados. Foram 34 verbos para os intermediários e 32 para os avançados. As médias de verbos diferentes por falantes também foram próximas: 8,9 para os intermediários e 9,2 para os avançados. Entretanto, os subgrupos diferiram na natureza desse léxico – os avançados usaram menos verbos de nível A1-A2 e mais verbos de nível C1-C2, enquanto no subgrupo intermediário essa relação foi inversa.

Na tarefa de reconhecimento de verbos, os subgrupos intermediário e avançado foram semelhantes. Em ambos, os participantes conheciam a grande maioria dos verbos. Como explicado anteriormente, essa tarefa continha a lista de verbos de movimento que haviam sido empregados pelo grupo-controle de inglês-LM na tarefa de descrição de vídeos. Os bilíngues não sabiam disso e foram instruídos apenas a indicarem quais verbos lhes eram familiares. As médias de verbos por

participante nessa tarefa foram 14,3 para os falantes básicos, 17,1 para os intermediários e 18,3 para os avançados, mostrando uma tendência a ser maior conforme a proficiência aumenta. Apesar de mais falantes avançados conhecerem os verbos C1-C2 do que intermediários, foram esses últimos que, curiosamente, utilizaram mais verbos desse nível na tarefa de descrição de vídeos.

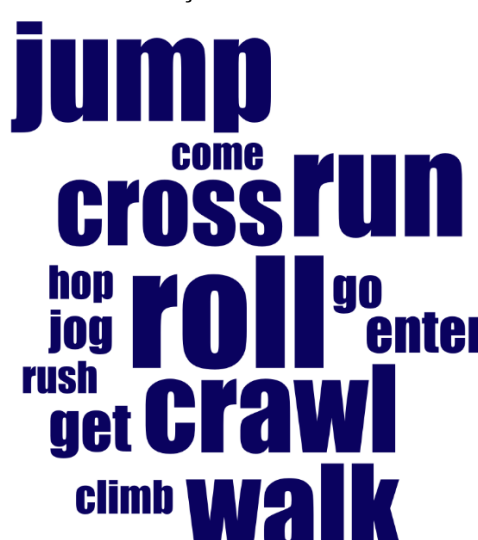
Bilíngues com nível avançado de inglês (N=15)			
TAREFA DE DESCRIÇÃO DE VÍDEO:		TAREFA DE PRODUÇÃO DE VERBOS DE MOVIMENTO:	
		run, walk (15); jump (14); crawl (11); roll (9); fly (7); hop (6); move (5); climb, jog, sprint, swim (4); dance, drive, fall, skip (3); cross, go, stumble (2); ascend, cycle, descend, dive, drag, glide, hike, march, ride, step, soar, turn, wade (1)	
Média de verbos por participante: 7,8 (DP=1,5)		Média de verbos por participante: 9,2 (DP=2,9)	
A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:	
72%	21%	28%	
		TAREFA DE RECONHECIMENTO DE VERBOS DE MOVIMENTO:	
		climb, come, cross, enter, exit, get, go, hike, hop, jump, roll, run, rush, walk (15); crawl, hurry (14); jog (13); leap, skip (12)	
		Média de verbos por participante: 18,3 (DP=1,2)	
A1-A2:	B1-B2:	C1-C2:	
		16%	

Figura 23. Léxico de verbos de movimento dos participantes de nível avançado em inglês do grupo-alvo, nas três tarefas da pesquisa.

A análise apresentada nesta seção revela diferenças importantes nas estratégias e escolhas linguísticas empregadas por cada subgrupo de bilíngues. Os falantes de nível básico recorreram ao uso do verbo "go" como um recurso genérico, enquanto os intermediários demonstraram um léxico de verbos de movimento consideravelmente maior. Os falantes avançados, por sua vez, mostraram conhecimento de verbos de nível C1-C2, mas não se diferenciaram dos falantes intermediários no que tange o verbos utilizados na tarefa de descrição de vídeos. Além disso, a tarefa de reconhecimento de verbos revelou que o conhecimento dos

verbos aumenta com o nível de proficiência, embora tenham sido os falantes intermediários que mais utilizaram verbos de nível mais avançado em suas descrições. Esses achados destacam a complexidade da aquisição e uso de verbos de movimento em um contexto bilíngue e contribuem para uma compreensão mais aprofundada da lexicalização do conceito de movimento pelos participantes da pesquisa.

4.3.2.3 Os padrões de lexicalização dos bilíngues português-LM/inglês-LE

Nas suas respostas à tarefa de descrição de vídeos em inglês, os bilíngues expressaram movimento de maneira condizente com o que se esperaria numa língua-S, e que foi verificado no grupo-controle de falantes de inglês-LM (seção 4.1): o padrão de lexicalização de língua-S (verbo de modo + satélite de trajetória) foi bem mais frequente do que o padrão de língua-V (verbo de trajetória com ou sem adjunto de modo) (Tabela 12). Dentre as 675 frases da amostra dos bilíngues, 62% (N = 419) eram no padrão de língua-S, como nos exemplos (1) e (2), e 23,8% (N = 161) tinham o padrão de língua-V, como nos exemplos (3) e (4).

Tabela 12. Ocorrência dos padrões de lexicalização encontrados nas respostas do grupo-alvo (45 participantes) na tarefa de descrição de vídeo em inglês-LE.

Padrões de lexicalização	N	Média	Desvio padrão
Padrão língua-S	419	9,31	3,741
Padrão língua-V	161	3,58	2,408
Padrão híbrido	40	0,89	1,418
Movimento não translacional	53	1,18	1,805
Outros	2	0,04	0,206
Total:	675		

(1) He ran into the elevator. (B18, T11)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

(2) He rolled down the hill. (B25, T9)
[V. MODO] [SAT. TRAJ.]

comparação com os falantes básicos. Esses resultados indicam que quanto maior o nível de proficiência em inglês-LE dos bilíngues, mais eles utilizaram o padrão de língua-S nessa língua. Ou seja, os dados apontam para uma reestruturação das representações conceituais de movimento em LE.

Na comparação com testes Mann-Whitney entre cada subgrupo de bilíngues e o grupo-controle de falantes de inglês-LM, os resultados revelaram diferenças significativas em todas as comparações: falantes básicos ($U = 81,5$, $p < 0,001$), intermediários ($U = 244,5$, $p < 0,001$) e avançados ($U = 239,5$, $p = 0,0098$). A Figura 24 representa visualmente essas comparações, onde podemos ver o aumento do uso do padrão de língua-S em direção a um desempenho-alvo, aqui representado pelo uso do padrão pelo grupo-controle de falantes de inglês-LM.

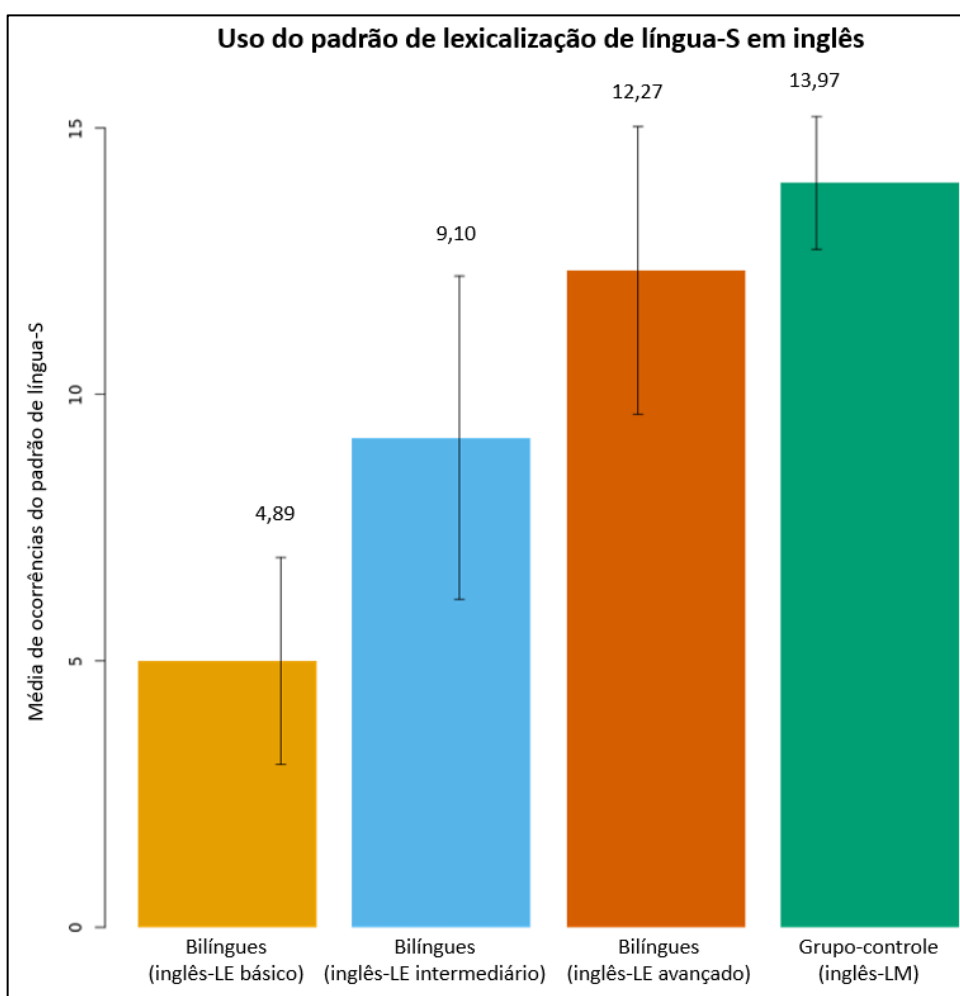


Figura 24. Médias das ocorrências do padrão de lexicalização de língua-S na tarefa de descrição de vídeo em inglês para cada subgrupo bilíngue e para o grupo-controle.

A segunda rodada de comparações entre os grupos foi no uso do padrão de língua-V, e o procedimento foi o mesmo utilizado para o outro padrão. A Tabela 14 mostra os dados descritivos em relação às ocorrências do padrão de língua-V para os três subgrupos de proficiência do grupo-alvo e para o grupo-controle. O alto desvio padrão observado entre os participantes de nível básico provavelmente deve-se ao fato de o tamanho desta amostra ser muito pequeno.

Tabela 14 Estatística descritiva da ocorrência do padrão de língua-V em cada subgrupo de proficiência em inglês-LE e no grupo controle de falantes de inglês-LM.

Grupo	N	Média	Desvio padrão	1º quartil	Mediana	3º quartil
Bílingue (básico) (9 partic.)	43	4,78	2,897	3,00	5,00	6,00
Bílingue (intermediário) (21 partic.)	89	4,24	2,158	3,00	4,00	6,00
Bílingue (avançado) (15 partic.)	29	1,93	1,289	1,00	1,00	3,00
Grupo-controle (30 partic.)	30	1,00	1,155	0,00	1,00	2,00

Na comparação entre os bilíngues dos três níveis de proficiência, o teste de Kruskal-Wallis revelou uma diferença significativa entre os subgrupos ($\chi^2 = 10,811$, $p = 0,004492$). Para examinar e identificar quais grupos diferiram e em que medida, realizamos testes de Mann-Whitney. Os falantes do nível básico usaram o padrão de língua-V um pouco mais do que os intermediários, mas o teste inferencial não revelou uma diferença significativa entre esses subgrupos ($U = 83$, $p = 0,8398$). Por outro lado, ao compararmos os falantes intermediários e os avançados, observamos diferença significativa ($U = 36$, $p = 0,0013$), confirmando que os intermediários empregaram o padrão de língua-V com mais frequência do que os avançados. Da mesma forma, constatamos uma diferença significativa entre os avançados e básicos ($U = 33$, $p = 0,0172$), indicando também uma menor utilização do padrão em questão pelos falantes avançados.

No entanto, todos os subgrupos de bilíngues se diferenciaram do grupo-controle de falantes de inglês-LM no uso do padrão de língua-V. Testes Mann-Whitney comparando cada subgrupo de bilíngues e o grupo-controle revelaram diferenças significativas em todos os casos: falantes básicos ($U = 45$, $p = 0,0002$), intermediários ($U = 321$, $p = 0,0001$) e avançados ($U = 105$, $p = 0,0169$).

Em resumo, esses resultados, representados visualmente na Figura 25, demonstraram um efeito do nível de proficiência no uso do padrão de língua-V entre

os falantes avançados e os dos outros subgrupos. Como esperado, falantes mais avançados de inglês-LE tiveram uma frequência menor de uso do padrão de língua-V em inglês, mas o uso do padrão entre os básicos e intermediários não mostrou diferença significativa, indicando que a transferência conceitual do padrão de lexicalização do português-LM para a LE pode demorar mais para ceder. De modo geral, os dados sugerem, novamente, uma tendência de aproximação do uso alvo da LE, representado pelo grupo controle de falantes de inglês-LM.

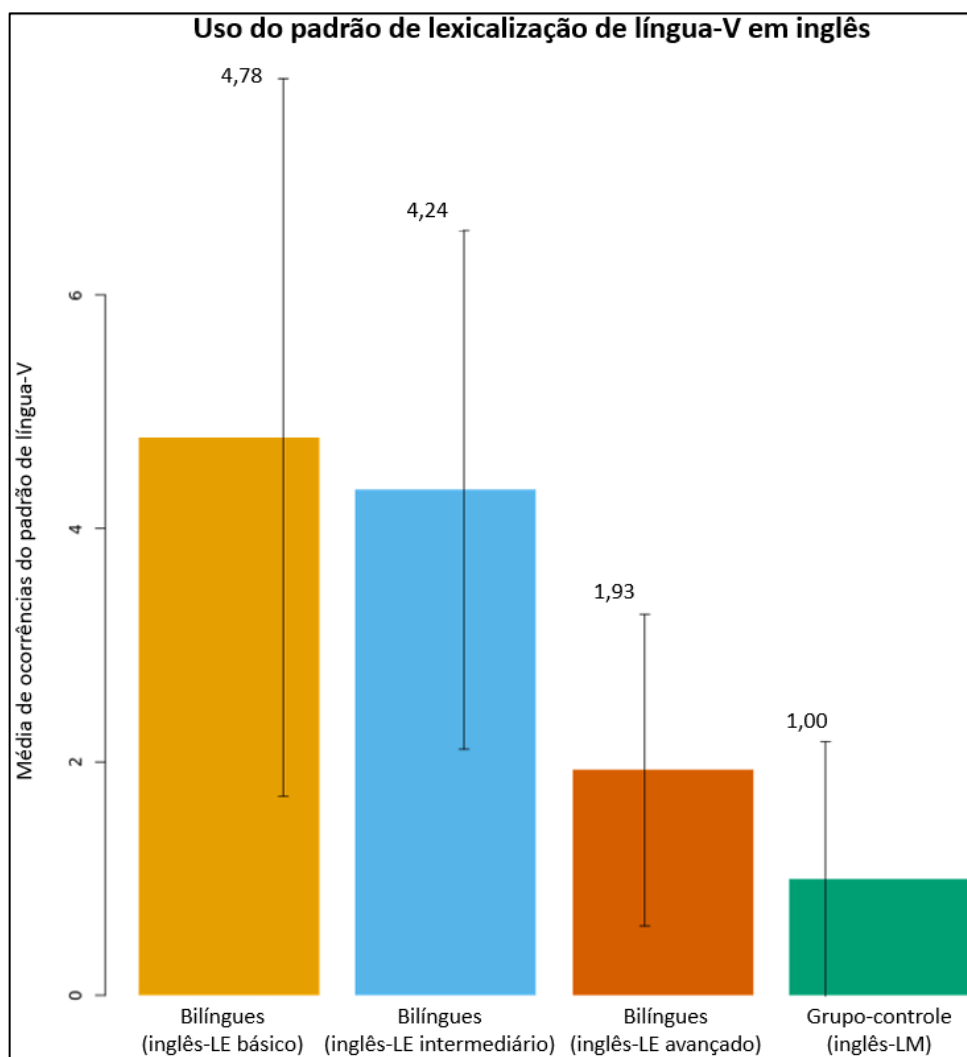


Figura 25. Médias das ocorrências do padrão de lexicalização de língua-V na tarefa de descrição de vídeo em inglês para cada subgrupo bilíngue e para o grupo-controle.

Além dos dois padrões típicos de lexicalização, a Tabela 12 no início desta seção mostra que os bilíngues utilizaram um terceiro tipo, e que não foi observado nas amostras dos grupos-controle. Nesta pesquisa, utilizamos o termo “padrão híbrido” para nos referirmos a esse tipo de lexicalização porque ele combina o padrão de língua-S com o de língua-V. As frases desse tipo tinham um verbo de movimento

genérico (*dummy verb*), um satélite de trajetória e um adjunto de modo na forma de gerúndio, como nos exemplos (5), (6) e (7). Não se trata de um padrão de língua-S, pois nessas línguas os verbos genéricos são usados quando o falante escolhe não lexicalizar MODO. Não é um padrão de língua-V porque nesse tipo de língua TRAJETÓRIA é expressa no verbo principal. Embora Talmy (2000) tenha descrito outros padrões de lexicalização, a combinação de elementos descrita aqui não é contemplada na sua análise.

(5) He came out of the elevator running. (B7, T14)
 [DUMMY V.] [SAT. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

(6) The man went up the hill crawling. (B8, T6)
 [DUMMY V.] [SAT. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

(7) The man got out running from the elevator. (B34, T14)
 [DUMMY V.] [SAT. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

O padrão híbrido foi empregado por 17 dos 45 bilíngues. A Tabela 15 mostra a ocorrência desse padrão nos três subgrupos de bilíngues e parece indicar que ele é menos usado conforme a proficiência na LE aumenta, no entanto, o teste de Kruskal-Wallis não revelou diferença estatisticamente significativa entre os subgrupos ($\chi^2 = 3,533$, $p = 0,1709$).

Tabela 15. Estatística descritiva da ocorrência do padrão híbrido em cada subgrupo de proficiência em inglês-LE.

Grupo	N	Média	Desvio padrão	1º quartil	Mediana	3º quartil
Bilíngue (básico) (9 partic.)	18	2	2,24	0,00	1,00	4,00
Bilíngue (intermediário) (21 partic.)	14	0,67	1,02	0,00	0,00	1,00
Bilíngue (avançado) (15 partic.)	8	0,53	1,06	0,00	0,00	0,05

O padrão híbrido foi utilizado em oito contextos diferentes da tarefa de descrição de vídeos (T5, T6, T8, T9, T11, T12, T14, T15), mais especificamente em sete contextos pelos falantes básicos (T5, T8, T9, T11, T12, T14 e T15), em seis contextos pelos intermediários (T5, T6, T8, T11, T14 e T15) e por seis contextos pelos avançados (T5, T6, T8, T12, T14 e T15). Isso mostra que o uso do padrão híbrido não foi motivado pela particularidade de algum contexto específico. Vale ressaltar que os

bilíngues não utilizaram o padrão-híbrido nas suas respostas à tarefa de descrição de vídeos em português-LM, como mostrado na seção 4.3.1.

Nossa interpretação é que o padrão híbrido é próprio dos bilíngues e indica influência translinguística conceitual da LM na produção em LE e uma reestruturação da representação mental de eventos de movimento. Há três motivos para esta conclusão: (1) a estrutura desse padrão de lexicalização contempla ao mesmo tempo elementos do padrão típico da LE-alvo e da LM, (2) a sua ocorrência, ainda que pequena, concorre com os outros dois padrões na amostra e (3) sua ocorrência parece diminuir conforme a proficiência aumenta, assim como diminui o uso de padrão de língua-V e aumenta o de língua-S, como já descrito. Ao usarem o padrão híbrido de lexicalização, os bilíngues provavelmente já percebem que o inglês expressa movimento de forma diferente, com maior lexicalização de MODO, mas ainda são influenciados pela LM a expressarem esse conceito através de adjuntos.

Outro ponto a ser abordado sobre a lexicalização de movimento do grupo-alvo são as 55 frases que seriam excluídas por não descreverem eventos de movimento com os padrões analisados na pesquisa. Aqui cabe uma exceção, pois, ao contrário das respostas dos grupos-controle e mesmo do grupo-alvo na sua LM, em que as ocorrências de descrições de movimento não translacional foram pouquíssimas, nas respostas em inglês-LE do grupo-alvo elas representaram 7,8% das frases (N = 53), como as dos exemplos (8), (9) e (10).

(8) The man is rolling. (B17, T9)
[V. MODO]

(9) The man is walking. (B28, T1)
[V. MODO]

(10) He running fast. (B21, T1)
[V. MODO] [ADJUNTO MODO]

Ao nos voltarmos para os subgrupos de proficiência, constatamos uma diferença interessante: esse tipo de descrição equivaleu a 21,5% das frases dos falantes básicos, 6,3% das frases dos intermediários e 1,8% das frases dos avançados (e neste subgrupo, todas as ocorrências vieram de um único participante). Ao considerarmos esses dados em conjunto com o uso dos demais padrões de

lexicalização por cada subgrupo, inferimos que os bilíngues de nível básico em inglês, possivelmente por conta do seu léxico menor de verbos de movimento e também por ainda não terem aprendido ou tido contato suficiente com o padrão de lexicalização de língua-S, acabam transferindo mais o padrão de língua-V de sua LM. Ou, por presumirem uma diferença translinguística entre as suas línguas (RINGBOM, 2007; FERREIRA, 2018), procuram evitar o uso do padrão de língua-V para descrever evento translacional e se concentram no conceito de MODO, lexicalizando-o não como coevento, mas como evento básico de movimento autocontido da FIGURA. Tanto a transferência de elementos (neste caso, no nível conceitual) quanto a evitação são fenômenos comuns e inerentes ao desenvolvimento do conhecimento interlinguístico (ODLIN, 1989).

Além da transferência conceitual nos padrões de lexicalização, os bilíngues exibiram vários casos de outros tipos de influência translinguística, particularmente no uso de verbos, o que tornou a codificação dos dados mais desafiadora do que nas outras amostras. Por exemplo, dois participantes usaram o verbo *take* da seguinte maneira: “*he took the elevator*” (B1, T10). Nesta frase, o bilíngue pode ter transferido o uso do verbo *pegar* da locução *pegar o elevador*, com o sentido de entrar no elevador. Ou pode ter supergeneralizado o uso de verbo *take* como em *take a bus/taxi*. Em inglês, o verbo *take* só é usado com *elevator/lift* quando há informação sobre destino (ex.: *he took the elevator to the 3rd floor*) ou trajetória (ex.: *he took the elevator up*). Na frase da amostra, não há informação de destino ou trajetória – o vídeo de estímulo sequer mostra o elevador em movimento. Portanto, codificamos essa ocorrência como verbo de trajetória, com o sentido de *entrar*. Outro caso, bem mais recorrente na amostra, foi o do uso do verbo *climb* tanto como verbo de trajetória quanto verbo de modo. O verbo *climb* tem dois significados principais: (1) verbo de trajetória com sentido de *deslocar-se para cima* (ex.: *climb the stairs*); e (2) verbo de modo com o sentido de “mover-se com dificuldade, especialmente com o uso dos pés e das mãos”, sempre acompanhado de satélite de trajetória (ex.: *climb through the window, climb into bed, climbed over the wall*). A grande parte das ocorrências desse verbo foram com o primeiro sentido, portanto, no padrão de língua-V: “*he was climbing the hill*” (B1, T4), mas também foram observadas ocorrências do verbo com o segundo sentido, no padrão de língua-S: “*he climbed up a hill*” (B5, T4).

Em suma, a análise dos dados de lexicalização de eventos de movimento em inglês-LE revela que os bilíngues do estudo exibiram comportamentos que podem ser

considerados como transferência conceitual, *i.e.*, influência de conceitualizações formadas a partir de uma língua na lexicalização dos mesmos conceitos em outra língua. Isso ficou claro ao constataremos que o grupo-alvo utilizou o padrão de língua-V em inglês-LE mais do que o fez o grupo-controle de falantes de inglês-LM. Os dados também parecem mostrar que essa influência translinguística diminui à medida que a proficiência em inglês aumenta, refletindo uma reestruturação conceitual na mente bilíngue em direção ao padrão da LE-alvo. Além disso, os bilíngues também utilizaram um padrão híbrido de lexicalização que combinou elementos das duas tipologias, indicando mais uma vez a influência translinguística conceitual e dando suporte à ideia de que o aprendiz ou usuário de LE cria hipóteses sobre ela e possui uma gramática mental própria.

Na próxima seção, apresentamos os dados sobre a lexicalização de MODO em inglês-LE e comparamos os bilíngues dos três níveis de proficiência com os falantes dos grupos-controle. Esses dados nos ajudam a compreender melhor a transferência conceitual observada na pesquisa.

4.3.3 Saliência perceptual de MODO e a lexicalização desse coevento no grupo-alvo em português-LM e inglês-LE

Conforme mostramos nas seções 4.1.1 e 4.2.1, os dados de lexicalização de MODO dos grupos-controle inglês-LM e português-LM corroboraram o que diz a literatura sobre a questão: línguas-S, como o inglês, lexicalizam MODO com mais frequência do que as línguas-V, como o português (TALMY, 2000; SLOBIN, 2004; 2006). Nas nossas análises, os falantes de inglês-LM expressaram MODO em todos os contextos da tarefa de descrição de vídeo, enquanto os falantes de português-LM o fizeram apenas quando o coevento foi percebido como atípico. Nesta seção, descrevemos como o grupo-alvo de bilíngues lexicalizou MODO em cada uma de suas línguas, o efeito do nível de proficiência em inglês na expressão do conceito nessa língua e as diferenças e similaridades entre os bilíngues e os grupos-controle.

4.3.3.1 Como os bilíngues lexicalizaram MODO em português-LM

A Tabela 16, apresenta as somas e médias das ocorrências da lexicalização de MODO como um todo (verbos principais e adjuntos) na amostra do grupo-alvo em português-LM nos três níveis de saliência perceptual de MODO, e a Figura 26 mostra as ocorrências do conceito para cada contexto da tarefa de descrição de vídeo. De modo geral, a lexicalização de modo em LM pelos bilíngues foi bastante semelhante à observada no grupo-controle (seção 4.2.1).

Tabela 16. Ocorrências de lexicalização do coevento MODO no português-LM do grupo-alvo em cada nível de saliência perceptual de MODO na tarefa de descrição de vídeos.

Saliência perceptual de MODO	N	Média	Desvio padrão
Contextos de MODO comum (T1, T4, T7, T10, T13)	7	0,16	0,665
Contextos de MODO menos comum (T2, T5, T8, T11, T14)	224	4,98	0,147
Contextos de MODO incomum (T3, T6, T9, T12, T15)	221	4,91	0,285
Em todos os 15 contextos	452	10,04	0,788

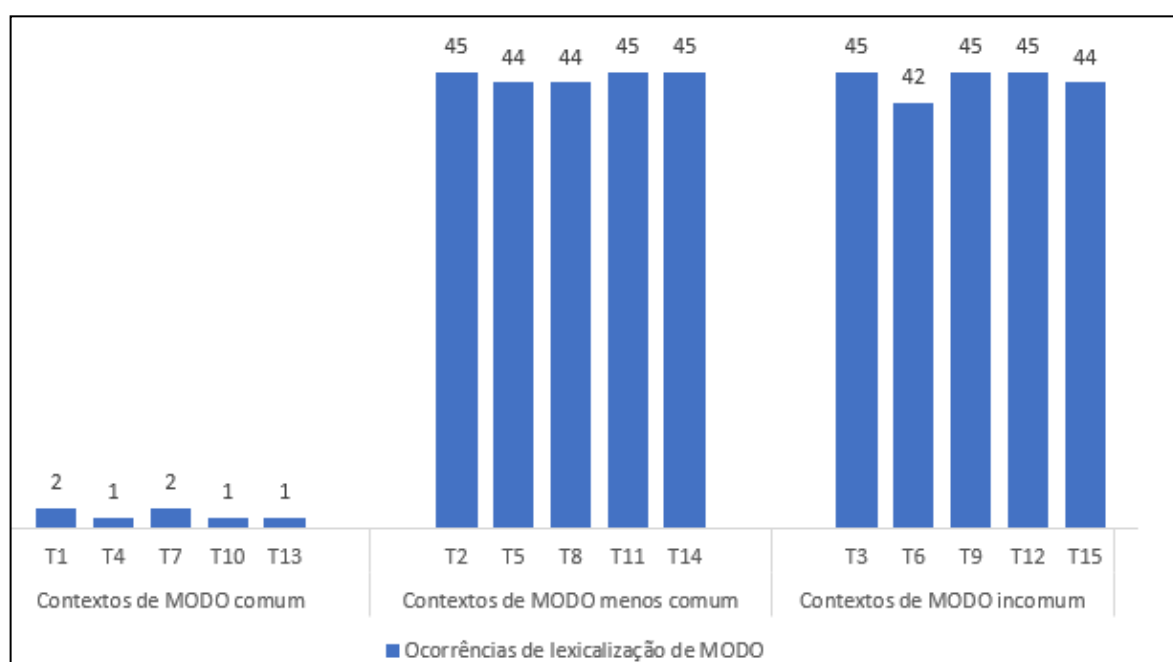


Figura 26. Distribuição das ocorrências de lexicalização de MODO pelos contextos da tarefa de descrição de vídeos em inglês-LE, na amostra do grupo-alvo.

Nos contextos de MODO comum, ao contrário do grupo-controle, que não lexicalizou MODO, o grupo-alvo o fez em sete frases, como as dos exemplos (11) e (12). No entanto, o teste de Mann-Whitney comparando os grupos não indicou diferença significativa entre eles ($U = 630$; $p = 0,151753$). As sete ocorrências constatadas no grupo-alvo vieram de apenas três participantes (B11: quatro, B15: duas; B42: uma). Ainda que não seja impossível, julgamos improvável que os participantes tenham sofrido transferência conceitual da LE para a LM. Explicamos isso na seção 4.3.1.2 quando abordamos os padrões de lexicalização e mencionamos esses participantes em específico.

(11) O homem entrou caminhando num elevador. (*B11, T13*)
 [V. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

(12) O homem atravessou a rua caminhando. (*B42, T1*)
 [V. TRAJ.] [ADJUNTO MODO]

Nos contextos de MODO comum e incomum, os testes de Mann-Whitney também não mostraram diferença significativa entre os bilíngues e o grupo-controle ($U = 645$, $p = 0,3391$ para MODO menos comum; e $U = 618,5$, $p = 0,2783$ para MODO menos comum). Qualitativamente, as frases do grupo-alvo não exibiram nada de diferente em relação às frases do grupo-controle. Esses dados indicam uma expressão consistente e comparável de MODO de movimento entre os grupos nesses contextos de saliência.

Em suma, com base nos resultados apresentados nesta seção, podemos concluir que não houve diferença significativa entre os bilíngues e o grupo-controle na lexicalização de MODO em português-LM. Essa conclusão não surpreende, dado que os participantes de ambos os grupos eram falantes dominantes de português e viviam em imersão nessa língua. As diferenças apareceram na língua inglesa, como veremos a seguir.

4.3.3.2 Como os bilíngues lexicalizaram MODO em inglês-LE

Como já estabelecemos que o nível de proficiência em inglês-LE teve efeito na forma como os bilíngues usaram os padrões de lexicalização (seção 4.3.2.3), a análise da lexicalização de MODO também levou essa variável em consideração. Antes de seguirmos, porém, vale mencionar que as ocorrências de MODO nas respostas dos participantes bilíngues com e sem formação em Letras (N=14 e N=31, respectivamente) foram comparadas através de um teste de Mann-Whitney e o resultado não indicou diferença significativa entre eles ($p = 0,334$). As médias de ocorrências do coevento, dispostas na Tabela 17, mostram que os três subgrupos de bilíngues (básicos, intermediários e avançados em inglês-LE) expressaram MODO menos do que o grupo-controle em todos os contextos. Outra constatação é que há uma tendência de uma maior lexicalização de MODO conforme a proficiência aumenta.

Tabela 17. Estatística descritiva da lexicalização do coevento MODO em inglês na tarefa de descrição de vídeos para o grupo-alvo e o grupo-controle e resultados dos testes de Mann-Whitney de comparação entre cada subgrupo de proficiência e o grupo-controle, em cada contexto.

	Média	Desvio padrão	Mediana	U	p
Contextos de MODO comum (T1, T4, T7, T10, T13)					
subgrupo-alvo (básico)	0,00	0,000	0,00	0	< 0,001
subgrupo-alvo (intermediário)	1,38	1,362	1,00	69,5	< 0,001
subgrupo-alvo (avançado)	2,40	1,583	2,00	124,5	0,013
grupo-controle	3,73	1,263	4,00		
Contextos de MODO menos comum (T2, T5, T8, T11, T14)					
subgrupo-alvo (básico)	3,89	1,197	4,00	44	< 0,001
subgrupo-alvo (intermediário)	4,71	0,825	5,00	226,5	0,018
subgrupo-alvo (avançado)	5,00	0,365	5,00	209,5	0,527
grupo-controle	5,17	0,637	5,00		
Contextos de MODO incomum (T3, T6, T9, T12, T15)					
subgrupo-alvo (básico)	3,22	0,916	3,00	13	< 0,001
subgrupo-alvo (intermediário)	4,67	1,084	5,00	197,5	0,004
subgrupo-alvo (avançado)	4,93	0,573	5,00	195	0,221
grupo-controle	5,37	0,948	5,00		

Em todos os 15 contextos			
subgrupo-alvo (básico)	7,11	1,853	7,00
subgrupo-alvo (intermediário)	10,76	2,724	11,00
subgrupo-alvo (avançado)	12,33	1,700	12,00
grupo-controle	14,27	1,672	14,00

Foram realizados testes de Mann-Whitney para comparar o grupo-alvo com o grupo-controle em cada nível de saliência perceptual de MODO. Os resultados, mostrados na parte direita da Tabela 17, revelam que, em geral, a diferença entre os bilíngues e o grupo-controle é significativa. Apenas em dois casos, com os bilíngues avançados em inglês-LE, não encontramos diferença significativa entre o grupo-alvo e os falantes de inglês-LM: nos contextos de MODO menos comum ($p = 0,527$) e incomum ($p = 0,221$).

Como previsto na literatura (TALMY, 2000; SLOBIN, 2004; 2006) e observado na presente pesquisa (seções 4.1.1 e 4.2.1), as línguas investigadas diferem na forma e na frequência da lexicalização de MODO. O inglês tende a expressar o coevento independentemente da saliência perceptual de MODO, já que o padrão de lexicalização típico dessa língua coloca TRAJETÓRIA em satélites, deixando o verbo principal vago para absorver o coevento. Em português, por outro lado, o padrão típico não inclui satélites, portanto MODO é normalmente lexicalizado em adjuntos, que têm custo cognitivo maior para ativação. Por isso, os falantes de português preferem expressar modo apenas quando esse conceito é perceptualmente mais saliente.

Nossa conclusão é que essa diferença translinguística na maneira de lidar com o conceito MODO é fonte de transferência conceitual. Para os falantes básicos de inglês-LE, que têm um léxico menor e ainda não aprenderam a usar os satélites, essa diferença causou uma influência negativa (*i.e.*, impôs um desafio maior ao uso-alvo da LE), pois os falantes provavelmente presumiram uma convergência conceitual (PAVLENKO, 2009) entre LM e LE que não existe e acabaram usando mais verbos de trajetória, menos o padrão de língua-S e evitaram expressar MODO quando o evento foi percebido como típico.

Os falantes intermediários, com léxico maior, mais uso do padrão de língua-S, e menos do padrão de língua-V na língua-alvo, se aproximaram um pouco mais dos falantes de inglês-LM nos eventos de MODO menos comum e incomum, mas ainda se diferenciaram significativamente deles nos três níveis de saliência perceptual do

coevento, provavelmente por influência da LM. Um detalhe interessante é que o subgrupo intermediário parece ter sido o que apresentou maior variação em praticamente todos os dados. No nosso entendimento, isso reflete a natureza da interlíngua de nível intermediário, onde regras, padrões e conceitos das LM e da LA competem mais fortemente no desenvolvimento da gramática mental bilíngue (ELLIS, 2015).

Os falantes avançados exibiram, na nossa interpretação, transferência linguística simultaneamente positiva e negativa. Por um lado, suas conceitualizações em LM os fizeram expressar menos o coevento nos contextos de MODO comum, os distanciando da performance-alvo. Por outro lado, a percepção de MODO como atípico, que em sua LM faz ativar e expressar o coevento, provavelmente facilitou a lexicalização de MODO e resultou numa performance equivalente à dos falantes do grupo-alvo. Considerados em conjunto, todos esses resultados evidenciam a influência translinguística e a reestruturação do domínio conceitual de MOVIMENTO na mente bilíngue.

5. Conclusão

Nossa pesquisa investigou a influência translinguística conceitual na produção oral em inglês-LE de bilíngues que tinham o português como LM. Para isso, nos concentramos no domínio conceitual MOVIMENTO, cujos padrões de lexicalização típicos são diferentes em cada uma dessas línguas. O experimento principal foi uma tarefa de descrição de vídeos, e foram realizadas coletas com bilíngues categorizados em três níveis de proficiência, assim como falantes nativos de cada língua e que não falavam a outra. A análise dos dados foi de natureza mista, buscando entender e explicar os resultados não só de um ponto de vista estatístico, mas também relacionando-os com vários fatores qualitativos importantes, tais como a variabilidade da gramática e do léxico mental do falante de LE, as similaridades e diferenças translinguísticas e os diferentes efeitos da percepção dos falantes quanto a componentes conceituais específicos.

Para apresentar melhor nossas conclusões, retomamos cada uma das perguntas de pesquisa e a respondemos à luz das hipóteses da pesquisa e dos resultados descritos no capítulo anterior. Depois, fazemos algumas considerações adicionais sobre aspectos teóricos, as contribuições do estudo, suas limitações e as possibilidades para pesquisas futuras.

5.1 Pergunta de pesquisa 1:

- Bilíngues brasileiros falantes de português-LM/inglês-LE sofrem influência translinguística conceitual da sua LM ao descreverem eventos de movimento na LE?

De acordo com a tipologia de eventos de movimento proposta por Talmy (2000) e adotada como fundamentação teórica desta pesquisa, o inglês é uma língua com *frame* no satélite, ou língua-S, pois utiliza mais tipicamente um padrão de lexicalização formado por verbo de modo e satélite de trajetória. MODO é um coevento e, portanto, não fundamental na expressão de movimento translacional. Mas como o inglês expressa TRAJETÓRIA nos satélites, o verbo principal pode absorver o coevento, que acaba lexicalizado sem custo cognitivo adicional. De acordo com a mesma teoria, o português é uma língua com *frame* no verbo, ou língua-V, pois expressa TRAJETÓRIA no verbo principal e não utiliza satélites. Isso faz com que o falante tenha que usar adjuntos para expressar modo, o que causa um custo cognitivo adicional. Por conta disso, as línguas-V acabam expressando o coevento com menos frequência do que as línguas-S.

A hipótese 1 desta pesquisa era que as diferenças na representação conceitual de movimento em inglês e português causariam transferência conceitual na produção em LE dos bilíngues, que poderiam não expressar eventos de movimento em inglês-LE como esperado nessa língua. Essa hipótese foi confirmada e os dados mostraram essa influência translinguística em três âmbitos: no uso dos padrões de lexicalização, na presença de um padrão híbrido e na expressão do coevento MODO.

A análise dos dados do grupo-controle de falantes de inglês-LM mostrou que essa língua apresenta tanto o padrão de língua-S quanto o de língua-V, embora o primeiro seja predominante. Quanto ao grupo-controle de português-LM, os dados também revelaram a presença de ambos os padrões, mas em relação inversa – o padrão de língua-V foi mais predominante. Ao examinarmos a produção em inglês-LE do grupo-alvo de bilíngues, constatamos a presença de ambos os padrões e a predominância do padrão de língua-S, como esperado nessa língua. Porém, o uso desse padrão foi menos frequente que no grupo-controle, e o padrão de língua-V foi mais frequente, independentemente do nível de proficiência dos participantes. Ou seja, houve uma influência da conceitualização de movimento em LM, que privilegia verbos de trajetória, na produção em LE.

Os bilíngues também fizeram uso de uma combinação distinta dos elementos semânticos, não observada nos grupos-controle, e que chamamos de padrão híbrido. Nessa construção, os falantes utilizaram um verbo principal acompanhando de um satélite, criando o padrão de língua-S, mas ao invés de lexicalizarem MODO nesse verbo, o fizeram com o acréscimo de um adjunto, como é típico das línguas-V (Ex.: *He went down the hill running* – B4, T8). Isso mostra que os bilíngues perceberam que o inglês requer um *phrasal verb* nesse tipo de evento de movimento, mas ainda foram influenciados pela maneira de expressar esse domínio conceitual na sua LM.

Quanto ao coevento MODO, a análise dos dados dos grupos-controle mostrou diferenças entre línguas-S e V nas maneiras de expressá-lo, como previsto por Talmy (2000) na sua hipótese da saliência dos elementos semânticos, e na frequência com que foi expresso, como previsto por Slobin (2004; 2006) na sua hipótese de um *continuum* de saliência de MODO. Os resultados da tarefa de descrição de vídeo também mostraram que, em português, é a percepção do falante em relação à tipicidade de MODO de movimento que o fará lexicalizá-lo, um efeito que ao longo do texto desta tese chamamos de saliência perceptual. Era esperado, portanto, que essa diferença translinguística conceitual pudesse levar à transferência, e isso se confirmou ao examinarmos os bilíngues. Eles expressaram MODO em inglês-LE menos frequentemente do que o grupo-controle de inglês-LM em todos os contextos, mas a lexicalização desse coevento aumentou à medida que a proficiência em inglês-LE era maior. As comparações entre os bilíngues de cada nível de proficiência e o grupo controle mostraram que, em geral, a diferença entre os bilíngues e o grupo-controle foi significativa, exceto para os bilíngues avançados em alguns contextos específicos. Ainda sobre os avançados, os dados indicam que a maneira como MODO é conceitualizado e expresso na LM tanto facilitou quanto dificultou a sua lexicalização na LE, evidenciando o caráter dinâmico da influência translinguística.

5.2 Pergunta de pesquisa 2:

- A partir da comparação entre bilíngues com diferentes níveis de proficiência, é possível afirmar que há diferenças entre seus padrões de lexicalização de movimento em inglês-LE? Se sim, essas diferenças refletem um padrão de reestruturação do léxico bilíngue ou são aleatórias e/ou individuais?

Considerando que o português e o inglês diferem tipologicamente no domínio conceitual movimento (TALMY, 2000), que o desenvolvimento interlinguístico pressupõe uma aproximação gradual do desempenho-alvo na LE (SELINKER, 1972) e que a transferência conceitual evidencia uma reestruturação linguística e conceitual na mente bilíngue (PAVLENKO, 2014), a hipótese 2 desta pesquisa era que os bilíngues de níveis distintos de proficiência na LE exibiriam diferenças entre si e em relação ao grupo-controle e que essas diferenças refletiriam uma reestruturação conceitual em direção a um desempenho-alvo. Os resultados da pesquisa confirmaram essa hipótese, mostrando diferenças significativas nos padrões de lexicalização de movimento em inglês-LE entre os bilíngues com diferentes níveis de proficiência. Essas diferenças refletiram o que se poderia considerar um padrão de reestruturação do léxico bilíngue em direção à LE-alvo (inglês) e não há razões para supor que tenham sido aleatórias.

Com relação ao léxico, os experimentos mostraram diferenças interessantes entre os subgrupos de proficiência. Na tarefa de descrição de vídeo, os bilíngues de nível básico usaram o verbo genérico *go* mais do que os outros falantes, provavelmente como estratégia contra o seu léxico menor de verbos de movimento. Na mesma tarefa, os bilíngues intermediários tiveram um léxico mais variado em comparação com os básicos e avançados. No entanto, na tarefa de produção de verbos, os bilíngues avançados usaram menos verbos de nível A1-A2 e mais verbos de nível C1-C2, enquanto os bilíngues intermediários exibiram um padrão oposto.

Quanto ao padrão de língua-S, os bilíngues intermediários em inglês exibiram uma frequência mais alta em comparação com os de nível básico, enquanto os avançados apresentaram a maior frequência. Esses resultados indicam que o aumento do nível de proficiência em inglês-LE está associado a um desempenho mais próximo do uso-alvo na lexicalização de eventos de movimento nessa língua. Em relação ao padrão de língua-V, a tendência foi inversa: quanto maior o nível de

proficiência dos falantes, menor a ocorrência do padrão. Também constatamos que todos os subgrupos de bilíngues utilizaram o padrão de língua-V mais frequentemente e o de língua-S com menos frequência do que os falantes nativos de inglês. Esses achados sugerem que os bilíngues estão passando por um processo de reestruturação conceitual em direção à língua-alvo, mas apresentam diferenças em relação aos falantes nativos de inglês, o que condiz com o que postula a teoria da interlíngua (SELINKER, 1972).

5.3 Pergunta de pesquisa 3:

- Os participantes bilíngues da pesquisa lexicalizam eventos de movimento nessas línguas da mesma forma que o fazem os falantes nativos de cada língua (que não falam a outra), ou demonstram conceitualizações próprias do bilíngue?

Para responder essa pergunta, nós analisamos a lexicalização de eventos movimento em português-LM e inglês-LE dos bilíngues, comparando-a com a dos grupos-controle. A hipótese 3 da pesquisa era que os bilíngues exibiriam padrões de lexicalização diferentes daqueles de falantes nativos monolíngues dessas línguas, e ela se baseou no que diz a literatura a respeito da interlíngua (SELINKER, 1972), das representações conceituais na mente bilíngue (PAVLENKO, 2009) e da influência translinguística conceitual (JARVIS; PAVLENKO, 2010).

Dentre as várias diferenças entre os bilíngues e os grupos-controle observadas principalmente nos dados da tarefa de descrição de vídeos, a que julgamos confirmar a hipótese é a presença de um padrão de lexicalização híbrido na produção em inglês-LE dos bilíngues, formado por verbo genérico e satélite de trajetória (como em línguas-S) acompanhado de um adjunto de modo (como nas línguas-V). Como explicado no capítulo anterior, essa construção indica, ao mesmo tempo, que o bilíngue já percebe que a LE prefere “verbo + satélite”, mas ainda sente a necessidade de expressar o coevento como é natural na sua LM. A nova regra que o bilíngue inclui na sua interlíngua – o padrão híbrido, é uma tentativa de acomodação das regras da LM e da LE, portanto, uma conceitualização fundamentalmente bilíngue.

Pavlenko (2009) propôs o Modelo Hierárquico Modificado, que concebe os conteúdos conceituais das línguas nem como totalmente isolados, nem como

totalmente idênticos, mas parcialmente sobrepostos. Ou seja, há conceitos completamente compartilhados entre as línguas, outros que são específicos de cada uma, e ainda conceitos parcialmente compartilhados. Embora o modelo tenha sido originalmente concebido para explicar o léxico mental bilíngue, o tomamos emprestado para compreender também a organização da gramática mental, e o fazemos sob a premissa de que léxico e gramática estão estritamente relacionados e são interdependentes (TALMY, 2000a).

5.4 Questões teóricas e as contribuições e limitações da pesquisa: o Relativismo Linguístico, o Modelo Hierárquico Modificado e a tipologia de Talmy

Nesta seção, fazemos ponderações em relação a alguns dos construtos teóricos que embasaram esta pesquisa e as limitações dela. Mais especificamente, abordamos a associação desta tese com o Relativismo Linguístico e o uso do Modelo Hierárquico Modificado (PAVLENKO, 2009) e da tipologia de movimento de Talmy (2000).

A presente pesquisa não fornece evidências a favor nem contra o Relativismo Linguístico. Como discutido na segunda seção do Capítulo 2, as pesquisas atuais sobre a influência das línguas no pensamento buscam se afastar da dicotomia *determinismo vs. relativismo* e reconhecem que essa influência é multifacetada e difícil de ser isolada (PAVLENKO, 2014). O que a pesquisa neo-whorfiana faz é investigar aspectos específicos das línguas e sua interação com áreas específicas da cognição. Nesse sentido, a presente tese contribui com esse esforço ao apresentar dados que mostram que português e inglês expressam movimento de formas diferentes e que os bilíngues dessas línguas percebem isso e reagem utilizando um padrão híbrido de lexicalização. Este é um efeito verificado das diferenças translinguísticas na forma como o evento de movimento é lexicalizado, mas não é possível afirmar que os falantes de cada língua *pensem* movimento de maneiras diferentes. Por outro lado, os dados que apresentamos sobre a saliência perceptual de MODO apontam para um possível efeito da língua na cognição. Talvez os falantes de inglês, por influência da tendência dessa língua em incluir MODO sem esforço cognitivo extra, sejam mais atentos a esse conceito do que os falantes de português, que o costumam ignorar

quando se expressam sobre eventos de movimento de MODO comum. Nossa pesquisa não pode confirmar essa hipótese, mas é uma questão interessante e que merece ser investigada mais a fundo no futuro.

A nossa pesquisa não fornece evidências claras a favor nem contra o Modelo Hierárquico Modificado de Pavlenko (2009). Na verdade, como exposto na terceira seção do Capítulo 2, tomamos esse modelo como arcabouço teórico auxiliar na reflexão e compreensão dos dados coletados, sem a intenção direta de testá-lo. Embora ele tenha sido proposto por Pavlenko para explicar a transferência conceitual e a reestruturação de representação conceitual na mente bilíngue no âmbito lexical, pensamos que também possa ser usado para representar a gramática mental bilíngue, especialmente se considerarmos que, para Talmy (2000), os padrões de lexicalização são estruturas conceituais. Em seu modelo, Pavlenko defende que a mente bilíngue possui categorias conceituais específicas da LM e da L2 e também uma zona cinzenta onde há uma sobreposição conceitual e elementos de ambas são compartilhados. No caso dos eventos de movimento e dos bilíngues investigados neste trabalho, os padrões de lexicalização de língua-S e V seriam categorias compartilhadas, pois ocorrem tanto em português quanto em inglês, mas o caráter tipológico, ou seja, a preferência de cada língua por um padrão, seria um elemento específico de cada língua. Seria o caso daquilo que Pavlenko chamou de equivalência parcial (PAVLENKO, 2009). Ao aprender uma língua-S como o inglês, o falante de português-LM precisa desenvolver esse componente específico da LE-alvo, utilizando o conteúdo conceitual da LM que for útil para facilitar o processo, mas também reorganizando ou reestruturando suas conceitualizações desse domínio conceitual. A influência translinguística conceitual é, nesse contexto, evidência desse esforço de reestruturação. Esse é o nosso entendimento de como o Modelo Hierárquico Modificado poderia explicar a aprendizagem de inglês-LE, no entanto, é somente uma reflexão à luz dos dados analisados nesta pesquisa. Esperamos que no futuro sejam feitos estudos específicos, com mais domínios conceituais, para testar a capacidade do modelo de explicar o léxico e a gramática mental bilíngue.

Quanto à teoria de Leonard Talmy sobre a tipologia dos eventos de movimento (TALMY, 2000), julgamos que ela explica de forma eficaz por que o português é uma língua-V. Na seção 2.4.3 discutimos os problemas dos argumentos de uma pesquisa que rejeitou a classificação proposta por Talmy. Os dados de português que coletamos do grupo-controle e do grupo-alvo corroboraram a tipologia talmyiana, mostrando

uma clara preferência pelo padrão de língua-V. Eles também parecem confirmar que as línguas-S expressam mais o coevento MODO porque a lexicalizam em elementos de menor custo cognitivo, conforme afirmam Talmy (2000) e Slobin (2004, 2006). Nossa pesquisa foi ainda mais longe e demonstrou que a saliência de MODO na *percepção* dos falantes de português pode ser o fator que faz com que eles queiram pagar um preço cognitivo maior para expressar esse conceito. No entanto, nossos dados se limitaram à análise de apenas 15 contextos. Estudos futuros precisarão abranger mais situações de movimento e outros coeventos descritos por Talmy (ex.: causa, concomitância e subsequência), além de controlar variáveis como variações regionais e o uso de expressões formulaicas em contextos específicos, para que as conclusões sejam mais generalizáveis.

5.5 Questões metodológicas e as contribuições e limitações da pesquisa

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi eficiente e possibilitou que os objetivos fossem alcançados. A escolha de usar estímulos dinâmicos (em vídeo) viabilizou a criação de contextos de eventos de movimento específicos para este estudo e uma perspectiva do observador bastante próximos de uma situação real, o que levou a enunciados mais coloquiais tanto em português quanto em inglês. A coleta de dados através de descrição oral também foi um fator importante, pois provavelmente resultou em enunciados mais naturais do que se as descrições tivessem sido por escrito, em que os falantes tendem a monitorar mais o uso da língua.

O uso da plataforma Phonic de coleta de dados, em que todos os participantes receberam as mesmas instruções e puderam responder as tarefas sem a interferência do pesquisador, tornou o procedimento de coleta mais padronizado do que se tivéssemos feito entrevistas gravadas. Para a análise dos dados, a plataforma MAXQDA foi extremamente importante para organizar e controlar a codificação dos elementos semânticos, padrões de lexicalização e variáveis, e para prevenir erros. Como *software* de análise mista de dados linguísticos, o MAXQDA facilita comparações, ajuda a identificar relações e aumenta o rigor metodológico. Entretanto, ambas as plataformas são ferramentas pagas e foram custeadas pelo próprio pesquisador.

Dentre as limitações da pesquisa, apontamos como principais o tamanho das amostras e algumas variáveis não controladas. Quanto à primeira, teria sido melhor compor o grupo-alvo com pelo menos 30 pessoas em cada subgrupo de proficiência, já que esse era o número de participantes nos grupos-controle. Em relação às variáveis, nossa pesquisa não controlou a idade dos participantes, nem local de origem e residência dos bilíngues. Em estudos futuros, controlar esses aspectos pode ajudar a estabelecer amostras com distribuição normal de dados e conferir maior força à análise estatística. Outras limitações dizem respeito a alguns aspectos da tarefa de descrição. Em todos os vídeos, as ações são realizadas pela mesma pessoa. Apesar de a instrução da tarefa informar os participantes sobre os eventos não serem relacionados e de a ordem dos vídeos mudar a cada coleta, não podemos descartar a possibilidade de alguns participantes terem presumido sequências de eventos. Estudos futuros poderão controlar esse aspecto incluindo pessoas diferentes nos estímulos.

É importante ressaltar que todo o procedimento de recrutamento dos participantes, coleta de dados, codificação e análise foram feitos em metade do tempo inicialmente planejado, pois a pandemia de COVID-19 fez parar as atividades acadêmicas por meses e impôs vários obstáculos às pesquisas empíricas. Mesmo assim, a limitação imposta pela pandemia não afetou a qualidade final das análises apresentadas neste trabalho.

De maneira geral, apesar das suas limitações, a metodologia empregada nesta pesquisa se mostrou eficaz e poderá servir de modelo para estudos futuros sobre a lexicalização de movimento, especialmente no Brasil ou em contextos com falantes de uma LM e uma LE de tipologias diferentes.

5.6 Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o domínio conceitual MOVIMENTO e a transferência conceitual em bilíngues falantes de português-LM e inglês-LE. Ao explorarmos a lexicalização de movimento em português-LM, usamos dados de uso oral da língua com descrições espontâneas, mas coletadas sob condição

experimental, que ajudaram a compreender como essa língua expressa movimento e como ela difere da língua inglesa.

Com a análise da produção de bilíngues dessas línguas, inédita por trazer a descrição de movimento a partir de estímulos dinâmicos, pudemos verificar o fenômeno da transferência conceitual, um tipo de influência translinguística que provavelmente atravessa vários outros domínios conceituais e que é inerente à aprendizagem de LE. Além disso, demonstramos, em consonância com a literatura, que os bilíngues constroem hipóteses sobre o funcionamento da LE-alvo e que sua representação mental não é formada apenas por padrões de cada uma de suas línguas – os bilíngues LM-LE também utilizam padrões próprios de lexicalização. Nossa pesquisa também inovou ao mostrar que a reestruturação das representações conceituais na mente bilíngue também pode ocorrer em contexto de LE, ou seja, mesmo quando os falantes têm menos contato e oportunidades de uso da língua do que os que vivem em imersão na LE.

Todos esses resultados ressaltam a importância de se investigarem as similaridades e diferenças entre as línguas e, em particular, a influência translinguística conceitual, sobre a qual a presente pesquisa é a primeira no Brasil. Esperamos que este trabalho inspire estudos futuros que abordem e expandam nossas análises e contribuam para aumentar o conhecimento sobre a mente bilíngue.

Referências

- AMARAL, L. **Os verbos de modo de movimento do português brasileiro**. Monografia. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. n.8-9, p. 123-140, 2019.
- AMARAL, L. Os verbos de modo de movimento no português brasileiro. **ReVeLe**, v. 3, p. 1-20, 2011.
- AMRAOUI, F. Language interference in learning Arabic as a second language (L2): a descriptive and analytical study. **Revue de l'Administration de l'Education**,
- ANDREWS, D. The Russian Color Categories Sinij and Goluboj: An Experimental Analysis of Their Interpretation in the Standard and Emigré Languages. **Journal of Slavic Linguistics**, v. 2, n. 1, p. 9-28, 1994.
- ARABSKI, J. (Org.). **Cross-linguistic influences in the second language lexicon**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.
- ATHANASOPOULOS, P.; AVELEDO, F. Linguistic relativity and bilingualism. *In*: ALTARRIBA, J.; ISURIN, L. **Memory, Language, and Bilingualism: Theoretical and Applied Approaches**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 236-255.
- BARRON, A. Learning to Say "You" in German: The Acquisition of Sociolinguistic Competence in a Study Abroad Context. *In*: DUFON, M.; CHURCHILL, E. (Orgs.). **Language Learners in Study Abroad Contexts**. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2006. p. 59-88.
- BEAVERS, J.; LEVIN, B.; THAM, S. The Typology of Motion Events Revisited. **Journal of Linguistics**, v. 46, n. 2, p. 331-377, 2010.
- BERMAN, R.; SLOBIN, D. **Relating events in narrative: A crosslinguistic developmental study**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1994.
- BERTHELE, R. The many ways to search for a Frog story: On a fieldworker's troubles collecting spatial language data. *In*: GUO, J., LIEVEN, E., BUDWIG, N., ERVINTRIPP, S., NAKAMURA, K.; ÖZÇALISKAN, S. (Eds.). **Crosslinguistic approaches to the psychology of language: Research in the tradition of Dan Isaac Slobin**. New York/London: Psychology Press, 2008. p. 163–174.
- BERTHELE, R. On the use of PUT verbs by multilingual speakers of Romansh. *In*: KOPECKA, A.; NARASIMHAN, B. (Eds.). **Events of putting and taking: A crosslinguistic perspective**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 145-166.
- BOAS, Franz. **Methods of Ethnology**. New York: Read Books Ltd., 1920.

BORODITSKY, L. Does language shape thought?: Mandarin and English speakers' conceptions of time. **Cognitive Psychology**, v. 43, p. 1-22, 2001.

BORODITSKY, L.; SCHMIDT, L.; PHILLIPS, W. Sex, syntax, and semantics. *In*: GENTNER, D.; GOLDIN-MEADOW, S. (Eds.). **Language in mind: Advances in the study of language and thought**. Cambridge, MA: MIT Press, 2003. p. 61-79.

BOWERMAN, M. Learning how to structure space for language: A crosslinguistic perspective. *In*: BLOOM, P.; PETERSON, M.; NADEL, L.; GARRETT, M. (Eds.). **Language and space**. Cambridge, MA: MIT Press, 1996. p. 385-436

BROWN, A.; GULLBERG, M. Bidirectional cross-linguistic influence in L1-L2 encoding of manner in speech and gesture: A study of Japanese speakers of English. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 30, p. 225-251, 2008.

BROWN, A.; GULLBERG, M. Changes in encoding of path of motion in a first language during acquisition of a second language. **Cognitive Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 263-286, 2010.

BROWN, A.; GULLBERG, M. Bidirectional cross-linguistic influence in event conceptualization? Expressions of Path among Japanese learners of English. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 14, n. 1, p. 79-94, 2011.

BROWN, R.; LENNEBERG, E. A study in language and cognition. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 49, n. 3, p. 454-462, 1954.

CADIERNO, T. Expressing motion events in a second language: A cognitive typological approach. *In*: ACHARD, M.; NIEMEIER, S. (Eds.). **Cognitive linguistics, second language acquisition, and foreign language teaching**. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2004. p. 13-49.

CADIERNO, T. Motion in Danish as a second language: Does the learner's L1 make a difference? *In*: HAN, Zh.; CADIERNO T. (Eds.). **Linguistic relativity in SLA: Thinking for speaking**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2010. p. 1-33.

CADIERNO, T.; RUIZ, L. Motion events in Spanish L2 acquisition. **Annual Review of Cognitive Linguistics**, v. 4, p. 183-216, 2006.

CASASANTO, D.; BORODITSKY, L.; PHILLIPS, W.; GREENE, J.; GOSWAMY, S.; BOCANEGRA-THIEL, S.; SANTIAGO-DIAZ, I.; FOTOKOPOULU, O.; PITA, R.; GIL, D. How deep are effects of language on thought? Time estimation in speakers of English, Indonesian, Greek, and Spanish. **26th Annual Conference of the Cognitive Science Society**, Chicago, IL, 2004.

CENOZ, J.; HUFSEIN, B.; JESSNER, U. (Ed.). **Cross-linguistic influence in third language acquisition: Psycholinguistic perspectives**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2001.

COOK, V.; BASSETTI, B.; KASAI, C.; SASAKI, M.; TAKAHASHI, J. A. Do bilinguals have different concepts? The case of shape and material in Japanese L2 users of English. **International Journal of Bilingualism**, v. 10, n. 2, p. 137-152, 2006.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 14, n. 2, p. 371-404, 2006.

COUNCIL FOR CULTURAL CO-OPERATION (Org.). **Common European Framework of Reference for Languages: learning, teaching, assessment**. 10ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CRYSTAL, D. **The Cambridge Encyclopedia of Language**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

DALLER, M.; TREFFERS-DALLER, J.; FURMAN, R. Transfer of conceptualization patterns in bilinguals: The construal of motion events in Turkish and German. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 14, n. 1, p. 95-119, 2011.

DANESI, M. **Linguistic Relativity Today**. Routledge, 2021.

DAVEL, A. da P. C.; PAIVA, M. da C. de. [DAR UMA N-ADA SPREP]: uma análise construcional. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 66, 2022.

DE GROOT, A. M. B. **Language and Cognition in Bilinguals and Multilinguals: an introduction**. New York: Psychology Press, 2015.

DE GROOT, A. M. B. The bilingual memory. In: F. Grosjean; P. Li (Orgs.); **The psycholinguistics of bilingualism**. p. 171–191, 2013. Malden, Mass: Wiley-Blackwell.

DE GROOT, A. M. B. Word-Type Effects in Bilingual Processing Tasks: Support for a mixed-Representational System. In: SCHREUDER, R.; WELTENS, B. (Orgs.). **Studies in Bilingualism**. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 27-51.

DÓCZI, B. An Overview of Conceptual Models and Theories of Lexical Representation in the Mental Lexicon. In: S. Webb (Org.). **The Routledge Handbook of Vocabulary Studies**. London: Routledge. 2019. p. 46-65.

ELLIS, R. **Understanding Second Language Acquisition**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

FAUSEY, C.; BORODITSKY, L. Who dunnit? Cross-linguistic differences in eye-witness memory. **Psychonomic bulletin & review**, v. 18, p. 150-157, 2011.

FERREIRA, R. C. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs: a percepção de aprendizes de inglês-LE**, Dissertação. Universidade Federal de Pelotas. 2018

FILIPOVIČ, L. Speaking and remembering in one or two languages: bilingual vs. monolingual lexicalization and memory for motion events. **International Journal of Bilingualism**, v. 15, n. 4, p. 466-485, 2011.

FINKBEINER, M.; NICOL, J.; GRETH, D.; NAKAMURA, K. The role of language in memory for actions. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 31, n. 5, p. 447-457, 2002.

FRELENG, F. **Canary Row** [animação]. New York: Time Warner, 1950.

GASS, S. M.; SELINKER, L. **Second Language Acquisition: An Introductory Course**. 3 ed. New York: Routledge, 2008.

GOMES, N. dos S. Verbos leves: observações sobre o português do Brasil. **Soletras**, v. 8, n. 2, p. 76–83, 2004.

GONÇALVES, R. T. **Relativismo linguístico ou como a língua influencia o pensamento**. Editora Vozes, 2020.

GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. J. (Orgs.). **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

GOR, K.; COOK, S.; MALYOSHENKOVA, V.; VDOVINA, T. Verbs of motion in highly proficient learners and heritage speakers of Russian. **The Slavic and East European Journal**, v. 53, n. 3, p. 386–408, 2009.

GROSJEAN, F. Individual bilingualism. *In*: **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Oxford: Pergamon Press. 1994. p. 1656-1660

GROSJEAN, F. **Studying Bilinguals**. Oxford: Oxford University Press. 2008.

GROSJEAN, F. The bilingual individual. **Interpreting**, v. 2, p. 163-187, 1997.

GULLBERG, M. Thinking, speaking, and gesturing about motion in more than one language. *In*: PAVLENKO, A. (Ed.). **Thinking and speaking in two languages**. Bristol, UK: Multilingual Matters, 2011. p. 143–169.

HASKO, V. Semantic composition of motion verbs in Russian and English: The case of intra-typological variability. *In*: HASKO, V.; PERELMUTTER, R. (Eds.). **New approaches to Slavic verbs of motion**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 197-224.

HOHENSTEIN, J.; EISENBERG, A.; NAIGLES, L. Is he floating across or crossing afloat? Cross-linguistic influence of L1 and L2 in Spanish–English bilingual adults. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 9, n. 3, p. 249–261. 2006.

HUMBOLDT, W. von. **On language: on the diversity of human language construction and its influence on the mental development of the human species**. Trad. Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1836/1999.

JACKENDOFF, R. **Semantic Structures**. Cambridge: MIT Press, 1990. 338 p.

JANSE. Aspects of Bilingualism in the History of the Greek Language. *In*: ADAMS, J., JANSE, M.; SWAIN, S. **Bilingualism in Ancient Society**. Oxford University Press, 2002. p. 332-390.

JARVIS, S. **Conceptual transfer in the interlingual lexicon**. Bloomington: Indiana University Linguistics Club Publications, 1998.

JARVIS, S.; PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York: Routledge, 2010.

JESPERSEN, O. **Language - its nature, development and origin**. London: G. Allen & Unwin Ltd., 1922.

KELLERMAN, E. Towards a characterization of the strategy of transfer in second language learning. **Interlanguage Studies Bulletin**. v. 2, n. 1, p. 58-145, 1977.

KELLERMAN, E.; SHARWOOD-SMITH, M. **Crosslinguistic influence in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1986.

KRASHEN, S. **Principles and practice in second language acquisition**. Oxford: Pergamon, 1982.

KROLL, J. F.; BIALYSTOK, E. Understanding the consequences of bilingualism for language processing and cognition. **Journal of Cognitive Psychology**, v. 25, n. 5, p. 497–514, 2013.

KROLL, J.; STEWART, E. Category Interference in Translation and Picture Naming: Evidence for Asymmetric Connections Between Bilingual Memory Representations. **Journal of Memory and Language**, v. 33, n. 2, p. 149-174, 1994.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LARSON-HALL, J. **A Guide to Doing Statistics in Second Language Research Using SPSS**. 1 ed. Routledge, 2010.

LEMMENS, M.; PERREZ, J. On the use of posture verbs by French-speaking learners of Dutch: A corpus-based study. **Cognitive Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 315-347, 2010.

LUCY, J. **Language diversity and thought. A reformulation of the linguistic relativity hypothesis**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1992.

MACKEY, A.; GASS, S. (Eds.). **Research methods in second language acquisition: A practical guide**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2012.

MACKEY, W. F. The Description of Bilingualism. *In*: J. A. Fishman (Org.); **Readings in the Sociology of Language**. Boston: De Gruyter Mouton. 1968. p. 554–584.

MALT, B.; SLOMAN, S.; GENNARI, S. Universality and language specificity in object naming. **Journal of Memory and Language**, v. 29, p. 20-42, 2003.

MALT, B.; SLOMAN, S.; GENNARI, S.; SHI, M.; WANG, Y. Knowing versus naming: Similarity and the linguistic categorization of artifacts. **Journal of Memory and Language**, v. 40, p. 230-262, 1999.

MAYER, M. **Frog, where are you?**. New York: Dial, 1969.

MEIRELLES, L. Verbos de movimento do português brasileiro: evidências contra uma tipologia binária. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 2, p. 1101-1124, 2019.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do português brasileiro. **Alfa**, v. 61, n. 2, p. 425-450, 2017.

MENEZES, V. M. C. DE. Quando “falar” vira ordem: a construção FALAR PARA V. infinitivo em Português, uma explicação cognitiva. **Gragoatá**, v. 23, n. 46, p. 566–583, 2018.

MENGALI, Rodrigo. **(Re)pensar-para-falar: ensinando a expressão do movimento em inglês a falantes nativos do português**. 211 f. Dissertação. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2021.

NEVES, M. H. DE M. **Gramática de usos do português**. 1 ed. São Paulo: Unesp, 2000.

ODLIN, T. Cross-linguistic influence. *In*: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (Org.). **The handbook of second language acquisition**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003, p. 436–486.

ODLIN, T. **Language transfer**: cross-linguistic influence in language learning. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ODLIN, T. Transferability and lexical restructuring (or: what gets lost in the translation - and why?). *In*: BLACKSIRE-BELAY, C. (Ed.). **Current Issues in Second Language Acquisition and Development**. Lanham: UPA, 1994. p. 29-45.

PAVLENKO, A. Bilingualism and emotions. **Multilingua**, v. 21, p. 45-78, 2002.

PAVLENKO, A. Eyewitness memory in late bilinguals: Evidence for discursive relativity. **International Journal of Bilingualism**, v. 7, n. 3, p. 257-281, 2003.

PAVLENKO, A. **The Bilingual Mental Lexicon: Interdisciplinary Approaches**. Multilingual Matters. 2009.

PAVLENKO, A. **The bilingual mind: and what it tells us about language and thought**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014.

PAVLENKO, A.; VOLYNSKY, M. **Motion in the two languages of Russian–English bilinguals**. AAAL Conference, Boston, MA, 2012.

PEDERSON, E. Cognitive Linguistics and Linguistic Relativity. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. OUP, 2007. p. 1012-1044.

PINKER, S. **The language instinct**. William Morrow, 1994.

RASINGER, S. M. **Quantitative Research in Linguistics**. London: Bloomsbury Academic, 2013.

RICHARDS, J. C.; SCHMIDT, R. W. **Longman: Dictionary of Language teaching and applied linguistics**. London: Longman, 2002.

RINGBOM, H. **Cross-linguistic similarity in foreign language learning**. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

RINGBOM, H. On learning related and unrelated languages. **Moderna språk**. v. 72, p. 21-25, 1978.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SANTOS-FILHO, D. O padrão de lexicalização do português brasileiro: evento de movimento. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, v. 5, n. 2, p. 103-123, 2016a.

SANTOS-FILHO, D. Verbos de modo de movimento no português brasileiro: uma classe reduzida?. **4º Encontro Rede Sul Letras**, Unisul, Palhoça, p. 321-332, 2016b.

SAPIR, E. Conceptual categories in primitive languages. **Science**. v. 74, p. 578. 1931.

SAPIR, E. **Language: An Introduction to the Study of Speech**. 2004 ed. Courier Corporation. 1921.

SAPIR, E. The status of linguistics as a science. **Language**. v. 5, p. 207-214, 1929.

SARTIN, E. B. de G. **Gramaticalização de combinação de orações: estruturas para + infinitivo no português**. Dissertação. Universidade de São Paulo. 2008.

SCHACHTER, J.; RUTHERFORD, W. Discourse function and language transfer. **Working Papers in Bilingualism**. v. 19, p. 3-12, 1979.

SCHER, A. P. **As construções com o verbo leve DAR e nominalizações em -ADA no português do Brasil**. Tese. Universidade Estadual de Campinas. 2004.

SELMIS, S.; KATIS, D. Motion descriptions in English and Greek: A cross-typological developmental study of conversations and narratives. **Linguistik Online**. v. 42, n. 2. 2010.

SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 10, n. 1-4, p. 209-232, 1972.

SJÖHOLM, K. **The influence of crosslinguistic, semantic, and input factors on the acquisition of English phrasal verbs**: a comparison between Finnish and Swedish learners at an intermediate and advanced level. Åbo: Åbo Akademi University Press, 1995.

SLOBIN, D. From “thought and language” to “thinking for speaking”. *In*: GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (Eds.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996. p. 70-96.

SLOBIN, D. Language and thought online: Cognitive consequences of linguistic relativity. *In*: D. Gentner; S. Goldin-Meadow (Orgs.). **Language in mind: Advances in the study of language and thought**. Boston Review. 2003. p. 157-191.

SLOBIN, D. Learning to think for speaking: native language, cognition, and rhetorical style. **Pragmatics**, v. 1, n. 1, p. 7–25, 1991.

SLOBIN, D. The Many Ways to Search for a Frog: Linguistic Typology and the Expression of Motion Events. *In*: S. Strömquist; L. Verhoeven (Orgs.). **Relating events in narrative, Vol. 2. Typological and contextual perspectives**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum. 2004. p. 219–257.

SLOBIN, D. What makes manner of motion salient? *In*: M. Hickmann; S. Robert (Orgs.); **Space in languages: Linguistic systems and cognitive categories**. John Benjamins. 2006. p. 59–81.

SWOYER, C. How does language affect thought? *In*: COOK, V.; BASSETTI, B. (Eds.). **Language and Bilingual Cognition**. Hove: Psychology Press, 2011. p. 23-42.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. *In*: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**, vol. 3. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge University Press, 1985. p. 57–149.

TALMY, L. **Path to realization: A typology of event conflation**. Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, p. 480–519, 1991.

TALMY, L. **Semantic Structures in English and Atsugewi**. Tese de Doutorado - University of California, Berkeley, 1972.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics: Concept Structuring Systems**. Cambridge, MA: MIT Press, v. 1, 2000a.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics: Typology and Process in Concept Structuring**. Cambridge, MA: MIT Press, v. 2, 2000b.

TIMBERLAKE, A. **A Reference Grammar of Russian**. Cambridge University Press, 2004.

TIMKO, A. Linguistic interference between English as L2 and French as L3 on the basis of lexical false cognates (false friends). **Apps - Academic Journal of Applied Linguistics and Languages**, n.1 (1), p. 80-91, 2023.

VERMEULEN, R.; KELLERMAN, E. Causation in narrative: The role of language background and proficiency in two episodes of "The Frog Story." *In*: ALBRECHTSEN, D.; HENRIKSEN, B.; MEES, I.; POULSEN, E. (Eds.). **Perspectives on foreign and second language pedagogy**. Odense University Press, 1998. p. 161–176.

WANG, Q.; SHAO, Y.; LI, Y. "My way or mom's way?" The bilingual and bicultural self in Hong Kong Chinese children and adolescents. **Child Development**. v. 81, n. 2, p. 555–567. 2010.

WEINREICH, U. **Languages in contact: findings and problems**. The Hague: Mouton, 1953.

WHORF, B. **Language, thought, and reality**. New York: Wiley, 1956.

WINAWER, J.; WITTHOFT, N.; FRANK, M. C.; BORODITSKY, L. Russian blues reveal effects of language on color discrimination. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 104, n. 19, p. 7780-7785, 2007.

WOLFF P.; HOLMES K. Linguistic relativity. **WIREs Cognitive Science**, v. 2, p. 253-265. 2011.

Apêndices

Apêndice A – Capturas de tela do instrumento de coleta de dados principal e do instrumento auxiliar 1 na plataforma Phonic versão *mobile*.

Video description task
Welcome! This task is part of a larger study on the structures of different languages and how people use them to express themselves. Your participation will take about 15 minutes.
Click to Begin

CONSENT FORM
- This survey will be used to collect data from native speakers of English for the doctoral research being carried out in the Postgraduate Programme in Language Studies of the Federal University of Pelotas (UFPEL/Brazil) by Renan Castro Ferreira. The research aims to investigate the use of certain linguistic structures in English and Portuguese;
- The participant's data will be de-identified with identifiers and will be used exclusively for the study mentioned above;
- During the video description task, we will collect the participant's answers in audio, but we are not assessing pronunciation. The audio will later be transcribed and the recordings will not be played publicly in any stage of the research;
- Participation is voluntary and does not entail any cost, expense or compensation to the participant.
By responding to the survey, the participant authorizes the use of data generated in it in the doctoral research mentioned above.
Next
Having a technical problem?

Your full name:
Text Response
Response
Next
Having a technical problem?

Country of origin:
Text Response
Response
Next
Having a technical problem?

Country of residence:
Text Response
Response
Next
Having a technical problem?

Do you have any other native languages besides English?
Select One
A ☐ Yes
B ☒ No
Next
Having a technical problem?

Can you communicate in any other language?
Select One
A ☒ Yes
B ☐ No
Next
Having a technical problem?

OK, we're ready to begin the video description task.
INSTRUCTIONS
You must describe what you see in 15 short video clips. The actions shown were filmed on different occasions and are not related. Each clip is around 10 seconds long and there is no audio.
Watch each video only once and answer with one sentence the following question: "What did the man do?" Your answer will be recorded in audio.
ATTENTION! Make sure you do the task in a quiet place where you can be alone. Try not to get distracted or take breaks during the task.
Next
Having a technical problem?

What did the man do?
Record your answer in one sentence (e.g. He turned on the TV).
[Video Player]
Record

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Tarefa de descrição de vídeo

Bem-vindo(a)! Esta tarefa é parte de uma pesquisa maior sobre as estruturas de diferentes línguas e como os falantes as utilizam para se expressarem. Sua participação vai levar cerca de 15 minutos.

[Clique para Começar](#)

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PElotas**

TERMO DE CONSENTIMENTO

- Este formulário digital será utilizado para coletar dados para a pesquisa de doutorado de Renan Castro Ferreira, realizada no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, e que visa a investigar o uso de certas estruturas em português e inglês;


- Não haverá identificação do nome do participante em nenhuma apresentação ou publicação sobre a pesquisa;

- A participação nesta pesquisa é voluntária e não gera nenhum custo ou despesa ao participante.

Ao responder à presente pesquisa, o participante autoriza o uso de dados gerados a partir deste formulário digital na pesquisa descrita acima.

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Seu nome completo:

Resposta de Texto

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Você está fazendo a presente pesquisa porque é falante nativo(a) de português. Além de português, você tem outra(s) língua(s) materna(s)?


Selecione Um

A ☐ Sim

B ☐ Não

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Você usa ou já usou outras línguas na família?

Selecione Um

A ☐ Sim

B ☐ Não

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Você consegue se comunicar em alguma outra língua além do português?


Selecione Um

A ☐ Sim

B ☒ Não

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Você está fazendo curso/aulas particulares de inglês?


Selecione Um

A ☐ Sim

B ☐ Não

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Você já fez curso/aulas particulares de inglês no passado?

Selecione Um

A ☐ Sim

B ☐ Não

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

 **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELotas**

Certo, agora estamos prontos para começar tarefa de descrição de vídeo.

INSTRUÇÕES

Você deve descrever o que vir em 15 vídeos curtos. As ações mostradas foram filmadas em momentos diferentes e não estão relacionadas. Os vídeos duram cerca de 10 segundos cada e não têm áudio.

Assista cada vídeo apenas uma vez e responda com uma frase, em português, à pergunta "O que fez este homem?". Sua resposta será gravada em áudio, mas não estamos analisando sua pronúncia. É que as respostas em áudio tornam a tarefa mais dinâmica e mais rápida.

ATENÇÃO! Faça a tarefa em um local silencioso e onde você possa ficar sozinho(a). Não faça pausas.

[Seguinte](#)

Está a ter um problema técnico?

Apêndice B – Capturas de tela do instrumento de coleta de dados auxiliar 3 na plataforma Phonic versão *mobile*.

Vocabulary Production and Recognition

Welcome! This task is part of a larger study on the structures of different languages and how people use them to express themselves. Your participation will take less than 10 minutes.

[Click to Begin](#)

CONSENT FORM

- This survey will be used to collect data for the doctoral research being carried out in the Postgraduate Programme in Language Studies of the Federal University of Pelotas (UFPEL/Brazil) by Renan Castro Ferreira. The research aims to investigate the use of certain linguistic structures in English and Portuguese;
- The participant's data will be de-identified with identifiers and will be used exclusively for the study mentioned above;
- During one of the tasks, we may collect the participant's answers in audio, but we are not assessing pronunciation. The audio will later be transcribed and the recordings will not be played publicly in any stage of the research;
- Participation is voluntary and does not entail any cost, expense or compensation to the participant.

By responding to the survey, the participant authorizes the use of data generated in it in the doctoral research mentioned above.

[Next](#)

Having a technical problem?

Your full name:

Text Response

Response

[Next](#)

Having a technical problem?

OK, we're ready to begin the survey.

INSTRUCTIONS

There are two tasks in this survey. In the first one, we ask you to list all the words you can remember of a certain kind. You can answer either by recording an audio or by typing. In the second task, we ask you to check all the words you know from a list.

Click on "Next" to proceed to the first task.

[Next](#)

Having a technical problem?

Vocabulary Production Task

We want to know how many English verbs of motion you can remember.

Verbs of motion are those that describe how someone or something moves (e.g. walk, run, jump).

[Next](#)

Having a technical problem?

Say all the verbs of motion you can remember.

Audio Response

Time Limit

03:00

[Record](#)

Or click here to answer with text

[Next](#)

Having a technical problem?

Vocabulary Recognition Task

Now we will show you a list of English verbs of motion, and you should check all the ones you are familiar with and would be able to use in a sentence. If you are not sure what a certain verb means, do not check its box.

[Next](#)

Having a technical problem?

Here is a list of 18 verbs of motion. Check the verbs you know and can use in context.

Check All That Apply

A	<input type="checkbox"/> come
B	<input type="checkbox"/> climb
C	<input type="checkbox"/> crawl
D	<input type="checkbox"/> cross
E	<input type="checkbox"/> enter
F	<input type="checkbox"/> exit
G	<input type="checkbox"/> get
H	<input type="checkbox"/> go
I	<input type="checkbox"/> hop

J	<input type="checkbox"/> hurry
K	<input type="checkbox"/> jog
L	<input type="checkbox"/> jump
M	<input type="checkbox"/> leap
N	<input type="checkbox"/> roll
O	<input type="checkbox"/> run
P	<input type="checkbox"/> rush
Q	<input type="checkbox"/> skip
R	<input type="checkbox"/> walk

[Finish](#)

**Apêndice C – Síntese das informações sobre os participantes do grupo-
controle de falantes de inglês-LM coletadas com o instrumento auxiliar 1.**

Código de identi- ficação	País de origem	País de residência	Mono- língue?	Conhecimentos e uso de outras línguas
Ing1	Nova Zelândia	Canadá	Sim	
Ing2	Canadá	Canadá	Sim	
Ing3	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing4	Estados Unidos	Estados Unidos	Não	Espanhol e chinês (básico em ambas); não usa.
Ing5	Canadá	Canadá	Não	Francês (básico/escolar); não usa.
Ing6	País de Gales	Estados Unidos	Não	Galês; não usa.
Ing7	Estados Unidos	Estados Unidos	Não	Estudou alemão por 5 anos; não usa.
Ing8	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing9	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing10	Nova Zelândia	Nova Zelândia	Sim	
Ing11	Escócia	Inglaterra	Sim	
Ing12	Inglaterra	Inglaterra	Não	Alemão (C2), só usa na leitura/escrita.
Ing13	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing14	Estados Unidos	Estados Unidos	Não	Espanhol (básico), só usa para ler placas, cartazes, informativos.
Ing15	Trindade e Tobago	Trindade e Tobago	Sim	
Ing16	Estados Unidos	Estados Unidos	Não	Vietnamita (língua dos avós), só entende expressões; não usa.
Ing17	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing18	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing19	United Kingdom	Austrália	Não	Francês (básico); não usa
Ing20	Estados Unidos	Estados Unidos	Não	Alemão (básico); não usa
Ing21	Inglaterra	Inglaterra	Não	Francês (básico); não usa
Ing22	Inglaterra	Inglaterra	Sim	
Ing23	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing24	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing25	Estados Unidos	Estados Unidos	Não	Espanhol (básico), não usa
Ing26	Nova Zelândia	Nova Zelândia	Sim	
Ing27	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing28	Estados Unidos	Estados Unidos	Sim	
Ing29	Austrália	Austrália	Não	Francês (básico); não usa
Ing30	Austrália	Austrália	Não	Espanhol (básico), não usa

Apêndice D – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-controle de falantes de inglês-LM na tarefa de descrição de vídeo.

T1

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: caminhando



Ing1	He crossed the road.
Ing2	He walked across the road.
Ing3	He crossed the street.
Ing4	He walked across the street.
Ing5	He walked across the street.
Ing6	He crossed the road.
Ing7	The man crossed the street.
Ing8	The man crossed the street at an intersection.
Ing9	He crossed the street.
Ing10	The man walked across the street.
Ing11	The man walked straight across an empty road without looking either way.
Ing12	He crossed the road.
Ing13	The man walked across the street.
Ing14	He crossed the street.
Ing15	The man is crossing the street.
Ing16	The man walked across the road.
Ing17	He crossed the street.
Ing18	The man walked across the street.
Ing19	The man crossed the road.
Ing20	He walked across the street.
Ing21	He walked across the street.
Ing22	The man walked across the road.
Ing23	The man walked across the street.
Ing24	The man walked across the street.
Ing25	The man walked across the street.
Ing26	He walked across the street.
Ing27	The man walked across the street.
Ing28	The man walked across the street.
Ing29	The man walked across the road.
Ing30	He crossed the street.

T2

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: correndo



Ing1 He ran across the road without looking.

Ing2 He ran across the road.

Ing3 He ran across the street.

Ing4 He ran across the street.

Ing5 He ran across the street.

Ing6 He jogged across the road.

Ing7 The guy ran across the street.

Ing8 The man very quickly crossed the street.

Ing9 He hurried across the street.

Ing10 He jogged across the street.

Ing11 The man jogged casually across the road without looking either way.

Ing12 He ran across the road.

Ing13 He crossed the street using a very peculiar gait.

Ing14 He ran across the street.

Ing15 He quickly crosses the street.

Ing16 The man ran across the road.

Ing17 He jogged across the street.

Ing18 The man ran across the street.

Ing19 You ran across the road.

Ing20 He ran across the street.

Ing21 He jogged across the road.

Ing22 The man ran across the road.

Ing23 He jogged across the road.

Ing24 The man jogged across the street.

Ing25 He ran across the road.

Ing26 He ran across the road.

Ing27 He ran across the street.

Ing28 The man ran across the street.

Ing29 He ran across the road.

Ing30 He ran across the street.

T3

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: pulando



Ing1 With his feet side by side, he jumped across the road in multiple bounds.

Ing2 He hopped across the road.

Ing3 He hopped across the street.

Ing4 He hopped across the street.

Ing5 He hopped across the street.

Ing6 He hopped across the road.

Ing7 He jumped across the street.

Ing8 The man hopped across the intersection.

Ing9 He hopped across the street.

Ing10 He hopped across the street like a rabbit.

Ing11 The man jumped across an empty road.

Ing12 The man jumped across the road.

Ing13 He hopped across the street.

Ing14 He hopped across the street.

Ing15 He is hopping across the street.

Ing16 The man hopped across the road.

Ing17 He hopped across the street.

Ing18 The man hopped across the street.

Ing19 He jumped across the road.

Ing20 He hopped across the street.

Ing21 He jumped across the road.

Ing22 The man jumps across the road.

Ing23 He hopped across the road.

Ing24 The man hopped across the street.

Ing25 He hopped across the road.

Ing26 He hopped across the road.

Ing27 He jumped across the street.

Ing28 The man jumped across the street.

Ing29 He hopped across the road.

Ing30 He hopped across the street.

T4

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



- | | |
|--------------|-----------------------------------------|
| Ing1 | He walked up a slight incline. |
| Ing2 | He walked up the slope. |
| Ing3 | He walked up a hill. |
| Ing4 | He walked up a hill. |
| Ing5 | He walked up a hill. |
| Ing6 | He walked up the hill. |
| Ing7 | He walked up a hill. |
| Ing8 | The man hiked up a path. |
| Ing9 | He walked up the hill. |
| Ing10 | He walked up the hill. |
| Ing11 | The man walked intently up the hill. |
| Ing12 | He walked up the hill. |
| Ing13 | He walked up a hill in the woods. |
| Ing14 | He walked up the hill. |
| Ing15 | The man is walking uphill. |
| Ing16 | The man walked up the hill. |
| Ing17 | He walked up the hill. |
| Ing18 | The man walked up the hill. |
| Ing19 | The man walked up the hill. |
| Ing20 | He walked uphill through the forest. |
| Ing21 | He hiked up a hill. |
| Ing22 | The man walked up the hill. |
| Ing23 | He walked up a hill in the forest. |
| Ing24 | The man walked uphill through a forest. |
| Ing25 | The man hiked up the hill. |
| Ing26 | He walked up the hill. |
| Ing27 | He walked up the hill. |
| Ing28 | The man walked up the hill. |
| Ing29 | The man walked up the hill. |
| Ing30 | He walked up the hill. |

T5

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



Ing1 He slowly ran up the hill.

Ing2 He ran up the hill.

Ing3 He ran up the hill.

Ing4 He ran up a hill.

Ing5 He ran up a hill.

Ing6 He jogged up the hill.

Ing7 He ran up the hill.

Ing8 The man jogged up the path.

Ing9 He hurried up the hill.

Ing10 He jogged up the hill.

Ing11 The man jogged up a hill.

Ing12 He ran up the hill.

Ing13 He hurried up a hill in the woods next to a ravine.

Ing14 He ran up the hill.

Ing15 He is jogging up the hill.

Ing16 The man ran up the hill.

Ing17 He jogged up the hill.

Ing18 The man ran up the hill.

Ing19 He ran up the hill.

Ing20 He ran uphill through the forest.

Ing21 He jogged up a hill.

Ing22 The man ran up the hill.

Ing23 He jogged up the hill.

Ing24 The man ran up the hill through the forest.

Ing25 He ran up the hill.

Ing26 He ran up the hill.

Ing27 He ran up the hill.

Ing28 The man ran up the hill.

Ing29 He ran up the hill.

Ing30 He ran up the hill.

T6

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: engatinhando



Ing1 He crawled up the hill.

Ing2 He crawled up the hill.

Ing3 He crawled up the hill.

Ing4 He crawled up a hill.

Ing5 He crawled up a hill.

Ing6 He crawled up the hill.

Ing7 He crawled up the hill.

Ing8 The man crawled on his hands and knees up the path.

Ing9 He crawled up the hill.

Ing10 He crawled on hands and knees up the hill.

Ing11 The man crawled up a hill.

Ing12 The man crawled up the hill.

Ing13 He crawled up the hill.

Ing14 He crawled up the hill.

Ing15 He is crawling up the hill.

Ing16 The man crawled up the hill.

Ing17 He climbed up the hill.

Ing18 The man crawled up the hill.

Ing19 He crawled up the hill.

Ing20 He crawled up the hill.

Ing21 He crawled up a hill.

Ing22 The man crawled up the hill.

Ing23 He crawled up the hill.

Ing24 The man crawled up a hill in the forest.

Ing25 He crawled up the hill.

Ing26 He crawled up the hill.

Ing27 He crawled up the hill.

Ing28 The man crawled up the hill.

Ing29 He crawled up the hill.

Ing30 He crawled up the hill.

T7

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



Ing1 He walks down the hill.

Ing2 He walked down the slope.

Ing3 He walked down the hill.

Ing4 He walked down a hill.

Ing5 He walked down a hill.

Ing6 He walked down the hill.

Ing7 He walked down the hill.

Ing8 The man hiked down the path.

Ing9 He walked down the hill.

Ing10 He walked down the hill.

Ing11 The man walked carefully down the hill.

Ing12 He walked down the hill.

Ing13 The same guy walked back down that same hill in the woods.

Ing14 He walked down the hill.

Ing15 He is walking downhill.

Ing16 The man walked down the hill.

Ing17 He walked down the hill.

Ing18 The man walked down the hill.

Ing19 The man walked down the hill.

Ing20 He walked downhill through the forest.

Ing21 He walked down a hill.

Ing22 The man walked down the hill.

Ing23 He walked downhill.

Ing24 The man slowly walked downhill through a forest.

Ing25 The man hiked down the hill.

Ing26 He walked down the hill.

Ing27 He walked down the hill.

Ing28 The man walked down the hill.

Ing29 The man walked down the hill.

Ing30 He walked down the hill.

T8

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



- | | |
|--------------|------------------------------------------|
| Ing1 | He slowly ran down the hill. |
| Ing2 | He ran down the hill. |
| Ing3 | He ran down the hill. |
| Ing4 | He ran down a hill. |
| Ing5 | He ran down a hill. |
| Ing6 | He ran down the hill. |
| Ing7 | He ran down the hill. |
| Ing8 | The man jogged down the path. |
| Ing9 | He hurried down the hill. |
| Ing10 | He jogged down the hill. |
| Ing11 | The man ran carefully down the hill. |
| Ing12 | He ran down the hill. |
| Ing13 | He went down the hill kind of fast. |
| Ing14 | He ran down the hill. |
| Ing15 | He is jogging down the hill. |
| Ing16 | The man ran down the hill. |
| Ing17 | He jogged down the hill. |
| Ing18 | The man ran down the hill. |
| Ing19 | He ran down the hill. |
| Ing20 | He ran downhill through the forest. |
| Ing21 | He jogged down a hill. |
| Ing22 | The man ran down the hill. |
| Ing23 | He jogged down the hill. |
| Ing24 | The man ran downhill through the forest. |
| Ing25 | He ran down the hill. |
| Ing26 | He ran down the hill. |
| Ing27 | He ran down the hill. |
| Ing28 | The man ran down the hill. |
| Ing29 | He ran down the hill. |
| Ing30 | He ran down the hill. |

T9

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: rolando



Ing1 He rolled down the hill on his side.

Ing2 He rolled down the hill.

Ing3 He rolled down the hill.

Ing4 He rolled down a hill.

Ing5 He rolled down a hill.

Ing6 He rolled down the hill.

Ing7 He rolled down the hill.

Ing8 The man rolled down the hill.

Ing9 He rolled down the hill.

Ing10 He rolled slowly down the hill.

Ing11 The man rolled down a slope.

Ing12 The man rolled down the hill.

Ing13 He rolled downhill.

Ing14 He rolled down the hill.

Ing15 He rolled down the hill.

Ing16 The man rolled down the hill.

Ing17 He rolled down the hill.

Ing18 The man rolled down the hill.

Ing19 He rolled down the hill.

Ing20 He rolled down the hill.

Ing21 He rolled down a hill.

Ing22 The man rolled down the hill.

Ing23 He rolled down the hill.

Ing24 The man rolled downhill in the forest.

Ing25 He rolled down the hill.

Ing26 He rolled down the hill.

Ing27 The man rolled down the hill.

Ing28 The man rolled down the hill.

Ing29 He rolled down the hill.

Ing30 He rolled down the hill.

T10

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



Ing1	He entered the elevator.
Ing2	He walked into the elevator.
Ing3	He entered an elevator.
Ing4	He walked into an elevator.
Ing5	He entered an elevator.
Ing6	He entered the lift.
Ing7	He went in the elevator.
Ing8	The man entered the elevator.
Ing9	He walked in the elevator and closed the door.
Ing10	He hopped into the lift.
Ing11	He walked straight into an elevator which closed behind him.
Ing12	He walked into the elevator.
Ing13	He got into an elevator.
Ing14	He walked into the elevator and shut the door.
Ing15	He walked into the elevator.
Ing16	The man walked into the elevator.
Ing17	He got into the elevator.
Ing18	The man entered the elevator.
Ing19	The man got into the lift.
Ing20	He entered the elevator.
Ing21	He entered an elevator and pushed a button.
Ing22	The man walks towards and enters the lift.
Ing23	He went into the elevator.
Ing24	The man got into an elevator.
Ing25	He went into the elevator.
Ing26	He walked into the lift.
Ing27	The man walked into an elevator.
Ing28	The man walked into an elevator.
Ing29	He walked into the lift.
Ing30	He walked into the lift.

T11

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



Ing1 He ran into the elevator.

Ing2 He ran into the elevator.

Ing3 He ran into the elevator.

Ing4 He ran into an elevator.

Ing5 He ran into the elevator.

Ing6 He ran into the lift.

Ing7 He ran into the elevator.

Ing8 The man ran into the elevator.

Ing9 He hurried into the elevator and closed the door.

Ing10 He ran into the lift.

Ing11 He ran quickly into the elevator, which closed behind him.

Ing12 He ran into the elevator.

Ing13 He rushed into the elevator.

Ing14 He ran into the elevator and shut the door.

Ing15 He ran hurriedly into the elevator.

Ing16 The man ran into the elevator.

Ing17 He ran into the elevator.

Ing18 The man ran into the elevator.

Ing19 He ran into the lift.

Ing20 He ran to and entered the elevator.

Ing21 He ran into the elevator.

Ing22 The man runs into the lift.

Ing23 He ran into the elevator.

Ing24 The man ran into an elevator.

Ing25 He ran into the elevator.

Ing26 He ran into the lift.

Ing27 He ran into the elevator.

Ing28 The man ran into the elevator.

Ing29 He ran into the lift.

Ing30 He ran into the lift.

T12

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



Ing1 He hopped into the elevator.

Ing2 He hopped into the elevator.

Ing3 He hopped into the elevator.

Ing4 He jumped into an elevator.

Ing5 He hopped into the elevator.

Ing6 He hopped into the lift.

Ing7 He hopped into the elevator.

Ing8 The man walked and then hopped into the elevator.

Ing9 He hopped into the elevator and closed the door.

Ing10 He walked carefully to the lift and then jumped through the door.

Ing11 The man took a jump into the lift.

Ing12 The man jumped over the threshold of the elevator.

Ing13 He walked into the elevator with a final skip.

Ing14 He walked towards the elevator and jumped in.

Ing15 He jumped into the elevator.

Ing16 The man skipped into the elevator.

Ing17 He hopped into the elevator.

Ing18 The man hopped into the elevator.

Ing19 He jumped over the gap into the lift.

Ing20 He jumped into the elevator.

Ing21 He leapt into the elevator.

Ing22 The man jumped into the lift.

Ing23 He got in the elevator, hopping across the threshold.

Ing24 The man hopped into the elevator.

Ing25 He jumped into the elevator.

Ing26 He hopped into the lift.

Ing27 The man jumped into the elevator.

Ing28 The man jumped into the elevator.

Ing29 The man jumped into the lift.

Ing30 He jumped into the lift.

T13

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



- | | |
|--------------|-------------------------------------------|
| Ing1 | He exited the elevator. |
| Ing2 | He walked out of the elevator. |
| Ing3 | He exited the elevator. |
| Ing4 | He walked out of an elevator. |
| Ing5 | He exited an elevator. |
| Ing6 | He exited the lift. |
| Ing7 | He came out of the elevator. |
| Ing8 | A man exited the elevator. |
| Ing9 | He walked out of the elevator. |
| Ing10 | He walked out of the lift. |
| Ing11 | He came out of a lift wearing sunglasses. |
| Ing12 | He walked out of the lift. |
| Ing13 | He got out of the elevator. |
| Ing14 | He exited the elevator. |
| Ing15 | He walks out of the elevator. |
| Ing16 | The man walked out of the elevator. |
| Ing17 | He got out of the elevator. |
| Ing18 | The man exited the elevator. |
| Ing19 | The man walked out of the lift. |
| Ing20 | He exited the elevator. |
| Ing21 | He exited an elevator. |
| Ing22 | The man walks out of the lift. |
| Ing23 | He got out of the elevator. |
| Ing24 | The man got off of an elevator. |
| Ing25 | He walked out of the elevator. |
| Ing26 | He walked out of the lift. |
| Ing27 | The man walked out of the elevator. |
| Ing28 | The man walked out of the elevator. |
| Ing29 | He walked out of the lift. |
| Ing30 | He walked out of the lift. |

T14

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



Ing1 He ran out of the elevator.

Ing2 He ran out of the elevator.

Ing3 He ran out of the elevator.

Ing4 He ran out of an elevator.

Ing5 He ran out of the elevator.

Ing6 He ran out of the lift.

Ing7 He ran out of the elevator.

Ing8 The man ran out of the elevator.

Ing9 He hurried out of the elevator.

Ing10 He ran out of the lift.

Ing11 The man ran out of the elevator as if he was late.

Ing12 He ran out of the elevator.

Ing13 He jogged out of the elevator.

Ing14 He ran out of the elevator.

Ing15 He quickly ran out of the elevator.

Ing16 The man ran out of the elevator.

Ing17 He ran out of the elevator.

Ing18 The man ran out of the elevator.

Ing19 He ran out of the left.

Ing20 He ran out of the elevator.

Ing21 He rushed out of the elevator.

Ing22 The man runs out of the lift.

Ing23 He ran out of the elevator.

Ing24 The man ran out of the elevator.

Ing25 He ran out of the elevator.

Ing26 He ran out of the lift.

Ing27 He ran out of the elevator.

Ing28 The man ran out of the elevator.

Ing29 He ran out of the lift.

Ing30 He ran out of the lift.

T15

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



- | | |
|--------------|-----------------------------------------------------------|
| Ing1 | He made a weird hop as he exited the elevator. |
| Ing2 | He hopped out of the elevator. |
| Ing3 | He hopped out the elevator. |
| Ing4 | He jumped out of an elevator. |
| Ing5 | He hopped out of the elevator. |
| Ing6 | He hopped out of the lift. |
| Ing7 | He jumped out of the elevator. |
| Ing8 | The man hopped out of the elevator and continued walking. |
| Ing9 | He hopped out of the elevator. |
| Ing10 | He jumped out of the lift. |
| Ing11 | The man jumped out of the lift. |
| Ing12 | The man jumped out of the elevator. |
| Ing13 | He hopped out of the elevator, then walked away. |
| Ing14 | He jumped out of the elevator and kept walking. |
| Ing15 | He took a big leap out of the elevator. |
| Ing16 | The man skipped out of the elevator. |
| Ing17 | He hopped out of the elevator. |
| Ing18 | The man hopped out of the elevator. |
| Ing19 | He jumped over the gap out of the lift. |
| Ing20 | He jumped out of the elevator. |
| Ing21 | He leapt out of the elevator. |
| Ing22 | The man jumped out of the lift and then started walking. |
| Ing23 | He got out of the elevator, hopping across the threshold. |
| Ing24 | The man hopped out of the elevator. |
| Ing25 | He jumped out of the elevator. |
| Ing26 | He hopped out of the lift. |
| Ing27 | He jumped out of the elevator. |
| Ing28 | The man jumped out of the elevator. |
| Ing29 | The man jumped out of the lift. |
| Ing30 | He jumped out of the lift. |

Apêndice E – Síntese das informações sobre os participantes do grupo-controle de falantes de português-LM coletadas com o instrumento auxiliar 1.

Código de identificação	Outras línguas usadas na família além do português	Consegue se comunicar em outras línguas?	Faz curso de inglês atualmente?	Já fez curso de inglês no passado?
Pt1	-	Não	Não	Não
Pt2	-	Não	Não	Estudou por 1,5 ano. Parou há 4 anos.
Pt3	Pomerano em algumas ocasiões de família. (Não entende.)	Não	Sim, há 8 meses.	Não
Pt4	-	Não	Não	Estudou por 1 ano. Parou há 6 anos.
Pt5	Pai e avós falavam pomerano. (Não entende.)	Espanhol (básico)	Não	Estudou por 1,5 ano. Parou há mais de 5 anos.
Pt6	-	Não	Não	Por 6 meses há 15 anos
Pt7	-	Não	Não	Vários cursos, mas sem percepção de resultados reais de aprendizagem.
Pt8	-	Espanhol	Não	Não
Pt9	-	Espanhol (básico)	Não	Não
Pt10	-	Não	Não	Não
Pt11	-	Espanhol (básico)	Não	Estudou por 5 anos. Parou há 13 anos.
Pt12	-	Espanhol	Não	Estudou 5 anos. Parou há 22 anos.
Pt13	-	Espanhol	Não	Não
Pt14	-	Espanhol.	Não	Não
Pt15	-	Não	Não	Estudou por 1,5 ano. Parou há 20 anos.
Pt16	-	Espanhol e Francês	Não	Estudou por 2 anos. Parou há 3 anos.
Pt17	-	Não	Sim, há 1 semestre	Estudou por 2 anos. Parou há 10 anos.
Pt18	-	Não	Não	Estudou por 3 anos. Parou há 3 anos.
Pt19	-	Não	Não	Estudou por 2 anos. Parou há 4 anos.
Pt20	-	Libras	Não	Vários cursos, mas sem percepção de resultados reais de aprendizagem.
Pt21	-	Não	Não	Não
Pt22	-	Espanhol	Sim, há 1 semestre	Estudou por 7 meses de em 2012 (inglês instrumental)
Pt23	-	Não	Não	Estudou por 3 meses em 2015
Pt24	-	Não	Não	Estudou por 2 anos. Parou há 4 anos.
Pt25	-	Não	Não	Estudou por 4 meses em 2016
Pt26	-	Não	Não	Não
Pt27	-	Espanhol (básico)	Não	Não
Pt28	-	Não	Não	Não
Pt29	-	Não	Não	Não
Pt30	-	Libras (básico)	Não	Estudou por 5 meses. Parou há 10 anos.

Apêndice F – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-controle de falantes de português-LM na tarefa de descrição de vídeo.

T1

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: caminhando



Pt1 O homem atravessou a rua.

Pt2 Ele atravessou a rua.

Pt3 O homem atravessou a rua.

Pt4 Ele atravessou a rua.

Pt5 Este homem atravessou a rua.

Pt6 O homem atravessou a rua.

Pt7 Ele atravessou a rua.

Pt8 Ele atravessou a rua.

Pt9 O homem atravessou a rua.

Pt10 Atravessou a rua.

Pt11 Atravessou a rua.

Pt12 O homem atravessou a rua.

Pt13 Atravessou a rua.

Pt14 Ele atravessou a rua.

Pt15 Ele atravessou a rua.

Pt16 Ele atravessou a rua.

Pt17 Ele atravessou a rua.

Pt18 Um homem atravessou a rua.

Pt19 Ele atravessou a rua.

Pt20 Ele atravessou a rua.

Pt21 Ele atravessou a rua.

Pt22 Ele atravessou a rua.

Pt23 Ele atravessou a rua.

Pt24 Ele atravessou a rua.

Pt25 O homem atravessou a rua.

Pt26 O homem atravessa a rua.

Pt27 Ele atravessou a rua.

Pt28 Ele atravessou a rua.

Pt29 O homem atravessou a rua.

Pt30 O homem atravessou uma rua.

T2

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: correndo



Pt1 O homem atravessou a rua com rapidez.

Pt2 Ele atravessou a rua correndo.

Pt3 Ele atravessou a rua correndo.

Pt4 Ele correu para atravessar a rua.

Pt5 Este homem atravessou a rua com pressa.

Pt6 Ele atravessou a rua correndo.

Pt7 Ele atravessou a rua correndo.

Pt8 Ele atravessou a rua correndo.

Pt9 Ele atravessou a rua correndo.

Pt10 Atravessou a rua correndo.

Pt11 Atravessou a rua correndo.

Pt12 O homem atravessou a rua correndo.

Pt13 Correu pela rua.

Pt14 Ele atravessou a rua correndo.

Pt15 Ele atravessou a rua correndo.

Pt16 Ele atravessou a rua correndo.

Pt17 Ele atravessou a rua correndo.

Pt18 O homem atravessou a rua correndo.

Pt19 Ele atravessou a rua correndo.

Pt20 Ele correu através da rua.

Pt21 Ele atravessou a rua correndo.

Pt22 Ele atravessa a rua correndo.

Pt23 Ele atravessou a rua correndo.

Pt24 Ele atravessou a rua correndo.

Pt25 O homem atravessou a rua correndo.

Pt26 O homem atravessa a rua correndo.

Pt27 O homem atravessou a rua correndo.

Pt28 Ele atravessou a rua correndo.

Pt29 O homem atravessou a rua correndo.

Pt30 Ele atravessou a rua correndo.

T3

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: pulando



Pt1 O homem atravessou a rua estranhamente, saltitando.

Pt2 Ele atravessou a rua pulando.

Pt3 Ele atravessou a rua pulando.

Pt4 Ele pulou várias vezes para atravessar a rua.

Pt5 Este homem, saltitante, atravessou a rua.

Pt6 Ele atravessou a rua pulando com os pés juntos.

Pt7 Ele atravessou a rua pulando.

Pt8 Ele atravessou a rua pulando.

Pt9 Ele atravessou a rua pulando.

Pt10 Atravessou a rua pulando.

Pt11 Atravessou a rua saltando.

Pt12 O homem atravessou a rua pulando como um canguru.

Pt13 Passou a rua pulando.

Pt14 Ele atravessou pulando na rua.

Pt15 Ele atravessou a rua pulando.

Pt16 Ele atravessou a rua pulando.

Pt17 Ele atravessou a rua pulando.

Pt18 O homem atravessou a rua pulando.

Pt19 Ele atravessou a rua pulando.

Pt20 Ele atravessou a rua pulando.

Pt21 Ele atravessou a rua pulando.

Pt22 Ele atravessa a rua pulando.

Pt23 Ele atravessou a rua pulando.

Pt24 Ele atravessou a rua pulando.

Pt25 O homem atravessou a rua pulando com os pés juntos.

Pt26 O homem atravessa a rua pulando.

Pt27 O homem atravessou a rua pulando.

Pt28 Ele atravessou a rua saltando.

Pt29 O homem atravessou pulando na rua.

Pt30 Ele atravessou a rua pulando.

T4

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



Pt1 O homem subiu o morro.

Pt2 Ele subiu a colina.

Pt3 Ele está subindo uma rampa na floresta.

Pt4 Ele caminhou em uma trilha.

Pt5 Este homem se embretou no mato.

Pt6 Ele subiu o morro.

Pt7 Ele subiu uma colina.

Pt8 Ele está subindo o morro.

Pt9 O homem subiu o morro.

Pt10 Ele está subindo.

Pt11 Subiu uma colina.

Pt12 O homem estava subindo a colina.

Pt13 Subiu o morro.

Pt14 Ele subiu um alicive na floresta.

Pt15 Ele subiu a montanha.

Pt16 Ele subiu a ladeira.

Pt17 Ele subiu uma inclinação.

Pt18 O homem subiu um campo um pouco íngreme.

Pt19 Ele subiu o morro.

Pt20 Ele subiu uma ladeira.

Pt21 Ele subiu na colina.

Pt22 Ele está subindo por uma área de mata.

Pt23 Ele subiu um terreno levemente inclinado numa floresta.

Pt24 Ele subiu a colina.

Pt25 O homem subiu a colina.

Pt26 O homem sobe a colina.

Pt27 Ele subiu a ladeira.

Pt28 Ele subiu uma colina.

Pt29 O homem subiu uma ladeira na floresta.

Pt30 Ele subiu o morro.

T5

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



Pt1 O homem subiu o morro muito apressado.

Pt2 Ele correu até o topo da colina.

Pt3 Ele subiu uma rampa correndo na floresta.

Pt4 Ele correu para subir na trilha.

Pt5 Este homem se embretou no mato com pressa.

Pt6 Ele subiu o morro correndo.

Pt7 Ele subiu a colina correndo.

Pt8 Ele subiu o morro correndo.

Pt9 Ele subiu correndo.

Pt10 Subiu correndo.

Pt11 Subiu a colina correndo.

Pt12 O homem subiu a colina correndo.

Pt13 Subiu o morro correndo.

Pt14 Ele subiu o aclave correndo.

Pt15 Ele subiu a montanha correndo.

Pt16 Ele subiu a ladeira correndo.

Pt17 Ele subiu correndo uma inclinação.

Pt18 Um homem subiu correndo.

Pt19 Ele subiu o morro correndo.

Pt20 Ele correu subindo a ladeira.

Pt21 Ele subiu a colina correndo.

Pt22 Ele sobe uma área de mata correndo.

Pt23 Ele subiu o terreno inclinado correndo.

Pt24 Ele subiu a colina correndo.

Pt25 O homem subiu a colina correndo.

Pt26 O homem sobe a colina correndo.

Pt27 O homem subiu a ladeira correndo.

Pt28 Ele subiu a colina correndo.

Pt29 O homem subiu a ladeira correndo.

Pt30 Ele subiu o morro correndo.

T6

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: engatinhando



Pt1 O homem subiu o morro rastejando.

Pt2 Ele subiu a colina engatinhando.

Pt3 Ele está engatinhando na grama.

Pt4 Ele rastejou para subir uma trilha.

Pt5 Este homem está rastejando.

Pt6 Ele subiu o morro engatinhando.

Pt7 Ele subiu a colina engatinhando.

Pt8 Ele subiu o morro engatinhando.

Pt9 Ele subiu engatinhando.

Pt10 Subiu se rastejando.

Pt11 Subiu a colina rastejando.

Pt12 O homem subiu a colina engatinhando.

Pt13 Subiu o morro rastejando.

Pt14 Ele subiu engatinhando o aclave.

Pt15 Ele subiu a montanha engatinhando.

Pt16 Ele subiu a ladeira engatinhando.

Pt17 Ele subiu uma inclinação de quatro.

Pt18 Um homem subiu o campo como se estivesse engatinhando.

Pt19 Ele subiu o morro engatinhando.

Pt20 Ele subiu a ladeira engatinhando.

Pt21 Engatinhou a subida da colina.

Pt22 Ele sobe uma região de mata engatinhando.

Pt23 Ele subiu o terreno inclinado engatinhando.

Pt24 Ele subiu a colina engatinhando.

Pt25 O homem subiu a colina engatinhando.

Pt26 O homem sobe a colina engatinhando.

Pt27 O homem subiu a ladeira engatinhando.

Pt28 Subiu a colina rastejando.

Pt29 O homem subiu engatinhando uma ladeira.

Pt30 Ele subiu o morro engatinhando.

T7

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



Pt1 O homem desceu o morro apreciando a paisagem.

Pt2 Ele desceu a colina.

Pt3 Ele está descendo uma rampa na floresta.

Pt4 Ele retornou da caminhada na trilha.

Pt5 Este homem está descendo a ladeira.

Pt6 Ele desceu o morro.

Pt7 Ele desceu a colina.

Pt8 Ele está descendo o morro.

Pt9 O homem desceu o morro.

Pt10 Ele está descendo.

Pt11 Desceu a colina.

Pt12 O homem estava descendo a colina.

Pt13 Desceu o morro.

Pt14 Ele desceu o declive na floresta.

Pt15 Ele desceu a montanha.

Pt16 Ele desceu a ladeira.

Pt17 Ele desceu uma inclinação.

Pt18 O homem desceu o campo.

Pt19 Ele desceu o morro.

Pt20 Ele desceu uma ladeira.

Pt21 Ele desceu a colina.

Pt22 Ele está descendo uma área de mata.

Pt23 Ele desceu um terreno levemente inclinado.

Pt24 Ele desceu a colina.

Pt25 O homem desceu a colina.

Pt26 O homem desce a colina.

Pt27 Ele desceu a ladeira.

Pt28 Ele desceu a colina.

Pt29 O homem desceu uma ladeira na floresta.

Pt30 Ele desceu o morro.

T8

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



Pt1 O homem desceu o morro muito apressado.

Pt2 Ele desceu a colina correndo.

Pt3 Ele desceu uma rampa correndo na floresta.

Pt4 Ele correu para descer a trilha.

Pt5 Este homem fugiu do mato correndo.

Pt6 Ele desceu o morro correndo.

Pt7 Ele desceu a colina correndo.

Pt8 Ele desceu o morro correndo.

Pt9 Ele desceu correndo.

Pt10 Desceu correndo.

Pt11 Desceu a colina correndo.

Pt12 O homem desceu a colina correndo.

Pt13 Desceu o morro correndo.

Pt14 Ele desceu o aclave correndo.

Pt15 Ele desceu a montanha correndo.

Pt16 Ele desceu a ladeira correndo.

Pt17 Ele desceu correndo uma inclinação.

Pt18 O homem desceu o campo correndo.

Pt19 Ele desceu o morro correndo.

Pt20 Ele correu descendo a ladeira.

Pt21 Ele desceu a colina correndo.

Pt22 Ele desce uma área de mata correndo.

Pt23 Ele desceu o terreno inclinado correndo.

Pt24 Ele desceu a colina correndo.

Pt25 O homem desceu a colina correndo.

Pt26 O homem desce a colina correndo.

Pt27 O homem desceu a ladeira correndo.

Pt28 Desceu a colina correndo.

Pt29 Ele desceu a ladeira correndo.

Pt30 Ele desceu o morro correndo.

T9

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: rolando



Pt1 O homem rolou morro abaixo.

Pt2 Ele caiu da colina.

Pt3 Ele está rolando na grama.

Pt4 Ele rolou para descer uma trilha.

Pt5 Desceu rolando, coitado.

Pt6 Ele desceu o morro rolando.

Pt7 Ele desceu a colina rolando.

Pt8 Ele desceu o morro rolando.

Pt9 Ele desceu rolando.

Pt10 Desceu rolando.

Pt11 Desceu a colina rolando.

Pt12 O homem desceu a colina rolando.

Pt13 Desceu o morro rolando.

Pt14 Ele desceu rolando num aclive.

Pt15 Ele desceu a montanha rolando.

Pt16 Ele desceu a ladeira rolando.

Pt17 Ele desceu uma inclinação rolando.

Pt18 O homem desceu o campo rolando.

Pt19 Ele desceu o morro rolando.

Pt20 Ele desceu a ladeira rolando.

Pt21 Desceu a colina rolando.

Pt22 Ele desce uma região de mata rolando.

Pt23 Ele desceu o terreno inclinado rolando.

Pt24 Ele desceu a colina rolando.

Pt25 O homem desceu rolando a colina.

Pt26 O homem desce a colina rolando.

Pt27 O homem desceu a ladeira rolando no chão.

Pt28 Ele desceu a colina rolando.

Pt29 O homem desceu rolando uma ladeira.

Pt30 Ele desceu o morro rolando.

T10

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



Pt1 O homem entrou em um elevador.

Pt2 Ele entrou no elevador.

Pt3 Ele entrou no elevador.

Pt4 Ele entrou no elevador.

Pt5 Este homem entrou no elevador.

Pt6 Ele entrou no elevador e apertou um botão.

Pt7 Ele entrou no elevador.

Pt8 Ele entrou no elevador e clicou no botão.

Pt9 O homem entrou no elevador.

Pt10 Entrou no elevador.

Pt11 Entrou no elevador.

Pt12 O homem entrou no elevador.

Pt13 Entrou no elevador.

Pt14 Ele entrou no elevador.

Pt15 Ele entrou no elevador.

Pt16 Ele entrou no elevador.

Pt17 Ele entrou no elevador.

Pt18 O homem entrou em um elevador.

Pt19 Ele entrou no elevador.

Pt20 Ele entrou no elevador.

Pt21 Ele entrou no elevador.

Pt22 Ele entrou no elevador.

Pt23 Ele entrou no elevador.

Pt24 Ele entrou num elevador.

Pt25 O homem entrou num elevador.

Pt26 O homem entra no elevador.

Pt27 Ele entrou no elevador.

Pt28 Ele entrou no elevador.

Pt29 O homem entrou no elevador.

Pt30 Ele entrou no elevador.

T11

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



Pt1 O homem entrou no elevador correndo.

Pt2 Ele correu para não perder o elevador.

Pt3 Ele entrou no elevador correndo.

Pt4 Ele correu para entrar no elevador.

Pt5 Este homem entrou correndo no elevador.

Pt6 Ele entrou correndo no elevador e apertou um botão.

Pt7 Ele entrou no elevador correndo.

Pt8 Ele entrou no elevador correndo clicou o botão.

Pt9 Ele entrou no elevador correndo.

Pt10 Entrou no elevador correndo.

Pt11 Entrou correndo no elevador.

Pt12 O homem entrou correndo no elevador.

Pt13 Entrou no elevador correndo.

Pt14 Ele entrou correndo no elevador.

Pt15 Ele entrou no elevador correndo.

Pt16 Ele entrou correndo no eleva

Pt17 Ele entrou no elevador correndo.

Pt18 O homem entrou no elevador correndo.

Pt19 Ele entrou no elevador correndo.

Pt20 Ele entrou no elevador correndo.

Pt21 Ele entrou no elevador correndo.

Pt22 Ele entra correndo no elevador.

Pt23 Ele entrou no elevador correndo.

Pt24 Ele entrou no elevador correndo.

Pt25 O homem entrou no elevador correndo.

Pt26 O homem entra correndo no elevador.

Pt27 O homem entrou correndo no eleva

Pt28 Ele entrou correndo no elevador.

Pt29 O homem entrou correndo de um elevador.

Pt30 Ele entrou correndo no elevador e apertou um botão para fechar a porta.

T12

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



Pt1	O homem deu um pequeno salto para entrar no elevador.
Pt2	Ele pulou pra dentro do elevador.
Pt3	Para entrar no elevador, ele saltitou.
Pt4	Ele deu um pulo para entrar no elevador.
Pt5	Este homem entrou no elevador pulando.
Pt6	Ele pulou pra dentro do elevador.
Pt7	Ele pulou para dentro do elevador.
Pt8	Ele caminhou até a porta do elevador, deu um pulo para dentro e clicou o botão.
Pt9	Ele entrou pulando no elevador.
Pt10	Pulou para entrar no elevador.
Pt11	Saltou para dentro do elevador.
Pt12	O homem subiu no elevador saltitando.
Pt13	Entrou no elevador pulando.
Pt14	Ele pulou para dentro do elevador.
Pt15	Ele pulou para entrar no elevador.
Pt16	Ele entrou no elevador dando um salto.
Pt17	Ele deu um salto para entrar no elevador.
Pt18	Um homem pulou ao entrar no elevador.
Pt19	Ele entrou no elevador pulando.
Pt20	Ele entrou no elevador com um salto.
Pt21	Entrou no elevador com um pulo.
Pt22	Na frente do elevador, ele pula para entrar.
Pt23	Ele entrou no elevador e deu um pulo para entrar.
Pt24	Ele entrou no elevador pulando.
Pt25	O homem entrou no elevador pulando.
Pt26	O homem entra no elevador saltitando.
Pt27	O homem pulou para entrar no elevador.
Pt28	Pulou para dentro do elevador.
Pt29	O homem pulou para dentro de um elevador.
Pt30	Ele pulou pra dentro do elevador.

T13

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



Pt1 O homem saiu do elevador.

Pt2 Ele saiu do elevador.

Pt3 Ele saiu do elevador.

Pt4 Ele saiu do elevador.

Pt5 Este homem saiu do elevador.

Pt6 Ele saiu do elevador.

Pt7 Ele saiu do elevador.

Pt8 Ele saiu do elevador e continuou andando.

Pt9 Ele saiu do elevador.

Pt10 Saiu do elevador.

Pt11 Saiu do elevador.

Pt12 O homem saiu do elevador.

Pt13 Saiu do elevador.

Pt14 Ele saiu do elevador.

Pt15 Ele saiu do elevador.

Pt16 Ele saiu do elevador.

Pt17 Ele saiu do elevador.

Pt18 Um homem saiu de um elevador.

Pt19 Ele saiu do elevador.

Pt20 Ele saiu do elevador.

Pt21 Ele saiu do elevador.

Pt22 Ele saiu do elevador.

Pt23 Ele saiu do elevador.

Pt24 Ele saiu do elevador.

Pt25 O homem saiu do elevador.

Pt26 O homem sai do elevador.

Pt27 Ele saiu do elevador.

Pt28 Saiu do elevador.

Pt29 O homem saiu do elevador.

Pt30 Ele saiu do elevador.

T14

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



Pt1 O homem saiu correndo do elevador.

Pt2 Ele saiu correndo do elevador.

Pt3 Ele saiu do elevador correndo.

Pt4 Ele correu para sair do elevador.

Pt5 Este homem saiu com muita pressa do elevador.

Pt6 Ele saiu correndo do elevador.

Pt7 Ele saiu correndo do elevador.

Pt8 Ele saiu do elevador correndo.

Pt9 Ele saiu correndo do elevador.

Pt10 Saiu do elevador correndo.

Pt11 Saiu correndo do elevador.

Pt12 O homem saiu correndo do elevador.

Pt13 Saiu correndo do elevador.

Pt14 Ele saiu correndo do elevador.

Pt15 Ele saiu do elevador correndo.

Pt16 Ele saiu correndo do elevador.

Pt17 Ele saiu do elevador correndo.

Pt18 Um homem saiu do elevador correndo.

Pt19 Ele saiu do elevador correndo.

Pt20 Ele saiu do elevador correndo.

Pt21 saiu do elevador correndo.

Pt22 Ele sai correndo do elevador.

Pt23 Ele saiu do elevador correndo.

Pt24 Ele saiu do elevador correndo.

Pt25 O homem saiu do elevador correndo.

Pt26 O homem sai correndo.

Pt27 O homem saiu correndo do elevador.

Pt28 Saiu correndo do elevador.

Pt29 O homem saiu correndo de um elevador.

Pt30 Ele saiu correndo do elevador.

T15

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



Pt1 O homem deu um pequeno pulo para sair do elevador.

Pt2 Ele pulou para fora do elevador.

Pt3 Ele saltitou ao sair do elevador.

Pt4 Ele deu um pulo para sair do elevador.

Pt5 Este homem deu um pulo pra sair do elevador.

Pt6 Ele pulou pra fora do elevador.

Pt7 Ele deu um pequeno salto para fora do elevador.

Pt8 Ele deu um pulo para fora do elevador e continuou caminhando.

Pt9 Ele saiu pulando do elevador.

Pt10 Pulou para sair do elevador.

Pt11 Saltou para fora do elevador.

Pt12 O homem saiu do elevador saltitando.

Pt13 Saiu do elevador pulando.

Pt14 Ele pulou para fora do elevador.

Pt15 Ele pulou para a sair do elevador.

Pt16 Ele saiu do elevador dando um salto.

Pt17 Ele deu um salto para sair do elevador.

Pt18 O homem pulou ao sair do elevador.

Pt19 Ele saiu do elevador pulando.

Pt20 Ele saiu do elevador com um salto.

Pt21 Saiu do elevador com um pulo.

Pt22 Ele dá um pulo para sair do elevador.

Pt23 Ele saiu do elevador e deu um pulo ao sair.

Pt24 Ele saiu do elevador pulando.

Pt25 O homem saiu do elevador pulando.

Pt26 O homem sai do elevador saltitando.

Pt27 O homem saiu do elevador dando um salto.

Pt28 Pulou para fora do elevador.

Pt29 O homem pulou para fora de um elevador.

Pt30 Ele pulou pra fora do elevador.

Apêndice G – Síntese das informações sobre os participantes do grupo-alvo coletadas com o instrumento auxiliar 1.

Código de identificação	Nível de proficiência em inglês	Conhecimento de outras Ls	Contexto de uso do inglês-LE	Formação em Letras
B1	básico	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Conversa com amigos bilíngues.	Sim
B2	avançado	Italiano (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B3	avançado	Espanhol (básico)	Consumo de conteúdo.	Sim
B4	intermediário	Não	Consumo de conteúdo.	Sim
B5	intermediário	Não	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B6	intermediário	Espanhol (básico)	Consumo de conteúdo. Interação via internet.	Não
B7	avançado	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B8	avançado	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B9	intermediário	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B10	intermediário	Espanhol (intermediário)	Trabalho (hotelaria). Consumo de conteúdo.	Não
B11	avançado	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Não
B12	intermediário	Não	Trabalho. Estudos. Consumo de conteúdo.	Não
B13	intermediário	Não	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B14	intermediário	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B15	intermediário	Não	Trabalho (administração empresa bilíngue). Consumo de conteúdo.	Não
B16	intermediário	Não	Trabalho (ensino de inglês). Conversa casual com amigos bilíngu	Sim
B17	básico	Não	Consumo de conteúdo. Viagem.	Não
B18	intermediário	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Não
B19	avançado	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Sim
B20	intermediário	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Não
B21	intermediário	Espanhol (básico)	Estudos. Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B22	intermediário	Espanhol (básico)	Trabalho (ensino de inglês). Consumo de conteúdo.	Não
B23	avançado	Não	Interação em jogos online. Consumo de conteúdo. Estudos.	Não
B24	básico	Não	Consumo de conteúdo.	Não
B25	intermediário	Não	Consumo de conteúdo. Estudos. Viagem.	Não
B26	intermediário	Não	Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B27	avançado	Não	Estudos. Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B28	básico	Francês (básico)	Consumo de conteúdo.	Não

B29	intermediário	Espanhol (intermediário)	Estudos. Consumo de conteúdo. Trabalho (administração, reuniões	Sim
B30	avançado	Não	Consumo de conteúdo. Estudos. Aula de inglês.	Não
B31	intermediário	Não	Consumo de conteúdo. Estudos. Viagem.	Não
B32	avançado	Não	Consumo de conteúdo. Comunicação em jogos online.	Não
B33	básico	Não	Consumo de conteúdo e interação via internet com pessoas de out	Não
B34	avançado	Não	Consumo de conteúdo. Estudos. Aula de inglês.	Não
B35	intermediário	Não	Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B36	avançado	Espanhol (básico)	Estudos. Consumo de conteúdo.	Não
B37	intermediário	Espanhol (intermediário)	Consumo de conteúdo. Aula de inglês. Viagem.	Não
B38	intermediário	Espanhol (intermediário)	Consumo de conteúdo. Aula de inglês. Viagem.	Não
B39	avançado	Espanhol (básico)	Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B40	básico	Espanhol (básico)	Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B41	avançado	Não	Estudos. Viagem. Consumo de conteúdo. Aula de inglês.	Não
B42	avançado	Não	Estudos. Consumo de conteúdo. Jogos online.	Não
B43	básico	Não	Movies, music, games, studying	Não
B44	básico	Não	Estudo	Não
B45	básico	Não	Estudo. Consumo de conteúdo	Não

Apêndice H – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em português-LM.

T1

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: caminhando



B1 Ele atravessou a rua.

B2 Ele atravessou a rua.

B3 Ele atravessou a rua.

B4 Ele atravessou a rua.

B5 Ele atravessou a rua.

B6 O rapaz atravessou a rua.

B7 Ele atravessou a rua.

B8 O homem atravessou a rua.

B9 Ele atravessou a rua.

B10 Ele atravessou a rua.

B11 O homem atravessou a rua caminhando.

B12 Ele atravessou a rua.

B13 Ele atravessou a rua.

B14 O homem atravessou a rua.

B15 Ele atravessou a rua.

B16 O homem atravessou a rua.

B17 O homem atravessou a rua.

B18 O homem atravessa a rua.

B19 O homem atravessou a rua.

B20 Ele atravessou a rua.

B21 Ele atravessou a rua.

B22 Ele atravessou a rua.

B23 Ele atravessou a rua.

B24 Atravessou a rua.

B25 Ele atravessou a rua.

B26 Ele atravessou a rua.

B27 Ele atravessou a rua.

B28 Ele atravessou a rua.

B29 O homem atravessou a rua.

B30 Ele atravessou a rua.

B31 Ele está atravessando a rua.

B32	Ele atravessou a rua.
B33	O homem está atravessando a rua.
B34	O homem atravessou a rua.
B35	Ele está atravessando a rua.
B36	Ele atravessou a rua.
B37	O homem está atravessando a rua.
B38	O homem atravessou a rua.
B39	O homem atravessou a rua.
B40	Ele está atravessando a rua.
B41	O homem está atravessando a rua.
B42	O homem atravessou a rua caminhando.
B43	O homem atravessou a rua.
B44	O homem atravessou a rua.
B45	Ele atravessou a rua.

T2

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: correndo



- | | |
|------------|---------------------------------------|
| B1 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B2 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B3 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B4 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B5 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B6 | O rapaz atravessou a rua correndo. |
| B7 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B8 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B9 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B10 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B11 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B12 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B13 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B14 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B15 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B16 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B17 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B18 | O homem atravessa a rua correndo. |
| B19 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B20 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B21 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B22 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B23 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B24 | Atravessou a rua correndo. |
| B25 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B26 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B27 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B28 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B29 | O homem atravessou a rua correndo. |
| B30 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B31 | Ele está atravessando a rua correndo. |
| B32 | Ele atravessou a rua correndo. |
| B33 | O homem atravessou a rua correndo. |

B34 O homem atravessou a rua correndo.

B35 Ele está atravessando a rua ocorrendo.

B36 Ele atravessou a rua correndo.

B37 O homem está atravessando a rua correndo.

B38 O homem atravessou a rua correndo.

B39 O homem atravessou a rua correndo.

B40 Ele está atravessando a rua correndo.

B41 O homem está atravessando a rua correndo.

B42 O homem atravessou a rua correndo.

B43 O homem atravessou a rua correndo.

B44 O homem atravessou correndo.

B45 Ele atravessou a rua correndo.

T3

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: pulando



B1 Ele atravessou a rua pulando.

B2 Ele atravessou a rua pulando.

B3 Ele atravessou a rua pulando.

B4 Ele atravessou a rua pulando.

B5 Ele atravessou a rua pulando.

B6 O rapaz atravessou a rua enquanto pulava.

B7 Ele atravessou a rua pulando.

B8 O homem atravessou a rua dando saltos.

B9 Ele atravessou a rua pulando.

B10 Ele atravessou a rua pulando.

B11 homem atravessou a rua dando pulos.

B12 Ele atravessou a rua pulando.

B13 Ele atravessou a rua pulando.

B14 O homem atravessou a rua pulando.

B15 Ele atravessou a rua saltitando.

B16 O homem atravessou a rua pulando.

B17 O homem atravessa a rua pulando.

B18 O homem atravessou a rua pulando.

B19 Ele atravessou a rua pulando.

B20 Ele atravessou a rua pulando.

B21 Ele atravessou a rua pulando

B22 O homem atravessou a rua saltitando.

B23 Ele atravessou a rua saltitando.

B24 Atravessou a rua pulando.

B25 Ele atravessou a rua rolando.

B26 Ele atravessou a rua pulando.

B27 Ele atravessou a rua pulando.

B28 Ele atravessou a rua pulando.

B29 O homem atravessou a rua pulando.

B30 Ele atravessou a rua pulando.

B31 Ele atravessou a rua pulando.

B32 Ele atravessou a rua pulando.

B33 O homem atravessou a rua pulando.

B34 O homem atravessou a rua pulando.

B35 Ele atravessou a rua pulando.

B36 Ele atravessou a rua saltitando.

B37 O homem está saltitando para atravessar a rua.

B38 O homem atravessou a rua saltitando.

B39 O homem atravessou a rua pulando.

B40 Ele está atravessando a rua pulando.

B41 O homem atravessou a rua pulando como um coelho.

B42 O homem atravessou a rua aos pulos.

B43 O homem atravessou a rua pulando.

B44 O homem atravessou a rua pulando.

B45 Ele atravessou a rua pulando.

T4

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



B1 O homem subiu uma pequena montanha.

B2 Ele subiu o morrinho.

B3 Ele subiu a montanha.

B4 Ele subiu o morro.

B5 Ele subiu a montanha.

B6 O rapaz subiu o morro.

B7 Ele subiu.

B8 O homem subiu o morro.

B9 Ele subiu o morro.

B10 Ele subiu um morro.

B11 Ele subiu um barranco.

B12 Ele subiu o morro.

B13 Ele subiu.

B14 O homem subiu a colina.

B15 Ele caminhou ladeira acima.

B16 O homem está subindo uma montanha.

B17 O homem está caminhando num parque.

B18 O homem está subindo o morro.

B19 Ele subiu a montanha.

B20 Ele subiu a colina.

B21 Ele subiu a montanha.

B22 Ele subiu uma montanha.

B23 Ele subiu no morro.

B24 Subiu a montanha.

B25 Ele subiu a ladeira.

B26 Ele subiu o morro.

B27 Ele está subindo a colina.

B28 Ele subiu o morro.

B29 O homem subiu a ladeira.

B30 Ele subiu a colina.

B31 Ele está subindo uma montanha pequena.

B32 Ele subiu a colina.

B33 O homem está subindo a ladeira.

B34 O homem subiu a colina.

B35 Ele está subindo uma subida.

B36 Ele subiu a colina.

B37 O homem está indo para dentro de uma floresta.

B38 O homem subiu um morro.

B39 O homem subiu uma colina.

B40 Ele está caminhando na floresta.

B41 O homem está subindo uma colina na floresta.

B42 O homem subiu a colina.

B43 O homem subiu a ladeira.

B44 O homem subiu a colina.

B45 Ele subiu a montanha.

T5

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



- | | |
|------------|---------------------------------------|
| B1 | Ele subiu a montanha correndo. |
| B2 | Ele correu para cima do morro. |
| B3 | Ele subiu a montanha correndo. |
| B4 | Ele subiu o morro correndo. |
| B5 | Ele subiu a montanha correndo. |
| B6 | O rapaz subiu o morro correndo. |
| B7 | Ele subiu o morro correndo. |
| B8 | O homem subiu o morro correndo. |
| B9 | Ele subiu correndo a montanha. |
| B10 | Ele subiu o morro correndo. |
| B11 | O homem subiu um barranco correndo. |
| B12 | Ele subiu o morro correndo. |
| B13 | Ele subiu correndo. |
| B14 | O homem subiu a colina correndo. |
| B15 | Ele correu ladeira acima. |
| B16 | O homem subiu a montanha correndo. |
| B17 | O homem sobe correndo pelo parque. |
| B18 | O homem subiu o morro correndo. |
| B19 | Ele subiu a montanha correndo. |
| B20 | Ele subiu a colina correndo. |
| B21 | Ele subiu a montanha correndo. |
| B22 | O homem subiu a montanha correndo. |
| B23 | Ele subiu o morro correndo. |
| B24 | Subiu a montanha correndo. |
| B25 | Ele subiu a ladeira correndo. |
| B26 | Ele subiu o morro correndo. |
| B27 | Ele subiu a colina correndo. |
| B28 | Ele subiu o morro correndo. |
| B29 | O homem subiu a ladeira correndo. |
| B30 | Ele correu para cima da colina. |
| B31 | Ele está subindo a montanha correndo. |
| B32 | Ele subiu a colina correndo. |
| B33 | O homem subiu a ladeira correndo. |
| B34 | O homem subiu a colina correndo. |
| B35 | Ele está subindo a subida correndo. |

B36 Ele subiu a colina correndo.

B37 O homem está correndo para dentro de uma floresta.

B38 O homem subiu o morro correndo.

B39 O homem subiu a colina correndo.

B40 Ele está correndo na floresta.

B41 O homem está subindo a colina correndo.

B42 O homem subiu a colina correndo.

B43 O homem subiu a ladeira correndo.

B44 O homem subiu correndo a colina.

B45 Ele subiu a montanha correndo.

T6

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: engatinhando



B1 Ele subiu a montanha rastejando.

B2 Ele subiu o morro engatinhado.

B3 Ele subiu a montanha rastejando.

B4 Ele subiu o morro rastejando.

B5 Ele subiu a montanha engatinhando.

B6 O rapaz está subindo o morro engatinhando.

B7 Ele engatinhou morro acima.

B8 O homem subiu o morro engatinhando.

B9 Ele subiu a montanha rastejando.

B10 Ele subiu o morro se arrastando.

B11 Ele subiu um barranco se arrastando.

B12 Ele subiu o morro engatinhando.

B13 Ele subiu engatinhando.

B14 O homem subiu a colina rastejando.

B15 Ele subiu a ladeira rastejando.

B16 O homem subiu a montanha se segurando no chão com dificuldade.

B17 O homem sobe na grama se escondendo.

B18 O homem subiu o morro agachado.

B19 Ele subiu a montanha engatinhando.

B20 Ele subiu a colina engatinhando.

B21 Ele escalou a montanha.

B22 O homem subiu a montanha rastejando.

B23 Ele subiu o morro se arrastando.

B24 Subiu a montanha engatinhando.

B25 Ele subiu o morro engatinhando.

B26 Ele subiu o morro engatinhando.

B27 Ele subiu a colina engatinhando.

B28 Ele subiu o morro rastejando.

B29 O homem subiu engatinhando.

B30 Ele engatinhou colina acima.

B31 Ele escalou uma montanha.

B32 Ele rastejou colina acima.

B33 O homem subiu rastejando.

B34 O homem subiu a colina rastejando.

B35 Ele subiu a subida engatinhando.

B36 Ele subiu a colina engatinhando.

B37 O homem está rastejando para subir o morro.

B38 O homem subiu o morro rastejando.

B39 O homem subiu a colina agachado.

B40 Ele está rastejando na floresta.

B41 O homem subiu a colina engatinhando.

B42 O homem subiu a colina rastejando.

B43 O homem subiu a ladeira rastejando.

B44 O homem subiu a colina se rastejando.

B45 Ele subiu a montanha engatinhando.

T7

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



B1 Desceu a montanha.

B2 Ele desceu o morrinho.

B3 Ele desceu da montanha.

B4 Ele desceu o morro.

B5 Ele desceu da montanha.

B6 O rapaz desceu.

B7 Ele desceu.

B8 O homem desceu o morro.

B9 Ele desceu o morro.

B10 Ele desceu o morro.

B11 Ele desceu caminhando um barranco.

B12 Ele desceu o morro.

B13 Ele desceu.

B14 O homem desceu a colina.

B15 Ele caminhou ladeira abaixo.

B16 O homem está descendo uma montanha.

B17 O homem está andando no parque na direção contrária.

B18 O homem está descendo o morro.

B19 Ele desceu a montanha.

B20 Ele desceu a colina.

B21 Ele desceu a montanha.

B22 O homem desceu a montanha.

B23 Ele desceu o morro.

B24 Desceu a montanha.

B25 Ele desceu a ladeira.

B26 Ele desceu o morro.

B27 Ele está descendo a colina.

B28 Ele desceu o morro.

B29 O homem desceu a ladeira.

B30 Ele desceu a colina.

B31 Ele está descendo.

B32 Ele desceu a colina.

B33 O homem está descendo a ladeira.

B34 O homem desceu a colina.

B35 Ele está descendo a subida.

B36 Ele desceu a colina.

B37 O homem está descendo uma ladeira.

B38 O homem desceu o morro.

B39 O homem desceu a colina.

B40 Ele está saindo da floresta.

B41 O homem está descendo a colina.

B42 O homem desceu a colina.

B43 O homem desceu a ladeira.

B44 O homem desceu a colina.

B45 Ele desceu a montanha.

T8

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



B1 Ele desceu da montanha correndo.

B2 Ele correu trilha abaixo.

B3 Ele desceu correndo.

B4 Ele desceu o morro correndo.

B5 Ele desceu da montanha correndo.

B6 O rapaz desceu o morro correndo.

B7 Ele desceu o morro correndo.

B8 O homem desceu o morro correndo.

B9 Ele desceu correndo

B10 Ele desceu o morro correndo.

B11 Ele desceu um barranco

B12 Ele desceu o morro correndo.

B13 Ele desceu correndo.

B14 O homem desceu a colina correndo.

B15 Ele correu ladeira abaixo.

B16 O homem desceu a montanha correndo.

B17 O homem volta correndo.

B18 O homem desce o morro correndo.

B19 Ele desceu a montanha correndo.

B20 Ele desceu a colina correndo.

B21 Ele desceu da montanha correndo.

B22 O homem desceu a montanha correndo.

B23 Ele desceu o morro correndo.

B24 Desceu a montanha correndo.

B25 Ele desceu a ladeira correndo.

B26 Ele desceu o morro correndo.

B27 Ele desceu a colina correndo.

B28 Ele desceu o morro correndo.

B29 O homem desceu a ladeira correndo.

B30 Ele desceu a colina correndo.

B31 Ele está descendo a montanha correndo.

B32 Ele desceu a colina correndo.

B33 O homem desceu a ladeira correndo.

B34 O homem desceu a colina correndo.

B35 Ele está descendo a ladeira correndo.

B36 Ele desceu a colina correndo.

B37 O homem descendo a ladeira correndo.

B38 O homem desceu o morro correndo.

B39 O homem desceu a colina correndo.

B40 Ele está saindo correndo da floresta.

B41 O homem está descendo a colina correndo.

B42 O homem desceu a colina correndo.

B43 O homem desceu a ladeira correndo.

B44 O homem desceu a colina correndo.

B45 Ele desceu a montanha correndo.

T9

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: rolando



B1 Desceu a montanha rolando na grama.

B2 Ele rolou morro abaixo.

B3 Ele desceu rolando.

B4 Ele desceu o morro rolando.

B5 Ele desceu da montanha rolando.

B6 O rapaz está rolando para baixo.

B7 Ele desceu o morro rolando.

B8 O homem desceu o morro rolando de lado.

B9 Ele desceu a montanha rolando.

B10 Ele desceu o morro rolando.

B11 O homem desceu o barranco rolando.

B12 Ele desceu o morro rolando.

B13 Ele rolou abaixo.

B14 O homem desceu a colina rolando.

B15 Ele rolou ladeira abaixo.

B16 O homem rolou montanha abaixo.

B17 O homem desce rolando.

B18 O homem desceu o morro rolando.

B19 Ele desceu a montanha rolando.

B20 Ele rolou colina abaixo.

B21 Ele desceu a montanha rolando.

B22 O homem desceu montanha rolando.

B23 Ele desceu morro rolando.

B24 Desceu a montanha rolando.

B25 Ele desceu do morro rolando.

B26 Ele desceu o morro rolando.

B27 Ele desceu a colina rolando.

B28 Ele desceu o morro rolando.

B29 O homem desceu a ladeira rolando.

B30 Ele rolou colina abaixo.

B31 Ele desceu a montanha rolando.

B32 Ele rolou colina abaixo.

B33 O homem desceu rolando.

B34 O homem desceu a colina rolando.

B35 Ele desceu rolando.

B36 Ele rolou colina abaixo.

B37 O homem estar rolando para descer o morro.

B38 O homem desceu o morro rolando.

B39 O homem rolou colina abaixo.

B40 Ele está rolando na floresta.

B41 O homem desceu rolando a colina.

B42 O homem desceu rolando a colina.

B43 O homem desceu a ladeira rolando.

B44 O homem desceu a colina rolando.

B45 Ele desceu a montanha rolando.

T10

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



B1 Ele entrou no elevador.

B2 Ele entrou no elevador.

B3 Ele entrou no elevador.

B4 Ele entrou no elevador.

B5 Ele entrou no elevador.

B6 O rapaz entrou no elevador, pressionou o botão, e as partes fecharam.

B7 Ele entrou no elevador.

B8 O homem entrou no elevador.

B9 Ele entrou no elevador.

B10 Ele entrou no elevador.

B11 O homem entrou caminhando num elevador.

B12 Ele entrou no elevador.

B13 Ele entrou no elevador.

B14 O homem entrou no elevador.

B15 Ele entrou no elevador.

B16 O homem entrou no elevador.

B17 O homem entrou no elevador e as portas fecharam.

B18 O homem entrou no elevador.

B19 Ele entrou no elevador.

B20 Ele entrou no elevador.

B21 Ele entrou no elevador.

B22 O homem entrou no elevador.

B23 Ele entrou no elevador.

B24 Entrou no elevador.

B25 Ele entrou no elevador.

B26 Ele entrou no elevador.

B27 Ele entrou no elevador.

B28 Ele entrou no elevador.

B29 O homem entrou num elevador.

B30 Ele entrou no elevador.

B31 Ele está entrando no elevador.

B32 Ele entrou no elevador.

B33 O homem entrou no elevador.

B34 O homem entrou no elevador.

B35 Ele está entrando no elevador.

B36 Ele entrou no elevador.

B37 O homem está entrando em um elevador.

B38 O homem entrou no elevador.

B39 O homem entrou no elevador.

B40 Ele entrou no elevador.

B41 O homem entra no elevador.

B42 O homem entrou no elevador.

B43 O homem entrou no elevador.

B44 O homem entrou no elevador.

B45 Ele entrou no elevador.

T11

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



- | | |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| B1 | Ele entrou ao elevador correndo. |
| B2 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B3 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B4 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B5 | Ele entrou correndo no elevador. |
| B6 | O rapaz entrou no elevador correndo, pressionou o botão e as portas se fecharam. |
| B7 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B8 | O homem entrou no elevador correndo. |
| B9 | Ele entrou correndo no elevador. |
| B10 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B11 | Ele entrou correndo num elevador. |
| B12 | Ele entrou correndo no elevador. |
| B13 | Ele correu pro |
| B14 | O homem entrou correndo no elevador. |
| B15 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B16 | O homem entrou no elevador correndo. |
| B17 | O homem entra correndo no elevador. |
| B18 | O homem entra correndo no elevador. |
| B19 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B20 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B21 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B22 | O homem entrou no elevador correndo. |
| B23 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B24 | Entrou no elevador correndo. |
| B25 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B26 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B27 | Ele entrou correndo no elevador. |
| B28 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B29 | O homem entrou no elevador correndo. |
| B30 | Ele correu para dentro do elevador. |
| B31 | Ele entrou no elevador correndo. |
| B32 | Ele entrou correndo no elevador. |
| B33 | O homem entrou dentro do elevador correndo. |
| B34 | O homem entrou correndo no elevador. |

B35 Ele entrou correndo num elevador.

B36 Ele entrou no elevador correndo.

B37 O homem está correndo para dentro de um elevador.

B38 O homem entrou correndo no elevador.

B39 O homem entrou correndo no elevador.

B40 Ele correu para o elevador.

B41 O homem entra correndo no elevador.

B42 O homem entrou correndo no elevador.

B43 O homem entrou no elevador correndo.

B44 O homem entrou correndo no elevador.

B45 Ele entrou no elevador correndo.

T12

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



- | | |
|------------|-------------------------------------------------------|
| B1 | Ele entrou no elevador dando um pulinho. |
| B2 | Ele entrou no elevador dando um passo largo. |
| B3 | Ele deu um pulinho para dentro do elevador. |
| B4 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B5 | Ele deu um pulo para dentro do elevador. |
| B6 | O rapaz entra no elevador dando um pulo. |
| B7 | Ele pulou pra dentro do elevador. |
| B8 | O homem entrou dentro do elevador, dando um saltinho. |
| B9 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B10 | Ele deu um pulo para entrar no elevador. |
| B11 | O homem pulou dentro do elevador. |
| B12 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B13 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B14 | O homem pulou para dentro do elevador. |
| B15 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B16 | O homem entrou no elevador com um pulo. |
| B17 | O homem pula para entrar no elevador. |
| B18 | O homem pulou para dentro do elevador. |
| B19 | Ele deu um pulo pra entrar no elevador. |
| B20 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B21 | Ele pulou para entrar no elevador. |
| B22 | O homem entrou no elevador com um salto. |
| B23 | Ele entrou no elevador dando um pulinho. |
| B24 | Entrou no elevador pulando. |
| B25 | Ele deu um pulo para dentro do elevador. |
| B26 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B27 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B28 | Ele entrou no elevador pulando. |
| B29 | O homem entrou no elevador pulando. |
| B30 | Ele pulou para dentro do elevador. |
| B31 | Ele pulou para entrar no elevador. |
| B32 | Ele pulou pra dentro do elevador. |
| B33 | O homem entrou no elevador pulando. |
| B34 | O homem deu um pulo para entrar no elevador. |
| B35 | Ele entrou no elevador com um pulo. |

B36 Ele pulou pra dentro do elevador.

B37 O homem entrou no elevador com um passo grande.

B38 O homem entrou pulando no elevador.

B39 O homem pulou dentro do elevador.

B40 Ele pulou pra dentro do elevador.

B41 O homem entrou no elevador com um pulo.

B42 O homem entrou no elevador com um pulo.

B43 O homem entrou no elevador pulando.

B44 O homem entrou pulando no elevador.

B45 Ele entrou no elevador pulando.

T13

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



B1 Ele saiu do elevador.

B2 Ele saiu do elevador.

B3 Ele saiu do elevador.

B4 Ele saiu do elevador.

B5 Ele saiu do elevador.

B6 O rapaz saiu do elevador.

B7 Ele saiu do elevador.

B8 O homem saiu do elevador.

B9 Ele saiu do elevador.

B10 Ele saiu do elevador.

B11 O homem saiu caminhando de um elevador.

B12 Ele saiu do elevador.

B13 Ele saiu do elevador.

B14 O homem saiu do elevador.

B15 Ele saiu do elevador.

B16 O homem saiu do elevador.

B17 O homem saiu do elevador.

B18 O homem saiu do elevador.

B19 Ele saiu do elevador.

B20 Ele saiu do elevador.

B21 Ele saiu do elevador.

B22 O homem saiu do elevador.

B23 Ele saiu do elevador.

B24 Saiu do elevador.

B25 Ele saiu do elevador.

B26 Ele saiu do elevador.

B27 Ele saiu do elevador.

B28 Ele saiu do elevador.

B29 O homem saiu do elevador.

B30 Ele saiu do elevador.

B31 Ele está saindo do elevador.

B32 Ele saiu do elevador.

B33 O homem saiu do elevador.

B34 O homem saiu do elevador.

B35 Ele está saindo do elevador.

B36 Ele saiu do elevador.

B37 O homem está saindo de um elevador.

B38 O homem saiu do elevador.

B39 O homem saiu do elevador.

B40 Ele saiu do elevador.

B41 O homem sai do elevador.

B42 O homem saiu do elevador.

B43 O homem saiu do elevador.

B44 O homem saiu do elevador.

B45 Ele saiu do elevador.

T14

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



- | | |
|------------|--------------------------------------------------------------------|
| B1 | O homem saiu correndo do elevador. |
| B2 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B3 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B4 | Ele correu para fora do elevador. |
| B5 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B6 | As portas do elevador abriram e o rapaz saiu correndo do elevador. |
| B7 | Ele correu para fora do elevador. |
| B8 | O homem saiu do elevador correndo. |
| B9 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B10 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B11 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B12 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B13 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B14 | O homem saiu correndo do elevador. |
| B15 | Ele correu para fora do elevador. |
| B16 | O homem saiu do elevador correndo. |
| B17 | O homem sai correndo do elevador. |
| B18 | O homem saiu correndo do elevador. |
| B19 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B20 | Ele correu para fora do elevador. |
| B21 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B22 | O homem saiu do elevador correndo. |
| B23 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B24 | Saiu do elevador correndo. |
| B25 | Ele saiu correndo do elevador. |
| B26 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B27 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B28 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B29 | O homem saiu do elevador correndo. |
| B30 | Ele correu para fora do elevador. |
| B31 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B32 | Ele saiu do elevador correndo. |
| B33 | O homem saiu do elevador correndo. |
| B34 | O homem saiu correndo do elevador. |
| B35 | Ele saiu correndo do elevador. |

B36 Ele saiu do elevador correndo.

B37 O homem está correndo para fora do elevador.

B38 O homem saiu do elevador correndo.

B39 O homem saiu correndo do elevador.

B40 Ele saiu correndo do elevador.

B41 O homem sai do elevador correndo.

B42 O homem saiu do elevador correndo.

B43 O homem saiu do elevador correndo.

B44 O homem saiu do elevador correndo.

B45 Ele saiu do elevador correndo.

T15

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



- | | |
|------------|----------------------------------------------------|
| B1 | Ele saiu do elevador dando um pulinho. |
| B2 | Ele saiu do elevador com um passo largo. |
| B3 | Ele pulou pra fora do elevador. |
| B4 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B5 | Ele deu um pulo para fora do elevador. |
| B6 | O rapaz dá um pulo para sair do elevador. |
| B7 | Ele pulou pra fora do elevador. |
| B8 | O homem saiu de dentro do elevador dando um salto. |
| B9 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B10 | Ele pulou para sair do elevador. |
| B11 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B12 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B13 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B14 | O homem pulou para fora do elevador. |
| B15 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B16 | O homem saiu do elevador dando um pulo. |
| B17 | O homem pula para sair do elevador. |
| B18 | O homem pulou para fora do elevador. |
| B19 | Ele deu um pulo pra sair do elevador. |
| B20 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B21 | Ele pulou para sair do elevador. |
| B22 | O homem saiu do elevador com um salto. |
| B23 | Ele saiu do elevador dando um pulinho. |
| B24 | Saiu do elevador pulando. |
| B25 | Ele deu um pulo para fora do elevador. |
| B26 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B27 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B28 | Ele saiu do elevador pulando. |
| B29 | O homem saiu do elevador pulando. |
| B30 | Ele pulou para fora do elevador. |
| B31 | Ele pulou para sair do elevador. |
| B32 | Ele pulou pra fora do elevador. |
| B33 | O homem está saindo do elevador pulando. |
| B34 | O homem deu um pouco para sair do elevador. |
| B35 | Ele saiu do elevador com um pulo. |

B36 Ele pulou pra fora do elevador.

B37 O homem saiu do elevador com um passo grande.

B38 O homem saiu do elevador pulando.

B39 O homem pulou pra fora do elevador.

B40 Ele saiu pulando do elevador.

B41 O homem saiu pulando do elevador.

B42 O homem deu um pulo para sair do elevador.

B43 O homem saiu pulando do elevador.

B44 O homem saiu pulando do elevador.

B45 Ele saiu do elevador pulando.

Apêndice I – Transcrição das respostas dos participantes do grupo-alvo na tarefa de descrição de vídeo em inglês-LE.

T1

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: caminhando



- | | |
|------------|-------------------------------------------------------|
| B1 | The man crossed the street. |
| B2 | The man crossed the street. |
| B3 | The man crossed the street. |
| B4 | He crossed the street. |
| B5 | The man crossed the street. |
| B6 | The man crossed the street. |
| B7 | He crossed the street. |
| B8 | The man crossed this street. |
| B9 | He's crossing the street. |
| B10 | The man crossed the street from right to left. |
| B11 | The man calmly strolled down a corner! |
| B12 | The man crossed the street. |
| B13 | The man crossed the street. |
| B14 | The man crossed the street. |
| B15 | He crossed the street. |
| B16 | The man crossed the street. |
| B17 | The man crossed the street. |
| B18 | The man was walking through the middle of the street. |
| B19 | The man crossed the street. |
| B20 | The man crossed the street. |
| B21 | He crossed the street. |
| B22 | The man crossed the street. |
| B23 | He crossed the street. |
| B24 | The man is walking in the street. |
| B25 | The man crossed the road. |
| B26 | He crossed the street. |
| B27 | The man crossed the street. |
| B28 | The man is walking. |
| B29 | The man crossed the street. |
| B30 | The man walked across the street. |
| B31 | He is crossing the street. |

B32 The man crossed the street.

B33 The man is walking in the street.

B34 The man crossed the street.

B35 He crossed the street.

B36 The man is crossing the street.

B37 The man is crossing the street.

B38 The man crossed the street.

B39 The man walked across the street.

B40 The man is crossing the street.

B41 The man crossed the street.

B42 The man was walking across the street.

B43 The man crossed the street.

B44 The man crossed the street.

B45 The man crossed the street.

T2

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: correndo



B1 He was running in the street.

B2 He jogged across the street.

B3 He ran across the street.

B4 He crossed the street running.

B5 He ran across the street.

B6 The man is running and crossing the street at the same time.

B7 He ran across the street.

B8 The man crossed the street running.

B9 He is running from a sidewalk to the other one.

B10 He crossed the street running.

B11 He jogged down the corner.

B12 The man was running across the street.

B13 He crossed the street running.

B14 The man was running.

B15 He crossed the street running.

B16 The man crossed the street running.

B17 The man is running across the street.

B18 The man was running through the middle of the street.

B19 He ran across the street.

B20 The man ran across the street.

B21 He's running.

B22 The man crossed the street running.

B23 He ran across the street.

B24 The man is running in the street.

B25 He ran across the road.

B26 He crossed the street running.

B27 He is running across the street.

B28 He's running.

B29 He crossed the street running.

B30 He ran across the street.

B31 He is running to cross the street.

B32 The men jogged across the street.

B33 The man is running in the street.

B34 The man ran across the street.

B35 He crossed the street running.

B36 He is running across the street.

B37 The man is running across the street.

B38 The man is running on the street.

B39 The man ran across the street.

B40 The man is crossing the street running.

B41 The man crossed the street while jogging.

B42 The man was jogging across the street.

B43 The man crossed the street running.

B44 He is crossing the street running.

B45 He is crossing the street running.

T3

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: atravessar

FUNDO: rua

MANEIRA: pulando



B1 He was jumping across when he went across the street.

B2 He jumped as a bunny across the street.

B3 He jumped across the street.

B4 He crossed the street jumping.

B5 He jumped across the street.

B6 The man is crossing the street while he's jumping.

B7 He jumped across the street.

B8 The man crossed the street hopping.

B9 He's jumping from one sidewalk to another.

B10 He crossed the street jumping.

B11 He jumped across the street.

B12 The man was jumping across the street.

B13 He crossed the street jumping.

B14 The man crossed the street jumping.

B15 He crossed the street hopping.

B16 The man crossed the street jumping.

B17 The man is jumping crossing the street.

B18 The man was hopping through the middle of the street.

B19 He hopped while crossing the street.

B20 He hopped across the street.

B21 He crossed the street jumping.

B22 The man crossed the street hopping.

B23 He hopped across the street.

B24 The man is jumping walking in the street.

B25 He jumped across the street.

B26 He crossed the street jumping.

B27 He jumped across the street.

B28 He's jumping in the street.

B29 He jumped across the street.

B30 He jumped across the street.

B31 He is jumping to cross the street.

B32 The man hopped across the street.

B33 The man is jumping.

B34 The man jumped across the street.

B35 He crossed the street jumping.

B36 He is jumping across the street.

B37 The man is crossing the street with small jumps.

B38 The man crossed the street jumping.

B39 The man jumped across the street.

B40 The man is crossing the street jumping.

B41 The man was crossing the street while hopping.

B42 The man was jumping across the street.

B43 The man crossed the street jumping.

B44 He is crossing the street jumping.

B45 He crossed the street jumping.

T4

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



B1 He walked in the woods.

B2 He walked up a hill.

B3 The man walked up a hill.

B4 He went up a hill.

B5 He climbed up a hill.

B6 He was walking in a forest.

B7 He walked up a hill.

B8 The man went up the hill.

B9 He is climbing a mountain.

B10 He was hiking in a forest.

B11 He walked up a hill in a forest.

B12 He was climbing up the hill.

B13 He climbed a mountain.

B14 The man walked in the woods.

B15 He walked uphill.

B16 The is hiking up the hill.

B17 The man is walking in a forest.

B18 The man was walking up a hill in the forest.

B19 He climbed up a hill.

B20 The man walked up the hill.

B21 He climbed a cliff.

B22 The man walked on the grass.

B23 He went up a hill.

B24 The man climbed the mountain.

B25 He walked up the hill.

B26 He is walking up a hill.

B27 He's walking up a path in the forest.

B28 He's walking in a climb.

B29 The man went into the woods.

B30 He walked up a hill.

B31 He is walking in the forest.

B32 The man was walking uphill in the woods.

B33 The man is going up.

B34 The man walks up a hill.

B35 He was walking upwards.

B36 The man is walking up the hill.

B37 The man is walking into a forest.

B38 The man is going up in a park.

B39 The man walked up the hill.

B40 The man is walking in the forest.

B41 The man was walking in the woods.

B42 The man was walking up the hill.

B43 The man climbed the mountain.

B44 He is climb the mountain.

B45 He climbed the mountain.

T5

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



- | | |
|-----|----------------------------------------|
| B1 | He was running in the woods. |
| B2 | He ran up the hill. |
| B3 | He ran up the hill. |
| B4 | He went up the hill running. |
| B5 | He ran up a hill. |
| B6 | He's running in the forest. |
| B7 | He ran up with you. |
| B8 | The man went up the hill running. |
| B9 | He is running up the mountain. |
| B10 | He ran up the hill. |
| B11 | He ran up a hill. |
| B12 | The man was running up the hill. |
| B13 | He ran up a path. |
| B14 | He was running up the hill. |
| B15 | He ran up the hill. |
| B16 | The man went up the hill running. |
| B17 | The man is running in the forest. |
| B18 | A man was running up a hill. |
| B19 | He ran up the hill. |
| B20 | He ran up the hill. |
| B21 | He's climbing a cliff fast. |
| B22 | The man climbed up a mountain running. |
| B23 | He ran up a hill. |
| B24 | The man climbed the mountain running. |
| B25 | He ran up the hill. |
| B26 | He is running up the hill. |
| B27 | He is running uphill. |
| B28 | He's running up the climb. |
| B29 | He ran into the woods. |
| B30 | He ran up the hill. |
| B31 | He is running away from someone. |
| B32 | The man ran uphill in the woods. |
| B33 | The man is going up running. |
| B34 | The man ran up the hill. |
| B35 | He's running upwards. |

B36 He is running up the hill.

B37 The man is running into a forest.

B38 The man is climbing a mountain running.

B39 The man ran up the hill.

B40 The man is running in the forest.

B41 The man was jogging in the forest.

B42 The man was running up the hill.

B43 The man climbed the mountain running.

B44 He is climbing the mountain running.

B45 He is climb the mountain running.

T6

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: subir

FUNDO: colina

MANEIRA: engatinhando



B1 He was climbing the hill.

B2 He crawled up the hill.

B3 He crawled up a hill.

B4 He crawled up the hill.

B5 He crawled up a hill.

B6 He's crawling in the grass.

B7 He crawled up the hill.

B8 The man went up the hill crawling.

B9 He is crawling.

B10 He was crawling up the hill.

B11 He crawled up a hill.

B12 The man was crawling up a hill.

B13 He crawled up.

B14 The man crawled up the hill.

B15 He dragged himself uphill.

B16 The man is going up the hill holding himself to the ground.

B17 The man is hiding.

B18 The man was walking up a hill while he was down.

B19 He crawled up the hill.

B20 He crawled up the hill.

B21 He's crawling.

B22 The man crawled up the mountain.

B23 He crawled up a hill.

B24 The man crawling climbed the mountain.

B25 He crawled up the hill.

B26 He is crawling up the hill.

B27 He dragged himself up the hill.

B28 He's walking near the floor.

B29 He imitates a dog.

B30 He crawled up the hill.

B31 He's crawling.

B32 The man crawled uphill.

B33 The man is walking and down in a forest.

B34 The man crawled up the hill.

B35 He crawled upwards.

B36 He crawled up the hill.

B37 The man is hiding from something in the middle of the forest.

B38 The man is crawling in the park.

B39 The man crawled up a hill.

B40 The man is walking with arms and knees.

B41 The man was crawling on the ground.

B42 The man was climbing the hill in a military way.

B43 The man climbed the mountain crawling.

B44 He is climb the mountain like a soldier.

B45 He climbed the mountain on the ground.

T7

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: caminhando



B1 He came back to the place that he was.

B2 He walked down the hill.

B3 He walked down the down.

B4 He went down the hill.

B5 He went down a hill.

B6 He was walking back.

B7 He climbed down the hill.

B8 The man went down the hill.

B9 He is going down the mountain.

B10 He was walking down the path.

B11 He walked down the same hill.

B12 He was walking down the hill.

B13 He went down the mountain.

B14 The man returned.

B15 He walked downhill.

B16 He's going down the hill.

B17 The man is coming back.

B18 The man was walking down the hill.

B19 He went down the hill.

B20 He walked down the hill.

B21 He is going down.

B22 The man returned from where he had gone.

B23 He went down a hill.

B24 The man walking in the mountain.

B25 He walked down the hill in the forest.

B26 He is walking down the hill.

B27 He's walking downhill in the forest.

B28 The man is going down the climb.

B29 He left the woods.

B30 He walked down the hill.

B31 He's coming back.

B32 The man was walking downhill.

B33 The man is going down.

B34 The man walked down the hill.

B35 He's walking downwards.

B36 He's walking down the hill.

B37 The man is leaving the forest.

B38 The man is going down in a mountain in a park.

B39 The man walked down the hill.

B40 The man is going back.

B41 The man was coming back.

B42 The man was walking down the hill.

B43 The man go down the mountain.

B44 He go down the mountain.

B45 He is go down the mountain.

T8

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: correndo



B1 He was coming back to the place that he was.

B2 He ran down the hill.

B3 The man ran down the hill.

B4 He went down the hill running.

B5 He ran down the hill.

B6 He was running back.

B7 He ran down the hill.

B8 The man went down the hill running.

B9 He is running down the mountain.

B10 He ran down the hill.

B11 He ran down a hill.

B12 The man was running down the hill.

B13 He ran down a path.

B14 He was running down the hill.

B15 He ran downhill.

B16 The man went down the hill running.

B17 The man is running back.

B18 He was running down the hill.

B19 He ran down the hill.

B20 He ran down the hill.

B21 He's going down fast.

B22 The man climbed down a mountain running.

B23 He ran down a hill.

B24 The man walking the mount running.

B25 He ran down the hill.

B26 His running down the hill.

B27 He's running downhill.

B28 He's running down the climb.

B29 He ran away from the woods.

B30 He ran down the hill.

B31 He's running fast.

B32 The man jogged downhill in the woods.

B33 The main is going down running.

B34 The man ran down the hill.

B35 He's running downwards.

B36 He's running down the hill.

B37 He is leaving the forest fast.

B38 The man is going down the mountain running.

B39 The man ran down the hill.

B40 The man is running back.

B41 The man was coming back while jogging.

B42 The man was running down the hill.

B43 The man came back running.

B44 He is going down running.

B45 He go down running.

T9

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: descer

FUNDO: colina

MANEIRA: rolando



B1 He was rolling in the grass.

B2 He rolled down the hill.

B3 He rolled down the hill.

B4 He rolled down the hill.

B5 He rolled down a hill.

B6 He's rolling in the grass.

B7 He rolled down the hill.

B8 The man rolled down the hill.

B9 He is rolling down the mountain.

B10 He was rolling down the hill.

B11 The man rolled down the hill.

B12 The man was rolling down the hill.

B13 He rolled down.

B14 The man rolled himself down the hill.

B15 He rolled downhill.

B16 The man is rolling down the hill like a log.

B17 The man is rolling.

B18 The man was rolling down the hill.

B19 He rolled down the hill.

B20 He rolled down the hill.

B21 He rolled down the cliff.

B22 The man rolled down a mountain.

B23 He rolled down a hill.

B24 The man is falling in the mountain.

B25 He rolled down the hill.

B26 He's rolling down the hill.

B27 He rolled down the hill.

B28 He's rolling down.

B29 He rolled down the hill.

B30 He rolled down the hill.

B31 He is rolling.

B32 The man rolled downhill.

B33 The man is rolling on the floor.

B34 The man rolled down the hill.

B35 He rolled downwards.

B36 He's rolling down the hill.

B37 The man fell from something in the forest.

B38 The man is rolling down in the park.

B39 The man rolled down the hill.

B40 The man is rolling in the forest.

B41 The man was rolling on the grass.

B42 The man was rolling down the hill.

B43 The man was rolling in the forest.

B44 He is rolling down.

B45 He is go down rolling.

T10

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



- | | |
|------------|-------------------------------------------------------------------|
| B1 | He took the elevator. |
| B2 | He got in the elevator. |
| B3 | The man walked into the elevator. |
| B4 | He went into the elevator. |
| B5 | He got into the elevator. |
| B6 | He was entering an elevator. |
| B7 | He got into the elevator. |
| B8 | The man got in the elevator. |
| B9 | He is entering an elevator. |
| B10 | He entered the elevator. |
| B11 | He entered an elevator and closed the door. |
| B12 | He entered in a elevator. |
| B13 | He walked into an elevator. |
| B14 | The man entered the elevator. |
| B15 | He entered the elevator. |
| B16 | The man walked inside an elevator and the door closed behind him. |
| B17 | The man entered in the elevator. |
| B18 | A man walked into an elevator. |
| B19 | He got in the elevator. |
| B20 | He walked into the elevator. |
| B21 | He got into the elevator. |
| B22 | The man got in the elevator. |
| B23 | He entered an elevator. |
| B24 | The man go inside in the elevator. |
| B25 | He entered the elevator. |
| B26 | He is taking the elevator. |
| B27 | He entered the elevator and pushed the button. |
| B28 | He's taking an elevator. |
| B29 | He got the lift. |
| B30 | He went inside the elevator. |
| B31 | He's entering in an elevator. |
| B32 | The man entered an elevator. |
| B33 | The man is getting in the |
| B34 | The man went into the elevator. |
| B35 | The man was entering the elevator. |

B36 He is entering the elevator.

B37 The man is getting into an elevator.

B38 The man entered the elevator.

B39 The man entered the elevator.

B40 The man is taking the elevator.

B41 The man took the elevator.

B42 The man was walking into an elevator.

B43 The man entered in the elevator.

B44 He is going in the elevator.

B45 He enter in the elevator.

T11

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



B1 He was running to take the elevator.

B2 He ran into the elevator.

B3 He ran into the elevator.

B4 He went running into the elevator.

B5 He ran into the elevator.

B6 The guy is running to enter the elevator.

B7 He ran into the elevator.

B8 The man ran into the elevator.

B9 He is running into the elevator.

B10 He ran into the elevator.

B11 He quickly entered an elevator and closed the door.

B12 The man was rushing into a elevator.

B13 He rushed entering an elevator.

B14 He ran into the elevator.

B15 He ran inside the elevator.

B16 The men entered the elevator running.

B17 The man is running to the elevator.

B18 He ran into the elevator.

B19 He ran into the elevator.

B20 He ran into the elevator.

B21 He ran into the elevator.

B22 The man ran into the elevator.

B23 He swiftly entered an elevator.

B24 The man is running inside the elevator.

B25 He ran into the elevator.

B26 He's running inside the elevator.

B27 He ran into the elevator and pushed the button.

B28 He's running into the elevator.

B29 He quickly entered the lift.

B30 He ran inside the elevator.

B31 He's running into the elevator.

B32 The man ran inside the elevator.

B33 The man is getting in the elevator running.

B34 The man ran into the elevator.

B35 He entered the elevator running.

B36 He is running inside the elevator.

B37 The man is running into an elevator.

B38 The man is running to get the elevator.

B39 The man ran into the elevator.

B40 The man is running to the elevator.

B41 The man quickly rushed into the elevator.

B42 The man was running into the elevator.

B43 The man entered the elevator running.

B44 He is going in the elevator running.

B45 He enter in the elevator running.

T12

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: entrar

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



- | | |
|-----|------------------------------------------------------|
| B1 | He jumped to took the elevator. |
| B2 | He skipped into the elevator. |
| B3 | He jumped into the elevator. |
| B4 | He jumped into the elevator. |
| B5 | He jumped into the elevator. |
| B6 | The man was entering the elevator with a jump. |
| B7 | He jumped into the elevator. |
| B8 | The man jumped inside the elevator. |
| B9 | He jumped into the elevator. |
| B10 | He jumped to get in the elevator. |
| B11 | The man entered the elevator with a little jump. |
| B12 | He just jumped into the elevator. |
| B13 | He jumped into the elevator. |
| B14 | The man entered the elevator. |
| B15 | He jumped inside the elevator. |
| B16 | The man entered in the elevator with a little jump. |
| B17 | The man is jumping to the elevator. |
| B18 | The man jumped the gap and walked into the elevator. |
| B19 | He jumped while going into the elevator. |
| B20 | He jumped into the elevator. |
| B21 | He jumped to get into the elevator. |
| B22 | The man jumped into an elevator. |
| B23 | He hopped into an elevator. |
| B24 | The man is jumping inside in the elevator. |
| B25 | He jumped into the elevator. |
| B26 | He jumped to the inside of the elevator. |
| B27 | He jumped into the elevator. |
| B28 | He jumped to enter on the elevator. |
| B29 | He jumped into the left. |
| B30 | He jumped inside the elevator. |
| B31 | He jumped to enter in the elevator. |
| B32 | The man jumped inside the elevator. |
| B33 | The man is jumping to get in the elevator. |
| B34 | The man jumped to get into the elevator. |
| B35 | He entered the elevator with a jump. |

B36 He jumped in the elevator.

B37 The man made a big step and got into the elevator.

B38 The man entered the elevator jumping.

B39 The man jumped into the elevator.

B40 The man is entering the elevator jumping.

B41 The man got into the elevator while jumping.

B42 The man was jumping into the elevator.

B43 The man entered the elevator jumping.

B44 He is going in the elevator jumping.

B45 He is enter in the elevator jumping.

T13

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: caminhando



B1 He stopped in the floor that he wanted to go.

B2 He got out of the elevator wearing sunglasses.

B3 He walked out of the elevator.

B4 He went out of the elevator.

B5 He got out the elevator.

B6 He left the elevator

B7 He got off the elevator.

B8 The man got out of the elevator.

B9 He is coming out from the elevator.

B10 He walked out of the elevator.

B11 He exited the same elevator.

B12 The man left the elevator.

B13 He left the elevator.

B14 The man left from the elevator.

B15 He got out of the elevator.

B16 The man left the elevator.

B17 The man come back from the elevator.

B18 A man walked off the elevator.

B19 He got out of the elevator.

B20 He walked out of the elevator.

B21 He got out.

B22 The man walked out of the elevator.

B23 He went out of an elevator.

B24 The man go outside the elevator.

B25 He left the elevator.

B26 He is walking out of the elevator.

B27 He left the elevator.

B28 He's leaving the elevator.

B29 He arrived at another floor.

B30 He walked out the elevator.

B31 He is going out from the elevator.

B32 The man walked out of an elevator.

B33 The man is getting out of the elevator.

B34 The man got out from the elevator.

B35 He's going out of the elevator.

B36 He is walking out of the elevator.

B37 The man is leaving the elevator.

B38 The man left the elevator.

B39 The man walked out of the elevator.

B40 The man is leaving the elevator.

B41 The man got out of the elevator.

B42 The man was walking out of the elevator.

B43 The man got out the elevator.

B44 He is going out the elevator.

B45 He go out the elevator.

T14

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: correndo



B1 He was running when the elevator opened and when he was in the floor that he wanted to get.

B2 He got out of the elevator.

B3 He ran out of the elevator.

B4 He ran out of the elevator.

B5 He went out of the elevator.

B6 He runs out of the elevator.

B7 He came out of the elevator running.

B8 The man ran off the elevator.

B9 He is running out of the elevator.

B10 He ran out of the elevator.

B11 He ran out of the elevator.

B12 The man was rushing out of an elevator.

B13 He rushed leaving the elevator.

B14 He ran out of the elevator.

B15 He got out of the elevator running.

B16 The men left the elevator running.

B17 The man is coming out the elevator running.

B18 The man came running out of the elevator.

B19 He ran out of the elevator.

B20 The man ran out of the elevator.

B21 He got out the elevator running.

B22 The man ran out of an elevator.

B23 He ran out of an elevator.

B24 The man is running outside the elevator.

B25 He ran out of the elevator.

B26 He left the elevator running.

B27 He left the elevator running.

B28 He left running the elevator.

B29 He quickly left the lift.

B30 He ran out of the elevator.

B31 He is running.

B32 The men rushed off the elevator.

B33 The man is getting out of elevator running.

B34 The man got out running from the elevator.

B35 He got out of the elevator running.

B36 He's running out of the elevator.

B37 The man is leaving the elevator fast.

B38 The man left the elevator running.

B39 The man ran out of the elevator.

B40 The man is running out of the elevator.

B41 The man quickly rushed into the elevator.

B42 The man was running out of the elevator.

B43 The man got out the elevator running.

B44 He is going out the elevator running.

B45 He go out the elevator running.

T15

FIGURA: homem

TRAJETÓRIA: sair

FUNDO: elevador

MANEIRA: pulando



- | | |
|------------|------------------------------------------------------|
| B1 | He jumped when he was in his floor. |
| B2 | He skipped out the elevator. |
| B3 | He jumped out of the elevator. |
| B4 | He jumped out of the elevator. |
| B5 | He jumped out of the elevator. |
| B6 | The guy was leaving the elevator with a little jump. |
| B7 | He jumped out of the elevator. |
| B8 | The man jumped off the elevator. |
| B9 | He jumped out of the elevator. |
| B10 | He jumped to get out of the elevator. |
| B11 | He got out of the elevator with a little jump. |
| B12 | The man jumped out of the elevator. |
| B13 | He jumped out of the elevator. |
| B14 | The man jumped out of the elevator. |
| B15 | He jumped to leave the elevator. |
| B16 | The man jumped outside the elevator. |
| B17 | The man is jumping out the elevator. |
| B18 | The man jumped the gap and got out of the elevator. |
| B19 | He jumped while going out of the elevator. |
| B20 | He jumped out of the elevator. |
| B21 | He jumped out of the elevator. |
| B22 | The man jumped out an elevator. |
| B23 | He hopped out of an elevator. |
| B24 | The man is jumping outside the elevator. |
| B25 | He jumped out of the elevator. |
| B26 | He jumped to the outside of the elevator. |
| B27 | He jumped out of the elevator. |
| B28 | He jumped to leave the elevator. |
| B29 | He jumped off the lift. |
| B30 | He jumped out of the elevator. |
| B31 | He jumped to go out of the elevator. |
| B32 | The man jumped off the elevator. |
| B33 | That man gets out of elevator jumping. |
| B34 | The man jumped to get out of the elevator. |
| B35 | He got out of the elevator with a jump. |

B36 He jumped out of the elevator.

B37 The man made a big step and left the elevator.

B38 The man left the elevator jumping.

B39 The man jumped out of the elevator.

B40 The man is jumping out of the elevator.

B41 The man got out of the elevator while jumping.

B42 The man was jumping out of the elevator.

B43 The man got out the elevator jumping.

B44 He is going out the elevator jumping.

B45 He go out the elevator jumping.

Apêndice J – Versões em português e inglês do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este formulário digital será utilizado para coletar dados para a pesquisa de doutorado de Renan Castro Ferreira, realizada no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, e que visa a investigar o uso de certas estruturas linguísticas em inglês e português.

Durante a tarefa de descrição de vídeos, as respostas do participante serão coletadas em áudio, mas a pesquisa não inclui análise de pronúncia. O áudio será transcrito e as gravações não serão divulgadas em nenhum estágio da pesquisa nem após a mesma. Não haverá identificação do nome do participante em nenhuma apresentação ou publicação sobre a pesquisa. Os dados processados (análises e transcrições) serão armazenados por tempo indeterminado, sem identificação do participante, em HD externo sob a guarda e acesso únicos do pesquisador. Os dados brutos (gravações de áudio e informações que possam identificar o participante) serão deletados em até 60 dias após a defesa final da tese de doutorado.

A participação nesta pesquisa é voluntária e não gera nenhum custo ou despesa ao participante.

A participação apresenta riscos mínimos, que consistem em um possível desconforto na resolução da tarefa descrição de vídeo ou constrangimento ao responder as questões sobre conhecimento e uso de línguas. A qualquer momento da pesquisa, o respondente poderá desistir de participar, sem prejuízo.

A pesquisa não traz benefícios diretos ao participante. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre os padrões de lexicalização de do conceito de movimento em português do Brasil e a reestruturação do léxico mental bilíngues português-inglês.

Ao prosseguir para a próxima tela, o participante aceita o exposto neste termo e autoriza o uso dos dados gerados a partir deste formulário digital na pesquisa descrita acima.

Clique em “Baixar TCLE” para fazer o download de uma cópia deste termo de consentimento, e então clique em “Continuar” para dar início à coleta de dados.

FREE AND INFORMED CONSENT

This survey will be used to collect data from native speakers of English for the doctoral research being carried out in the Postgraduate Programme in Language Studies of the Federal University of Pelotas (UFPEL/Brazil) by Renan Castro Ferreira. The research aims to investigate the use of certain linguistic structures in English and Portuguese.

During the video description task, the participant's responses will be collected in audio, but the study does not include pronunciation analysis. The audio will be transcribed and the recordings will not be disclosed at any stage of the research or after it. The participant's data will be de-identified with identifiers and will be used exclusively for the study mentioned above. The processed data (analyses and transcripts) will be stored indefinitely, with no participant identification, on an external HD under the sole custody and access of the researcher. The raw data (audio recordings and information that might identify the participant) will be deleted within 60 days after the final defence of the doctoral thesis.

Participation is voluntary and does not entail any cost, expense, or compensation to the participant.

There are minimal risks for the participant, which consist of possible discomfort during the video description task or embarrassment when answering questions about linguistic knowledge and use. The respondent may withdraw from participating, without prejudice, at any time during the survey.

The research does not bring direct benefits to the participant. However, we hope that this study will bring important information about the motion lexicalisation patterns in English and Brazilian Portuguese, and about the restructuring of Portuguese-English bilingual mental lexicon.

By proceeding to the next screen, it is presumed that the participant accepts these terms and allows the use of the data generated from this digital form in the doctoral research described above.

Click on "Download ICF" to download a copy of this consent form, and then click on "Next" to start data collection.